



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL (PPGAS)

PAULO BRITO DO PRADO

***“ESTAR DENTRO DO ROLÊ”*: GÊNERO E SEXUALIDADES ENTRE
JOVENS ESTUDANTES E UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE DE GOIÁS
(GO)**

GOIÂNIA-GO

2022



UFG

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA
DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

PAULO BRITO DO PRADO

3. Título do trabalho

ESTAR DENTRO DO ROLÊ: GÊNERO E SEXUALIDADES ENTRE JOVENS ESTUDANTES E UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE DE GOIÁS (GO)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.



Documento assinado eletronicamente por **PAULO BRITO DO PRADO, Discente**, em 18/10/2022, às 19:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Albuquerque De Braz, Professor do Magistério Superior**, em 09/11/2022, às 14:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3256724** e o código CRC **22D20436**.

Referência: Processo nº 23070.014110/2022- SEI nº 3256724

44

PAULO BRITO DO PRADO

***“ESTAR DENTRO DO ROLÊ”*: GÊNERO E SEXUALIDADES ENTRE
JOVENS ESTUDANTES E UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE DE GOIÁS
(GO)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG-PPGAS), como requisito para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Área de concentração: Antropologia Social
Linha de pesquisa: Corpo e marcadores sociais da diferença.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Albuquerque de Braz

GOIÂNIA-GO

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Prado, Paulo Brito do
"Estar dentro do rolê" [manuscrito] : Gênero e sexualidades
entre jovens estudantes e universitários na cidade de Goiás (GO) /
Paulo Brito do Prado. - 2022.
299 f.: il.

Orientador: Prof. Camilo Albuquerque de Braz.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Goiânia, 2022.
Bibliografia.

1. Goiás. Rolês.. 2. Juventudes.. 3. Gênero e Sexualidade.. 4.
Fronteiras.. 5. Desenhos e imagens.. I. Braz, Camilo Albuquerque de,
orient. II. Título.

CDU 572



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 003/22-D da sessão de Defesa de Tese de PAULO BRITO DO PRADO, que lhe confere o título de Doutor em Antropologia Social, na área de concentração Antropologia Social.

Aos cinco dias do mês de abril de 2022, às 10:00 horas, por webconferência devido à pandemia de covid-19 (meet.google.com/rez-qhgw-cfc), realizou-se a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de PAULO BRITO DO PRADO, intitulada ESTAR DENTRO DO ROLÊ: GÊNERO E SEXUALIDADES ENTRE JOVENS ESTUDANTES E UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE DE GOIÁS (GO). A Banca Examinadora foi composta pelos/as seguintes Professores/as Doutores/as: Camilo Albuquerque de Braz (PPGAS/UFG/presidente); Carlos Eduardo Henning (PPGAS/UFG – examinador interno); Clovis Carvalho Britto (UNB - examinador externo); Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - examinadora externa); Luciana de Oliveira Dias (PPGAS/UFG - examinadora interna), tendo como suplentes Camila Azevedo de Moraes Wichers (PPGAS/UFG) e Glauco Batista Ferreira (PPGAS/UFG). O candidato apresentou seu trabalho, foi arguido pela Banca e respondeu às arguições. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do **trabalho**. Ao final da arguição, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pelo qual foi atribuído ao doutorando o seguinte resultado: **aprovado** pelos seus membros. Reabertos os trabalhos, o presidente proclamou os resultados e encerrou a sessão pública, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ele e os demais integrantes da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Henning, Professor do Magistério Superior**, em 05/04/2022, às 13:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana De Oliveira Dias, Professora do Magistério Superior**, em 05/04/2022, às 13:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Albuquerque De Braz, Professor do Magistério Superior**, em 05/04/2022, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Mello De Almeida Neto, Diretor**, em 06/04/2022, às 14:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clovis Carvalho Britto**, Usuário **Externo**, em 06/04/2022, às 17:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **PAULO BRITO DO PRADO, Discente**, em 18/10/2022, às 19:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2803840** e o código CRC **2657781A**.

Referência: Processo nº 23070.014110/2022-44

SEI nº 2803840

**“ESTAR DENTRO DO ROLÊ”: GÊNERO E SEXUALIDADES ENTRE JOVENS
ESTUDANTES E UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE DE GOIÁS (GO)**

Tese defendida e _____ no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de doutor em Antropologia Social em _____ de _____ de 2022, pela seguinte Banca Examinadora:

Autor:

Paulo Brito do Prado

Orientador:

Prof.º Dr.º Camilo Albuquerque de Braz

Prof.º Dr.º Camilo Albuquerque de Braz (UFG)

Presidente

Prof.ª Dr.ª Maria Cláudia Coelho (UERJ)

Membra

Prof.º Dr.º Clóvis Carvalho Britto (UNB)

Membro

Prof.ª Dr.ª Luciana de Oliveira Dias (UFG)

Membra

Prof.º Dr.º Carlos Eduardo Henning (UFG)

Membro

Prof.ª Dr.ª Camila Azevedo de Moraes Wichers (UFG)

Suplente

Prof.º Dr.º Glauco Batista Ferreira (UFG)

Suplente

GOIÂNIA-GO

2022

8

DEDICATÓRIA

Aos jovens estudantes e universitários da cidade de Goiás.

AGRADECIMENTOS

Eu sempre separo este espaço para falar de minhas emoções, subjetividades, frustrações, medos e até decepções. É nos agradecimentos onde coloco algumas informações que marcaram profundamente a minha trajetória de pesquisa, de leitura e desenvolvimento do doutorado.

Filho de família pobre e morador de interior, eu cresci em um ambiente de violência doméstica. Sempre precisei me por entre minha mãe e o meu pai para que este não a agredisse. Cresci marcado pela perspectiva feminina de ver as coisas no mundo e o fato de precisar lutar contra o machismo de meu pai, contribuiu para que eu me aproximasse do feminismo.

Logo compreendi o feminismo como uma luta que extrapola as fronteiras de defesa dos direitos das mulheres. O feminismo é a mudança social de que eu precisava para voar para longe do machismo. O feminismo foi (é) a arma que usei para lutar por justiça social, cidadania e direitos humanos. Obrigado ao feminismo, as mulheres e a Maria da Penha.

Foi com a lei Maria da Penha que minha mãe e eu nos livramos de meu pai. Anos amargos e decepcionantes foram os 18 anos em que precisamos, minha mãe e eu, lidar com o difícil e violento comportamento de meu pai e minha irmã. Felizmente o meu pai saiu de minha vida nos idos de 2009, mas minha irmã ainda ficou me magoando por um bom tempo.

Esta já contaminada pela perversidade de meu pai não fez outra coisa além de tornar a minha vida e a de minha algo infernal. Por fim a saída foi deixá-la seguir a vida, da forma como escolheu, sozinha e longe de mim e da minha mãe. Eu já não tinha forças para brigar e minha mãe já não tinha mais saúde. Ambos, minha mãe e eu, não conseguíamos entendê-la e nem a acompanhar. Nossas vidas não coincidiam e por mim e minha mãe decidi me distanciar.

Que vida pesada foi a de minha mãe. Que vida pesada foi a minha. Dura. Injusta. Cruel. A vida de ninguém é fácil, disso eu tenho total compreensão. Mas a minha foi difícil de carregar no cangote. De tanta surra eu me tornei um casca grossa, armado, arredio, desconfiado, de punhos prontos para o confronto, impaciente e bastante sincero, as vezes sincero demais.

Todavia estar junto de minha mãe em suas lutas diárias para sobreviver me trouxe aprendizados valiosos. Eu aprendi com dona Terezinha o valor da vida digna, da decência, do compromisso, da humildade e da importância de lutar por aquilo em que se acredita. Minha mãe me ensinou o valor do trabalho, a força do saber, o gosto pelas artes e a leitura e os prazeres de um trabalho bem feito, honesto e sensível. Obrigado mãe amada!

Claro que nesse leque de aprendizados em também fui construído como um homenzinho, bem aos moldes hegemônicos. Em minha educação havia um pouco do

moralismo, do cristianismo, do machismo e tantos outros elementos culturais, muito típicos de quem nasceu no interior de Goiás, lá nos idos da década de 1980. Exatamente eu sou de 1987.

Não achem vocês que ser marcado regionalmente é algo desimportante? Nada disso. Ser pobre, interiorano, gay, cristão (hoje não mais) e chato não é coisa fácil de lidar. O gay de interior enfrenta violências duplas. No interior e na cidade grande.

No interior sofremos por falta de possibilidades homoafetivas, os preconceitos, as violências, as pressões sociais e um leque de outras ações que a todo momento nos cercam na tentativa de nos formatar como homenzinhos héteros (pelo menos aparentemente). Quando saímos do interior e nos dirigimos para os grandes centros metropolitanos sofremos por trazermos certos moralismos arraigados em nossa roupa da cultura.

A gente apanha um bocado e nem sempre todos aprendem, ressignificam as surras ou se reinventam do mesmo jeito. Ainda precisamos lidar com os regionalismos, o sotaque e o desenho de nossos corpos interioranos em lugares cosmopolitas, *cult* ou em espaços em que as pessoas acham ser mandatárias de um *modus operandi* exemplar, ideal.

Nesses espaços fui compreendendo que ficar calado era uma saída para não ser agredido, violado ou estigmatizado. Essa relação entre o Eu e o Outro é um negócio complicado não é mesmo? Como dizia um de meus interlocutores a gente pode até estar no mesmo mar, mas nunca estaremos no mesmo barco. E é exatamente assim que as coisas se dão na sociedade. Raríssimas vezes encontramos alguém disposto a nos escutar, conversar de forma horizontal, nos compreender e deixar que a compreendamos. Enfim viver não é pra amadores.

Na minha vida eu ressignifiquei muita coisa e me reinventei em uma velocidade *hard core*. Depois da graduação em história, seguida por uma temporada fora de Goiás e a pós-graduação em direitos humanos, eu pulei para o mestrado em História na UFG e daí fui parar em Niterói, na UFF, onde cursei e desenvolvi meu doutorado em História Social.

Insatisfeito com os rumos do debate de gênero e de sexualidade no âmbito da História eu voltei à UFG e me submeti a outro processo seletivo em Antropologia Social, na Faculdade de Ciências Sociais dessa instituição. Minha vontade de saber era tão grande e junto dela eu também queria me entender melhor, para entender melhor os outros que me rodeavam. Eu sempre fui assim, um cara muito interessado e esperto.

Nessa agitada trajetória percebi, senti e experienciei algumas coisas. Alguma muito boas e outras muito ruins. Primeiro descobri que escrever não é tarefa fácil. Ainda mais quando se tem uma vida pulsando paralelamente ao processo de pesquisa, leitura e escrita acadêmica. Por fim considerei que escrever uma tese não é tarefa nada fácil. Se propor a realizar um segundo

doutorado em pleno o fim do mundo é ainda mais inacreditável. Podem me chamar de “louco”, já me acostumei. Na verdade, já ressignifiquei as violências epistêmicas, as que fui submetido desde a seleção desse doutorado até todo o período de curso das disciplinas obrigatórias e a conclusão dessa tese. O ruim é que me encontro armado e saio daqui ferido.

Como dizia, fazer um doutorado não é simples e para mim nunca foi uma brincadeira me propor a realizar dois doutorados quase que sincronicamente. Eu sempre fui muito curioso, sempre tive vontade de saber, mas na ânsia por conhecimento tropecei, ou melhor, quase fui derrubado pela violência simbólica que parece ser algo comum nos espaços acadêmicos. Estudar antropologia foi um exercício importante, mas o desprezo dos meus pares me adoeceu.

Já na seleção fui submetido a questionamentos invasivos, totalmente desligados do que apresentará no projeto de pesquisa e que feriram profundamente o meu brio de pessoa já iniciada nas artes da pesquisa nas ciências humanas, afinal eu vinha de um doutorado em História Social na UFF. Acredito que alguma coisa eu sabia, todavia precisei expor fragmentos muito pessoais de minha vida em uma entrevista para a seleção do doutorado em antropologia.

Já acostumado com os golpes que a vida me deu eu escutei as perguntas do professor entrevistador. Elas rasgaram meus ouvidos e em tom irritado (como de costume) respondi que se eu fizera o meu mestrado trabalhando e cuidando de uma mãe em tratamento contra o câncer provavelmente realizar um doutorado seria algo possível para mim. O restante da banca encarou o entrevistador bastante constrangida e o mesmo conclui esta fase do processo seletivo.

Expus minha vida íntima para desconhecidos, doeu um bocado, mas parece ter funcionado, afinal fui aprovado em primeiro lugar. Entrei no PPGAS. Porém não imaginava que precisaria enfrentar a indiferença, o epistemicídio, o desprezo e um coro de vozes repetindo a cada encontro a seguinte pergunta: “Você vai conseguir terminar esse doutorado?”. Esta pergunta se tornou tão corriqueira que pôs fim a formação que já omitira (o meu doutorado em História Social na UFF e o desejo de ser doutora em Antropologia Social) se tornou ponto de vergonha. Vejam bem, eu sentia vergonha de sentir vontade de saber. Eu era “louco”, diziam.

Curioso como as pessoas não querem te conhecer. Elas olham para você, fazem pré-julgamentos, te invadem e seguem, insensivelmente, as suas vidas, como se nada tivessem feito. Haaa e se você comenta algo, vez ou outra dizem: “para de mimimi” ou “você é muito melindroso”. Como é fácil reduzir a pó a dor do outro. Fazer dela uma breve expressão onomatopeica e sair deslizando pelos corredores pregando a alteridade. Me desculpem, mas compreendo isto como um comportamento demasiadamente hipócrita, além de cruel.

E acreditem que esse doutorado foi muito desejado por mim. Todavia, a cada ida e volta das aulas, eu fui me enraivecendo. Fui me distanciando. Fui me fechando e me deprimindo. Como se isto não fosse suficiente Jair Bolsonaro ganhou para presidente e Ronaldo Caiado para governador de Goiás. Numa só eleição eu amarguei desmontes em âmbito federal e estadual.

A minha vida e as minhas expectativas profissionais foram desmontadas de todos lados. Além disso precisei lidar com a violência dos meus pares (na pós-graduação e no trabalho). De um lado era perseguido por estudar gênero/sexualidade e do outro era agredido por ousar estudar em um meio em que estudar era considerado coisa de gente doida. As reformas políticas me fizeram repensar toda a minha vida. Os ataques que já sofrera dos meus pares e os que vinha sofrendo dos bolsonarista (neofascistas) que me detestavam me deixaram muito apreensivo.

Que tempos loucos têm sido esses desde que Dilma foi impedida de governar e que tempos são esses em que saímos do pré-sal e fomos terminar na cloroquina? Simplesmente insanos. Eu nunca podia imaginar, quando fiz a seleção para este segundo doutorado, que precisaria lidar com governos neofascistas, com parentes neofascistas e com colegas neofascistas. Uso a expressão neofascista aproximando-a do entendimento de Michel Foucault acerca do fascismo: aquele que se deixa seduzir pelo poder, que se ajoelha para o poder, que se deixa cair de amores pelo poder. Para mim a coisa é bem explicitada por esse filósofo.

Pois bem, como dizia, nunca passou por minha cabeça que tudo isso se desdobraria no Brasil, que enfrentaríamos um antagonismo político e uma retórica política de ódio generalizado contra a diferença, a ciência e o apreço pela sabedoria. Jamais imaginava que junto disso ainda teríamos a cereja do bolo: uma pandemia, ou melhor A pandemia de Covid-19.

Se tivesse uma bola de cristal eu teria ficado quietinho na História Social, entre as feministas que estudei nos idos do entre séculos XIX e XX. Mas sabe que na altura em que me encontro hoje, vacinado, com a terapia em dia, a ansiedade e o pânico de gente ruim quase que sob controle tenho repensado a hipótese de se que soubesse do que me esperava eu não estudaria antropologia. Estudar os rolês foi um presente do universo. Ter o que escrever, mesmo trabalhando loucamente nos tempos de Pandemia, foi uma fuga para o mundo de que gosto, o mundo do saber, da outridade e das reinvenções de si e do mundo. Da utopia.

Sem me delongar muito já caminho para os agradecimentos de fato. E antes de qualquer um agradeço, em primeiro lugar, os meus interlocutores. Foram estas pessoas que muito gentilmente me receberam em seus espaços e me abriram seus rolês e seus corações. Sinto não poder falar seus nomes, mas quero que saibam o quanto tenho estima por cada um. Obrigado.

Agradeço imensamente a minha mãe, dona Terezinha. Mulher que amo um tanto e a quem devo toda a lente feminizada com a qual tento ver o mundo. Mãe te agradeço muito por me ensinar o apreço pela sabedoria e por me amar acima de qualquer coisa. Também te amo demais e sigo junto contigo para o que der e vier. A gente está junto sempre. Obrigado.

Agradeço muito ao meu orientador, quem me acolheu e aos poucos foi entendendo a minha cabecinha agitada e arredia, minhas expectativas, sonhos e desejos. Obrigado Camilo por ser um parceiro, por ter me proporcionado leituras inquietantes e por ter me permitido falar quando todos só faziam me silenciar. Obrigado.

Agradeço aos amigos de disciplinas. Àqueles que me compreenderam. Obrigado Flávia e Antônio por terem paciência comigo, por me amarem quando eu me detestava e por estarem junto de mim mesmo quando eu parecia um monstrinho chato dos desenhos animados. Agradeço muito pelo respeito de vocês para comigo. Obrigado.

Agradeço muito a amiga de vida. Ludmila você tem sido aquela em quem me espelho para lutar todo santo dia por instantes melhores, por felicidade e amor. Você e sua família, suas manas Glenya e Lorena, sua mãe, a tia Fátima, são a família que eu não tive. Sim, porque a minha família, aquela de sangue, fechou as portas para mim e minha mãe. Já vocês nos abriram as suas vidas. E ainda há quem diga que “sangue fala mais alto”. A maior conversa para boi dormir. Uma tolice. Enfim: obrigado minhas amadas.

Agradeço ao Geraldo que amo demais. Meu amigo de todas as horas e que sempre me recebe com o “Migles”, me insere em seus grupos de amigos e permite que adentre sua intimidade, inclusive a familiar. Olha meu querido, te amo um tantão e você sabe bem disso. Obrigado Gera. Junto de ti Gera, tem outra gatinha que não vou dizer o nominho por questões técnicas, mas que sabe bem o tantão que a adoro e quero bem. Um beijo pra você minha linda. Obrigado aos dois por deixarem seus caminhos cruzarem com o meu.

Agradeço ao Kelvy que o *Tinder* me trouxe de presente e que se tornou um amigo por quem sou apaixonado. O amigo que cozinha maravilhosamente bem, que sabe, melhor do que ninguém, administrar os turbilhões da vida e que faz o mais maravilhoso doce de leite que já comi na minha vida. Meu parceiro de todas as horas um abraço pra você. Obrigado.

Agradeço ao Erick que adentrou minha vida a pouco, mesmo já o conhecendo de outros tempos. Obrigado gay safada pelas risadas, pelas conversas sérias e pelos papos-cabeça. Te agradeço por trazer para minha vida os ensinamentos da Ritinha e mais ainda por ter salvo meu Réveillon quando julgava ter sido destruído por completo. Obrigado.

Agradeço ao Clovis, amigo e o professor de uma longa trajetória. Pessoa com quem aprendi imensamente e graças a quem desenvolvi tamanho interesse e curiosidade pela pesquisa acadêmica. Obrigado por permitir a oportunidade de tantos diálogos.

Agradeço as professoras Luciana de Oliveira Dias e Maria Claudia Coelho, aos professores Clovis Carvalho Britto e Carlos Eduardo Henning por contribuírem tanto na produção desta tese e em minha vida acadêmica a intelectual. Sem o aprendizado que me ofereceram eu não conseguiria alcançar o resultado que lhes apresento. Obrigado.

Agradeço à Universidade Federal de Goiás e ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFG) por me oferecer infraestrutura intelectual e física para desenvolver a pesquisa e escrever a tese que ocasionalmente apresento. Viva a Universidade Pública e de qualidade inquestionável. Viva ao Lula! Viva a UFG! Obrigado.

Por fim agradeço a todos/as que não mencionei aqui, mas que de alguma forma contribuíram para que eu conquistasse novos horizontes em minha vida. Obrigado.

PARTIU – MC Kekel

Minha mulher começou uma discussão
Mas é claro nem dei atenção
Eu peguei o meu celular
Entrei no *WhatsApp* e chamei meus irmãos
Perguntei onde era o rolê
Que hoje à noite ia comparecer
Na sequência eles deram risada e falaram
“Kekel logo você?”
Eu tô brigado com a mulher
Então eu vou dá fuga nela
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Eu tô brigado com a mulher
Então eu vou dá fuga nela
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Minha mulher começou uma discussão
Mas é claro nem dei atenção
Eu peguei o meu celular
Entrei no *WhatsApp* e chamei meus irmãos
Perguntei onde era o rolê
Que hoje à noite ia comparecer
Na sequência eles deram risada e falaram
“Kekel logo você?”
Eu tô brigado com a mulher
Então eu vou dá fuga nela
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Eu tô brigado com a mulher
Então eu vou dá fuga nela
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?
Fui, partiu, aonde é o Mandela?

RESUMO

A presente tese é uma incursão feita mediante o olhar antropológico do fenômeno social dos papéis produzidos por jovens estudantes e universitários em lugares específicos do Centro Histórico da cidade de Goiás entre os anos de 2017 e 2019.

Para além de ver tal fenômeno contemporâneo pela lente das questões de gênero, sexualidade e os estudos de juventude, a pesquisa vislumbrou uma proposta metodológica e etnográfica interessada em cruzar os campos da história e da antropologia.

No fazer etnográfico optei, além dos procedimentos convencionais da pesquisa de campo (entrevistas, interlocução e registro em diários de campo), a tomada do desenho (a aquarelas) e a produção de imagens como forma de registro para a produção da narrativa que compõem esta investigação. Fruto de profunda pesquisa de campo e em arquivos este trabalho propôs um giro pela Goiás contemporânea, por suas marcas do tempo e pelos usos feitos por jovens estudantes, universitários e turistas de seus espaços monumentalizados por moradores, poder público e pela Unesco em 2001.

Partindo de bares ou dos becos, da praça do Coreto e de seus lugares limítrofes, ou seguindo o fluxo de tantas pessoas em noitadas ao som do funk, sertanejo universitário, eletrônico, forró, arrocha e sempre acompanhados por alguma bebida (corote, vodca com ice, vinho, cerveja, licor ou outras misturas) testemunhei, nas noites de papéis, diferentes grupos de jovens mobilizarem outros significados e atribuírem outros sentidos a Goiás ainda que não deixassem de lado a fama que a cidade carrega e que se relaciona ao seu passado e à sua história. Junto a muitas pessoas participei de novas diversões e vi diferentes formas de se usar os espaços de Goiás nos períodos de tempo em que decorriam os papéis e festas.

Tudo isto evidentemente veio acompanhado pelo cenário romântico de uma cidade de pequenas dimensões territoriais, guardiã de passados e de tradições, iluminada por lâmpadas com uma coloração amarelada, poética, evocativa e que remetia a uma longa trajetória histórica caracterizada pelos tempos da Colônia, do Império e da República.

Pensando nos significados que tantas pessoas atribuíam à cidade, naquilo que as estimulava a estar por tantos espaços dessa cidade e interessado na localização etnográfica de Goiás no tempo e no espaço, eu explorei algumas pesquisas que antecederam esta, percorri questões que inspiraram esta proposta investigativa, apontei algumas problemáticas conceituais e metodológicas, caminhei por sua história, mostrei como a ideia de Cidade Histórica e patrimonial foi fabricada e alcancei alguns dos muitos sentidos produzidos por jovens frequentadores de papéis em uma Goiás famosa, centro de atenções da mídia local e nacional e badalada por muitas festas. Claro que nesse processo precisei ampliar minha anterior lente de análise, no começo apegada a gênero e sexualidade, para questões de classe e raça. Em campo e vendo como jovens recorriam a certos passados da cidade e/ou usavam a sua história para justificar sua presença e comportamentos no Coreto eu não tive outra opção que me colocar na fronteira entre a História e a Antropologia. Deste modo, esta tese fala de entrelugares e de fronteiras, as minhas e as de meus interlocutores.

Palavras-chave: Goiás. Papéis. Juventudes. Gênero e Sexualidade. Fronteiras. Desenhos e imagens.

ABSTRACT

The present thesis is an incursion made through the anthropological view of the social phenomenon of the rolês produced by young students and university students in specific places in the Historic Center of the city of Goiás between the years 2017 and 2019.

In addition to seeing this contemporary phenomenon through the lens of gender, sexuality and youth studies, the research envisaged a methodological and ethnographic proposal interested in crossing the fields of history and anthropology.

In the ethnographic work I chose, in addition to the conventional procedures of field research (interviews, dialogue and recording in field diaries), the taking of the drawing (watercolors) and the production of images as a way of recording for the production of the narrative that compose this book. investigation. As a result of deep field research and archives, this work proposed a tour of contemporary Goiás, for its time marks and for the uses made by young students, university students and tourists of its monumentalized spaces by residents, public authorities and Unesco in 2001.

Starting from bars or alleys, from Praça do Coreto and its neighboring places, or following the flow of so many people in nights to the sound of funk, university sertanejo, electronic, forró, arrocha and always accompanied by a drink (corote, vodka with ice, wine, beer, liqueurs or other mixtures) I witnessed, on the nights of rolês, different groups of young people mobilize other meanings and attribute other meanings to Goiás, even though they did not leave aside the fame that the city carries and that is related to its past and its history. Together with many people I participated in new entertainment and saw different ways of using the spaces of Goiás in the periods of time in which the rolês and parties took place.

All this was evidently accompanied by the romantic setting of a city of small territorial dimensions, guardian of pasts and traditions, illuminated by lamps with a yellowish, poetic, evocative color and that referred to a long historical trajectory characterized by the times of the Colony, the Empire and the Republic.

Thinking about the meanings that so many people attributed to the city, about what stimulated them to be in so many spaces of this city and interested in the ethnographic location of Goiás in time and space, I explored some research that preceded this one, covered questions that inspired this investigative proposal, I pointed out some conceptual and methodological problems, walked through its history, showed how the idea of Historic and Heritage City was manufactured and reached some of the many meanings produced by young people who go to rolês in a famous Goiás, center of attention of the local and national and popular media. for many parties. Of course, in this process I had to broaden my previous lens of analysis, at first focused on gender and sexuality, to issues of class and race. In the field and seeing how young people resorted to certain pasts of the city and/or used their history to justify their presence and behavior in the Bandstand, I had no choice but to place myself on the border between History and Anthropology. In this way, this thesis talks about in-between places and borders, mine and those of my interlocutors.

Key-words: Goiás. Rolês. Youths. Gender and Sexuality. Borders. Drawings and images.

Sumário

Introdução

“Bora pra um rolê em Goiás?” giro etnográfico, olhares, sons e outras narrativas.....20

Parte I

Goiás sob a perspectiva das relações de gênero e sexualidade

Capítulo I

Para virar gênero e sexualidade de ponta cabeça: “saias justas” e alguns caminhos para a pesquisa.....45

Capítulo II

“*Moinho do tempo*”: história e memórias de Goiás.....73

2.1 – A fabricação da Cidade Histórica.....83

Capítulo III

Significados que vão além da Cidade Histórica.....100

3.1 – “A cidade controla a gente”: juventude, fofoca e conflitos.....118

3.2 – Rolês de fim de ano é quando tudo acaba e começa de novo.....140

3.3 – Carnaval e Semana Santa: nada de compromisso, pegação e lazer.....152

3.4 – Notas sobre uma noite de FICA.....163

Parte II

Poéticas dos rolês na praça do Coreto

Capítulo IV

Todos os caminhos levam ao Coreto.....170

4.1 – Olhar, ouvir e escrever Goiás pela perspectiva dos rolês.....180

Capítulo V

“Vamos pro Coreto?”: gênero e sexualidades no rolês.....204

5.1 – “Se transa pra todo lado”: narrativas visuais de afetos públicos.....232

Capítulo VI

Quando muita coisa se mistura: rolês, música e a festa.....238

6.1 – “O rolê não têm hora pra acabar”: andanças, mesas de bar e o lazer.....265

Considerações finais

Será que o rolê terminou mesmo?.....276

Referências bibliográficas.....285

INTRODUÇÃO

“BORA PRA UM ROLÊ EM GOIÁS?” GIRO ETNOGRÁFICO, OLHARES, SONS E OUTRAS NARRATIVAS

Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.
Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice. Desde quando ficaste assim?
Cora CORALINA (1976, p. 90)

Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas
entrando,
saindo
umas das outras.
Cora CORALINA (1985, p. 103-104)



Fotografia 01 – Cidade de Goiás, Largo do Rosário. Fotografia: Paulo Brito do Prado, junho de 2017.
Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.

No instante em que iniciei minha pesquisa e por toda a sua trajetória fiz concomitantemente à cata de fontes e ao registro de campo muitas fotografias e desenhos (aquarelas e esboços em 6B ou nanquim) de lugares e de pessoas da cidade de Goiás.

Como diferentes espaços da cidade estavam sendo percorridos por mim no decorrer do dia e pela noite e eu me propunha com esta deambulação observar expressividades de gênero, leques de simbolismos sexuais, sentidos de lugar e divertimentos entre jovens universitários¹ que frequentavam festas e rolês no Centro Histórico, considerei que talvez tantas imagens pudessem funcionar como as portas e as janelas por onde eu registraria uma cidade de Goiás diferente daquela estudada pela perspectiva da história política, da arqueologia histórica, da arquitetura, do patrimônio cultural, da religiosidade e do catolicismo popular.

As imagens (fotografias e desenhos) acompanhadas das descrições de campo e das pesquisas em arquivos permitiram que eu borrasse as representações sociais² de “cidade histórica”, de “cidade turística”, de “antiga capital”, de “berço da cultura e das tradições goianas”, de “cidade de interior e pacata” e de “Goiás velha” acionadas e reverberadas por visitantes, pela mídia local e nacional e por moradores, fossem aqueles ditos estabelecidos ou os considerados *outsiders* (Norbert ELIAS e SCOTSON, John L., 2000)³.

O fato de eu ter alguma experiência em estudos sobre a história local, o cotidiano da cidade e a cultura goiana em diferentes conjunturas me fez questionar tantas representações e

¹ Trago a referência no plural por considerar “juventude” um fenômeno social múltiplo – juventudes – e uma categoria que resulta de construções sociais e históricas (Luís Antônio GROPPPO, 2016). Concordo com a contextualização feita por Mannheim (1982) e discordo ser a juventude apenas mais uma palavra (Pierre BOURDIEU, 1983). Conforme aponte na introdução tomo juventude hoje como um elemento simbólico de valoração, uma condição cada vez mais diluída no interior de diferentes coortes geracionais e pelo curso de vida (Guita Grin DEBERT, 2010). Por esta e tantas outras razões que a compreendo em sua dinâmica dialética – considerando-a paralelamente à dinâmica cultural e à multiplicidade cultural – deste modo tomo juventude aqui como uma “categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres, [...] uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos “estruturante” das redes de sociabilidade (Luís Antônio GROPPPO, 2016, p. 10).

² Compreendo representações sociais aqui pela linha de raciocínio ensinada por Denise Jodelet (2001). A de que representação social é entendida como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais” (p. 22). O uso de aspas se fez necessário para separar representações que apareceram – e por vezes se cruzavam – em diferentes situações da pesquisa, fosse aquela bibliográfica, documental ou na realização de campo e registro etnográfico dos rolês de jovens em Goiás.

³ Tentei aproximar o debate aqui ao estudo feito por Elias e Scotson (2000) em Winston Parva. De certa forma as relações humanas nesta pequena comunidade de periferia se aproximavam do que vi em Goiás. Embora tenha optado por ver os rolês, as festas e diversões de jovens estudantes e universitários observei que a figuração estabelecidos/*outsiders* poderia servir como lente de análise para fenômenos que tinham implicações na vida de meus interlocutores no momento em que grupos detentores de uma autoimagem de pertencimento à sociedade em Goiás atribuíam “a seus membros características humanas superiores; [excluindo] todos os membros do outro grupo do contato social” (2000, p. 20). Este relacionamento desigual de forças criava tabus, estigmas sociais e formas de dominação expressas no controle social presente na fofoca elogiosa, picante e/ou depreciativa.

cristalizações produzidas em diferentes temporalidades por moradores de Goiás, visitantes, turistas, poder público e pela mídia jornalística. Passei a tomar as referidas representações como tipos ideais (Max WEBER, 2004)⁴, ou, como crenças (Pierre BOURDIEU, 2008)⁵ simbolicamente fabricadas e reverberadas por grupos que monopolizavam narrativas, memórias e histórias sobre a cidade, sua cultura e sociedade.

Esses grupos – e que aqui os chamo de “vilaboenses tradicionais” (Izabela TAMASO, 2007) ou moradores estabelecidos – tinham influência política suficiente para defender determinadas representações culturais para Goiás em desprestígio de tantas outras.

Muitas pessoas, organizações civis e instituições públicas, no processo de conversão da cidade em um patrimônio histórico e cultural do mundo, selecionaram e escolheram preservar certas memórias, histórias e ideais de sociedade e de cultura para Goiás.

A sociedade e a cultura cristalizadas em narrativas fundantes da história de Goiás e que reverberam com força nos dias de hoje – não sem conflitos ou confrontos – derivam do violento processo civilizador nas Américas, fazem emergir no presente os efeitos da racialização (Antonio Sérgio Alfredo GUIMARÃES, 2009; Nilma Lino GOMES, 2019), ressignificam privilégios para algumas classes sociais⁶ e reforçam a exclusão e a segregação social na cidade que me foi apresentada em diferentes momentos da pesquisa feita entre 2017 e 2019.

⁴ O conceito de tipos ideais aqui sublinhado atravessa as noções de Max Weber (2004) no ponto em que este sugere que se faça um recorte da realidade analisada para compreender aspectos próprios criados ou formulados pelo observador a partir de hipóteses. Segundo ele se quer com isso “sublinhar desde logo a necessidade de que os quadros de pensamento que aqui tratamos, ‘ideais’ em sentido puramente lógico, sejam rigorosamente separados de a noção do dever ser, do ‘exemplar’. Trata-se da construção de relações que parecem suficientemente motivadas para a nossa imaginação e, conseqüentemente, ‘objetivamente possíveis’, e que parecem adequadas ao nosso saber nomológico” (Max WEBER, 2004, p. 107). É evidente que a objetividade aqui mencionada pelo sociólogo é relativizada no processo de construção deste trabalho.

⁵ Pierre Bourdieu explica que a produção da crença se dá mediante a eficácia do poder em assinar, dizer, fazer, produzir ou dizer em encontro com o reconhecimento de sua legitimidade e após o reconhecimento “a alguns, de mobilizar a energia simbólica produzida pelo funcionamento de todo o campo, ou seja, a fé no jogo e lances produzidos pelo próprio jogo” (2008, p. 28).

⁶ O conceito de classe social aqui instrumentalizado vai no mesmo entendimento mobilizado por Luiz Fernando D. Duarte (1986) e Pierre Bourdieu (2012), a de “conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes” (Pierre BOURDIEU, 2012, p. 136). Destaca-se que a categoria de classe caminha em interseção com outras categorias de análise e por isso a matriz sugerida pelos estudiosos podem sofrer alterações em razão da sua interseção com outras marcas sociais. Em certo sentido também me aproximo muito de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2009) quando este faz um exercício teórico muito próximo ao feito por Carlos Rodrigues Brandão (1977) em Goiás para mostrar como, no Brasil, a discriminação de classe é atravessada pela racialização, isto porque, nosso sistema de relações sociais e raciais é atravessado “pela permanência de uma hierarquia estamental criada pela escravidão” (p. 101). Ele não ignora que classes sejam “um tipo específico de estrato vertical, caracterizado pela predominância de relações sociais abertas” (p. 106) conforme lembrou Bourdieu. Todavia, no Brasil, é preciso entender que a segmentação da hierarquia social e as classes são atravessadas pela experiência da escravidão, da racialização e do racismo, para ele – e também para mim – esses fenômenos não ficaram restritos à formação social e econômica do Brasil, foram preservados, e se ampliaram, em termos absolutos, até nossos dias; segundo, a ordem capitalista, longe de

Em certa medida, o cenário que verifiquei montado em Goiás no presente etnográfico é aquele muito próximo ao que Manuela Carneiro da Cunha (2009) usou para apontar o mal estar no norte global quando categorias de análise criadas para produzir o “Outro” retornam ressignificadas para assombrar “aqueles que as produziram” (2009, p. 312). Manuela Cunha se referiu à categoria de “cultura” e destacou, mediante exemplo etnográfico⁷, como palavras e coisas capciosamente exportadas do norte global para o sul global, “vão e voltam, difratadas e devolvidas ao remetente” (Manuela Carneiro da CUNHA, 2009, p. 312).

Após exame preliminar do que poderia ser o meu campo de pesquisa – uma cidade patrimônio mundial, sua fama, suas festas, seus estudantes universitários, os rolês, o sexo em público, formas de controle social (a fofoca), desvios, residualidades de outras conjunturas do tempo no cotidiano de meus interlocutores, os conflitos e os preconceitos sociais – me pus a questionar sobre formas de se viver em Goiás e de experienciar socialmente⁸ a cidade que não eram aquelas dos “vilaboenses tradicionais”, dos adultos e velhos, das instituições que aparentemente constituem a sociedade goiana ou da mídia.

As formas de viver em Goiás e os trajetos que escolhi capturar coexistiam juntos a estas últimas, porém, eram cercados por interdições, pela fofoca, por não ditos, códigos de silenciamento, tabus e censuras. As práticas e costumes que etnografei evidenciaram ambivalências da sociedade goiana e desvios no interior da cultura local a bastante tempo.

À medida em que dialogava com muitas pessoas, que lia textos e documentos, eu passei a buscar por fontes sobre a história social da cidade e sobre algumas representações construídas em torno de seu passado com fortes implicações em meu presente etnográfico e na vida de meus interlocutores. A princípio, me interessei por documentos que registravam experiências extra oficiais e situações ditas inusitadas do cotidiano das pessoas na cidade.

prescindir do ‘preconceito de cor’, parece ter feito dele um dos seus principais mecanismos de reprodução de desigualdades sociais” (p. 127).

⁷ O exemplo usado por Manuela Carneiro da Cunha no início do texto é o dos “*cantes flamencos*”. Também chamados de “*cantes de ida y vuelta*” as “*guajiras, colombianas e milongas*, são um gênero tradicional do flamenco anadaluz desde pelo menos o século XIX, quando se iniciou a era pós-colonial do império espanhol. A Espanha saía do colonialismo quando a maioria dos outros países ocidentais ingressava nele: ela sempre esteve adiante de seu tempo. Os *cantes de ida y vuelta* eram produtos coloniais introduzidos na Espanha, frutos da apropriação e da transformação de gêneros musicais flamencos praticados nas colônias – as atuais Cuba, Colômbia e Argentina. Daí serem conhecidos como cantos de ida e volta” (2009, p. 311-312).

⁸ No decorrer do texto mobilizei por várias vezes a noção de experiência social. Informo que esta categoria se aproxima dos projetos de Michel Foucault quando se propôs construir uma história da sexualidade enquanto experiência e que entendia por experiência “a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (1984, p. 10). E também conforme expresso por Joan Scott ao problematizar a invisibilidade de certas experiências na narrativa da história, para ela quando a experiência é tomada como origem do conhecimento, a visão do sujeito (a pessoa que teve a experiência ou o historiador que a reconta) torna-se o suporte da evidência sobre a qual a explicação é elaborada” (1998, p. 301).

No Museu das Bandeiras ou na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” eu me debrucei em documentos pouco consultados por historiadores ou pesquisadores de um modo geral. Meu foco foi capturar as trajetórias miúdas⁹, aquelas que evidenciavam cenas pouco convencionais para a imaginada “cidade histórica”. Fui conhecer episódios condenados por uma sociedade que escolhera cultivar as representações idealizadas de “cidade berço”, modelo de “civilização”, de moral e dos bons costumes. E eu as encontrei!

No começo dessa trajetória de pesquisa me mantive próximo da história e à medida em que fui me posicionando na fronteira entre a história e as ciências sociais passei a me aquarelar com as cores, as linhas e as formas da antropologia social. As visualidades e as sociabilidades retratadas em fotografias, aquarelas e descrições foram me tornando um artesão contra a cultura (Lila ABU-LUGHOD, 2018) escolhida pela sociedade de estabelecidos em Goiás para vestir-se e vestir a cidade com sua versão de cultura e história.

Como já conhecia bem a história de Goiás e também sabia que na historiografia goiana, feita até então, passados, sujeitos e práticas cotidianas na cidade permaneciam silenciados, me atentei para os jogos de poder em narrativas sobre Goiás e para a eleição de certas representações da cidade em prejuízo de muitas outras. Vi que silêncios vindos do passado implicavam diretamente na vida de pessoas que acompanhava nos rolês.

Fazendo uso de um exame parecido ao realizado por Michael Rolph-Trouillot (2016) em sua antropologia da história do Haiti, em Goiás eu também percebi que os jogos de narrativas, as políticas da história e o manejo de determinadas perspectivas teóricas haviam contribuído para manter escondidos sujeitos, experiências sociais e práticas ditas desviantes.

Considerando que muitas relações humanas miúdas, o cotidiano dos populares ou os aspectos mais íntimos das pessoas em Goiás permaneciam – e ainda se mantém – espaços em branco e ao observar a ausência de estudos interessados em temas relacionados ao sexo em público, produção de espacialidades, aos conflitos de ordem sexual ou mesmo pela fofoca em Goiás, eu me aproveitei da oportunidade de pesquisa e na possibilidade de aproximação entre a história e a antropologia fiz alguns movimentos que me colocaram em um diálogo de fronteira (Lilia Moritz SCHWARCZ, 2000; Nilma Lino GOMES, 2000).

Confiante que “os que ignoram a história se condenam a não conhecer o presente, porque o desenvolvimento histórico é o único que nos permite ponderar e valorar os elementos atuais em suas relações respectivas” (E. E. EVANS-PRITCHARD, 1990, p. 56) – afinal de

⁹ Uso esta expressão para me referir aos grupos de pessoas humildes de Goiás, aos pobres, negros, prostitutas e aqueles/aquelas que nutriam hábitos pouco convencionais, detestáveis e condenáveis no interior da sociedade goiana ao longo dos séculos XIX e XX.

contas, as coisas no mundo têm história, são dinâmicas, estão sujeitas a mudanças, permanências e persistem pressionadas por eventualidades –, eu fui ver os vários usos culturais da cidade, de seus espaços públicos, de seus monumentos, de sua história e memória por grupos juvenis, mediante o registro de seus rolês, lazer e diversões.

Ainda vestido de historiador, me dirigi aos arquivos de Goiás e lá li muitas fontes e informações sobre o cotidiano da cidade ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Eu já tinha algum conhecimento de os usos exóticos dos espaços de Goiás e as insistentes denúncias de desvios de alguns de meus interlocutores não eram práticas e ações exclusivas desses sujeitos ou estritamente características do presente em que desenvolvia esta pesquisa.

Sabia, por exemplo, que o fato de meus interlocutores terem o costume de se despir e entrar completamente nus nas águas do rio Vermelho não era uma prática recente¹⁰. Durante dois séculos, muitas reclamações foram protocoladas contra homens e mulheres que completamente nus e nuas se refrescavam e se divertiam muito tranquilamente nas águas do rio Vermelho em plena luz do dia¹¹. Não era coisa de outro mundo cruzar qualquer beco do Centro Histórico, tarde da noite, e escutar gemidos de pessoas transando, se agarrando ou brigando. Tudo isto já acontecera anos antes e estava presente em minha pesquisa, interferindo, por exemplo, nas relações sociais que estava vendo, narrando, fotografando e desenhando.

Os arquivos do Museu das Bandeiras ou da Fundação Frei Simão Dorvi estão repletos de denúncias anônimas, de cartas e de relatórios que expõem ambivalências entre a “cultura” (Manuela Carneiro da CUNHA, 2009, p. 312) que se queria e a diversidade cultural que fervilhava/fervilha na cidade no decorrer do tempo e durante a realização desta pesquisa. E os jornais (seja aqueles impressos, digitais ou orais), em diferentes temporalidades, estão tomados por muitos conflitos e mexericos¹².

¹⁰ Registros de campo realizados entre os anos de 2017 e 2019.

¹¹ Em agosto de 1895 o morador Genuíno Raul endereçou denúncia ao Tenente Coronel Francisco Perillo reclamando do hábito de algumas pessoas tomarem banho completamente nus em lugares próximos à cidade de Goiás. O fragmento do documento conta um pouco de um hábito que ainda continua sendo praticado por várias pessoas em Goiás, porém, no presente, as pessoas costumemente tomam banho nus na Carioca: “Acontecendo que em uma das tardes desta semana passava eu com minha família e uma outra de passeio até aquele edifício (Matadouro), vi, com grande surpresa, pessoas completamente nus a passearem por sobre as pedras inteiramente indiferentes, como si aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Ora vos sabeis que o lugar a que nos dirigimos é um dos pontos de passeio desta cidade, aliás balda de outros divertimentos, e onde existe já um bom número de casas construídas e habitadas, pelo que o procedimento daquellas pessoas é mais do que ilegal – é indecente, é imoral”. Documento policial, ano de 1895, consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

¹² Os jornais *Goyaz*, *A Voz do Povo*, *O Lar*, *Cidade de Goiaz*, *Cinco de Março* e *O Popular* além de palco para debates políticos muito acalorados são também espaços de especulação da vida alheia e de controle social. Documentos consultados na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018. A referência a jornal oral se refere ao costume, muito peculiar em Goiás, de fazer informações circularem entre um bairro e outro mediante a movimentação das pessoas pela cidade.

Quem hoje caminha pelas ruas da cidade, se junta a rodadas de cerveja em uma mesa de bar, se senta na porta em um fim de tarde ou circula por ruas comerciais, vez ou outra é convidado a ouvir memórias recentes de situações escandalosas envolvendo moradores da cidade. Estas memórias recentes, ou nem tão recentes assim, acabam vestindo com o tecido da ambiguidade aquelas representações de “cidade moralizada”, de uma “elite intelectual” comportada e de uma população que respeita certa moralidade cristã e burguesa.

A poetisa Cora Coralina que me empresta várias epígrafes para esta tese se viu envolvida, no decorrer de sua trajetória, em tantas situações escandalosas quantas foi possível registrar. Mesmo sendo filha da “classe média, coagida, forçada a manter as aparências de decência, compostura, preconceito, sustentáculos da pobreza disfarçada” (Cora CORALINA, 1984, p. 44), não passou imune aos mexericos e aos olhares desconfiados por ousar escrever quando a cultura e os costumes não permitiam que mulheres realizassem tal feito¹³.

Vítima do que chamou de “princípios goianos” (p. 53), do “despojo” e dos “apedrejamentos” – muitos deles poetizados em sua literatura¹⁴ – Cora Coralina precisou assistir sua vida íntima e sexual ser exposta nos jornais antes de se mudar de Goiás para São Paulo, junto de seu esposo Cantídio Tolentino de Bretas em 1911¹⁵, e após retornar para Goiás

¹³ Em entrevista dada ao Jornal Cinco de Março Cora apontou algumas partes relevantes de sua história e que enfatizam os preconceitos sociais que precisou enfrentar em razão de seu comportamento emancipado: “No início do século, quando as moças chamadas de família ficavam ruborizadas à simples menção de um beijo entre homem e mulher, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, então com 14 anos, já escandalizava a provinciana Goiás Velha (antiga capital do estado) com a publicação de seus versos picantes e maliciosos, sob o pseudônimo de Cora Coralina. E continua escandalizando até hoje, ao afirmar, depois de 43 anos de viuvez, que ainda tem sonhos (eróticos) com o falecido marido. Mas seus escândalos não foram apenas literários. As pessoas mais antigas da cidade contam que, aos 20 anos, Cora fugiu para São Paulo com o chefe de polícia, um homem comprometido, 30 anos mais velho do que ela, e só se casou depois que ele ficou viúvo. A poetisa desmente e diz que é por essas e outras que não gosta de velhos. ‘Eles têm uma língua do diabo’. ‘Sempre fui vítima de preconceitos morais, sociais e econômicos, mas hoje, depois de ter vivido 45 anos fora de Goiás, estou purificada. Se errei, meus erros prejudicaram apenas a mim, se é que prejudicaram’”. Jornal *Cinco de Março*, ano XVII, Goiânia, 12 a 18 de julho de 1976, n. 807. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

¹⁴ Ver Semente e fruto (Cora CORALINA, 1984, p. 79).

¹⁵ Embora a reportagem não remetesse diretamente a Cora Coralina, mas ao Cantídio foi a vida privada da jovem escritora que acabou exposta em jornal de circulação estadual e que deixou o escândalo de seu envolvimento com um homem casado ainda com maiores proporções. O documento publicado no jornal Estado de Goyaz, n. 72, ano I, em 05 de novembro de 1911, p. 03, trazia a seguinte informação: “O dr. Bretas teve perante o snr. Dr. Presidente do Estado um daqueles gestos de desassissamento que lhe são muito vulgares. Depois de haver, com o auxílio do cargo, com o prestígio do Presidente e com o concurso de praças da polícia, seduzido uma nossa patrícia, levando a magua, a desolação e a inquietude a um lar, passou a dar os maiores escândalos, cuja continuidade esta no domínio publico. Casado em S. Paulo e divorciado, sendo causas do divorcio sevicias e injurias graves á infeliz esposa, deu-se aqui de amores e anda apaixonado, mais ridiculamente apaixonado do que criança de 15 annos. Quer agora, para justificar o seu “triste estado”, casar-se; como, porem, é casado civilmente e perante a Igreja Catholica, resolveu descambar por um rumo que define perfeitamente a época e os escrúpulos da época: fazer o casamento perante o pastor protestante que existe nesta Capital, com o consentimento do snr. Dr. Urbano de Gouveia.



Fotografia 02 – Performance de nudismo nas águas do rio Vermelho, às margens do Museu Casa de Cora Coralina, em outubro de 2015. Fotografias produzidas pelo fotógrafo Lázaro Ribeiro e disponibilizadas para essa pesquisa através de cessão de direitos.

– em 1956 –, já na altura da década de 1980, quando já era uma celebrada poetisa, testemunhou novamente a sua intimidade ser invadida e exibida em jornais de grande circulação regional.

Muito semelhante ao que ocorrera em meados do século, outra vez Cora se tornou alvo da bisbilhotice e de duros preconceitos sociais ainda muito latentes na cidade (Andrea Ferreira DELGADO, 2003)¹⁶. Outra escritora goiana que irritou a “classe média do após (13) de maio” (Cora CORALINA, 1984, p. 44) denunciando suas tramas mais íntimas e suas contradições foi Rosarita Fleury¹⁷.

No ano de 2015 e durante a realização desta pesquisa de campo (2017 até 2019) – a referência às ocorrências do ano de 2015 se fez necessário por conta de meus interlocutores aludirem a essa

¹⁶ No ano de 1981 a cidade de Goiás se viu tomada pelos comentários em torno da publicação do jornal *Opção* e que expunha o romance de Cora de uma forma bastante constrangedora e escandalosa, o texto trazia título bastante inquietante de expunha a situação: “A maioria da população comenta que Martins Ramos e Cora estavam revivendo um velho romance, iniciado há 20 anos atrás, quando se encontravam pela primeira vez. Estava já hospedado na casa de Cora há cerca de um mês, inclusive por ocasião da comemoração de seu 92º aniversário. Segundo boatos, um familiar de Cora havia dito a Martins que ele estava se aproveitando demasiado da hospitalidade e que sua verdadeira intenção era o dinheiro da poetisa. Bastante amargurado com o incidente, o escritor deixou um bilhete à sua velha amiga avisando que havia viajado para Santos e se embrenhou nas serras que margeiam o Rio Vermelho. No dia seguinte foi encontrado semi-morto, os pulsos cortados e totalmente nu, metade do corpo encoberto pelas águas. Cora Coralina lamenta o acidente e espera tornar a rever Martins. Não confirma nem desmente o romance, apenas procura evitar o assunto”. Conferir em *Romance* quase acaba em tragédia. Cora e Martins Ramos: o desenlace que sacudiu, a tranquilidade de Vila Boa. *Jornal Opção*. Goiânia, 11 de novembro de 1981.

¹⁷ Zoroastro Artiaga na ocasião da publicação de *Elos* da mesma corrente destacou que “Dona Rosarita Fleury, que tem em suas veias sangue de duas famílias de intelectuais, acaba de publicar o livro cujo título epigrafa estas linhas. Trata-se de um romance que teve como cenário a velha capital, e suas terras, onde, no passado, floriu uma verdadeira civilização. Apreciando um trabalho genuinamente goiano, e sequioso do conhecimento de certas peculiaridades da vida vilaboense, daquele tempo, acompanhei os quadros que a beletista ia desenhando, naquelas paisagens que me foram tão gratas, e onde passei grande parte dos meus dias de mocidade, revivendo, nas maravilhas do sonho não vivido, os instantes deliciosos do convívio com a natureza da velha capital”. *Elos* da mesma corrente, texto de Zoroastro Artiaga. *Jornal de Notícias*, ano IV, n. 542, Goiânia, 18 de julho de 1959, p. 04.

conjuntura – as pessoas na cidade viram o seu cotidiano agitar-se por dois eventos que “na língua do povo”¹⁸ tomou dimensões grandiosas e extrapolaram as fronteiras da cidade, sendo noticiadas por moradores de Itaberaí, Sanclerlândia, São Luís de Montes Belos e Goiânia, conforme me foi narrado em campo por alguns de seus moradores e que vez ou outra procuravam Goiás para se divertir.



Fotografia 03 – Performance de nudismo nas águas do rio Vermelho, às margens do Museu Casa de Cora Coralina, em outubro de 2015. Fotografias produzidas pelo fotógrafo Lázaro Ribeiro e disponibilizadas para essa pesquisa através de cessão de direitos. De acordo com relatos este evento “não previsto na programação oficial” irritou setores da sociedade na cidade de Goiás. As fotografias foram cedidas por fotógrafo que mora na cidade e o relato foi recolhido entre diferentes moradores do Centro Histórico. Diário de campo de agosto de 2017.

Durante o Festival de Arte do Instituto Federal de Goiás (IFG), em outubro de 2015, um grupo de artistas vindos de São Paulo executou performance inesperada nas águas do rio Vermelho, que não constava na programação oficial do evento. Completamente nus, um homem e uma mulher entraram nas águas desse rio e bem em frente ao Museu Casa de Cora Coralina ficaram por ali a caminhar pela foz enquanto quem passava pela ponte da Lapa ou pela avenida Sebastião Fleury (avenida beira rio) qualificava a ação como “de muita pouca vergonha” e “de falta de respeito com a cidade”¹⁹. As fotos da referida performance de nudismo lhe deram ainda maior projeção e o escândalo acabou impactando na extinção do Festival em Goiás²⁰.

Ha aproximadamente três anos (2018), as pessoas em Goiás foram surpreendidas com um grande escândalo e fofocas de teor sexual e homoerótico. Como a esta época eu estava em campo, já havia anotado muitas narrativas, recolhido imagens – como as da performance realizada

¹⁸ Expressão muito comum de meus interlocutores. Registros de campo de 2017 até 2018.

¹⁹ Registros de campo realizados em setembro de 2017.

²⁰ Fotografias publicadas em perfil do *Facebook* e que tiveram uso autorizado pelo autor das mesmas e proprietário do perfil, o fotógrafo Lázaro Riberio. Consulta feita ao fotógrafo e registrada em diário em julho de 2017.

dentro do rio Vermelho às margens da Casa de Cora – e permanecia recolhendo relatos concernentes às relações de gênero, sexualidade e desvio em Goiás, escutei e registrei mais esta narrativa que envolvia dois personagens assim caracterizados por quem me contou a história: o “falso hétero”, “hétero curioso” ou “doido”; e a “travesti”. Os relatos deram contorno a um jovem morador de Goiás – muito conhecido entre os frequentadores da praça do Coreto – e uma travesti, moradora da cidade de Goiânia e trabalhadora no mercado do sexo e da prostituição²¹.

Conforme a narrativa que me foi dirigida e que transcrevi, o jovem rapaz havia sido denunciado pela travesti nas redes sociais de Goiás – em um grupo de *Facebook* – em razão de ele não ter pago pelo programa. Minha interlocutora contou que o referido jovem gostava de ostentar a imagem de “machão” e de “hétero”, porém havia sido “desmascarado pela travesti”²².

O conflito parece ter se iniciado no ponto em que o jovem rapaz não pagou o programa e a travesti irritada “se vingou”. A profissional localizou o jovem rapaz, conseguiu acesso a redes sociais da cidade de Goiás e disparou que “precisaria de ajuda, pois havia feito programa com o rapaz e ele não a teria pago”. Insatisfeita com a agressiva recepção, a travesti acrescentou que “no final das contas [precisou] comer o cú do cara e que não podia ficar no prejuízo porque dependia disso para viver” e que “esperava a ajuda de quem pudesse ajudar”²³.

De acordo com minha interlocutora, toda a cidade comentou o assunto por meses. Segundo o que me narrou, a situação ainda ficou mais constrangedora porque a mãe do jovem rapaz saiu em sua defesa, ameaçando processar a travesti caso esta continuasse “mentindo sobre a sexualidade do filho dela” e a “sua honra”. Isto só serviu para “botar mais lenha na fogueira”, estilhaçando a masculinidade heterossexual e cis gênero do jovem rapaz²⁴.

No decorrer da pesquisa, fosse colhendo fontes históricas ou observando os rolês, eu sempre era informado sobre eventuais desvios e escândalos de moradores da cidade que haviam ocorrido em um passado distante, ou em um presente muito recente. À medida em que as narrativas foram se repetindo e que passado e presente foram se encontrando na forma de situações escandalosas, práticas pouco convencionais – ditas desviantes – ou de hábitos considerados transgressores, eu percebi que memórias se cruzavam, que relações entre história e antropologia faziam sentido, que residualidades influenciavam a produção de significados e que estudar Goiás por essa perspectiva poderia me ajudar a nuançar fronteiras, desconstruir binarismos e observar sexualidades consideradas muito rígidas se diluírem no tempo dos rolês.

²¹ Registros de campo realizados entre setembro de 2017 e 2019.

²² Registros de campo realizados entre setembro de 2017 e 2019.

²³ Registros de campo realizados entre setembro de 2017 e 2019.

²⁴ Registros de campo realizados entre setembro de 2017 e 2019.

Ao passo em que me aproximei mais do campo e que conheci melhor as pessoas dentro dos rolês, pude entender por qual razão Mirian Goldenberg (2011) havia cunhado a expressão “de perto ninguém é normal” para estudar as relações de gênero e de desvio na cultura brasileira.

Em Goiás, também ganhavam grande ressonância narrativas e representações de impulsos desviantes e que se chocavam com aquilo que era socialmente considerado como normal. Observar essas construções da cultura foram importantes para eu encarar comportamentos, costumes e hábitos em meu contexto etnográfico não como coisas exóticas, excepcionais ou específicas de Goiás, mas sim pela chave das teias de sentido e significados, bem na lógica dos conceitos de cultura e de pessoa construídos por Clifford Geertz (2008)²⁵.

Foi de olho em tantas questões e possibilidades de análise que me propus ver, ouvir e escrever (Roberto Cardoso de OLIVEIRA, 2000) sobre uma cidade que é representada como “pequena” e de “interior”, mas que também é caracterizada de tempos em tempos como um espaço de festas e de comemorações, agitada, perigosa e cosmopolita. Ao passo em que percebi serem as relações humanas em Goiás, como alhures, sempre relacionais e localizadas, comecei a deixar de lado as fontes históricas para relacionar as práticas registradas em documentos influenciando em sociabilidades presentes e em meu cotidiano de pesquisa. Fui tentar entender como Goiás é sentida, significada e ressignificada diferentemente por muitas pessoas em festas, em bares, na praça do Coreto, em becos e em ruas escuras de seu Centro Histórico.

A esse tempo, as fotografias e os desenhos funcionaram como mais uma oportunidade de descrição dos sentidos da cidade e do estar pela cidade produzidos cotidianamente por jovens universitários nos rolês e nas festas que eu frequentei, na expectativa de etnografar os significados da performance por eles descrita como “estar dentro do rolê”.

No bojo da pesquisa, as imagens, além de serem uma forma de representação – por repetirem mecanicamente o que não poderia repetir-se (Roland BARTHES, 1984) – eram

²⁵ Cultura tem sido entendida aqui como um “documento de atuação, portanto pública, como uma piscadela burlesca ou uma incursão fracassada aos carneiros” (Clifford Geertz, 2008, p. 07). Cultura aqui é tratada como “teias de significados” (p. 04) e de regras criadas pelos homens para se tecer e nelas se amarrar socialmente. Já a noção de pessoa se aproxima daquela entendida por Geertz em estudo feito na sociedade balinesa onde a “identidade pessoal é o grau no qual eles retratam virtualmente cada um – amigos, parentes, vizinhos e estranhos; anciões e jovens; superiores e inferiores; homens e mulheres; chefes, reis, sacerdotes e desuses; até mesmo os mortos e os não-nascidos – como contemporâneos estereotipados, companheiros abstratos e anônimos” (p. 168). Geertz nomeia ordens simbólicas da definição-pessoa (nomes ocultos até títulos ostentados) para mostrar como isso “age de forma a enfatizar e fortalecer a padronização, a idealização e a generalização implícitas na relação entre os indivíduos cuja ligação principal consiste no acidente de estarem vivos ao mesmo tempo, e para silenciar ou sofismar aquelas implícitas na relação entre os consócios, homens intimamente envolvidos nas biografias um do outro, ou entre predecessores e sucessores, homens que são, na relação de um com o outro, testadores cegos e herdeiros involuntários” (p. 169).

também o resultado de escolhas, sentimentos, emoções, apreciações e avaliações que pressupunham terem passado “pelo filtro da cultura” (Nilma Lino GOMES, 2019, p. 49).

Entendidas como testemunhos oculares do que sobreviveu ao tempo, eu utilizei as imagens como recordações de memórias que ainda pulsavam na cidade e que eram fortes o suficiente para transportar qualquer pessoa no presente direto aos séculos XVIII e XIX, conforme bem fez Cora Coralina no momento em que narrou a origem bandeirantista e aristocrática de sua Casa Velha da Ponte, hoje o Museu Casa de Cora Coralina²⁶.

Considerando tantas questões, as fotografias e desenhos foram manuseados em razão de eu concordar com Georges Didi-Huberman (2012) de que as “imagens tocam o real” e também com Luciana Aguiar Bittencourt (1998) que acredita serem elas “um meio de comunicação entre os sujeitos da investigação etnográfica” (p. 209)²⁷, uma vez que elas “criam um processo interativo que [permite acessar] a outras possibilidades de significação dos fenômenos sociais, [ampliando por este caminho] o universo do discurso humano” (1998, p. 209).

Assim, as imagens (fotografias e aquarelas) que apresentarei no decorrer desta tese atravessaram os filtros de minhas experiências sociais em campo e as de meus interlocutores nos seus rolês, e desta forma elas podem dizer alguma coisa a mais, além e em diálogo com a escrita textual (Kaito Campos NOVAIS, 2018), das questões de gênero, sexualidade, juventudes e lazer em Goiás ainda pouco investigadas no âmbito das ciências sociais.

Volume considerável dos desenhos aqui apresentados resultam de fotografias, vídeos e de relatos muito íntimos, que me foram compartilhados e que tinham muitos significados para os meus interlocutores. Logo, os desenhos aqui ultrapassam as observações em campo: eles se relacionam ao desejo de alguns de meus interlocutores em me posicionar no interior de suas relações mais privadas e íntimas. Os desenhos falam de fantasias, de erotismo, de desejos, de emoções e da necessidade desta pesquisa em garantir a anonimidade dos participantes.

As aquarelas não são meras representações, mas esforços etnográficos. São tentativas de interpretação do que me foi dito. São visualidades dos rolês, registros de um tempo que

²⁶ Sobre a Casa Velha da Ponte Cora Coralina destacou como suas paredes, telhados e muros evocavam o passado e que ainda “vive e pulsa teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a biquinha d’água, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de águas puras de ignota mina. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha de aroeira. Biquinha, és banho e refrigério, copo de água cristalina e azul para sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens da sua própria vida. (Cora CORALINA, 2006, p. 12).

²⁷ Sobre esta questão Carlos Rodrigues Brandão (2004) concordou com Luciana Bittencourt (1998) no instante em que esta lembrou criar a imagem um “processo interativo que dá acesso a outras possibilidades de significação dos fenômenos sociais [além de] ampliar o universo do discurso humano” (p. 209). Esta ampliação se dá em função de os “símbolos intermediários da investigação etnográfica [requerem] interpretações explícitas e interativas do processo de criação da imagem e do contexto no qual o significado da imagem se encontra” (p. 208)

passou, e mesmo instantes que não presenciei, que fui chamado a desenhar a pedido de meus interlocutores e que por fim podem informar algo sobre as expectativas direcionadas a mim que fermentavam entre os jovens universitários que acompanhei ao longo de anos de pesquisa.

Considero também que algumas situações por mim vistas ou ouvidas eram demasiadamente subversoras e originais. E por isso me senti tentado a ilustrá-las. Desenhar cenas eróticas, divertidas, inovadoras, era uma forma de também experienciar as emoções, sentimentos e o gozo que mobilizava tantos jovens em festas e rolês em Goiás.

Durante o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), realizado entre os dias 21 e 25 de junho de 2017, à medida em que eu caminhava pelas ruas do Centro Histórico, entre as 15 e 18 horas da tarde e as 21 e 06 horas da noite/madrugada, registrando impressões e colhendo narrativas em meu diário de campo, eu também produzia algumas fotografias, vídeos e desenhos na expectativa de encarnar instantes etnográficos que eu testemunhara e que desejava transformar em imagens sobreviventes e em registros de um tempo, de um espaço e de sociabilidades que escolhi estudar mediante as lentes de análise da antropologia social.

À medida em que me aclimatei ao campo percebi na atividade ilustrativa feita paralelamente à produção de descrições uma oportunidade de interlocução com os jovens de quem convenientemente consegui me aproximar durante o espaço de tempo em que se desdobraram as festas, rolês e a pesquisa em si. Mediante o estímulo e a demanda de muitos desses jovens – meus interlocutores –, acabei optando não mais parar de desenhar.

No decurso do campo, os registros eram feitos sem um critério estruturado. Tudo dependia de como seriam os rolês, as festas e em que condições estes/estas se desdobrariam. Desta forma, por vezes eu apenas anotava algumas impressões, em outras desenhava e anotava e havia aquelas situações em que eu registrava intenções de desenhos na forma de fotos, filmes ou gravações de áudios e só após retornar para minha casa, revendo os registros, é que produzia os desenhos e descrições. O fato é que o registro visual se tornou um método interessante para a construção da etnografia e por isso o expandi para todo o período de realização da pesquisa.

Ao optar, em algumas situações, por desenhar (e não apenas descrever) eu acreditava poder expressar as sensações que sentia – até porque algumas situações que me eram contadas ativavam em mim emoções, sentimentos e desejos. O desenho também me permitiu dar forma e visualidade ao que observei, escutei e senti. E operou como um caminho para me aproximar de diferentes grupos juvenis, talvez por ser uma prática afim a eles e por ser algo, um tanto sedutor, servir de inspiração para desenhos.

O uso que fiz da produção de imagens me permitiu sensibilizar, conquistar confianças, compartilhar fragmentos de trajetórias e de experiências com meus interlocutores. Em certa medida, foi o desenho e a fotografia que me proporcionaram entrar em ambientes muito privativos, conhecer informações extremamente particulares e desfrutar de confiança suficiente para escutar relatos muito íntimos e que tratavam de envolvimento afetivos e sexuais.

Evidências dessa proximidade se tornaram visíveis no envio – para mim – de imagens íntimas (vídeos e fotos), no convite para assistir alguns de meus interlocutores transarem em espaços públicos da cidade, em minha conversão em uma espécie de *voyeur*, na transformação de minha pessoa e de minha corporeidade em parte de seus desejos e afetos, no desprendimento em me contar de seus envolvimento sexuais, expor situações, acessar desejos e emoções e reinventar suas intimidades, integrando-me a algumas partes de suas experiências mais íntimas.

É claro que meu relacionamento sempre se pautou no diálogo e na clareza de objetivos, em minha descrição e na preocupação em garantir a proteção da identidade de cada um dos participantes da pesquisa. Tenho consciência de que muitas coisas também não me foram confiadas e que na mesma medida que me as contavam, também deixavam de falar sobre muitas outras. Porém, ter consciência disso e o fato de eu compreender o sentido da frase cantada e declamada por muitos de que “o que acontecia no rolê, ficava no rolê” operou para a constituição de afinidades e de confiança suficiente para que eu passasse a receber convites para rolês, festas, rodadas de cerveja em mesas de bar, aniversários, encontros coletivos em casas de participantes da pesquisa e saídas coletivas, como as idas a festas juninas ou o FICA (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental) de 2017.

Já com programação de rolês para todos os dias do FICA, três dias antes do início dele, no dia 18 de junho de 2017, enquanto eu caminhava pela cidade na expectativa de ver o movimento de pessoas já previsível para os dias que seguiriam o evento, aproveitei para fazer algumas fotografias de Goiás, produzir desenhos, conversar com transeuntes a respeito do evento que se anunciava²⁸ e ver como o compreendiam.

²⁸ Meus questionamentos eram sempre seguidos por diferentes respostas e por significados plurais atribuídos ao festival: “de ambiental não tem nada”, me disse um senhor, 52 anos, sentado no banco direito da ponte da Lapa, “esse FICA faz correr dinheiro na cidade”, confidenciou uma funcionária do serviço de limpeza da prefeitura, 44 anos, “haaaa o FICA é bom demais, tem muita festa e a gente sai todo dia”, falou empolgada uma ex-aluna que me encontrou em um show nas imediações da Carioca. A pujança do FICA merecia estudos específicos e que se preocupassem em ver as dinâmicas sociais por ele proporcionadas no tempo e a conjunção de sentidos que ele despertava em Goiás ao ponto de se tornar um evento esperado entre moradores e frequentadores. Registros de diário de campo de junho de 2017.

Entre um encontro e outro, uma parada para conversa e outra, minha preliminar impressão foi a de que o FICA despertava múltiplos sentidos e que o evento merecia um estudo mais específico. No dia 18, ao fecho de uma conversa perto do Museu Casa de Cora Coralina, despedi-me e continuei caminhando pela rua Dom Cândido Penso (rua da Casa de Cora Coralina) até alcançar o Largo do Rosário. Ali, onde a rua Eugênio Jardim (rua D’Abadia) se encontra com a rua Bartolomeu Bueno (rua da Cambaúba) e a rua Luiz Guedes de Amorim (rua



Fotografia 04 – Goyaz – Largo do Rosário. Fotografia: José Alencastro Veiga, primeira década do século XX. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos. Uso de imagem autorizado para a pesquisa por parte de seu guardião.

do Fórum), eu entrei na Igreja do Rosário, subi suas escadarias e de sua torre produzi a fotografia que enquadrou boa parte do Centro Histórico da cidade de Goiás (Fotografia 01).

Esta imagem (Fotografia 01), além de dar uma dimensão das ruas estreitas, curtas, indecisas, que entravam e saíam umas das outras, também capturou as casas encostadinhas umas nas outras e seus telhados limados em muitas tonalidades de marrom. Este era um foco aproximado daquele de José Alencastro Veiga²⁹ que em meados do século XX registrou do alto da torre esquerda da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos³⁰ uma imagem análoga (Fotografia 04) a que eu produzi na véspera do FICA de 2017.

²⁹ José Alencastro Veiga, vulgarmente conhecido por Zeca de Alencastro nasceu em Goiás em 1878 e faleceu em 1951. Zeca de Alencastro era comerciante e um dos pioneiros da fotografia em Goiás. Em 1908 com o apoio do governo estadual produziu o álbum de fotografias intitulado “Lembranças de Goyaz”.

³⁰ Em Goiás grande parte das igrejas que integram o conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN e pela Unesco foram construídas por irmandades leigas (congregações de irmãos devotos de alguma representação religiosa). No

A perspectiva da fotografia, embora do alto, de longe, tinha pretensões como as de Michel De Certeau (2009) quando percorreu táticas, estratégias, descreveu as “formiguinhas humanas” de cima do World Trade Center e acabou acusado por Doreen Massey (2012) de reinscrever a oposição teoria/prática ao estabelecer um sentido binário entre espaço e tempo, aspecto que a geógrafa acreditava ser preciso superar.

Doreen Massey há algum tempo vem defendendo um abandono da “dicotomia entre espaço e tempo que coloca o espaço tanto como oposto do tempo e, de forma igualmente problemática, como imobilidade, poder, coerência, representação” (2012, p. 79). Para Massey o significado disso é político. Se “espaço é tão impossível de representar quanto o tempo” (Doreen MASSEY, 2012, p. 80), logo a questão seria entender as políticas de representação. Daí concordar com Massey da necessidade em se entender tanto o tempo quanto o espaço numa situação de contínua abertura e que o “não-reconhecimento da simultaneidade de multiplicidades de extremidades abertas que compreende o espacial pode invalidar o projeto de abertura da temporalidade” (2012, p. 80).

Como Massey, eu também estava preocupado com os elementos políticos da espacialidade, com as variadas políticas de representação e diferentes formas de poder fundidas nos usos da cidade, de seus espaços, paisagens, passado, memória, história e presente. Foi por esta razão que utilizei a imagem (Fotografia 01). Minha intenção foi mostrar que a Goiás do meu presente – mesmo sendo outra – ainda trazia residualidades do passado, que seus espaços haviam se convertido em evocadores de recordações (Aleida ASSMANN, 2011), dotados de poéticas diversas, apropriados, reapropriados, reinventados e usados culturalmente por muitos moradores, visitantes e turistas. Como é o caso dos interlocutores dessa pesquisa.

A aproximação da Goiás de hoje com a de ontem me permitiu ver tempo e espaço abertos, observar políticas de representação sobre a cidade; e, deste modo, eu pude alcançar a importância da preservação da cidade e a relevância de projetos relacionados à sua proteção e projeção mundial como dispositivos para sua reinvenção e para o seu uso por parte dos

caso em específico a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi construída por uma irmandade de homens pretos (utilizo as descrições de documentos) e escravizados e sua construção data de 1700. Conforme Mary Karasch (2010) muitos escravos já trouxeram da África a devoção a Nossa Senhora do Rosário e uma vez na colônia brasileira utilizaram-se dessa devoção para reconstruir em terras distantes suas comunidades e reinventar sua cultura. A irmandade e igreja além de servirem como espaço de sociedade, também era lugar de resistência de espaço para a prática de uma econômica simbólica que lhes permitia angariar recursos e assim comprar a liberdade dos irmãos. Em Goiás a irmandade se enfraqueceu após a emancipação escrava e o prédio religioso foi apropriado por padres dominicanos sob a justificativa de que este permanecia “vacante”. Em 1934 o antigo prédio religioso em estilo colonial foi demolido e no lugar se construiu outro em uma arquitetura neogótica. Acredita-se que além de deixar invisível o legado cultural da população negra a demolição apagou traços importantes do passado escravagista de Goiás.

interlocutores cujas vivências escolhi estudar nesta tese: jovens universitários, estudantes – alguns desses autodefinidos “rolezeiros” – que pertenciam a diferentes segmentos sociais e que frequentavam festas e reuniões, chamadas por eles/elas de “rolês”.

Com essa pesquisa era expectativa minha responder perguntas que estimularam o desenvolvimento do projeto de pesquisa submetido à seleção do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (UFG). Preliminarmente intitulado “Rolês, conflitos e mudança: vendo gênero e sexualidade em becos e praças de Goiás”, o projeto se preocupava com as seguintes questões:

- O que estimulavam tantos encontros ao redor do Coreto e por quais razões diferentes trajetos sempre terminavam nesta localidade?

- Como diferentes jovens à medida em que produziam, expressavam e desvaneciam o seu gênero e a sua sexualidade também gestavam dicotomias, injunções e perspectivas cristalizadas de gênero em ampla circulação por espaços de uso coletivo em Goiás?

- De que forma frequentadores noturnos, ao usar os espaços do Centro Histórico de Goiás para atividades e para sociabilidades distintas daquelas convencionalmente a eles atribuídas por grupos estabelecidos da sociedade, negociavam conflitos e faziam concessões na expectativa de também poder estar por lugares como a praça do Coreto, por ruas e becos?

- Como a fofoca e o controle social eram entendidos e manejados por diferentes moradores da cidade no processo de construção da vida social em Goiás?

- De que forma diferentes grupos de jovens geriam a representação de seu eu e a sua identidade social em uma cidade de relações pessoais muito aproximadas?

- Que matérias resultaram do encontro de diferentes significados, sentidos e usos atribuídos a uma cidade que já é a bastante tempo compreendida como tradicional, histórica e possuidora de uma fama que advém de seu patrimônio arquitetônico e cultural?

- É possível considerar a fama histórica, patrimonial e turística de Goiás, os seus grandes eventos e o aumento do fluxo de pessoas por suas ruas e por suas festas como o resultado de alguma mudança social desenrolada na última década?

Estas e muitas outras perguntas que burilaram no decorrer da pesquisa, enquanto eu produzia registros e tentava atingir os objetivos do projeto, se misturaram à poética de diferentes frequentadores do Centro Histórico de Goiás que eu acompanhei.

Em minhas travessias pela cidade e pelas festas (e frestas) vi que as pessoas se dirigiam para os múltiplos lugares do Centro Histórico de Goiás mobilizados por distintas aspirações e

pelas expectativas de ter “rolês loucos e divertidos”. Porém, no interior de diferentes trajetos eu também capturei o compartilhamento de interesses em comum.

Uma vez alcançado o Centro Histórico, entre as 20 horas e as 06 da manhã, a grande maioria de pessoas ali posicionadas desejava se divertir, desligar-se do cotidiano de trabalho, encontrar os amigos, tomar uma cervejinha, bebericar algo mais “quente”, dar boas risadas, marcar um rolê mais particular com alguém especial, fazer uso recreativo da maconha, de outra droga mais forte ou marcar um “esquema” para mais tarde.

Claro que os momentos de lazer não foram entendidos por mim como meros divertimentos. O lazer não era pura e simplesmente um instante de fuga e do desligar-se das obrigações cotidianas. As horas de lazer eram produtoras de parte da vida social, catalisadoras de relações sociais, à medida em que permitiam aos seus/suas diferentes frequentadores “falar e ouvir sua própria língua” (José Guilherme Cantor MAGNANI, 1998, p. 30)³¹.



Desenho 01 - Uma noite de rolês na praça do Coreto e os trajetos da madrugada. Fonte: diários de campo, julho de 2017.

³¹ José Guilherme Cantor Magnani (1998) ao explicar sua proposta de análise e a escolha do objeto de pesquisa – o lazer entre moradores da periferia de São Paulo, com ênfase especial no circo – argumentou que partir do lazer e não do trabalho pode ainda parecer pouco ortodoxo e sujeito a reservas: o lazer está nos antípodas daquilo que se considera o lugar canônico da formação da consciência de classe, ocupa uma parte mínima do tempo do trabalhador e não apresenta implicações políticas explícitas. Atividade marginal, instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, lugar enfim de algum prazer – mas talvez por isso mesmo possa oferecer um ângulo inesperado para a compreensão de sua visão de mundo: é lá que os trabalhadores podem falar e ouvir sua própria língua” (p. 30).



Desenho 02 – O funk, o rolê e diversão à luz de lâmpião.

Fonte: Diários de campo, junho de 2017-2019.

A grande maioria das/os frequentadores da praça do Coreto e de seus lugares limítrofes desejava gozar de algumas horas de lazer, porém isto não os desligava de suas realidades sociais e nem de suas demandas cotidianas. Entre os diferentes frequentadores, havia aqueles que faziam uma bricolagem entre o lazer e o trabalho e ainda outros que apenas trabalhavam. À medida em que a pesquisa caminhou, eu percebi que as pessoas produziam o espaço da cidade e faziam daquele espaço ao redor da praça do Coreto e do Centro Histórico “o depositário de aspirações quase sempre adiadas, mas concomitantemente renovadas no interior desses centros de reprodução do imaginário popular” (José Guilherme Cantor MAGNANI, 1998, p. 30).

Os usos da praça em uma primeira olhadela, eram múltiplos; mas, à medida em que tomei a perspectiva desses grupos como ponto de partida da pesquisa, pude acessar “padrões de significados que ordenavam comportamentos coletivos” (José Guilherme Cantor MAGNANI, 2012, p. 287) em diferentes lugares daquela localidade.

Conforme fui me inserindo nos rolês, percebi que a opção pela praça do Coreto também tinha fortes relações com o desejo de se apropriar daquele espaço, de demarcá-lo, de marcar temporalidades e gerações, produzir territorialidades e espacialidades. Por vezes, vi que tantos frequentadores estavam ali, mesmo não gostando muito, por conta de sua fama histórica, patrimonial, pelas atrações culturais que derivavam desta fama e que eram desenvolvidas exclusivamente neste lugar; ou porque estavam acompanhando seus amigos, pessoas com as quais afirmavam querer fecundar relações no futuro, pois acreditavam que estas faziam parte da melhor fase de suas vidas: a juventude, e que segundo alguns estava passando rápido³².

Além da perspectiva do lazer, do turismo e do trabalho, notei que muitas/os frequentadores tomavam com algum respeito a história da cidade, o seu passado, as suas tradições e que sabiam da importância de tudo isto para a manutenção do *status*³³ de Cidade Histórica e, conseqüentemente, dos grandes eventos realizados em Goiás.

Entre muitos que não sabiam do passado e da história de Goiás, eu percebia algum respeito, porém havia aqueles que não se importavam muito com as questões históricas e patrimoniais e isto implicava na depredação dos postes de iluminação ou no uso das paredes da Catedral como um imenso “banheirão” – referência usada para explicar a prática de urinar nas paredes ou nos recuos da igreja – a céu aberto. Alguns aproveitavam esse instante de satisfação de uma necessidade fisiológica – o famoso “vou ali mijar” – para fazer desse espaço um lugar de pegação ou para consumir drogas, principalmente a maconha e o ecstasy (bala).

Em meio a tantos encontros e diálogos, eu também me encontrei com jovens universitários e estudantes que ali no Coreto estavam, mas que afirmavam não se identificar com o Centro Histórico de Goiás em razão de conhecer a história, de saber do passado de escravidão e do presente de preconceitos sociais – principalmente os raciais – da cidade.

Uma das minhas interlocutoras chegou a afirmar que não se sentia bem neste espaço, pois via nele o desenvolvimento de diferenciações sociais que para ela eram um esforço em

³² Por várias vezes registrei em campo a significação da juventude como algo transitório, que passava rápido e que por esta razão precisava ser aproveitada antes que todos envelhecessem e não pudessem mais frequentar a praça do Coreto, pois atribuíam a este lugar um demarcador geracional. A juventude também era redistribuída entre diferentes espaços da cidade, da praça do Coreto e do tempo (registrado em horários), tomada como um bem precioso a juventude era entendida como um tempo em que se pudesse fazer “de tudo”, mas à medida que meus interlocutores socialmente amadureciam os percebia investir em cuidados com a saúde, alimentação e corpo. Isto trazia à tona a aproximação da ideia de juventude à noção de valor conforme pontuou Guita Grin Debert: “Por um lado, a juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados. Por outro lado, a velhice perde conexão com uma faixa etária específica e passa a ser um modo de expressar uma atitude de negligência com o corpo, de falta motivação para a vida, uma espécie de doença autoinflingida, como são vistos hoje, por exemplo, o fumo, as bebidas alcoólicas e as drogas” (p. 51, 2010).

³³ *Status* têm sido entendido aqui como “uma distribuição desigual da honra e do prestígio social” (Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, 2009, p. 107).

segregar e em oprimir, algo muito relacionado ao passado aristocrático e racializado da cidade. Esta interlocutora tinha razão em destacar o peso do racismo e de outras opressões naquele lugar tangenciando relações entre o ontem e hoje. No passado, a Praça do Coreto fora fotografada e descrita como cercada para impedir a entrada e a circulação da população negra.

Pensando nestas forças expressivas e em críticas à espacialidade da cidade – muitas delas inspiradas pela história e por experiências do tempo encarnadas em “colunatas, estuques [e] frontões [que] evocavam o estilo barroco das pastorais ibéricas” (Claude LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 127) – aproveitei as imagens que eu produzi – fotografias e desenhos – para dar plasticidade aos múltiplos sentidos atribuídos aos lugares de Goiás e para também falar um pouco da latência da história da bandeira do Anhanguera, da exploração do ouro, da sociedade – muito desigual – que se formou nesta região e dos encontros de muitas temporalidades.

A fotografia que produzi em meados de 2017 e tantas outras imagens feitas no decorrer da pesquisa tocavam o real ao mesmo tempo em que me permitiam etnografar os diferentes usos de Goiás, acessar outros significados a ela atribuídos e estabelecer outras relações com a cidade de Goiás e com as pessoas que aí viviam e que não eram as mesmas relações que já nutria na posição de morador, como um “nativo” ou um estudante da história de Goiás³⁴.

Para além de olhar a minha cidade como uma “casa”, eu iniciei uma escuta de outros sons e de tantos outros sentidos que não poderiam ser percebidos apenas em registros escritos, tal a minha sensação de impacto e de perturbação diante do que eu via e ouvia. Temendo uma redução da inteligibilidade daquilo que etnografava caso me limitasse a apenas escrever sobre o campo, e já me tomando como incapaz de “descrever linearmente o que via, me [impeli] a buscar outras vias de observar e de [des]crever o fascínio causado [em mim] pelas primeiras impressões” (Aina AZEVEDO, 2016, p. 109) que a minha saída de “casa” provocava.

³⁴ Sobre a referência à minha condição de “nativo”, trazida em destaque no texto, aponto ter me sentido à vontade para apontá-la graças ao que lembrou Nilma Lino Gomes (2019) em torno da relação com seu “objeto” de pesquisa: o corpo e o cabelo como símbolos da identidade negra. Nilma Lino Gomes lembrou que “o fato de ser uma mulher negra que pesquisa as relações raciais [poderia] ser motivo para a desconfiança de alguns sobre a impossibilidade de separar a subjetividade da pesquisadora da objetividade da pesquisa” (p. 41). Problematicando tal questão Nilma Lino apontou a existência de vertentes na antropologia que defendem um objetivismo da relação pesquisador/pesquisados e outra que se importa com as subjetividades de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa. Lembrando que à época de seu doutorado “a ‘contaminação’ do antropólogo ainda era um assunto polêmico e, por vezes, tabu” (p. 41) ela destacou que mesmo na antropologia clássica se encontram antropólogos que “não conseguiram produzir seus textos num contexto de total ‘assepsia’ intelectual” (p. 41). Imbuída por esta perspectiva dialógica e crítica das subjetivas em explosão durante a realização da pesquisa e do campo Nilma Lino lembrou que propor uma pesquisa dialógica, relacional e que não despreze as subjetividades nos coloca “diante dos fatores sociais e subjetivos que os tornam importantes e que afetam de maneira contundente a vida daqueles que os possuem a saber” (p. 42) – no meu contexto de pesquisa – as juventudes em Goiás, os sentidos de lugar que estas atribuem a Goiás, usos dos espaços e contínua construção/desconstrução do gênero e da sexualidade em ambientes públicos da Cidade Histórica e patrimonial.

Fora de “casa” e defronte de imponderáveis para os quais eu não fora preparado, porém inquietado pela relação de estranhamento que a pesquisa de campo em mim provocava (Mariza PEIRANO, 1992) e, muito provavelmente também em meus interlocutores, tomei as imagens como “formas diferentes e, por que não, complementares à escrita na composição do conhecimento” (Aina AZEVEDO, 2016, p. 109) antropológico que me propunha a produzir em torno de uma Goiás bastante diferente daquela até o momento registrada e narrada por muitos outros pesquisadores anteriores a mim.



Desenho 03 – Tira uma foto pra nós?!
Fonte: Diários de campo, junho de 2017.

Dona de uma arquitetura colonial, cheia de brasões e de famílias tradicionais, muito caracterizada por suas casas seculares encostadinhas umas nas outras, por seu barroco, por sua baixa iluminação noturna – uma quase meia luz – por telhados patinados pelo tempo, por ruas e por becos estreitos,

Goiás apresentou-se para mim sob outros aspectos.

No tempo da pesquisa, eu registrei uma Cidade Histórica, turística e noturna, com sua distância reduzida em função da melhoria na pavimentação e na duplicação de estradas que a ligavam a outras cidades. Goiás estava cheia de visitantes e de jovens universitários de diferentes lugares do país, tinha suas noites badaladas por muitas sociabilidades, por sons e cheiros exteriorizados em festas, bares e em rolês realizados no Centro Histórico e fora dele.

Muito interessado por estes espaços de lazer e à medida em que me aprofundi no campo, também adentrei resenhas particulares e até os *afters* – tradução de “depois”, o *afters* é uma espécie de prolongamento da festa e do rolê – realizados em repúblicas universitárias e em casas de particulares depois dos rolês no Coreto.

Estes eventos quase sempre aconteciam aos fins de semana e em dias comemorativos que integravam o calendário de festas em Goiás e me mostraram outras expressividades de gênero e de sexualidade ainda desconhecidas da literatura sobre a cidade. As festas eram também a expansão de trajetos e o prolongamento de encontros pela madrugada adentro.

Alguns desses trajetos/encontros terminavam em repúblicas universitárias, em um beco, um banco de praça ou em uma cama quentinha; outros iam terminar nos forrós do bar Morro do Macaco Molhado, um pouco mais distante do Coreto.

Preocupado com os significados que tantas pessoas atribuíam à cidade, naquilo que as estimulava a estar por tantos espaços de Goiás e interessado na sua localização etnográfica no tempo e no espaço, eu explorei algumas pesquisas que antecederam a minha, percorri questões que inspiraram esta investigação, apontei algumas problemáticas conceituais e metodológicas, caminhei por sua história, mostrei como a ideia de Cidade Histórica e patrimonial tinha implicações nos rolês que etnografei e, por fim, alcancei alguns dos muitos sentidos produzidos por jovens frequentadores de rolês em uma Goiás famosa, centro de atenções da mídia local e nacional e badalada por muitas festas que não tinham hora para terminar.

Terminada a apresentação e percurso teórico metodológico instrumentalizado por mim durante a pesquisa e produção do texto etnográfico adianto que a presente tese de doutoramento encontrasse dividida em duas partes respectivamente intituladas “Goiás sob a perspectiva das relações de gênero e sexualidade” e “Poéticas dos rolês na praça do Coreto”. Ao longo de toda a tese se tem narrativas etnográficas. Em alguns momentos os registros descritivos feitos em campo aparecem inteiros, porém com adaptações, correções, aquarelas e acréscimo de análises teóricas. Em outras situações o volume de registros exigiu a sua fusão e espraiamento por todo o texto, juntamente com categorias de análise, fotografias, documentos e as aquarelas.

A primeira parte foi dividida em três capítulos e alguns subitens. O capítulo primeiro, com o título, “Para virar gênero e sexualidade de ponta cabeça: ‘saias justas’ e alguns caminhos para a pesquisa”, explora de forma mais profunda o conceito de gênero e sexualidade, preocupando-se em percorrer diferentes pesquisas que versaram sobre estudos similares em regiões descentradas do Brasil. Este capítulo já traz conectado ao debate teórico algumas narrativas e visualidades capturadas em rolês realizados em 2017. O capítulo segundo, chamado “*Moinho do tempo*”: história e memórias de Goiás”, caminhou pela história de Goiás, a fabricação da cidade histórica, as narrativas que contribuíram para a conversão desta cidade em um sítio de interesse mundial, ou um Patrimônio Histórico, reconhecido pela Unesco e a conexão da fama construída em torno da história, memórias e eventos nela realizados aos rolês

dos estudantes universitários que acompanhei no decorrer de 2017 até 2019. O capítulo terceiro, ou “Significados que vão além da Cidade Histórica” explorou mediante o cruzamento de teoria e pesquisa algumas construções de significados por parte de jovens, suas concepções de juventude, envelhecimento, geração e formas de lazer no decorrer de festas que integravam o calendário festivo de Goiás ao longo do ano.

A segunda parte também foi dividida em três capítulos e alguns subitens. O capítulo quarto chamado “Todos os caminhos levam ao Coreto” apontou como esta praça, localizada no Centro Histórico de Goiás, era central nos rolês de meus interlocutores, central em minha pesquisa e de que forma quase todos nós – eles, jovens e eu, pesquisador – muito frequentemente aí começávamos e terminávamos os rolês. A narrativa tentou mostrar, através de observação participante, o movimento diurno e noturno de pessoas por esta praça e as transformações que aconteciam em todo esse espaço à medida que muitas pessoas imprimiam nele as suas espacialidades, marcas sociais e expectativas.

A percepção de como os frequentadores dos rolês no Centro Histórico e ao redor da Praça do Coreto trouxe à tona a necessidade de busca por compreensão de diferenciações diretamente relacionadas às marcas de gênero, orientação sexual, classe e raça. O racismo e outras discriminações sociais tomaram forma na busca por compreensão da espacialização de todo aquele lugar e então foi preciso buscar historicamente as raízes de “férreos preconceitos sociais” que impactavam nas experiências sociais de meus interlocutores. Foi necessário entender de onde vinha preconceitos sociais e em que medida esses integravam a produção de significados para Goiás entre as pessoas que estava acompanhando.

O capítulo quinto, intitulado “*Vamos pro Coreto?*”: gênero e sexualidades nos rolês e o capítulo sexto, chamado “Quando muita coisa se mistura: rolês, música e a festa” trazem descrições e registros inteiros de diários de campo e versam mais profundamente sobre significados produzidos por jovens em torno dos rolês, da sua sexualidade e gênero, dos seus desejos e expectativas. Por fim, nas considerações finais, terminei me perguntando se o rolê realmente terminou? Afinal vários de meus interlocutores continuaram cultivando formas de lazer aqui etnografadas após a conclusão da pesquisa de campo, estrategicamente mantiveram os rolês durante a pandemia de COVID-19 e me convidaram para vários de seus rolês assim que as determinações sanitárias foram relaxadas e a vacinação contra o Corona vírus caminhou. Por fim é desejo meu que o rolê da leitura seja prazeroso e que ao seu fim todos tenham uma imagem excitante dos rolês dos jovens estudantes e universitários em Goiás.

PARTE I

GOIÁS SOB A PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

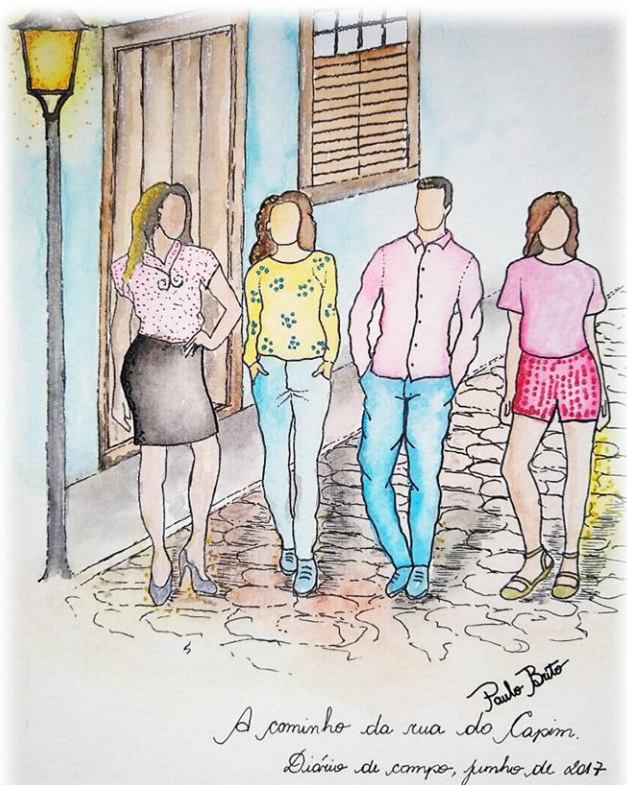
CAPÍTULO I

PARA VIRAR GÊNERO E SEXUALIDADE DE PONTA CABEÇA: “SAIAS JUSTAS” E ALGUNS CAMINHOS PARA A PESQUISA

Aqui está minha alocação para uma intersecção utópica das teorias feministas de gênero, heterogêneas, multi-culturais, “ocidentais” (de cor, branca, europeia, americana, asiática, africana, do Pacífico), que foram chocadas na estranha irmandade com dualismos binários herdados, contraditórios, hostis, frutíferos.

O falocentrismo foi ovulado pelo sujeito dominador, o galo inseminador das galinhas permanentes da história. Mas no ninho com este ovo prosaico foi posto o germe de uma fênix que falará todas as línguas de um mundo virado de ponta cabeça.

Donna HARAWAY
(2004, p. 246)



Desenho 04 – A caminho da rua do Capim.
Fonte: Diários de campo, junho de 2017.

De tanto me interessar por este “mundo virado de ponta cabeça” de que falou Donna Haraway (2004) na epígrafe acima, precedendo qualquer reflexão de ordem teórica ou metodológica, eu trouxe descrições de campo e aquarelas produzidas no mês de junho de 2017 em uma festa junina realizada na praça da Conceição, na rua da Conceição, popularmente chamada de rua do Capim, em Goiás:

Junho de 2017

Festa Junina na rua da Conceição (rua do Capim) Depois de algumas incursões ao campo eu passei a receber convites para sair e para ir em festas

em diferentes lugares de Goiás. Nestas festas eu sempre estava acompanhado por muitas pessoas: ex-alunos, estudantes universitários, frequentadores da praça do Coreto e pessoas que eu conheci nas festas em que fora anteriormente e que se aproximaram de mim.

Passados alguns meses observando jovens, participando de seus grupos de *WhatsApp*, suas postagens no *Instagram* e *Facebook* e

acompanhando-os em seus rolês chegou o mês de junho e junto dele as festas juninas e as férias. Em fins desse mês eu recebi vários convites para sair. Alguns para ir à praça, outros para ir a festas, mas nesta semana em específico o combinado fora acompanhar algumas garotas na festa de São João, realizada na rua da Conceição (rua do Capim), no setor central, entre os dias 21 e 23.

Era tempo de férias e as poucas festas da cidade eram concorridas entre diferentes grupos de pessoas que viviam em Goiás (crianças, adolescentes, jovens estudantes e universitários e velhos) e aquelas que porventura permaneceram depois de finalizado o semestre nas Universidades Estadual e Federal de Goiás (UEG e UFG) e no Instituto Federal de Goiás (IFG).

No mês de junho as festas juninas eram a grande razão para os rolês e para as andanças por Goiás. Na antepenúltima semana desse mês eu fui convidado para ir à festa de São João na famosa rua da Conceição (rua do Capim). A princípio os convites me revelaram muitas das performances dos grupos juvenis. Fui vendo como esses grupos se montavam e se desmontavam ao longo das festas, dos rolês, das noitadas e do cotidiano.

Na véspera da Festa Junina na rua da Conceição (rua do Capim) Joice me procurou no privado do *WhatsApp* e me convidou para acompanhá-la até o evento em questão. Ela comentou que se juntariam a nós a Roberta, Ingridy e Deborah. No horário marcado (23 horas) encontrei-as na praça do Coreto e de lá subimos juntos para a rua do Capim. Logo

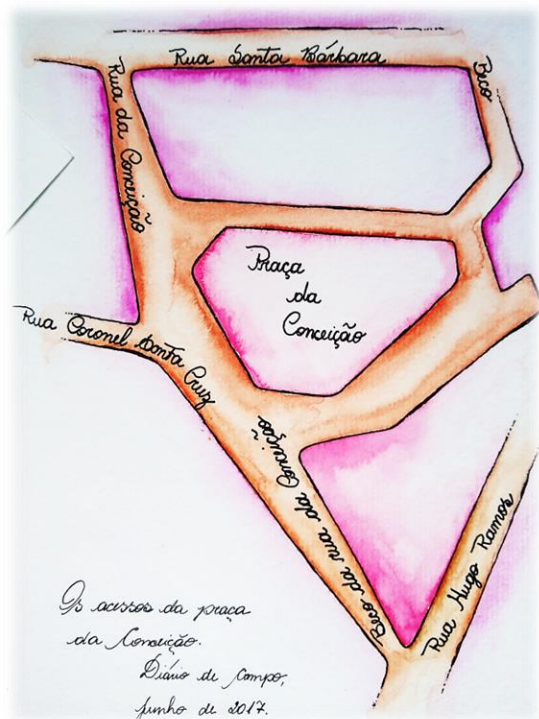
na chegada se juntou a nós Joana e Stefany. Neste horário o momento ritual do levantamento dos mastros de São João, São Pedro e Santo Antônio já havia passado. A gente se reuniu apenas para a parte profana da festa e eu cheguei até a comentar sobre isto com elas: “meninas a gente só sai nos horários profanos das festas”. Meu comentário foi seguido por risadas e muitas brincadeiras.

A fogueira a esta hora ardia de um lado da praça e o lugar encontrava-se coberto por uma lona. Em seu interior havia música ao vivo e todo o espaço ao redor da praça estava cercado por barraquinhas e por muita gente.

Ali estavam reunidas centenas de pessoas que conversavam ao redor de toda a dimensão espacial da praça. O lugar que englobava a rua da Conceição (rua do Capim) tinha uma constituição espacial curiosa. Ali se podia chegar por quatro acessos, um pela rua Hugo Ramos (rua Rosa Gomes), dois pela rua Santa Bárbara e um pela rua Coronel Santa Cruz (rua da Manchora ou Campo da Forca).

Pela Hugo Ramos (Rosa Gomes) se entrava em um beco (beco da rua da Conceição) que começava apertado e ia se alargando até se abrir

na enorme praça da Conceição (ou praça da rua do Capim). Pela Santa Bárbara se chegava primeiro por um beco logo que se entra nesta rua, após subir pela Hugo Ramos, também se pode ali chegar pela larga rua da Conceição quando está se encontra com a Santa Bárbara. Depois



Desenho 05 – Os acessos da praça da Conceição.
Fonte: Diários de campo, junho de 2017.

desse encontro a rua da Conceição gradualmente se misturava com a praça da Conceição. Pela rua Coronel Santa Cruz (rua da Manchorra ou Campo da Força) se pode chegar por outro beco que sorratamente termina na praça. Todo o lugar é rodeado por muitas moradias.

No momento em que chegamos havia agrupamentos de pessoas por todos os cantinhos daquele lugar. Ali muitas pessoas comiam algum alimento típico dos tempos de festa junina ou devoravam o “penetra” cachorro quente. Muita gente conversava qualquer coisa sobre a festa. Outros caminhavam de um lado para o outro a procura de amigos, de



Desenho 06 – A cantina da serra.

Fonte: Diários de campo, junho de 2017.

crushs, de namoradas/namorados, de peguetes ou de outras pessoas. O que não faltavam eram oportunidades para uma pegação nos cantinhos escuros que formam o Centro Histórico, localizado logo depois de atravessado o beco da rua da Conceição (rua do Capim) e entrado novamente na Hugo Ramos (Rosa Gomes). Ali a iluminação a meia luz sempre favorecia “uma rapidinha”, um beijo ou uns “amassos”.

O lugar fervilhava de gente de todas as idades e gêneros, porém o público era predominantemente heterossexual, pelo menos era o que aparentava. Ao longo da pesquisa fui percebendo que as “aparências” não determinavam muita coisa sobre as pessoas que conhecia, só a proximidade e o diálogo me permitiam dizer algo sobre os

participantes da pesquisa que passei a chamar de interlocutores/as. Não visualizei ali grandes demonstrações de afetos públicos da homossexualidade que sutilmente marcava sua presença. Mesmo que eu tenha encontrado gays e lésbicas, ali eles estavam mais intimistas e aproveitavam a reunião de pessoas para se divertirem e quem sabe traçar outras sociabilidades mais adiante. As demonstrações de afetos entre eles eram contidas, talvez porque naquele lugar não achavam que cabia expor sua sexualidade e orientação sexual. As demonstrações de afetos nessa praça eram as mínimas possível.

Enquanto Antônio, de dentro da barraca, embalava velhas modas de viola de antigos cantores sertanejos eu conversava com as garotas que me acompanhavam. Na toada de nossa conversa tomávamos uma Cantina da Serra (vinho barato), eu observava as pessoas de diferentes idades dançando “Mulher Chorona” de Teodoro e Sampaio e acompanhava os movimentos de Deborah que já bêbada acabou por encharcar minha camisa rosa com Cantina da Serra.

A dupla sertaneja interpretada por Antônio fazia sucesso entre um certo agrupamento geracional que ali estava a dançar, beber e comer espetinhos de carne, frango e bacon. A fumaça desses espetinhos inebriava todo o lugar, se misturava ao cheiro das bebidas e aos perfumes de quem estava por ali. As garotas e eu tentávamos a todo momento escapar da fumaça que se impregnava em nossas roupas e cabelo.

ouvir tudo aquilo e refletir sobre uma possível fluidez sexual em Goiás, questão que já vinha se apresentando para mim desde as primeiras idas ao campo lá na praça do Coreto.

Nesse momento passou por nós o Adalberto, seu irmão João e um amigo. Ambos puxaram assunto com Deborah. Está sempre muito assertiva, enfática e beirando a arrogância ergueu os olhos e respondeu a cada pergunta em um só suspiro.

Entre uma conversa e outra João disparou para Deborah afirmando que ela havia feito pouco dele e que ela não havia dado uma chance para ele. Ela, entre trocas de olhares e um suspiro, o encarou e lhe disse que bastava que ele quisesse algo sério, pois ela estava ali.

Vi que ele se sentiu pressionado e constrangido diante dos olhares de todos nós frente a investida reversa de Deborah. Todos ali na roda o entreolharam de forma a questionar sobre quando tomaria a iniciativa de chamá-la para sair ou mesmo para namorar. Depois disso o grupo de garotos se retirou e logo Deborah também saiu para encontrar outras pessoas.

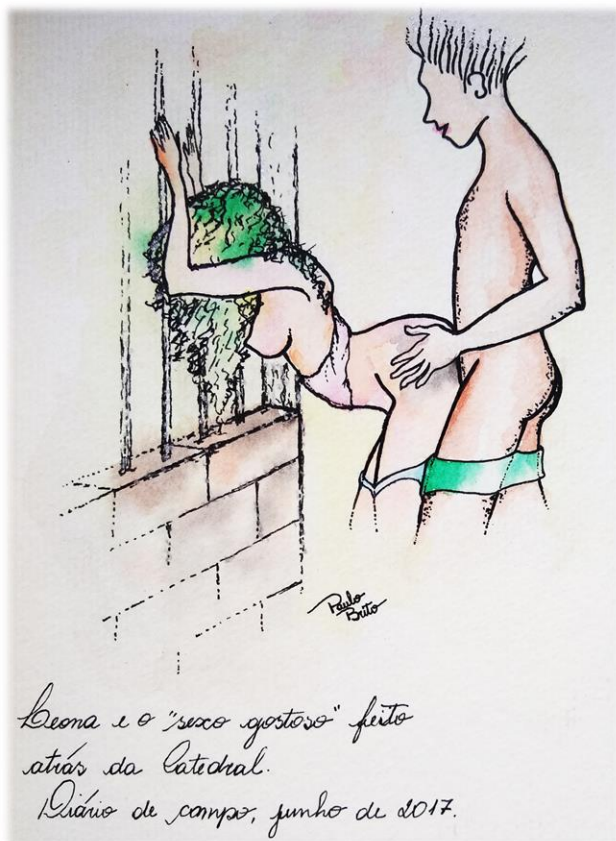


Joice estava animada com todo aquele momento. Falava de possíveis relacionamentos e seguia se divertindo entre a gente. Enquanto Joice comentava dos relacionamentos de algumas meninas que por nós passavam vi de longe a Deborah que após a investida reversa bombardeada sobre o João observava de soslaio para alguns rapazes na rua acima da praça coberta. Logo ela desapareceu de meu foco de visão. Só a encontramos mais tarde.

Enquanto permanecíamos ali a conversar Antônio deu uma pausa no show e o som foi ligado. Não demorou muito e o show recomeçou. Nesse mesmo momento Roberta me levou para a pista de dança, ali reencontramos Deborah que já dançava com um garoto de sua idade aproximadamente. Eu não o reconheci. Depois soube que era um “peguete” fixo de Deborah. Neste momento Ingridy também já estava ali dançando. Dançara todos os modões que tocara e estava molhada de suor. Percebi que o fato de estarem ali dançando e curtindo músicas antigas permitia uma hibridização do antigo com o novo. Elas gostavam das músicas antigas, vi que o uso do termo “antigo” era marcador de seu envelhecimento social, que este envelhecimento ocorria de forma muito rápida e que por isto elas sempre me diziam “ser preciso aproveitar ao máximo os rolês e festas”. Percebi que elas não se incomodavam com as letras sexistas de Teodoro e Sampaio. A maioria das músicas relatava cenas jocosas envolvendo mulheres ou homens, a grande maioria com conteúdo bastante machista, todavia o ritmo da música combinado ao momento de festa era agradável e a letra passava despercebida para todos, algo bastante parecido ao caso do funk na praça do Coreto. Ao fim percebi que estas garotas e tantas outros jovens (estudantes e universitários) resignificavam as músicas e suas letras bricolando-as ao seu contexto local de festas.

Desenho 08 – Dançando e curtindo músicas antigas.

Fonte: Diários de campo, junho de 2017.



Desenho 09 – Leona e o “sexo gostoso” feito atrás da Catedral

Fonte: Diários de campo, junho de 2017.

As letras passaram despercebidas até para mim que terminei na pista dançando as músicas junto das garotas. O fato de as garotas estarem ali dançando as músicas de Teodoro e Sampaio, curtindo a festa e se divertindo colocava em xeque cristalizadas perspectivas de gênero e de sexualidade. Nesse dia saí da rua da Conceição (rua do Capim) às três (03) horas da manhã, cheirando ao vinho que Deborah em mim derrubara e molhado de suor. Eu havia dançado muitos forrós.

Eram umas três e meia (03:30) horas quando chegamos na praça do Coreto. A praça ainda estava cheia de gente... enquanto aguardava as garotas que acompanhara irem ao banheiro me sentei em um dos bancos e nesse momento fui abordado por Leona e que já conhecendo minha pesquisa e muito próxima de mim dirigiu-me muito tranquilamente para contar como transara com um garoto atrás da Catedral um pouco antes de me encontrar. Enquanto falava ela gesticulava o corpo e mordida os lábios, ações e movimentos corporais que recriavam ali na minha frente toda uma cena erótica, me colocava numa situação de envolvimento e fazia de mim parte daquela experiência. Considerando que ao me contar ela recriava e revivia tudo novamente. É evidente que sendo eu um sujeito de desejos e sexuado, ao passo em que ela me contava, em minha cabeça eu recriava a representação a partir do que ela

relatava e daquilo que já havia visto em outras situações anteriormente observadas nos rolês. Daí sentir a necessidade de materializar em desenhos algumas cenas do campo. Embora não houvesse envolvimento físico entre mim e meus interlocutores o simples fato de me confiarem experiências muito íntimas me posicionava como um *voyeur*, em parte importante de suas vidas sexuais e afetivas. Leona me contou que próximo a uma sala escura, nos fundos da igreja da Catedral, foi agarrada pelo garoto por trás – o que destacou ter correspondido: “eu queria muito transar com ele Paulo”. Durante a pegação os dois não se contiveram e depois “daquela chupada” as roupas acabaram sendo todas abaixadas. “As minhas e as dele”. O garoto segurou-a contra a grade, agarrou suas pernas e a “comeu” com seu “pau enorme”. Enquanto ela me contava projetei a imagem em minha cabeça e depois a transferei para uma aquarela. Como já conhecia o lugar e já presenciara situações parecidas ali projetei em minha cabeça a forma como ela se agarrou às grades ao mesmo tempo em que fazia o “sexo gostoso” que me descreveu muito animada. Leona estava eufórica, ria um pouco e parecia um pouco bêbada. Segundo ela os dois ficaram ali “metendo” por alguns momentos, mas por conta dos gemidos de ambos os dois acabaram por atrair a atenção de curiosos. Na eminência de serem surpreendidos eles interromperam o “sexo gostoso” que estavam fazendo e rapidamente se retiraram dali. Ela não me contou se fora vista ou como se vestiram para sair dali às pressas, apenas me olhou nos olhos

e ficou sorrindo, numa demonstração de alegria e de satisfação. Mas me disse que terminaram a “metessão” lá no Chafariz. Dito isto ela se levantou, tomou um gole de alguma bebida que estava em seu copo, me chamou para sair com ela em outra ocasião e me informou que depois me contaria como tinha sido a continuação de seu sexo.

Depois dessa conversa Roberta e Joice me chamaram para ir para casa, pois já era quase cinco horas da manhã. As outras garotas já haviam tomado rumos que desconhecíamos.

Precedendo o meu debruçar em questões de ordem metodológica e de explicações sobre como desenvolvi o campo e realizei narrativas a exemplo da que eu trouxe sobre a festa na rua da Conceição (rua do Capim) chamo o/a leitor/a, nesse momento, para uma conversa em torno de alguns esforços analíticos e teóricos de pessoas que também se interessaram por gênero e sexualidade em regiões descentradas³⁵, como se apresenta em meu recorte espacial circunscrito à cidade de Goiás. A intenção aqui é mostrar como, ao estudar leques de simbolismos sexuais, diversidade de gênero, de sexualidade e as suas múltiplas expressividades de gênero e sexualidades, eu não “invente a roda”, mas compartilhei interesses em comum com tantos outros pesquisadores espalhados pelo Brasil.

Nos últimos dezesseis anos, aproximadamente, cresceu consideravelmente o interesse por pesquisas que versam sobre as sexualidades camponesas e a diversidade sexual em regiões descentradas. A impressão que se tem é que se criou muitos “centros” de investigação das relações de gênero e da sexualidade para além do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Projetos de pesquisa que no passado se concentravam em universidades das regiões Sul e Sudeste do Brasil

³⁵ Não é uma novidade que o processo de regionalização do Brasil ainda é bastante desigual e que a condição moderna das regiões e dos territórios que englobam o país resulta da má distribuição de recursos financeiros, da falta de infraestrutura e do pouco planejamento na construção de vias de acesso entre diferentes lugares. O processo desigual e histórico de nossa regionalização e territorialização produziu centros que monopolizaram recursos financeiros, acessibilidade e conseqüentemente a produção do saber. Estes centros se contrapuseram às regiões mais pobres e que por sua vez ainda sofrem com o péssimo planejamento viário e com a quase ausência de infraestrutura. Tantas desigualdades tornaram difícil a conexão entre as diferentes regiões que formam o Brasil e isto terminou por fabricar a imagem dicotômica de centro/periferia. Sobre tal questão Milton Santos (1979) apontou que “em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância física entre um polo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade. Esta depende essencialmente da existência de vias de transporte e da possibilidade efetiva de sua utilização pelos indivíduos, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais. Mas a incapacidade de acesso a bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo e também, afirma, a uma situação periférica” (Milton SANTOS, 1979, p. 229). Milton Santos lembrou o problema da acessibilidade como o grande signo da produção de periferias e de centros. Suas interpretações, embora passem ao largo das relações entre tempo e espaço conforme sugeriu Doreen Massey (2012,) deixaram expressa a necessidade de que se propusessem outras interpretações capazes de romper a dicotomia centro/periferia entendendo que as diferentes regiões se conectam, mesmo que esta conexão ocorra sob o véu de uma estrutural desigualdade. É pensando nisto que escolhi usar a ideia “regiões descentralizadas” para apontar o atual momento em que se percebe o espraiamento de pesquisas sobre gênero e sexualidade em regiões afastadas e/ou desviadas geograficamente do eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

se intensificaram, ampliando esforços valorosos anteriores, em instituições de ensino e de pesquisa do Centro Oeste, do Norte e do Nordeste.

A divulgação científica de diferentes estudos relacionados aos temas da sexualidade, da diversidade sexual e das relações de gênero que anteriormente dependiam de revistas como *Estudos Feministas* (UFSC), *Cadernos Pagu* (Unicamp-SP), *Caderno Espaço Feminino* (UFU) e *Gênero* (UFF-RJ) passou a contar com os esforços das revistas *Gênero na Amazônia* (UFPA), *Bagoas* (UFRN), *Periódicus* (UFBA), *Gênero & Direito* e *Ártemis* (UFPB). A diligência conjunta de pesquisadores, laboratórios e núcleos de estudo também contribuiu para que estas temáticas se espraiassem por outros periódicos com propostas editoriais mais ampliadas.

A reverberação para regiões descentradas do campo de estudos socioantropológicos em diversidade de gênero e sexualidade e as suas interfaces com o feminismo e com os direitos sociais, ou a criação/ampliação de “centros” de estudos sobre os temas em questão proporcionou uma maior apreensão dos leques de simbolismos sexuais pelo Brasil a fora. No presente, é possível acessar nas plataformas de acesso à pesquisa textos que se aventuram por diferentes temas da sexualidade e das relações de gênero nos mais recônditos lugares do país.

De um modo descontraído e breve, convido a fazermos um possível passeio (que certamente poderia ser feito por outras rotas) pelos estudos sobre a diversidade de gênero e sexualidade no Brasil – com passagem obrigatória por Goiás e retorno à sua antiga capital: a Cidade de Goiás – caricaturando a música de Teodoro e Sampaio: *Do Oiapoque ao Chui*³⁶, que embalou minha noite de festa junto de muitas garotas na rua da Conceição (rua do Capim) em junho de 2017, na cidade de Goiás. Esta dupla sertaneja, desde 1980, tem por repertório músicas que versam sobre o romantismo e outras que retratam situações picarescas do universo masculino e feminino do interior brasileiro.

Na música em questão, a dupla narrou uma hipotética viagem feita por um personagem masculino através de diferentes regiões brasileiras, conhecendo ao fim desse percurso o Brasil

³⁶ Do Oiapoque ao Chuí – Teodoro e Sampaio. “Arrumei as minha malas/ E de viagem sai/ Pra conhecer o Brasil/ Do Oiapoque ao Chuí/ E pra falar a verdade/ Eu tenho muita saudade/ De tudo que conheci”/ No Rio Grande do Sul/ Eu dancei o vanerão/ Dividi com um índio velho/ A tua de um chimarrão/ Tive em Santa Catarina/ Quando em outubro acontece/ A maior festa do chopp/ Grande October Fest/ Paraná tem Curitiba/ Modelo de capital/ Cataratas do Iguaçu/ Beleza internacional/ Ai, ai.../ Não tem nada igual/ Que passar uma semana/ Passeando de chalana/ Pelos rios do Pantanal/ São Paulo que nunca para/ Tem progresso tem fartura/ É o mais rico dos estados/ Na indústria e agricultura/ Fui no Rio de Janeiro/ Vi o Cristo Redentor/ Praia de Copacabana/ Conheci um grande amor/ Do Rio pra Minas Gerais/ tive que seguir sozinho/ Fui conhecer Ouro Preto/ E as obras do Aleijadinho/ Ai, ai.../ Não tem nada igual/ Que passar uma semana/ Passeando de chalana/ Pelos rios do Pantanal/ O estado do Amazonas/ Eu também passei por lá/ Conheci a Zona Franca/ E a festa do Boi Bumbá/ De lá voei pro Nordeste/ Direto pra Salvador/ Via a igreja do Bonfim/ E o carnaval do Pelô/ Saudade foi me apertando/ Não deu pra continuar/ Voltei pro meu Matogrosso/ Meu aconchego, meu lar/ Ai, ai.../ Não tem nada igual/ Que passar uma semana/ Passeando de chalana/ Pelos rios do Pantanal.

de um extremo ao outro, ou como escolheram caracterizar “*Do Oiapoque ao Chuí*”. Semelhante ao que cantaram na década de 1990, hoje já é possível conhecer as diversas relações de gênero e de sexualidade do *Oiapoque ao Chuí* brasileiro ou de um extremo ao outro do país – muito embora haja muito a ser estudado. Todavia, a viagem que proponho faz ovular o falocentrismo da dupla sertaneja. Minha viagem movimenta-se como “as galinhas permanentes da história” de Haraway. Ela põe e choca ovos capazes de extrapolar as relações de gênero e de sexualidade narradas na música de Teodoro e Sampaio e reproduzida na festa junina da rua da Conceição (rua do Capim), em junho de 2017.

Nesta minha jornada, falo de “galos” e de “galinhas” que não se prenderam em relações exclusivamente heterossexuais, binárias ou normativas. Na minha viagem, não só homens saem e tomam iniciativas de conquista, mas também as mulheres. Não apenas heterossexuais, mas, os gays e as lésbicas, além de bissexuais. Minha viagem explicita uma “instabilidade/fluidez das relações” sexuais no interior brasileiro, que tal como mostrou Peter Fry (1982) nos anos 1980, trata da “imbricação da sexualidade em relações de poder e hierarquias sociais dinâmicas e contextuais” (Sérgio CARRARA; Júlio Assis SIMÕES, 2007, p. 69) que não necessariamente correspondem com normas de gênero ou modelos socialmente determinados como “normais” e terminam caracterizadas como desvios.

Gênero e sexualidade em meu contexto de estudo estão por se fazer, estão em um contínuo fazimento/refazimento (Adriana VIANNA; Laura LOWENKRON, 2017) e, por vezes, aparentam um aspecto dissipado, borrado e de difícil classificação. O “será que ele é?” é um questionamento presente e cotidiano nas rodas de fofocas nos rolês em Goiás. Porém, coexistem a isso permanências e expressões cristalizadas de gênero e de sexualidade, residualidades que provocaram – e provocam – várias situações de conflito, de estigma, de constrangimento e de violência.

O gênero, observado pela perspectiva dos rolês, aproxima-se da imagem de um rizoma, de raízes profundas que se espalham para todos os lados. O rizoma, feito de platôs, está sempre no meio e é “um sistema a-centrado não hierárquico e não significativo, sem General, sem memória organizadora ou autômato central” (Gilles DELEUZE; Félix GUATTARI, 2000, p. 33). Essa sua característica borrada, aquarelada, a-centrada e até fluída exigiu na descrição uma operação artesanal e meticulosa, algo próximo do caráter atribuído por Tim Ingold (2015) no exercício de produção de narrativas etnográficas.

Foram dessas perspectivas e da ideia de “máquinas desejanter” de Paulo Rogers (2006) que parei para observar em Goiás situações em que representações e aparências de gênero e de

sexualidade acabavam por ser diluídas diante dos desejos cultivados por meus interlocutores. As cores de tantas relações, costumes e hábitos durante os rolês iam se aquarelando em imagens imprevistas. Por vezes, vi alguns/algumas pessoas moverem sua sexualidade de acordo com o que desejavam, desrespeitando normas e assumindo o “desvio” como uma possibilidade.

Por considerar a ideia de contínuo fazimento, encarei as relações de gênero e de sexualidade em Goiás como alternantes e percebi como as identidades que daí resultavam brincavam de pegadinha com quem as observava participando. Gênero e sexualidade na viagem que lhes convidei a acompanhar e em meu contexto de pesquisa, localizado na cidade de Goiás, apresentaram-se como se estivessem “virados de ponta cabeça”³⁷.

Pois bem, que comece o passeio!

“Arrumei as minhas malas e de viagem sai para conhecer [a diversidade sexual e de gênero no] Brasil do Oiapoque ao Chuí”, mas a viagem foi feita de minha casa mesmo. Sentado em minha cadeira e de frente para o computador bastou visitar com meu *mouse* páginas e mais páginas da internet e ler artigos, dissertações e teses que versavam sobre gênero e sexualidade. Posteriormente pude ver parte dessa viagem refletida nos registros que fizera em Goiás.

Tantos materiais me desvelaram o universo da prostituição feminina na cidade do Rio de Janeiro (Ana Paulo da SILVA; Thaddeus Gregory BLANCHETT, 2005), me levaram ao cotidiano das festas de orgia para homens (Victor Hugo de Souza BARRETO, 2016) e me falaram das teatralizações, realidades e inflexões da produção pornográfica brasileira concentrada também na cidade do Rio de Janeiro (Maria Elvira Diaz BENITEZ, 2009).

Em um percurso “desvirtuado” e que me permitiu subverter o gênero aclamado nas músicas de Teodoro e Sampaio – o masculino, viril e heterossexual – tomei de empréstimo o *ratinho* de Haraway e percorri diferentes estados brasileiros através de estudos sobre gênero e sexualidade. Na região Sudeste, mais precisamente em São Paulo, passei pelo cotidiano dos michês na etnografia de Néstor Perlonger (1987) que interseccionou (antes mesmo que esse debate fosse feito no Brasil) questões de classe, raça, gênero e sexualidade entre homens que transavam com homens. Daí, avançando alguns anos, fui ver no escurinho do cinema, em saunas gay e em clubes de sexo masculinos contemporâneos a exigência de uma hipermasculinidade entre homens que transam com homens (Camilo BRAZ, 2012).

³⁷ Uso a expressão não apenas para brincar com o texto de Haraway, mas para alertar que a princípio as expressividades de gênero e de sexualidade em Goiás causam estranhamento. E isto pode se dar por diferentes questões. Em alguns momentos por falta de costume ou desconhecimento e em outros por serem consideradas anormais, antitéticas ou fora do que se convencional como “correto”.

Em sua etnografia “imprópria” Camilo Braz me descortinou intrigantes situações em que se deparou com a busca de muitos homens por outros homens que tinham atributos masculinos, viris e varonis. Em uma visita junto de Camilo Braz aos clubes de sexo masculinos vi como “os usuários buscavam conhecer ‘caras machos’, com postura ‘masculina’, sem ‘trejeitos’ ou ‘afetações’” (2012, p. 27). Verdadeiras idealizações em torno do sexo.

Por intermédio de suas descrições foi possível identificar uma dicotomia no “apresentar-se como ‘discreto’, ‘fora do meio’ e, sobretudo, ‘não afeminado’” (p. 27) determinando a garantia de parcerias para o sexo enquanto o fazer a vez dos “garotos bundinha”³⁸ significava reprovação, desprezo e a conseqüente negativa para parcerias sexuais.

Despedindo-me de Camilo Braz, dos “garotos bundinha”, dos clubes e da rudeza *leather* em São Paulo, arrumei minhas malas num movimento semelhante ao do viajor de Teodoro e Sampaio e sai para conhecer os leques de simbolismos sexuais e de gênero em outras regiões brasileiras. No Sul, em conversa com Ondina Fachel Leal (2012, 2019), encontrei o universo das masculinidades gaúchas. Ainda na região dos pinhões e da “Grande October Fest” vi Joana Maria Pedro (2014) e Anamaria Marcon Venson (2014) problematizarem a categoria de “traficada” e tangenciar a dura realidade de mulheres que se envolvem com o mercado do sexo.

De passagem por Minas Gerais e fazendo uma “ponte aérea” de volta à divertida São Paulo encontrei mais pelo interior desses estados não tão somente mulheres e homens heterossexuais e cis-gênero, mas também uma expressiva diversidade sexual e um universo homossexual prolífico e capaz de produzir uma miríade de expressividades de gênero e de sexualidades quantas lhes fossem possíveis produzir.

Os “caleidoscópios de fluidez sexual” (Sérgio CARRARA; Júlio Assis SIMÕES, 2007) desses lugares me foram descortinados por Anderson Ferrari (2014), José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa (2014), Daniel Kerry dos Santos (2014), Fernando Silva Teixeira Filho (2014) e Marcelo de Paula Pereira Perilo (2017). Cada um desses pares explorou em Leopoldina (MG) ou no interior de São Paulo o cotidiano de homens gays em cidades do interior brasileiro, seus preconceitos, desejos, seus trânsitos para cidades maiores em busca de liberdade, de possibilidades para a homo sociabilidade e/ou para o trabalho. Estes estudos me lembraram das

³⁸ Sobre esta referência, uma quase categoria que descreve bem o desapareço por expressões afeminadas, Camilo Braz contou que os “garotos bundinha”, assim apelidados pelos interlocutores de sua pesquisa, eram nada mais que “dois garotos brancos, na faixa dos vinte e poucos anos, magros, deitados de bumbum para cima na cama coletiva” e que “um deles estava com uma sunga branca”, enquanto “o outro, com uma vermelha [...] abaixo do quadril”. Braz descreveu que esses garotos permaneciam “deitados sozinhos, conversando, balançando as pernas como quem passa o tempo” e que ao correr das horas “alguns chegavam, olhavam”, mas ninguém ficava lá. Entravam, olhavam e saíam. Alguns com olhar de desprezo, ou reprovação”. Isto se dava em razão de os dois garotos serem afeminados e porque esta expressão de gênero “não fazia parte daquele cenário” (2012, p. 136).

manchas homoeróticas cartografadas por Benhur Pinós da Costa (2012) em cidades do interior do Rio Grande do Sul.

À medida em que circulava pelo Nordeste, Norte e Centro-Oeste vi mais que índios e mulheres vítimas de violências ou envolvidos em conflitos por terra. Conforme fui indo para o Brasil profundo me deparei com situações que mereciam atenção. Estevão Rafael Fernandes (2017) me apresentou índios gays e isto me permitiu pensar em narrativas que descongelassem a imagem estereotipada dos povos originários e até para escapar de uma perspectiva do reflexo que pode acometer a narrativa etnográfica e nas imagens capturadas em campo.

No Nordeste brasileiro Roberto Marques (2015) me mostrou, para além da “mulher macho” endurecida pela rudeza do semiárido, diversões e diversidade sexual sendo tecidas ao som do forró eletrônico na sequidão do Cariri.

As paisagens sonoras no Cariri criavam espacialidades e “efeitos no corpo das pessoas ali presentes em sua interação com outros corpos” (Roberto MARQUES, 2015, p. 61). Exemplos disso expressavam-se na escrita de si corporal de Alexandre – um personagem de Roberto Marques – que na festa se posicionava “como um pivô em torno do qual o grupo/ a festa/ o forró, funcionavam” (p. 147). No Cariri eu vi a artesanaria do gênero e da sexualidade através de sua interface com a festa, com corpos em movimento e com as letras das músicas.

Como Roberto Marques (2014) tomei o maior susto com o disparar das caixas de som executando “Bomba no Cabaré” de Gabriel Morais³⁹, música muito parecida com “Pegou fogo na zona” de Teodoro e Sampaio tocada na festa junina da rua da Conceição (rua do Capim) em Goiás. Pela ótica do antropólogo pude ver como se dava o trânsito de objetos relacionáveis, mas dessemelhantes, para as relações de gênero.

No Cariri, ao som do forró, Marques me apresentou a “colagem de pedaços dessemelhantes para se construir um novo produto” (Roberto MARQUES, 2014, p. 03). E este produto era o gênero e a sexualidade em sua constante artesanaria. Ocorrência parecida aos movimentos aquarelados e aquareláveis que vi e ilustrava em meu campo. A identidade aí era uma pegadinha como era em meu contexto de estudo e como também era no universo da pegação homossexual em João Pessoa, na Paraíba me apresentada por Thiago Oliveira (2017).

Percorrendo um nomadismo desejanter junto de Thiago Oliveira (2017) o presenciei cartografar, mensurar e experimentar a geografia do desejo em João Pessoa. No decorrer desse

³⁹ Bomba no Cabaré – Gabriel Morais. “Jogaram uma bomba no cabaré/ Voou pra todo canto pedaço de mulher/ Foi tanto caco de puta voando pra todo lado/Dava pra apanhar de pá, de enxada e de colher!/ No meio da rua tava os braços de Teresa,/No meio fio tava as “perna” de Raqué,/Em cima das telha os “cabelo” de Maria /No terraço de uma casa tava os peito de Zabé!/ Aí eu juntei tudo e coleí bem direitinho fiz uma rapariga mista, agora todo homem quer! / Pode jogar uma bomba lá no cabaré, / Que eu junto os cacos das puta /Pra fazer outra mulher!”.

percurso ele me apresentou aos muitos Jonas das praias, dos banheirões e dos aplicativos virtuais de pegação. Saí de João Pessoa com os recados: “deixe recado dou o cú e chupo gostoso” e “minha tara é essa, qual é a sua?” na cabeça para plainar pela homosociabilidade, pegação e pelo erotismo entre pais de família no interior do Ceará (Paulo ROGERS, 2006).

De uma cidade pequena do Nordeste onde homens se encontravam em uma praça e ali combinavam pegações em moitinhas próximas de açudes parti para o Norte na expectativa de me divertir por alguns instantes em eventos rituais organizados por homossexuais nos campeonatos de Quadrilha (Rafael da Silva NOLETO, 2016) e para conhecer a Festa da Chiquita em Belém do Pará (Milton Ribeiro da SILVA FILHO, 2014). Por fim, mesmo que Teodoro e Sampaio não tenham mencionado em sua música eu retornei para Goiás. Com saudades de “casa” eu regressei de mala feita para ver a homosociabilidade sendo estimulada nas relações entre mulheres e homens em diferentes localidades do interior goiano.

Foi em cenários rurais e em festividades religiosas de Goiás que Silvana de Souza Nascimento (2012) me mostrou como a lógica do homem com homem e mulher com mulher “permitia a construção de redes homo sociais que não produziam a divisão sexual do trabalho de forma engessada” (p. 385). Neste contexto rural e ritual a “segregação sexual não levava necessariamente ao binômio privado-feminino, público-masculino tampouco à dominação patriarcal” (p. 385), mas “privilegiava-se sociabilidades entre pessoas do mesmo sexo, como se houvesse um certo tipo de ‘homosociabilidade’ que excluía um dos sexos nas situações envolvendo reuniões coletivas, mas reunia e condensava pessoas do mesmo sexo” (p. 385). Isto se aproximou muito do que eu via nos rolês em Goiás. Embora garotas e garotos se afirmassem heterossexuais o fato de conviverem de acordo com esta lógica do “homem com homem” e “mulher com mulher” confundiam o olhar acostumado com a heteronorma, dissipava as fronteiras rígidas do gênero e fazia das identidades verdadeiras brincadeiras de pegadinha. Às vezes as identidades de gênero e de sexualidade se confundiam de tal forma que saímos na dúvida tal qual ficou expresso na dúvida das garotas em torno de Armando.

Terminada a viagem e interessado em ver na cidade de Goiás o que eu presenciara por outros lugares do Brasil passei a percorrer em minha cidade os seus espaços de festa e de encontros na expectativa de registrar os caleidoscópios de fluidez sexual, de ver como a sexualidade é produzida e representada e entender como o gênero é tecido e expressado. Foi por conta da dificuldade em cartografar circuitos específicos e grupos de gênero específicos que acabei optando pela diversidade sexual. Já que mesmo os heterossexuais as vezes brincavam de pegadinha comigo não se fez possível recortar um grupo de gênero específico.

A dificuldade em delimitar grupos, sexualidades e até fazer um preliminar estudo em torno das masculinidades – conforme desejava no projeto inicial – exigiu ajustes e adaptações. Aos poucos articulei diálogos, negocie relacionamentos, desenhei limites, revi metodologias e teorias, abandonei possibilidades de análise e administrei diferentes “saías justas” que me foram apresentadas durante a pesquisa e que poderiam atrapalhar minha entrada e minha permanência nos rolês como um observador/investigador.

Depois de recortes e ajustes no projeto e na pesquisa voltei meus interesses para a diversidade sexual e de gênero entre grupos juvenis (jovens universitários, estudantes, trabalhadores ou os denominados “rolezeiros”) e isto fez com que eu passasse a frequentar festas, rolês e encontros de pessoas em diferentes lugares da cidade de Goiás.

No decurso de minhas deambulações eu propus – preliminarmente – delimitar algumas fronteiras geográficas em que pretendia me concentrar para desenvolver a pesquisa. A princípio estas fronteiras se circunscreveram ao Centro Histórico de Goiás, porém, à medida em que o campo se descortinou frente aos meus olhos, o delineamento espacial que eu fizera e que inicialmente se restringia ao antigo “centro” de Goiás – o contemporâneo Centro Histórico – precisou ampliar-se e se atomizar para diferentes lugares da cidade.

Consoante ao meu bom relacionamento de pesquisa com os meus interlocutores e por ser característica de seus rolês e de suas diversões o trânsito e a mobilidade pelo espaço eu precisei ampliar e até descentrar o meu preliminar “lugar antropológico” (Marc AUGÉ, 1994; Mónica LACARRIEU, 2012)⁴⁰. Entendendo-o agora em uma perspectiva mais ampla, expansível às suas territorializações, eu fui ver os conflitos e as múltiplas espacialidades em choque, encontro e diálogo em um mesmo espaço. Tomei os lugares como em “disputa” e nas noites de festa, enquanto observava os rolês, eu tentei capturar as geografias que estavam em jogo na praça e por outros lugares de Goiás. Só depois disso pude compreender as geografias dos rolês, os agenciamentos das diferentes pessoas e os seus deslocamentos⁴¹ pela cidade.

⁴⁰ Tomo por lugar antropológico a mesma perspectiva sugerida por Marc Augé (1994), a de uma “construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja (p. 51). Junto a este entendimento aproximo as problematizações de Mónica Lacarrieu (2013) para apontar que os “lugares são o resultado de processos de coprodução vinculados aos especialistas – planejadores, gestores, antropólogos, etc. – mas também aos sujeitos e coletivos sociais relacionados com os mesmos” (p. 20), por fim entende-se esses lugares como invenções ou mesmo imaginações na acepção de Benedict Anderson (1990).

⁴¹ A impressão expressa é a de que se pode encontrar no espaço várias geografias humanas pelo espaço. Alguns encontram-se estratificadas em construções históricas, remetem a outras temporárias, mas no presente são (re)apropriadas por diferentes personagens que dão a sua utilidade inicial outro uso ou fim. Nesse momento os atores sociais criam outras geografias, estabelecem outras fronteiras e territórios, fabricam outras territorialidades e espacializações. Aproximando-se de Milton Santos entendo geografias aqui com o resultado contínuo em que a sociedade vai inserindo pelo espaço seus territórios fabricados no momento de seus processos sociais. Em certa

O estado de mobilidade dos rolês fez com que minhas fronteiras espaciais e antropológicas se alargassem. O espaço se dividia no decorrer dos rolês e festas em multilocalidades e as fronteiras espaciais cresciam à medida em que eu me aproximava mais das histórias de vida e das trajetórias de meus/minhas interlocutores.

Muito parecido com as otãs – as pedras do candomblé – descritas por Roger Sansi (2013), o meu campo tinha uma materialidade e uma corporalidade que se sobrepunha ao espaço geográfico oficialmente reconhecido pela alcunha de “Centro Histórico”, daí porque também trouxe os desenhos e fotografias. Estas permitiam mostrar de uma forma plástica a sobreposição de tantas geografias e permitiam borrar as fronteiras entre a antropologia e a arte.

As festas e os rolês também tinham “uma vida oculta”. Aproximando-os da analogia do segredo mobilizada por Roger Sansi para analisar os interditos de inteligibilidade em rituais de matriz africana, em meu caso, nos rolês, também existiam “degraus de intimidade e de segredos, indispensáveis para a continuidade de sua força e mistério” (2013, p. 108).

A similitude com as pedras que crescem em terreiros de candomblé me permitiu dizer que além de terem energias próprias, no interior das festas e dos rolês havia dimensões de segredo e de intimidade que eu não podia revelar e que não me cabia tornar visíveis. Muitas coisas “que aconteciam no rolê, ficavam no rolê” e, firmados os acordos, eu não podia torná-las públicas, mesmo que alterasse nomes e garantisse a anonimidade dos participantes. Essa mesma dinâmica entre o mostrar e o esconder foi bastante explorada por Eve Kosofsky Sedgwick (2007) através da alocação “epistemologia do armário” e dos regimes de intimidade em relações homoafetivas. Tal interesse de análise tem tangenciado vários trabalhos que discutem gênero e diversidade sexual no Brasil e se faz presente de uma forma exemplar nos *kairós*⁴² do carnaval entre homossexuais do Pantanal descritos por Guilherme Rodrigues Passamani (2015).

Como nos carnavais de Passamani (2016), os rolês e as festas em Goiás tinham uma característica própria. Eles constituíam um período especial, eram espaços de tempo que ofereciam oportunidades infinitas aos seus *habitués*. Os rolês e as festas eram momentos de diversão, mas também de criação, de subjetivação e de compartilhamento de experiências e de

medida aproximo-me das sugestões de Doreen Massey em torno de uma perspectiva trans espacial do espaço global e de Eric Wolf que lembra os processos históricos e sociais de produção de espaços, lugares e geografias.

⁴² Remontando à antiguidade grega Guilherme Rodrigues Passamani (2016) aponta que *kairós* “representava aqueles momentos específicos em que eram exigidas decisão e ação”, mais próximo a Foucault ele aponta que “*kairós* marca a forma material e temporal de representação da ação dos sofistas, isto é, pensá-lo é uma maneira de criticar a separação, proposta por Platão, entre poder e saber” por fim conclui que *kairós* é “é o tempo do instante, aquele que não tem retorno, o tempo que permite a construção de algo diferente do ordinário. Ele é específico” (p. 58).

interesses⁴³. Ambos constituíam um *kairós* – uma instantaneidade de especificidades, acontecimentos singulares – que exigia atenção e um olhar aproximado. Por esta e por tantas outras razões, logo que me posicionei dentro desses eventos e me acerquei de diferentes grupos juvenis, inserindo-me neles, acompanhei o seu fluxo por diferentes espaços da cidade de Goiás.

Nos finais de semana e nas noites de festa, eu ia de um extremo ao outro da cidade; contudo, quase todos os rolês de que participei muito costumeiramente meus interlocutores e eu iniciávamos no Coreto ou nele terminávamos. A praça do Coreto e o Centro Histórico tinham uma enorme força expressiva para a minha pesquisa e esta diuturnamente explodia na forma de corpos humanos que ali estavam a se desenhar cotidianamente. Era nestes espaços em que eu via tantos corpos se encontrarem e se debaterem. Ali eles dançavam, expunham seus desejos, expressavam suas sexualidades e seu gênero, se conectavam, se divertiam e sobrepunham/impunham as suas geografias a tantas outras que ali permaneciam estratificadas⁴⁴.

Diante dessas informações, eu não podia ignorar que a maioria de minhas descrições eram feitas ao redor do Coreto, que meus trajetos dele partiam e que os rolês dele nasciam e cresciam. Consciente da energia que reverberava de tantos espaços e vendo conexões sendo traçadas pelos grupos juvenis que acompanhava entre tantos lugares da cidade, eu enumerei alguns fatores que corroboraram as minhas escolhas e que explicam o que me fez tomar o Centro Histórico e circunscrições como um “lugar antropológico” (Marc AUGÉ, 1994; Mónica LACARRIEU, 2012) e um espaço produzido por políticas e poder:

- São nesses espaços (o Centro Histórico e a praça do Coreto) em que se concentram a maioria das festas realizadas na cidade de Goiás;

⁴³ Alexandre Pereira Barbosa (2005; 2010) apontou em sua dissertação diferenciações entre os rolês dos pixadores e outros rolês. Segundo ele “Quando um pixador diz que vai “fazer um *rolê*”, não significa que ele vai dar uma volta ou sair para se divertir em um bar ou danceteria, conforme o uso que esta expressão tem entre os jovens paulistanos que não pertencem ao mundo da pichação e até em Goiás, conforme observei durante a realização da pesquisa de campo. “Fazer um *rolê*”, entre os pixadores, significa sair para pixar a cidade. Ao se referir ao ato de pixar como *rolê*, estes jovens passam a ideia de andar pela cidade, deixando nos lugares por onde se passou a sua marca estampada. É como se eles estivessem dizendo ‘*eu estive aqui*’” (2005, p. 52-53). Todavia posteriormente ele ampliou a ideia de rolês entendendo-a como “O termo *rolê* é uma gíria muito comum no Brasil e seria o mesmo que fazer um passeio, traz, portanto, a ideia de circular pela cidade para se divertir” (2016, p. 546). Embora ele tente diferenciar as conotações de “*rolê*” em um primeiro momento quando as observo panoramicamente consigo compreender que todas as conotações do termo *rolê* se aproximam da expectativa em se apropriar dos espaços da cidade, de usá-la sobre outras lógicas e criar outros mundos possíveis. É por esta perspectiva que tenho tomado a movimentação das juventudes em Goiás, é o entendimento mais próximo ao que me relataram em Goiás sobre os rolês na praça do Coreto.

⁴⁴ Sobre tal questão o trabalho de Luz Stella Rodríguez Cáceres (2012) em torno do Quilombo do Sacopã oferece algumas análises interessantes. Vendo situações de conflito em torno de muitas geografias estratificadas em um determinado espaço da cidade do Rio de Janeiro a geografa explorou a perspectiva de lugar através da saga da família Pinto na ladeira do Sacopã que em busca do reconhecimento de seu direito ao espaço em que vive por gerações tem enfrentado diferentes frentes de disputa que vão desde a especulação territorial na cidade do Rio, a intensificação do fenômeno urbano, a monumentalização da natureza imbuída por um certo discurso ambientalista de forte chamado elitista, a morosidade e burocracia dos trâmites públicos.

- Existem muitas diferenças no uso dos espaços que compõem o Centro Histórico entre o dia, à noite, aos fins de semana e nos períodos de festa;
- Aos fins de semana e em períodos de festa, dentre todas as praças existentes em Goiás, é na do Coreto, localizada no Centro Histórico, que se encontra uma considerável quantidade de pessoas gozando de algumas horas de lazer;
- O Coreto é o ponto de parada para turistas e para os moradores da cidade. Todas e todos, em algum momento, cruzam este lugar;
- A praça é considerada um “ponto de encontro da moçada”, um palco para os seus rolês e uma espécie de ponte que conecta diferentes outros espaços da cidade;
- Nesta praça se pode ver diferentes expressividades de gênero e de sexualidade. Estas me chamaram a atenção em razão de não serem comuns em outras praças da cidade;
- Embora a praça do Coreto aparente ser um espaço agregador, à medida em que adentramos as sociabilidades e os rolês que nela se desenvolvem, vimos cruzar e até se chocar por seu espaço muitas disputas, conflitos, opressões, políticas e preconceitos sociais;
- O Centro Histórico e a praça do Coreto são espaços repletos por territorializações e por muitas espacialidades que merecem atenção;

De posse desses fatores, e já tendo feito algumas escolhas teóricas e metodológicas, eu intensifiquei minhas observações. Aos fins de semana, eu frequentava a praça do Coreto e com maior constância passei a percorrer o Centro Histórico durante o dia e a noite. Em minhas deambulações, sempre procurava conversar com diferentes pessoas. Foi por intermédio dessas conversas que eu criei laços de amizade, estreitei relações e reforcei tantas que já existiam.

Logo que eu alinhei afinidades com jovens que se divertiam no Coreto, iniciaram-se as combinações de encontros, de rolês, de idas a festas, de saídas para beber e para estarmos juntos. À medida em que a aproximação do “pesquisador” com os “pesquisados” se consolidou, eu expliquei como funcionaria a pesquisa, informei os meus interesses, as minhas expectativas, os meus limites, destaquei que trabalharia diretamente apenas com pessoas maiores de 18 anos⁴⁵,

⁴⁵ Embora mencione que diálogos com pessoas menores de 18 anos, estes diálogos se restringiram a conversas feitas durante as festas e os rolês. Durante o desenvolvimento da pesquisa eu consegui constituir uma espécie de grupo focal composto por pessoas maiores de 18 anos, porém nas noites de festa na praça do Coreto e em festas realizadas na cidade de Goiás era bastante comum encontrar menores de 18 anos. Na praça do Coreto por vezes vi jovens que aparentavam ter entre 15 e 17 anos de idade e até com menos idade. Com estes jovens, por questões éticas, escolhi não trabalhar. Ocorreu também que no decorrer da pesquisa algumas pessoas foram sendo inseridas no grupo focal. Quando comecei a pesquisa, em 2017, algumas pessoas tinham 17 anos, porém elas passaram a participar da pesquisa apenas quando completaram 18 anos.

informei que o anonimato dos participantes seria preservado, apontei quais os possíveis riscos de participar da pesquisa⁴⁶ e finalmente pedi a autorização para observá-los em seus rolês.

Na maioria das vezes, eu recebi concessão imediata para realizar a pesquisa, para gravar vídeos, para registrar áudios, fazer fotografias, produzir desenhos, para acompanhá-los e para estar junto deles onde quer que estivessem. Por vezes, eu recebia fotografias que tirávamos durante os rolês ou mesmo vídeos que me eram confiados. Em várias situações, estas fotografias vinham com uma história, com explicações das razões de seu arquivamento e os pedidos para que eu as trouxesse estampadas neste trabalho.

Algumas dessas fotografias eu optei por transformar em desenhos, – em razão de colocarem em risco a anonimidade dos interlocutores. Alguns, por saberem que eu desenhava, me pediam a transformação das fotografias em desenhos e sempre lembravam do prazer em ter estas imagens contendo um pedacinho deles e delas nesta tese, porém respeitando a anonimidade.

A aceitação para o desenvolvimento das observações foi bastante rápida. Os jovens (universitários, estudantes e rolezeiros) ali na praça e nas festas eram consideravelmente agregadores. Pelo menos comigo, as pessoas demonstravam alguma abertura e permitiam a minha aproximação, talvez por me conhecerem antecipadamente. Outros me transformaram em uma “coisa” de seus rolês, uma figura necessária para os rolês e me apresentavam como um antropólogo que os estudava, os via transar, se divertir, beber e falar da vida. Porém, eu já percebera que havia limites, clivagens e dissimetrias, às quais eu precisaria me atentar para não prejudicar a pesquisa ou mesmo levá-la para caminhos que eu não desejava percorrer.

A princípio, minha corporalidade ali na praça provocou grande curiosidade e certo rebuliço. A pesquisa atಿçou expectativas. As pessoas queriam saber e entender o que eu estava fazendo ali no interior das festas, dos rolês e sempre rodeado por pessoas de diferentes coortes geracionais (jovens estudantes, amigos mais velhos e universitários).

O fato de eu ser bastante conhecido entre os frequentadores de diferentes espaços de sociabilidade em Goiás tinha algum peso. Eu não era qualquer pessoa. Eu era o “professor Paulo”, havia participado da formação básica de grande parte dos que comigo estavam pelo Centro Histórico de Goiás e demais rolês.

⁴⁶ Dentre possíveis riscos para os participantes envolvidos em minha pesquisa o único que me apareceu foi a possibilidade de terem suas identidades visibilizadas ou de perderem o anonimato que lhes garanti no momento que os convidei. Consciente desse risco tomei precauções para evitar que algo assim ocorresse. Algumas alternativas foram a alteração dos nomes e o uso de desenhos na construção das narrativas etnográficas.

Eu pertencia a outro coorte geracional e tinha uma representação que expressava certa autoridade. Eu era uma personalidade, um “cara mais velho”, uma espécie de “tiozão”, um “aconselhador” e às vezes um intermediador de conflitos. Ali na praça, eu tinha uma representação multifacetada. Eu era muitos. E isto bastava para que minha presença em festas, em rolês e em *afters*, entre garotas e garotos de diferentes idades, despertasse muitas sensações e diferentes emoções. Entre algumas pessoas, eu era detestado em razão de ser considerado “chato”, para outras eu era um “cara massa” por ser um professor politicamente envolvido com o movimento feminista, antirracista, com as questões de gênero, com a diversidade sexual, por gostar de festas, sertanejo, funk, por ostentar um copo de bebida muito utilizado pelos universitários, ousar “balançar a raba”, usar *juliet*⁴⁷ e por estar junto deles e delas em seus rolês.

Existiam aqueles/as que me representavam como um “professor baladeiro”⁴⁸; eu era uma figura exótica e que despertava nos frequentadores dos rolês diferentes sentimentos. Existiam aqueles que me descreviam como “respeitador”, segundo eles e elas, pelo fato de eu “não assediar ninguém”, “não abusar da confiança” e por “ser desinteressado”⁴⁹.

Havia ainda questões relativas ao desejo e que não passaram despercebidas durante a realização da pesquisa. Corroborando algumas das impressões de Carlos Eduardo Henning (2014) levantadas em sua investigação feita entre homossexuais de meia idade e/ou velhos na cidade de São Paulo, o fato de eu ser alguém mais velho, de aparentar fisicamente ter mais idade que as pessoas ao meu redor não me excluía dos leques de simbolismos sexuais, dos jogos de desejos e do erotismo que circulava pela praça, pelas festas e pelos rolês. A dimensão de envelhecimento se dava socialmente e a forma desse envelhecimento variava conforme os grupos que acompanhava, os sentidos de geração e o sentimento do tempo.

Eu era desejado. E a erotização de minha pessoa tornou-me ainda mais conhecido à medida em que garotas e garotos me buscavam para saber de minha orientação sexual, para me confessar sobre seus desejos em torno de minha corporalidade ou que me seguiam nas redes

⁴⁷ Modelo de óculos de sol produzido pela *Oakley*. Curiosamente esses óculos fazia muito sucesso e era utilizado por muitos de meus interlocutores tanto durante o dia quanto a noite. Acredito que o fato de eu aceitar determinados adereços típicos desses jovens foi um canal de diálogo, foi algo próximo a uma troca de dádivas. O fato é que isto os permitia se identificar comigo e conseqüentemente me deixar estar por ali.

⁴⁸ “Baladeiro” era uma derivação de “balada”. Como não era comum ver professores em festas e junto das juventudes eu acabei por ser conhecido como um “professor baladeiro”.

⁴⁹ Ao me descreverem desta forma muitos jovens lembraram que havia situações opostas. Na contramão de meu comportamento, entendido por eles como “respeitoso”, existiam outras pessoas (“mais velhas” que “abusavam da confiança”) que extrapolavam todos os limites de um relacionamento de amizade, de diálogo e de proximidade.

sociais e em aplicativos de relacionamento. A minha corporalidade ali na praça pesava, tinha importância e merecia alguma atenção⁵⁰.

Ao redor do Coreto, ao mesmo tempo em que eu estudava junto às pessoas elas também me estudavam, me avaliavam e me observavam. Compreender e considerar os jogos de desejo me permitiram discutir a importância das “subjetividades no trabalho de campo, no sentido de superar a ideia de neutralidade na relação pesquisador/pesquisado e romper com o mito do antropólogo assexuado” (Nilma Lino GOMES, 2019, p. 43).



Desenho 10 – Eu e as “saias justas” em que me metia em meio aos rolês. Como saio dessa agora? Fonte: Diários de campo de 2017 até 2019.

Sempre que eu abordava alguém ou era abordado, no decorrer de conversas e diálogos, eu costumeiramente era indagado sobre a minha sexualidade, a minha orientação sexual, os meus desejos, os meus gostos e as minhas vontades. Eram tantos inquéritos, tantos questionamentos e dúvidas que elas acabavam por trazer à baila, em plena praça e as festas, os temas do gênero, da sexualidade e do desejo. Indagações como: “Mas me conta: você é gay?”, “Paulo, você não fica mais com mulheres?” ou “Você não ficaria comigo?” ditavam o ritmo das conversas e abriam ou fechavam possibilidades de diálogos.

As minhas respostas para tantas perguntas mereciam um cuidado tremendo, pois, dependendo de como eu respondesse, a forma como soavam as minhas expressividades poderia afastar as pessoas de mim ou potencializar expectativas. Entre acertos e erros – uma dinâmica melhor compreendida

⁵⁰ Sobre tomar como relevante a minha corporalidade Camilo Braz aponta que “Sendo uma pesquisa que demandou necessariamente a minha exposição em contextos permeados por expectativas que giram em torno do desejo, uma estratégia para tornar [as ‘saias-justas’ da pesquisa] metodológica e analiticamente rentáveis foi tomar a corporalidade tanto como objeto de investigação quanto em certo sentido como metodologia de pesquisa” (2012, p. 50).

apenas no presente etnográfico – eu fui gerindo “saías justas” (Alinne BONETTI; Soraya FLEIXCHER, 2007), desejos (os de meus interlocutores e os meus), muitas expectativas e algumas frustrações.

Afirmar-me gay para garotos que me buscavam despertava algumas expectativas. E isto aconteceu inúmeras vezes. Porém percebi que ser sincero, educado e bastante aberto para o diálogo era sempre a melhor saída para tantas “saías justas” que o campo me impunha. Negar a possibilidade de ficar com mulheres e homens era seguido por comentários frustrados como: “poxa, que desperdício”, “que pena, sempre quis te beijar”, “que coisa hein, você é tão massa”, “você é um fresco, Paulo”, “enrolado” e “todo mundo diz que tu és enjoado pra caralho, né?”.

Deixar claro que embora eu tivesse descido “para o *playground*” a fim de brincar, a minha brincadeira tinha limites e circunscrições, foi crucial para o desenho de meu campo, respeitando assim também a minha própria consensualidade. As palavras “respeito”, “diálogo”, “compreensão” e “limites” combinadas com a escuta atenta do que os jovens universitários me contavam e com a discrição em torno do que me contavam garantiu-me a autorização para entrar de vez nos rolês – uma entrada com ressalvas, afinal eu não era um jovem de 18 anos e nem amigo da maioria que estava observando e acompanhando nos rolês.

Ultrapassado esse primeiro momento, gradualmente percebi que ali na praça as identidades eram pegadinhas. Às vezes, o que aparentava uma coisa no fim se convertia em outra e para perceber isto bastava uma troca de olhares, um aperto de mão seguido de uma cutucada na palma de minha mão, um abraço, uma passada de mãos pela minha cintura. Todos esses gestos podiam indicar um convite para algo mais aproximado ali mesmo nas imediações da praça, ou em outro lugar. Estas ações exigiram de mim um cuidado extremado na condução dos relacionamentos que desejava manter com as pessoas no decorrer da pesquisa e o nível de envolvimento que permitiria. Um fato curioso era o desejo e a curiosidade que acercava a minha corporeidade. As pessoas que me relatavam coisas muito íntimas, que me mandavam fotos ou que me convidavam para assisti-las transar não faziam isso por mera brincadeira. Elas realmente erotizavam o meu corpo e, pelo menos no âmbito das ideias, acreditavam me possuir.

Aos poucos, fui vendo que muitas relações aparentemente baseadas no diálogo por vezes eram encaradas como jogos de sedução e apimentadas pela fofoca. Percebi que estes jogos envolviam leques de desejos infinitos e que eu precisaria tomar certos cuidados para que a pesquisa e a minha representação enquanto pessoa e pesquisador não acabassem fraturadas pelas derivações do alto nível da pessoalidade em Goiás. E uma dessas derivações era a fofoca.

Um ano após ter iniciado a pesquisa, descobri entre meus interlocutores que havia uma aposta para ver qual deles me pegava primeiro. Eu havia me tornado em corpo disputado.

Havia também um acirramento das relações interpessoais na cidade em função do impeachment de Dilma Rousseff, da misoginia coletiva que apropriou a corporalidade da ex-presidenta como um “bode expiatório” para todos os problemas do país, do ódio fabricado em torno do Partido dos Trabalhadores (PT), da ascensão de figuras ultraconservadoras, da bancada partidária evangélica, do combate às questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual e da proximidade do período eleitoral. Não é um segredo que as eleições de 2018 foram extremamente polarizadas e que ficaram marcadas pela escalada da violência e da intolerância, principalmente perpetradas por eleitores do atual presidente, Jair Messias Bolsonaro (sem partido).

Considerando tudo isto, vi que qualquer movimento em falso poderia transformar a tranquilidade que eu sentia no desenvolvimento da pesquisa e em minha vida na cidade de Goiás em um verdadeiro “inferno”, conforme abordou-o Rosane Prado Manhães (1995; 2003) no instante em que avaliou as diferentes emoções despertadas entre pessoas que viviam na pequena Cunha, no interior de São Paulo ou em Ilha Grande, no interior do estado do Rio de Janeiro.

Uma vez inserido nos rolês e festas, em amplo processo de registros de campo, ao mesmo tempo em que recebi autorizações para observar os frequentadores da praça e para produzir entrevistas, também pedi que tentassem se comportar da forma mais natural e espontânea possível enquanto eu permanecia ali, sentado no banco, entre tantas pessoas, escutando-as, acompanhando-as e conversando com elas sobre diferentes assuntos.

Evidentemente que alguma coisa mudava com a minha presença ali, mas isto já era um dado de pesquisa e servia como um registro de campo. Me apropriar do paradigma da reflexividade como um dos eixos da pesquisa foi fundamental para que eu tomasse “o trabalho de campo como uma operação colaborativa, na qual os informantes e o antropólogo constroem mutuamente explicações e interpretações” (Camilo BRAZ, 2012, p. 45). Isto dava ao campo e à etnografia uma característica artesanal, tal qual acreditava estarem sendo tecidas as expressividades de gênero e de sexualidade na praça, no Centro Histórico, nas festas e rolês.

Tal perspectiva metodológica e de condução da investigação auxiliou-me na administração das desconfianças que por vezes pairam sobre pesquisas que exigem um nível de envolvimento – afetivo e até emocional – com as pessoas que dela participam e que muito provavelmente pairavam sobre a minha pesquisa e a minha pessoa.

Em razão de me interessar por gênero, diversidade sexual, diversões, sensualidade, corpo, erotismo e o sexo em público em uma cidade pequena, como já dito, eu temia possíveis prejuízos desencadeados pela fofoca, tais como os estigmas sociais e a violência.

Considerando que o espaço de tempo em que se circunscreveu a pesquisa (2017 até 2019) insere-se em um contexto marcado pelo pânico moral (Gayle RUBIN, 2019; Jeffrey WEEKS, 2007; Richard MISCOLKI, 2017)⁵¹, tomei como muito úteis as sugestões de Camilo Braz (2012) em torno das “saías justas” que poderiam derivar de meus interesses epistemológicos. No processo de realização do campo, acabei optando por entender as “saías justas” “metodológica e analiticamente rentáveis” e encarei a “corporalidade tanto como objeto de investigação quanto em certo sentido como metodologia de pesquisa” (p. 50).

Me perceber em campo, exteriorizar meus desejos, circunscrever meus limites, minhas marcas sociais e permitir que me percebessem neste campo abriu outros leques de possibilidade para análise, para a pesquisa e para o meu relacionamento com os meus interlocutores.

Ainda que existissem “possibilidades de experiências sexuais na construção da narrativa etnográfica” (Camilo BRAZ, 2012, p. 47) eu não achava necessário praticar o sexo – em um sentido, digamos, físico – para etnografá-lo, até porque “a minha participação em campo incluía uma enorme possibilidade de engajamentos, trocas e diálogos para além da prática sexual” (p. 47). O fato de ser convidado para assistir pessoas transando, ser depositário de segredos, buscado para solucionar conflitos, dar conselhos e requisitado a desenhar cenas de alguns papéis consideradas socialmente “impróprios” e desviantes já exigia de mim grande fôlego analítico. E em boa parte desses momentos, não praticar sexo não significava estar ausente de certos jogos e expectativas eróticas – afinal, eu era convidado a assistir certas cenas; e outras me eram enviadas por aplicativos; ou, ainda narradas em detalhes e solicitadas que as desenhasse.

Somado a opção por não fazer sexo – me refiro ao significado lato da palavra “sexo”, o envolvimento físico – em campo, eu me sentia inseguro com relação a diferentes tipos de violência que poderiam surgir caso optasse por praticá-lo. O fato de esta ser uma pesquisa preocupada com questões de gênero e sexualidade em uma cidade de interior, feita entre

⁵¹ Pânico moral na acepção de Jeffrey Weeks e Gayle Rubin é “o “momento político” do sexo, em que atitudes difusas são canalizadas em ação política e a partir disso em mudança social”. “Devido a sexualidade nas sociedades ocidentais ser tão mistificada, as guerras sobre ela são comumente combatidas a partir de ângulos oblíquos, focadas num alvo falso, conduzidas com paixões deslocadas, e são altamente e intensamente simbólicas. Atividades sexuais muitas vezes funcionam como significante de apreensões sociais e pessoais com as quais não tem uma conexão intrínseca. Durante um pânico moral tais medos se ligam a uma infeliz população ou atividade sexual. A mídia se torna inflamada com indignação, o público se comporta como uma massa fanática, a polícia é ativada, e o estado põe em ação novas leis e regulações. Quando o furor passa, alguns grupos eróticos inocentes foram dizimados, e o estado estendeu seu poder em novas áreas do comportamento erótico” (p. 35-36).

diferentes grupos juvenis em um momento em que tais temas eram duramente combatidos por certos setores da sociedade poderia me direcionar uma atenção maior que aquela dada a pesquisadores voltadas para outros temas, interesses e expectativas.

A fofoca – muito característica de Goiás – não me incomodava tanto. Afinal, muitas pessoas sabiam de minha orientação sexual e me conheciam. Porém, há que considerar o acirramento dos ânimos na cidade, a visibilidade que atraía para mim, os relatos de violências e alguns casos de homofobia que, de certa forma, haviam sido inflados pela fofoca feita em redes sociais, pelo “de boca em boca” (Patricia FASANO, 2006) e o apontar de dedos me acendeu um alerta e me sinalizou outros caminhos dialógicos com os frequentadores dos rolês.

Considerando que a pesquisa e o campo se constituíram de uma forma dialógica – entre mim e os meus interlocutores – avalio que nossos relacionamentos foram intensos, uma vez que pude consolidar minha entrada em campo, estreitei relações de afetos, passei a receber convites para os rolês e festas, pude realizar observações e registrar algumas narrativas bastante importantes para as perguntas que colocara no projeto de pesquisa. A aproximação de muitas garotas e garotos permitiu a constituição de alguma intimidade e que ficaram expressas em convites para sair, festejar, conversar ou para rodadas de cerveja em mesas de bar no Postão⁵².

Com encontros quase sempre sendo realizados no Coreto, eu muito frequentemente encontrava um ou outro disposto a me contar suas aventuras, diversões, desejos e fantasias. Foi nessas primeiras idas ao campo, seguidas pelo convite para ir à festa junina na rua da Conceição (rua do Capim) em que vi a possibilidade para estudar a diversidade sexual em Goiás e as mais variadas expressividades de gênero e de sexualidade entre jovens estudantes em festas e rolês.

Uma vez aprendido que os estudos de gênero têm por objetivos “descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedade e períodos, encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para muda-la” (Natalie DAVIS, 1975, p. 90) eu me voltei para as contribuições de Joan Scott (2008) e Henrietta Moore (1994).

Suas perspectivas de análise me ofereceram possibilidades interessantes sobre o que vinha pontuando em Goiás acerca das questões de gênero e de sexualidade.

Joan Scott (2008) lembrou, em complemento do que dissera Natalie Davis (1975), que o estudo das relações entre os sexos, visto por ela como possivelmente visibilizadas através da categoria “gênero”, “certamente transformaria os paradigmas disciplinares” (p. 50, 2008) e que imporia “um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente” (p,

⁵² Bar localizado em endereço distante do Centro Histórico de Goiás. O Postão é um bar localizado na rua Dário de Paiva, na entrada da cidade (saída para Goiânia) e posicionado do lado de um posto de gasolina chamado Posto Goyaz.

50). Por fim, ela pontuou que sua definição de gênero se compunha de duas partes e alguns subconjuntos que estavam interrelacionados, mas que implicavam análises distintas:

O núcleo da definição depende da conexão integral entre dois pressupostos: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, as quais se baseiam nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária das relações simbólicas de poder. As mudanças na organização das relações sociais sempre correspondem a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não é necessariamente única. Como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos interrelacionados: em primeiro lugar, os símbolos disponíveis que evocam múltiplas (e amiúde contraditórias) representações – por exemplo, Eva e Maria como símbolos da mulher na tradição cristã ocidental – mas também os mitos de luz e obscuridade, de purificação e poluição, de inocência e corrupção. Para os historiadores, as questões mais interessantes são: Que representações simbólicas se invocam, como se invocam e em que contextos? Em segundo lugar, os conceitos normativos que avançam interpretações sobre os significados dos símbolos que tentam limitar e conter as possibilidades metafóricas dos mesmos. Estes conceitos se expressam nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, legais e políticas, e adquirem basicamente a forma de oposições binárias fixas e afirmam de forma categórica e inequívoca o sentido de homem e mulher, do masculino e do feminino. De fato, estes juízos normativos dependem do rechaço ou da repressão de outras possibilidades alternativas, e algumas vezes se apresenta uma luta aberta sobre eles (em que momentos e sob que circunstâncias deveriam constituir uma preocupação para os historiadores?). Porém, a posição dominante fica estabelecida como a única possível. E a história subsequente se escreve como se estas posições normativas fossem o resultado de um consenso social, no lugar de ser o resultado de um conflito. Um exemplo desse tipo de história é o trato que recebeu a ideologia vitoriana da domesticidade, como si primeiro houvesse sido criado em sua totalidade e só mais tarde se houveram manifestado reações em respeito a ela; aquela deveria ser abordada como um tema gerou constantemente profundas diferenças de opinião. Outro tipo de exemplo provém, na atualidade, dos grupos religiosos fundamentalistas, que tem vinculado à força suas práticas com a recuperação de um papel mais supostamente autêntico e “tradicional” de mulher, quando, em realidade, existem muito poucos precedentes históricos que permitam o desempenho inquestionável de tal papel. A questão chave da nova investigação histórica consiste em desbaratar a ideia de estabilidade, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que conduz a aparência da permanência intemporal da representação binária do gênero. Este tipo de análise deve incluir uma ideia de política e uma referência às instituições sociais e as organizações, o terceiro aspecto das relações de gênero. (Joan Wallach SCOTT, 2008, p. 65-66)

Percorrendo um caminho parecido, Henrietta Moore (1994) apontou que:

Todas as formas de mudança social implicam a reelaboração das relações de gênero em maior ou menor grau. Isso porque as mudanças nos sistemas de produção implicam mudanças na divisão sexual do trabalho; conflitos políticos implicam a reconfiguração das relações de poder dentro e além da esfera doméstica; e o gênero, como uma forma poderosa de representação cultural, é envolvido nas lutas emergentes em torno do significado e nas tentativas de redefinir quem é o que são as pessoas. Em nenhum lugar isso ficou mais claro do que nas transformações nas relações de gênero pretendidas em muitos países (anteriormente) socialistas e comunistas (Moore 1988: 136-49). O fato de que as políticas almeçadas por esses países tenham tido apenas um sucesso parcial demonstra que os políticos, assim como os cientistas sociais, ainda precisam compreender como e por que as relações de gênero poderão ser transformadas nas sociedades atuais e nas do futuro (Henrietta MOORE, 1994, p. 828).

Foram destas perspectivas alicerçadas em contínuas mudanças nas relações de gênero e de um contínuo refazimento do gênero e da sexualidade que passei a buscar “todo o complexo de crenças sobre os genitais como signos de substâncias e fluidos mais profundos e sobre as funções e usos adequados dos genitais” (ERRINGTON apud Henrietta MOORE, 1994, p. 818), aquilo “que diferentes culturas fazem do sexo” (Henrietta MOORE, 1994, p. 818) e tentei visibilizar como “muitos outros domínios discursivos da cultura, [davam] origem em algumas circunstâncias a discursos de poder, potência, cosmologia, fertilidade e morte que também aparecem com uma forte marca de gênero” (Henrietta MOORE, 1994, p. 819).

Alicerçado nestas perspectivas, aceitei um convite para sair e ali produzi o registro de campo apresentado no início dessa sessão. Neste registro de campo, embora não tenha visto grandes demonstrações em torno das expressões de gênero e de



Fotografia 05 – Cidade de Goiás, Rua 13 de Maio, Centro Histórico. Fotografia: Paulo Brito do Prado, junho de 2017. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.



Fotografia 06 – Cidade de Goiás, Rua Moretti Foggia, Centro Histórico. Fotografia: Paulo Brito do Prado, junho de 2017. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.

diversidade sexual, pude observar de que modo as garotas que eu acompanhara expressavam seu gênero e sua sexualidade, vi como brincavam com o seu gênero, desmontavam-no enquanto dançavam músicas “antigas” de um sertanejo essencialmente masculino, que não negavam seus desejos, como contribuíam para a fofoca em torno da sexualidade alheia e como envelheciam socialmente, ao passo em que dançavam forrós marcados por um tempo anterior ao delas.

Uma vez na praça e por diferentes espaços de Goiás vendo uma miríade de leques de simbolismos sexuais sendo soturnamente acionados, considerei que o fato de elas estarem ali dançando numa festa dominada por perspectivas heteronormativas, machistas, que as agrediam e as hiper sexualizavam na forma

estética musical, onde letras brincavam de “explodi-las” merecia alguma atenção e que me abriria outros caleidoscópios de fluidez sexual.

Na festa junina da rua da Conceição (rua do Capim) e na praça do Coreto, vi que as pessoas acessavam muitos leques de simbolismos sexuais, que por vezes expressavam seu gênero e sexualidade com alguma tranquilidade, que não se furtavam do desejo, nem abriam mão em ser desejados e desejadas e que não perdiam a oportunidade de transar e compartilhar fluídos sexuais em via pública, desde que a/o parceira/o fosse “confiável” e “desejada/o”.

Nos tempos em que desenvolvi a pesquisa, vi um pouco de tudo que havia no Centro Histórico de Goiás em momentos de festa e em dias comuns também. Evidentemente que junto à diversidade sexual e à sopa de letrinhas (Regina FACCHINI, 2002), havia marcações de gênero e de sexualidade bem definidas, bem desenhadas, com contornos claros e rígidos. Evidentemente havia conflitos e estes eram muitos; porém, no interior de tudo isto eu via na praça do Coreto e em muitas festas artesanias de gênero e de sexualidade que evocavam a “casa da diferença” de Audre Lorde (Donna HARAWAY, 2004).

As pessoas no Coreto e em festas, muitas delas, estavam abertas para experienciar outras possibilidades, muitos desejos e diferentes vontades. Encontrei muitas pessoas dispostas a aprender, a dialogar, a mudar perspectivas de olhar e a ampliar seus leques de simbolismos sexuais, mesmo que permanecessem brincando de revelar e de esconder o seu gênero e a sua sexualidade (Thiago Barcelos SOLIVA; João Batista da SILVA JUNIOR, 2014).

Por esta razão, fiz alusão à ideia de desvanecimento do gênero e da sexualidade, de sua contínua construção e desconstrução. Gênero e sexualidade como lente de análise das sociabilidades de alguns de meus interlocutores ofereciam um campo de experimentação e de produção bastante novo e animador. Porém, existiam paralelamente a isto as expressividades cristalizadas e convencionais de gênero e de sexualidade e até hiper sexualização do corpo da mulher expresso em diálogo com uma interlocutora, que relatou fazer *ménage à trois* (sexo a três) entre ela, o esposo e outra mulher, mas que o esposo “jamais aceitaria um homem no lugar da mulher”. Segundo ela, o esposo dizia que “duas mulheres é sempre melhor”.

No Coreto, sob uma luz amarelada, em meio a construções antigas e históricas, alguns frequentadores noturnos beiravam as “redes dos alternativos” etnografados por Giórgia de Aquino Neiva (2014) em casas de dança em Goiânia ou tomavam diferentes espaços e festas de Goiás como lugares para muitas possibilidades.

No Coreto e no interior dos rolês as “juventudes coloridas”, “amigas, colegas e falsas amigas” (Monica FRANCH, 2012; 2010) se sociabilizavam, produziam suas identidades, as demoliam e construía trajetos e encontros múltiplos e inesperados. Aos poucos, vi que os espaços do Centro Histórico e os espaços – de tempo – das festas eram caleidoscópios de fluidez sexual e que mereciam um olhar cuidadoso em razão de serem desenhados em uma cidade pequena, de interior, famosa, histórica, representada como “tradicional”, berço da moral cristã e mundialmente reconhecida como um Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.



Fotografia 07 – Cidade de Goiás, Rua Dom Cândido Penso (rua da Casa de Cora), Centro Histórico. Fotografia: Paulo Brito do Prado, junho de 2017. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.

CAPÍTULO II

“MOINHO DO TEMPO”: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE GOIÁS

Mesmo na frente da casa velha, do lado de lá do rio, há mais de duzentos anos, caminhando para trezentos, tomou chegada a Bandeira dos “Polistas”. Porto da Lapa – foi chamado o lugar onde desembarcou no dia 26 de julho de 1728 a gente do primeiro Anhanguera.
Cora CORALINA (1989, p. 31)

Goiás foi fundada em 1727 como o resultado de políticas de expansão pelo interior da América do Sul empreendidas por Portugal no século XVIII. A ocupação do Brasil Central resultou do desrespeito português às regras do Tratado de Tordesilhas e que previa ser toda aquela porção de terras a leste do arquipélago de Cabo Verde (África) propriedade espanhola.

Alvo de explorações desde o século XVII, a região só recebeu novas expedições bandeirantistas depois de fundada a capitania das Minas Gerais, em 1720. Doravante ao achado de jazidas de ouro e de diamante nessa localidade, novo empreendimento bandeirante foi organizado na expectativa de vasculhar novamente o planalto central. Nos idos de 1722, partiu de São Paulo a bandeira liderada por Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o diabo velho⁵³.

Esta bandeira circulou anos por localidade já vistoriada no passado e só depois de encontrar fragmentos de uma antiga roça é que perceberam ter alcançado o lugar em que Bartolomeu Bueno da Silva (o pai) havia estado quarenta anos antes (1682). Foi nas imediações desse achado que se construíram acampamentos e se encontraram as primeiras jazidas de ouro.

⁵³ Sobre a origem de Goiás existe toda uma mística construída através do entrelaçamento de muitas narrativas e que reportam às bandeiras anteriores àquela de Bartolomeu Bueno da Silva Filho. Segundo Izabela Tamasso, utilizando-se dos estudos de Taunay, o mito fundador de Goiás começara nas jornadas do pai de Bartolomeu, de mesmo nome e a quem os indígenas com os quais encontrou teriam denominado de “Anhanguera” que significa “diabo velho” após ameaça deste de incinerar o rio Vermelho. De acordo com esta narrativa o Anhanguera teria circulado pela região em 1682 acompanhado do filho e por ocasião dessa bandeira teria encontrado indícios de ouro em Goiás. A narrativa indica que foi apegado nesta evidência que o filho retornou quarenta anos depois. O fato de obter sucesso lhe permitiu herdar a alcunha pela qual indígenas teriam caracterizado seu pai anos antes, deste modo foi “acompanhado do filho – seu homônimo, que seria o segundo Anhanguera, o glorioso descobridor dos jazigos auríferos goianos em 1725” (2007, p. 34). Tamasso completou ainda dizendo que para “o historiador paulista, enquanto o primeiro Anhanguera deu indícios de ouro, o segundo Anhanguera assumiu, na história das bandeiras, o papel de descobridor das minas de ouro de Goiás” (p. 35). No presente esta narrativa mítica vem sempre à baila depois de uma boa olhadela sob a Cruz do Anhanguera, instalada por Luiz Ramos de Oliveira Couto, no lugar da Igreja da Lapa, após evento cívico, em meados do século XX.

Ao passo em que subiram ribeirões, novos achados foram feitos até que se alcançou as margens do rio que recebeu o nome de “Vermelho” e onde também se encontrou ouro. Superado o rebuliço do achado, mais que depressa determinou-se que se construíssem casas nas imediações desse regato. Foi nesta localidade que se organizou a província que recebeu o nome de Vila Boa de Goiás, uma homenagem a Bartolomeu Bueno da Silva Filho e ao seu pai.

A princípio, toda a província resumia-se a pequenas ocupações nas margens de veios auríferos com a sede administrativa em Goiás. A cidade a este tempo era constituída pelos distritos do Rosário e de Sant’Anna, ambos localizados nas imediações do rio Vermelho e separados por pontes, conforme representou José Alencastro Veiga na fotografia que fizera do alto de uma das torres da Igreja do Rosário dos Homens Pretos em meados do século XX. A este tempo, a cidade também contava com alguns outros distritos afastados desta localidade, a exemplo dos distritos do Carmo e o de Davidópolis, popularmente chamado de “Bacalhau”⁵⁴.

Ao longo da constituição de seu território, nos séculos XVIII e XIX, Goiás recebeu intensa quantidade de pessoas interessadas na economia aurífera. Acompanhando tantos mineiros, vieram para a região negros escravizados⁵⁵, de origem e de descendência africana. Paulatinamente, tantas pessoas de diferentes origens e culturas foram se relacionando com os

⁵⁴ Bacalhau parece ser uma referência ao uso da corda de mesmo nome utilizada para amarrar e castigar escravos nas fazendas existentes no lugar que acabou herdando o nome, todavia é importante considerar a história da marcação territorial e observar os nomes que este distrito recebeu ao longo de sua história. Em 1904 a redação final do projeto de lei número 14 produzido pelo Conselho Municipal da Capital de Goyaz decretou que ficasse “creado o districto de ‘Paz’ na povoação do ‘Bacalhau’ com sede na mesma povoação”. Pelos registros de demarcação territorial do município de Goiás e de seus distritos compreende-se que o povoado do Bacalhau receberá esse nome em razão de o rio que banha a região já ter esse nome que ainda no é de origem desconhecida. Posteriormente o distrito teve seu nome alterado novamente. Para atender interesses políticos permitiu-se que se caísse no esquecimento a denominação “Paz” e em homenagem a David Nascimento, uma liderança oligárquica do lugar, se aprovou lei renomeando a região de distrito de Davidópolis, o curioso é que a denominação “Bacalhau” permaneceu com força e ainda quase nada se sabe da origem desse topônimo. Esses documentos podem ser conferidos na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi”.

⁵⁵ Tenho tomado, ao longo desta tese, a ideia de corpo como um componente físico social e historicamente construído. Algo bem próximo do que apontou Marcel Mauss (2003) em suas reflexões sobre as técnicas do corpo: “A posição dos braços e das mãos enquanto se anda é uma idiosincrasia social, e não simplesmente um produto de não sei que arranjos e mecanismos puramente individuais, quase inteiramente psíquicos” (p. 404). Aos corpos marcados pela pigmentação retinta – o preto constante nos censos do IBGE - optei pela abordagem de Nilma Lino Gomes (2019) em torno da “identidade negra” e do corpo histórica e socialmente enegrecido e escravizado. Uma vez que em território brasileiro a construção das identidades negras é atravessada por processos complexos entendo a importância de observar esses corpos enegrecidos e escravizados como uma construção social e histórica fortemente relacionada ao processo moderno do trabalho servil inaugurado entre os séculos XIV e XV. No que tangencia esta construção Nilma Lino Gomes elencou que as “identidades negras foram (e têm sido) ressignificadas, historicamente, desde o processo da escravidão até às formas sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e de continuidade e recriação de referências identitárias africanas” (2019, p. 29).

povos originários [indígenas] que já habitavam a região, muito antes da invasão branca e europeia⁵⁶.

No decurso de cinquenta anos de existência – ainda no século XVIII –, Goiás sobrevivia da exploração do ouro e de uma economia de subsistência baseada na adaptação de seus recursos naturais. Dessa adaptação derivaram costumes alimentares que hoje se unem ao patrimônio cultural transformando-se em elementos da identidade cultural local⁵⁷.

Entre os séculos XVIII e XIX, as minas de ouro de aluvião escassearam e uma crise conjuntural daí derivada forçou a adoção de um novo modelo econômico baseado na produção pecuarista e na agricultura. Esta crise, contudo, não levou ao abandono da mão-de-obra escrava.

O oitocentos conservou em comum “com os ‘tempos do ouro’ uma sociedade ainda caracterizada pela presença de uma elite (agora mais local) extremamente reduzida e fechada, ao lado de uma população pobre, quase miserável, fosse ela livre, servil ou escrava” (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 1977, p. 54). O escravo de descendência africana e indígena persistiu como elemento fundamental no cotidiano econômico de Goiás ao longo de quase todo o século XIX e a sua condição só se modificou tempos depois da emancipação escrava.

Na transição do trabalho servil para o trabalho livre, o anterior escravo não perdeu o *status* de personagem menor e inferior para a sociedade goiana. No pós-emancipação e muito tempo depois desse evento, a identidade escrava foi redefinida pelo branco. O escravo passou “de ‘máquina de exploração do ouro’, em coparticipante de um trabalho agora dividido com o branco e com os livres” (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 1977, p. 67).

Goiás atravessou o século XIX e parte do século XX alicerçando sua sociedade em uma economia de base escravagista e agropastoril, sucedida pela transição para o trabalho livre,

⁵⁶ Na expectativa de deixar não ser esta uma narrativa ingênua que se apegue à mistura de raças da qual se acredita ser originária a população brasileira e na tentativa de não parecer a mesma um tanto neutra em relação ao evento bandeirantista que se reconhece ter sido algo marcado por profunda violência trouxe a categoria de Canclini (2015) para demarcar resistência, negociação e conflito. Mas para além disso é preciso apontar como a disposição de conflitos no espaço e no tempo demarca o encontro de narrativas distintas e a rendição de uma em proveito de outra em maior vantagem, seguida pelo esquecimento e a arrogância do vencedor. Sobre tal questão gosto lembrar o que Dorren Massey (2012) ensina quando problematiza a imaginação, a produção do espaço e da história. Recorrendo a narrativas que recorreram às invasões espanholas sobre a civilização asteca ela lembrou que “lemos, com muita frequência, sobre a conquista do espaço, mas o que estava/está em pauta é também o encontro com outros que estão também em viagem, também fazendo histórias. E fazendo geografias e imaginando o espaço: pois o olhar para trás coetâneo, mesmo você desconsiderando, encontra-se em uma relação diferente com o seu ‘aqui e agora’” (p. 178).

⁵⁷ No que tangencia a alimentação em Goiás é possível fazer links a partir das obras de Paulo Bertran (2011) e de Sônia Maria de Magalhães (2014) para entender a cultura alimentar em Goiás. Derivando do que apontaram estes historiadores é possível que alimentos denominados típicos ou específicos de Goiás são característicos da identidade cultural goiana e estão entre os bens culturais utilizados para compor o Dossiê de proposição da cidade para pleitear o título de patrimônio da humanidade em 2001. Fragmentos da história e da sociedade goiana podem ser estudados a partir de diferentes alimentos em Goiás e que são muito comumente encontrados em restaurantes, artesanatos e sorveterias do Centro Histórico de Goiás hoje.

porém muito apegada a antigos preconceitos e em rígidas diferenças sociais⁵⁸, cotidianamente repisadas por uma elite que se apresentava como “tradicional” e por esta razão estabelecida⁵⁹.

A atualizada conjuntura social reconfigurou a representação do negro⁶⁰ e do pobre, produziu as figuras de agregados e de meeiros, fortaleceu a imagem do patrão e deu nova conotação para representações políticas e familiares, a exemplo da do coronel⁶¹. Este último personagem sempre gozou de grande influência no contexto econômico, social e cultural da Primeira República e se tornou muito característico no cenário político de Goiás.

Em um percurso pela história cotidiana de Goiás, observam-se estratégias acionadas por líderes familiares – os coronéis – interessados em converter as suas famílias em oligarquias influentes na região. Tais estratégias recorriam à costura do discurso da “tradição” com o de uma origem nobiliárquica seguida pelo uso excessivo da força bruta (Francisco Itami CAMPOS, 2006; Dalva Borges de SOUZA, 2006).

Tudo era arquitetado e articulado na expectativa de que os homens que integrassem e que liderassem famílias influentes pudessem ascender ao *status* de estabelecidos e, assim, tomar posições de comando na sociedade. Isto por vezes permitiu aos grupos familiares monopolizar decisões de ordem política e cultural com alguma ressonância no contexto presente de Goiás.

⁵⁸ Cora Coralina em toda a sua obra apontou como, na Goiás do após treze de maio, em meio à pobreza produzida por um momento de transição, a classe média se viu “coagida, forçada a manter as aparências de decência, compostura e preconceito” (1984, p. 44) social.

⁵⁹ O termo é uma referência direta ao trabalho de Norbert Elias e John L. Scotson (2000) em Winston Parva, na Inglaterra e evidentemente lembra o uso feito por Izabela Tamaso (2007) de “vilaboenses tradicionais” em Goiás. A proximidade entre estes dois trabalhos é que ambos buscaram delinear as relações de poder tecidas entre moradores antigos e aqueles recém-chegados ou forasteiros no interior de pequenas comunidades. Ambos os trabalhos se aproximam ao meu por ser um interesse desta tese, em algum ponto, mostrar uma clara divisão e muitos conflitos “entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelo primeiro como outsiders” (Norbert ELIAS e John L. SCOTSON, 2000, p. 19).

⁶⁰ Muito preocupado em desvelar, pelo viés dos estudos étnico-raciais, a redefinição da anterior identidade escrava para a de negro Carlos Rodrigues Brandão (1977) desenhou de que forma os brancos no pós-emancipação, em intensivo relacionamento com os negros, manearam o estigma da escravidão e da cor ao seu favor. Sobre este fenômeno ele escreveu que foi pela redefinição da representação da identidade escrava para o senhor e branco que se pôde entender a modificação da identidade desses anteriores sujeitos servis sem que houvesse “a necessidade de explicações ‘metafísicas’ da mudança de sentimentos e atitudes dos dominadores das relações de produção local” (p. 67). Brandão apontou que “ao penetrar no trabalho do branco e do livre – na pecuária e na lavoura – o escravo penetrou no âmbito de pessoas que, por co-participarem de uma mesma forma de relação com o mundo, não podiam seguir dicotomizando, a níveis extremos, as identidades de ‘livre’ e de ‘escravo’. Quando o branco (capataz, companheiro, agricultor, patrão) entrou ‘no trabalho escravo’, entrou um pouco em seu modo de ser. Ao envolver-se concretamente nele, precisou redefini-lo a seu favor” (p. 67) e aí a melanina tomou um sentido atualizado uma vez que ao passo que aquele personagem era escravo, o estigma dessa identidade radical encobria o da ‘cor da pele’, que, por sua vez, surgiu como atributo de atualização de diferenças quando a liberdade desfez o primeiro” (p. 67).

⁶¹ Lena Castello Branco Ferreira Costa apontou que desde a “Colônia os coronéis dominam as terras, e desde a República, a política. Efetivamente, com o regime republicano, a vitória do federalismo favoreceu a afirmação de chefias políticas regionais e municipais, já exercidas em escala menor durante o Império. O reconhecimento dos líderes efetivou-se, como previsível, na pessoa dos antigos coronéis da Guarda Nacional. Em etapa posterior, extinta a milícia cidadã, coronéis continuaram a existir e comandar as massas, mediante a atribuição informal do título, por iniciativa popular, a homens de prestígio e fortuna” (1978, p. 113).

A reverberação de antigas práticas oligárquicas foi percorrida por Izabela Tamaso (2007) em trabalho sobre a produção da cidade de Goiás como um patrimônio histórico e cultural da humanidade, entre 1999 e 2001. Ao visibilizar diferentes personagens – “vilaboenses tradicionais”, “famílias tradicionais” e a “panelinha” – disputando memórias no interior do campo patrimonial goiano, ela evidenciou grupos familiares que descendiam de oligarquias e que entre os anos de 1870 e de 1930 haviam se revezado na trama política do Estado.

Muitos dos descendentes dessas famílias no presente protagonizavam projetos em defesa das tradições de Goiás e lideravam a luta em nome do patrimônio, ao passo em que eram confrontados por diferentes moradores da cidade que não viam nesses empreendimentos uma alternativa útil para Goiás. Na tessitura de tantos conflitos ao redor da produção do campo patrimonial e da invenção da Cidade Histórica, Tamaso (2007) contrapôs os primeiros grupos aos dos migrantes, dos pobres e dos descendentes de negros que viviam em bairros periféricos da cidade, ao passo em que os “vilaboenses tradicionais” ocupavam o seu Centro Histórico.

Aproximando-se da figuração “estabelecidos-*outsiders*” de Elias e Scotson (2000), ela apontou de que forma os primeiros conseguiram ser reconhecidos como “estabelecidos” e consequentemente identificados como pessoas autorizadas a falar sobre a cidade e a contar a sua história em um contexto atualizado, à medida em que os outros foram reconfigurados à condição de “*outsiders*” e mantidos no mutismo e no silêncio, tal qual as suas sociabilidades.

Tangenciando os conflitos no interior do grupo abastado, a antropóloga mostrou de que modo os “vilaboenses tradicionais” e estabelecidos, desde a década de 1930, já vinham projetando Goiás como uma Cidade Histórica e como um Patrimônio. É claro que, entre a década de 1930 e o processo de reconhecimento desse título à cidade em 2001, ainda não se tinha uma consciência patrimonial ampla como a que já fora inaugurada pelo artigo número 215 da Constituição Federal de 1988 e pelo Decreto n. 3551 de 2000 e que valorizavam não só o patrimônio de “pedra e de cal” (Maria Cecília Londres FONSECA, 2009), mas também o imaterial (Márcia SANT’ANNA, 2009), produzindo assim a presente noção de patrimônio cultural⁶².

⁶² Sobre a trajetória da noção de patrimônio Marcia Chuva (2012) em uma narrativa histórica contou como desde a década de 1930 quando Mário de Andrade pensou o projeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) ele já tomara patrimônio como uma junção das dimensões material e imaterial. Todavia no interior de tantos jogos políticos daquela conjuntura a dimensão imaterial acabou sendo deixada de lado. Com a apropriação do tema do patrimônio pela antropologia foram muitos os pesquisadores que se debruçaram sobre estas questões e então Manuel Ferreira Lima Filho (2007), Regina Abreu (2007) e Márcia Sant’Anna (2009) exploraram a trajetória do campo patrimonial no Brasil. Eles contaram como, aos poucos, os processos de tombamento e de reconhecimento foram valorizando não tão somente o material, mas também o imaterial, fazendo a anterior concepção de patrimônio, muito apegada a monumentos arquitetônicos, transitar para uma concepção cultural que advinha das discussões antropológicas feitas no século XX. Sobre tal questão Márcia

Por intermédio das reflexões de Tamaso (2007), dos chamados que muitos de seus interlocutores fizeram às tradições, ao passado político de Goiás e o modo como a “panelinha” e os “vilaboenses tradicionais” defendiam as suas memórias, desprestigiando e estigmatizando tantas outras, ficou expresso um trânsito do fazer política e de antigos preconceitos sociais, abafados nos idos de 1930, para a conjuntura presente, em que tudo era manipulado em nome do patrimônio ou acionado para distinguir espaços e para produzir diferenças sociais.

O fazer política e os preconceitos, anteriormente observados no campo partidário muito masculino e dentro de uma sociedade influenciada por origens nobiliárquicas/aristocráticas/brancas, no contexto atual, transitara para o campo do patrimônio e das formas de se estar pelo espaço. Porém, agora, tudo isto contava com atualizadas expressões de gênero, de sexualidade, com um protagonismo de pessoas (mulheres e homens) dispostas a brigar pelo direito de estarem pelo espaço, de impor e de tornar públicas as suas espacialidades e marcas sociais⁶³, anteriormente privadas de alguma representação.

Situações de diferenciação e de disputa do espaço da cidade apareceram por vezes em minha pesquisa na forma de conflitos e tentativa de normalização de desvios que partiam de diferentes frequentadores dos espaços da cidade e que, insatisfeitos com certas injunções, manipulavam, conforme narraram alguns interlocutores, uma “contra cultura da cultura goiana” para impedir que a “cidade [tomasse] a liberdade das pessoas” em estar por seus espaços⁶⁴.

Sant’Anna (2009) contou que à medida que se avançou a compreensão de cultura “o sentido original de monumento foi se apagando progressivamente, à proporção que o termo foi adquirindo outras conotações” (p. 49). No mundo ocidental e no Brasil transformaram-se perspectivas históricas de fontes e de documentos, o movimento político brasileiro em defesa da redemocratização e a constituição de 1988 garantiram não só uma ampliação da ideia de cultura, mas também da de cidadania. Nesse interim o patrimônio, tomado também como um registro das lutas históricas por direitos civis, teve seu significado alargado e passou a incluir os bens de natureza imaterial. O decreto 3551/2000 foi fundamental para o giro conceitual de patrimônio, isto porque garantiu o registro de conhecimentos e de bens culturais de natureza imaterial que equivaliam a documentos do passado e do presente de diferentes grupos sociais e de suas manifestações culturais. Segundo Márcia Sant’Anna o objetivo era fazer o registro da memória de “diferentes grupos e de suas trajetórias no tempo, porque só assim se poderia ‘preservá-los’. Como processos culturais dinâmicos, tantas manifestações implicavam uma concepção de preservação diversa daquelas da prática ocidental, não podendo ser fundada em seus conceitos de permanência e autenticidade. Os bens culturais de natureza imaterial eram dotados de uma dinâmica de desenvolvimento e transformação que não cabia nesses conceitos, sendo mais importante, nesses casos, o registro e a documentação do que intervenção, restauração e conservação” (2009, p. 55).

⁶³ A noção de marcas sociais aqui utilizada se aproxima do entendimento de marcadores sociais da diferença rastreado por Luis Felipe Kojima Hirano (2019) para falar de processos de hierarquização, racialização, generificação, enfim, diferenciação social. Segundo ele a categoria tem sido mobilizada para “pensar não apenas o entrecruzamento de eixos de diferenciação em diversos contextos, [mas] quando utilizados como auxiliares da análise, eles têm revelado outras dimensões implícitas ou explícitas, associadas a esses eixos: cor da pele, formato do cabelo, do nariz, vestuário, gestualidade e sotaque, entre outras dimensões [usadas] para diferenciar, desigualar e hierarquizar, a depender da situação” (p. 51). Sendo assim a ideia de marca social que mobilizo sempre chama a atenção para que se pense “as dimensões da vida social que são generificadas, racializadas, sexualizadas, classificadas, enfim, nomeadas de modo a afetar a vida das pessoas de distintas maneiras” (p. 51).

⁶⁴ Entrevista realizada com jovem morador da cidade de Goiás, novembro de 2019.

É evidente que as múltiplas situações na Goiás do século XXI, em que passado e espaço são disputados, se diferenciam do que acontecia entre fins do século XIX e meados do XX. Todavia, existe aqui um processo histórico que foi/é acionado a todo instante por grupos familiares e por instituições da sociedade na intenção de chancelar um passado de Goiás e algumas formas de sociabilidade, tornando-as legítimas⁶⁵ no presente e estigmatizando outras.

Muitas das memórias acionadas no presente partem de vazios provocados pelas rupturas e pelos traumas da conjuntura política de 1930, momento em que o poder das oligarquias e dos coronéis que governaram Goiás entre fins do século XIX e meados XX arrefeceu. A ascensão política de Getúlio Vargas impôs uma nova ordem política para o Brasil e provocou a substituição das antigas oligarquias por outras em todos os estados brasileiros⁶⁶.

Ao passo da deposição de Washington Luís, a cidade de Goiás perdeu não só o *status* de capital do Estado, mas também precisou lidar com a transferência de toda a administração pública para a recém-criada cidade de Goiânia. Tal evento significou um profundo golpe, principalmente para as antigas oligarquias locais e para aqueles moradores contrários a Pedro Ludovico Teixeira, que era o interventor nomeado por Vargas.

A transferência da capital se tornou em um marco da história de Goiás e em uma marca traumática para a memória da cidade. As feridas abertas por este acontecimento e a latência de ressentimentos só foram tratados quando o filho de Pedro Ludovico, o governador Mauro Borges, reatou laços de afeto e criou outros com a cidade de Goiás.

Em 1961, utilizando-se de uma ação da administração pública, o governador fabricou novos significados para a cidade de Goiás, o que muito agradou aos antigos moradores que descendiam das famílias prejudicadas pelas ações de Pedro Ludovico em 1930. O despacho de

⁶⁵ Vale reconsiderar as relações entre antropologia e história como uma forma de mostrar de que modo os processos e as conjunturas históricas influenciam a ressignificação do presente. Sobre tal questão Evans E. Pritchard (1990) apontou que “para ter um conhecimento inteligente de um fenômeno complexo ‘devemos conhecer não tão somente o que é, mas também como chegou a ser’” (p. 50) uma vez que a “história é um processo, e não há sociedade sem história, mesmo que no tempo sincrônico” (Lilia Moritz SCHWARCZ, 2005, p. 123). Embora estejamos aqui em um debate em fronteira, como bem gostou de classificar Lilia Schwarcz, no caso de Goiás é quase impossível contar os novos significados atribuídos à cidade no presente uma vez que o seu cenário arquitetônico e cultural por vezes remete ao seu passado, à sua história e a certas memórias sobreviventes em museus e igrejas.

⁶⁶ Exemplos do fenômeno coronelista e de “famílias tradicionais” em Goiás que permanecem vivos na memória e na história local são as representações políticas e públicas de coronéis e de antigas oligarquias, como as de Antônio Ramos Caiado e da família dos Caiado. Conhecido pela alcunha de “coronel Totó Caiado” e o principal chefe da oligarquia dos Caiado ele dominou a cena política na Goiás de meados do século XX até a concretização dos objetivos da Revolução de 1930. Na história política do estado Goiás Antônio Ramos Caiado e sua família figuram como de grande influência sobre a trama política, social e cultura do estado e da cidade de Goiás até os anos 1932. O domínio de Antônio Ramos Caiado só terminou com a Revolução de 1930. As investigações feitas por Maria Augusta de Sant’Anna Moraes (1974), Francisco Itami Campos (1987), Ana Lúcia Silva (2005) e Paulo Brito do Prado (2019) são de grande importância para se ler aquela conjuntura política e social muito marcada pela luta entre grupos oligárquicos, pactos e conflitos políticos da Primeira República.

Mauro Borges em 1961 veio acompanhado por novos sentidos e trouxe o desejo de reconciliar o passado da cidade com o presente do Estado de Goiás e com a cidade de Goiânia.

Utilizando-se do decreto de número 48, o governador transformou o Palácio Conde dos Arcos em residência de veraneio dos governadores, em um Monumento Histórico e determinou que a “partir daquele ano, todos os governadores goianos se transfeririam para Goiás a fim de dentro das disposições constitucionais, despacharem o expediente do Governo, em homenagem à cidade que serviu de berço à civilização goiana” (Isabela TAMASO, 2007, p. 143).

A transferência simbólica e efêmera da capital para a cidade de Goiás permitiu não só o tratamento de ressentimentos e de memórias traumáticas, mas fabricou para a cidade outros significados. O passado de Goiás, as suas tradições, as suas famílias tradicionais e as suas memórias, que em 1930 teriam sido fraturadas e estigmatizadas em benefício da “filha mais moça e bonita do Brasil”, a cidade de Goiânia (Eliane M. C. Manso PEREIRA, 2002), em 1961 receberam atualizados significados e novos sentidos.

Goiás nesse instante deixou de ser tão somente uma cidade “velha e tristonha”, conforme cantou Regina Lacerda (1957) em seu *Cantilenas de Goiás*⁶⁷ para ser convertida em um monumento histórico, em uma cidade patrimonial, em um “relicário de sonhos e poesia” (Goiás do COUTO, 1958, p. 12) e em um “berço da cultura goiana” (Regina LACERDA, 1968, p. 02).

Em muitos estudos feitos no âmbito da história e da antropologia, é persistente a discussão de que embora Goiás tivesse recebido atenção de órgãos de proteção do patrimônio apenas nas décadas de 1950 e 1960, já muito antes disso se falava da necessidade de preservação de suas construções coloniais e de suas tradições. De fato, esta hipótese se confirma quando olhamos para datas comemorativas da cidade e para os usos culturais que diferentes agentes fizeram e fazem das memórias e das recordações que remetem aos muitos passados de Goiás.

⁶⁷ *Cantilenas de Goiás* / “A cidade é velha e tristonha: às vezes canta, às vezes sonha”. /-E de madrugada. /Pela caçada gelada /caminha o moleque /contente: /-Que melodia gostosa: /“Bolo de arroz... /quente... bem quente... /Já passou o leiteiro, /outra cantilena /sumiu na esquina. /Esta agora é a voz rouquenha. /Ouviu o que anunciou? /-Meio desafinado /mas foi assim: /“-Olha a lenha” ... /Um crioulinho sabido, /chapéu de palha /e pé no chão, /calça furada /E voz esganiçada /entôa/ outra canção: /-“Comprá empada”... / Biscoito de queijo /e bolo de fubá /vêm no tabuleiro /coberto /com toalha /de algodão/ muito limpinha, /com franjas de abrolhos /e bordados /vermelhos. /-ao café do meio dia /rebôa /na quietude das ruas /a voz do vendedor /que /no fundo corredor /de manso anuncia: /-“Quitanda”... /À tardinha, /à hora do dôce) /a criançada /recebe /alvorçada, /com palmas e gritos, /a mais linda toada: /-“Alfinim... pirulito”... /A lua /encontra essa garotada /lambusada, /no meio da rua, /no meio das gentes, /cantando cirandas, /brincando de rodas, /debaixo dos postes, /com a velha canção /que é tôda um carinho: /-“Menina, toma esta uva. /Da uva se faz o vinho. / - Teus braços serão gaiola, /eu serei teu canarinho”. /E os seresteiros, meu Deus, /como são sonhadores... /vão bebendo, /vão cantando... / (como és feliz o trovador). /Um acorde ao violão /tim-tim-bão... /E o coração chora: /“Tão meigas, tão claras, /tão belas, tão puras /as noites de cá” (Regina LACERDA, 1954, p. 21-23).



Fotografia 08 – Cidade de Goiás, Rua Professor Ferreira (rua D' gua), Centro Histórico.
Fotografia: Paulo Brito do Prado, junho de 2017. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.

As comemora es ao redor da instala o do monumento da Cruz do Anhanguera em 1918⁶⁸, os encontros cívicos na Praça do Coreto a partir de 1925, uma infinidade de memórias articuladas após a transferência da capital, a celebra o do passado bandeirantista e da arquitetura colonial entre os membros da elite e das famílias tradicionais e muitas publica es e artigos em jornais locais tematizando o passado de Goiás mostraram que, antecedendo as decisões de Mauro Borges já circulava na cidade uma certa consciência patrimonial e histórica.

⁶⁸ Esta cruz foi trazida de Catalão para Goiás por Luiz Ramos de Oliveira Couto e significava uma evidência da passagem de Bartolomeu Bueno da Silva e demais bandeirantes pela região em 1722. A cruz era uma evidência da narrativa mítica de funda o da cidade de Goiás e se tornou um monumento ao passado bandeirantista da cidade e do Estado. Izabela Tamasso (2007) apontou que a “história desta cruz gera ainda controvérsia, pois alguns alegam não haver evidências históricas de que é a cruz que Bartolomeu Bueno da Silva teria plantado logo após cruzar o Rio Paranaíba (entre Minas Gerais e Goiás). A Cruz foi encontrada pelo juiz de direito Luiz do Couto, no então município de Catalão em 1914, onde permaneceu na Loja Ma onica —Paz e amor 3 . Permaneceu como objeto de disputa entre o município de Catalão, a cidade de Goiás, então capital do Estado e o governador de São Paulo Altino Arantes. Até que finalmente foi requisitada para ser instalada na cidade de Goiás, no dia 17 de setembro de 1918, data comemorativa do 1  centenário de eleva o de Goiás   categoria de cidade. A partir de então passou a referida em poesias e matérias de jornais, sobretudo a partir de fins da década de 30, após a mudança da capital, atendendo aos propósitos de realçar os valores culturais da cidade de Goiás. A Cruz era um dos monumentos acionados a fim de se garantir, que a cidade destituída da capital e expropriada de inúmeros bens permaneceria, não obstante, portadora de um legado incomparável. Era referida como símbolo e marco da história do Estado de Goiás. A Cruz assumia assim o mesmo estatuto sagrado do herói mítico” (p. 543-544).

De acordo com registros históricos e por intermédio dos estudos de Andréa Ferreira Delgado (2002) e Izabela Tamaso (2007), percebe-se que a cidade já vinha sendo relacionada à imagem de berço de tradições e de cultura, exigindo, desta forma, políticas de salvaguarda e de proteção de seu patrimônio arquitetônico desde fins da década de 1930.

Outro aspecto importante desse processo de reconhecimento e que merece ser lembrado é o fato de que esta ressignificação não partia apenas dos moradores de Goiás. Os novos valores atribuídos ao passado, a história e à cidade de Goiás também eram acionados por visitantes e por turistas que passaram pela cidade entre as décadas de 1940 e de 1960. Por ocasião de sua estadia na cidade o turista José Casais registrou impressão que evidencia tal consciência:

A primeira impressão que recebe o forasteiro, ao atravessar as ruas que o conduzirão ao hotel, é de respeitosa solenidade. Em Goyaz deve entrar-se descoberto. Como em Santiago de Compostela, a bem chamada Atenas do Ocidente. Sinto os motivos de comparação das duas cidades. Ante a beleza evocadora de Goyaz – por sua arte e por seu estilo, por sua nobreza e por seus brasões segue sendo Santa Ana e Vila Boa – quem se lembrará das incomodidades da viagem? Paris bem vale uma missa.

Se me foram os dias passando e repassando ruas ladeadas com grandes pedras “que não se derretem ao calor, nem fedem a asfalto amolecido”. As casas são brancas e limpas. Não há arranha céus. Cada família tem um nome e um número. A personalidade se conserva e se destaca. Como antes. Senhoras. Senhores. Moças bonitas que levam em seus rostos o signo de uma educação tradicional, jamais interrompida. Em Goyaz a família não é soma de indivíduos, mas entidade coerente que mantém o tesouro de uma raça e de uma história.

Cada rua um motivo de beleza. Cada casa uma recordação do passado ilustre. A praça do Chafariz; a do Rosário, com o convento de Dominicanos e a Igreja do Rosário; a do Palácio com o vetusto edifício do Conde dos Arcos... Fontes públicas; moradas senhoriais; a famosa Cruz do Anhanguera – 1722 – perpetuando o nome de Bartolomeu Bueno, fundador da cidade; as velhas pontes sobre o rio Vermelho... (José CASAIS, 1940, p. 193-194).

Pelas impressões e pelas descrições feitas por José Casais em 1940, em concordância com as publicações do jornal Cidade de Goiás desde 1938, com as ideais preservacionistas que circulavam entre a elite política e intelectual desta conjuntura, o despacho governamental de Mauro Borges em 1961 reforçou significados que já se faziam muito presentes entre diferentes pessoas que viviam ou que visitavam Goiás anos antes dessa ação governamental.

O antropólogo Claude Lévi-Strauss (1955) já havia passado pela cidade na década de 1930 e apontado o seu pioneirismo. Ainda que contrapondo a modernidade de Goiânia com a

antiguidade de Goiás, Lévi-Strauss não ignorou a importância histórica desta última cidade, que na ocasião do governo de Mauro Borges passou a contar com medidas preservacionistas.

O decreto e a lei de número 3635 de 1961, além de reconhecer a importância histórica de Goiás, funcionou como suporte para a sua conversão em “berço da cultura goiana”. Já com tombamentos datando de 1957, as medidas de Mauro Borges responsabilizaram o poder público estadual para com a proteção de legados arquitetônicos e tradicionais da cidade e que eram tomados como relevantes para a identidade regional de todo o Estado de Goiás. Todas estas

ações contribuíram para a produção da “Cidade Histórica” que, segundo interlocutores virava “outra cidade a cada festa, quando muitas pessoas tomam suas ruas e seu Centro Histórico”⁶⁹.



Desenho 11 – O barroco sob novas cores. Fonte: Diários de campo de 2017.

2.1 – A fabricação da Cidade Histórica

Foi quando a perdida gente
no sertão impérvio.
Riscou o roteiro incerto
do velho Bandeirante
E Bartolomeu Bueno,
bruxo feiticeiro,
num passe de magia
histórica
tirou Goyaz de um prato
de aguardente
e ficou sendo o Anhanguera.
Cora CORALINA (1976, p. 37)

O fragmento transcrito do livro de José Casais, embora muito breve, por vezes deixou explícito o romantismo nele despertado pela arquitetura colonial de Goiás, pelo tradicionalismo representado em rígidas regras educacionais e comportamentais que viu durante sua estadia na cidade e pela origem nobiliárquica/aristocrática de famílias que aqui moravam na ocasião de sua visita, e que para ele eram os habitantes legítimos e representativos de uma “raça” maior.

Semelhante às famílias tradicionais, o turista também celebrou a arquitetura colonial e os monumentos históricos da cidade esquecendo-se por completo de seu passado escravagista e fechando os olhos para um presente de desigualdades ilustrado, por exemplo, na pobreza das

⁶⁹ Entrevista realizada com jovem morador da cidade de Goiás, outubro de 2019.

lavadeiras (mulheres negras) do rio Vermelho⁷⁰, no trabalho duro das carregadeiras de água em intensa circulação pelos chafarizes que se espalhavam pela cidade⁷¹ ou pela população pobre que ocupava os becos e as regiões mais afastadas das localidades por ele mencionadas⁷².

Apropriando-se de uma memória topográfica e de evocações muito próximas daquelas narradas por cronistas, contistas e poetas que integravam a elite intelectual de Goiás, José Casais fez coro ao que já era registrado no jornal Cidade de Goiás desde 1938. Neste periódico, se encontram textos de Cora Coralina, Nice Daher e de outros escritores referenciados por Izabela Tamaso (2007) como englobantes de uma elite intelectual que evocou memórias sobre Goiás similares as acionadas pelos “vilaboenses tradicionais” nos anos 1960 e 2001 e que serviram para ratificar a importância de suas tradições, seu status histórico e de seu valor patrimonial.

Os textos e as ideias de escritores e de moradores de Goiás costumeiramente partiam dos impactos sociais e infra estruturais causados pelas crises econômica e política provocadas, em primeiro lugar, pela escassez do ouro de aluvião entre os séculos XVIII e XIX e em segundo, pela transferência da capital para Goiânia em 1930. Esses eventos significaram dois grandes vazios históricos em Goiás (Cristina Helou GOMIDE, 2005) e foram discursivamente utilizados para se fabricar a ideia de cidade degradada e duplamente estigmatizada – em um primeiro momento por seu passado e, em um segundo, por sua localização geográfica.

No pós-transferência da capital tais vazios sofreram ressignificações. O primeiro, por vezes acionado como forma de referenciar um passado de abundância – antecedente da crise do ouro entre fins do século XVIII e meados do XIX – e contraposto ao presente de uma pobreza insistente que se instalara por toda a volta, deslocou-se para uma ordem discursiva que o instrumentalizava como um tempo de tradições que precisariam ser reinventadas e protegidas.

⁷⁰ Pelos registros históricos e que se distribuem entre pedidos para uso das águas do rio Vermelho para diferentes fins, pedidos de restrição do uso de suas águas para a lavagem de roupa e fotografias capturando as sociabilidades em torno do rio nota-se que no momento em que José Casais passou por Goiás o rio Vermelho era fonte de sobrevivência para diferentes mulheres pobres e negras que nele lavavam roupa para sustentar as suas famílias.

⁷¹ Goiás não contou com água tratada e encanada até a década de 1950. Regina Lacerda lembra bem esse ofício em sua obra Vila Boa: folclore e conta como essas mulheres e negras desempenhavam papel importante para uma cidade que não contava com tratamento de água.

⁷² Somente na década de 1970 é que estudos preocupados com questões étnico raciais mostraram a ocupação desigual dos espaços da cidade de Goiás e que derivaram de antigas estruturas de opressão advindas dos tempos da colônia, da escravidão e da fabricação de identidade étnicas e raciais após a abolição. Carlos Rodrigues Brandão apontou em 1977 que: “As famílias de negros ocupam a periferia e as áreas menos urbanizadas da cidade de Goiás. Fora os casos limites de algumas pessoas ‘de melhor condição social’, residentes próximas ao centro, os negros estão mais concentrados em uma das seguintes quatro áreas de moradia urbana: a) algumas ruas nos limites da cidade – pelo lado direito da estrada que vai à Igreja de Santa Bárbara – próximas a um dos morros que cercam Goiás; b) ruas periféricas à encosta de morros por detrás do Rio Vermelho, na mesma direção da Igreja de Santa Bárbara; c) em posição quase oposta às duas primeiras concentrações, ruas nas encostas de morros próximos ao ribeirão Bacalhau (Rua Santo Amaro, Rua Quebra Coco) ou espalhadas em uma área semi-urbanizada, desde a Rua Agenor Barros até a saída leste da cidade e a estrada que vai de Goiás a Jussara; d) as ruas vizinhas ao Córrego da Prata” (1977, p. 74).

Já o segundo vazio desdobrado pela crise de 1930, mesmo disfarçado por memórias de um tempo feliz, cheio de histórias, de festas e de cerimônias cívicas, reconfigurou-se e passou a ser acionado como um tempo no qual, mesmo destituída do status de centro político, Goiás precisaria ser reconhecida como um centro, ou melhor, como um berço da cultura goiana.

Estas ressignificações se deram através de estratégias narrativas e discursivas interessadas em sensibilizar o poder público e a opinião pública para com a situação “desoladora” em que se encontrava a cidade de Goiás depois de consolidada a transferência da capital para a cidade de Goiânia, em 1937. Muitos narradores⁷³ – testemunhas na tese de Izabela Tamasso (2007) –, escritores e poetas registraram a dura situação da cidade nas décadas que se sucederam a 1930. Cora Coralina, por exemplo, contou, após retornar para Goiás em 1956, a situação de abandono na qual encontrou a sua cidade.

Em *Velho Sobrado*⁷⁴, a poetiza narrou o drama sofrido pela cidade que, abandonada pelo poder público, testemunhava seus casarões senhoriais desabarem cotidianamente. Junto a isto Cora também comentou sobre o falecimento de memórias tomadas por ela como muito importantes à identidade cultural de quem vivia em Goiás. Deste modo, Cora Coralina terminou por fazer coro aos movimentos preservacionistas que se desdobraram pelas décadas de 1950 e 1960 até se espriarem pelos anos 1990 e 2000, quando se deu “projeção mundial para o patrimônio goiano” (Marluce ZACARIOTTI, 1998, s/p) e o Iphan preparou documentos

⁷³ Me refiro àqueles e aquelas entrevistadas por Izabela Tamasso (2007) e que testemunharam todo o processo de transferência da capital ou ouviram narrativas sobre o evento. Uma das entrevistadas narrou a Izabela Tamasso que se recordava das histórias que os seus avós lhes contavam sobre o evento: “que os prédios públicos haviam sido destelhados para que caíssem, as escolas tinham sido fechadas... quer dizer, o Interventor naquela ocasião, ele realmente precisava forçar a barra para que as pessoas se mudassem para a nova capital e ele lançou mão disso. Os veículos, caminhões do estado, ao fazerem a mudança para Goiânia atravessaram por dentro do jardim, ali na praça, no sentido de realmente deixar a cidade destruída [grifo meu]. Essa foi a visão que chegou pra mim da mudança. Mas nunca uma contestação quanto à necessidade...” (p. 117). Outra entrevistada apontou que se lembrava “das prisões que o doutor Pedro fez e [afirmou] que ele começou a mudança de uma maneira muito cruel! Recordar-se que subia para o Colégio Santana e via os caminhões. Eles reuniam na Praça da Boa Morte... ficavam reunidos ali, o chouffeur... sentados lá, esperando as cargas que eles iam levar. E essas cargas eram as nossas escolas” (p. 100-101).

⁷⁴ Velho Sobrado /Um montão disforme. Taipas e pedras, /abraçadas a grossas aroeiras, /toscamente esquadriadas. /Folhas de janelas. Pedacos de batentes. /Almofadados de portas. / Vidraças estilhaçadas. /Ferragens retorcidas. /Abandono. Silêncio. Desordem. /Ausência, sobretudo. /O avanço vegetal acoberta o quadro. /Carrapateiras cacheadas. /São-Caetano com seu verde planejamento, /pendurado de frutinhas ouro-rosa. /Uma bucha de cordoalha enfolhada, /berrante de flores amarelas /cingindo tudo. /Dá guarda, perfilado, um pé de mamão-macho. /No alto, instala-se, dominadora, /uma jovem gameleira, dona do futuro. /Cortina vulgar de decência urbana /defende a nudez dolorosa das ruínas do sobrado /-um muro. /Fechado. Largado. /O velho sobrado colonial /de cinco sacadas, /de ferro forjado, /cede. /Bem que podia ser conservado, /bem que devia ser retocado, /tão alto, tão nobre-senhorial. /O sobradão dos Vieiras /cai aos pedaços, /abandonado. /Parede hoje. Parede amanhã. /Caliça, telha e pedras /se amontoando com estrondo. /Famílias alarmadas se mudando. /Assustados – passantes e vizinhos. /Aos poucos, a “fortaleza” desabando. /Quem se lembra? /Quem se esquece? [...] (Cora CORALINA, 1985, p. 95-96).

orientadores que mobilizaram a Unesco e alguns moradores de Goiás na finalidade de “conquistar o título de Patrimônio da Humanidade para a cidade de Goiás” (s/p, 1998).

Se no século XVIII fora Bartolomeu Bueno quem “num passe de magia histórica tirou Goyaz de um prato de aguardente” (Cora CORALINA, 1976, p. 37) no século XX e XXI foram Cora Coralina, Regina Lacerda e tantos outros moradores que, através de jogos discursivos, retiraram a Goiás Histórica e patrimonial de poesias, de memórias e de um reverenciado passado, investido por fama e por glórias, muito dominado pela noção de superioridade branca.

Isto se deu, em certa medida, por se considerar o poeta como um cultor da fama. Em suas narrativas, ele tem o poder de superar a morte – no caso de Goiás, se tratou de uma morte simbólica – na medida em que converte fragmentos da história e da cultura em algo famoso e transforma nomes em algo perene. Foi por este caminho que o dossiê para a candidatura de Goiás ao título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade elegeu a poética de Cora Coralina como matéria para a consciência patrimonial de Goiás. A ela e a outros escritores – em menor escala – atribuiu-se – “uma forma especial de arte (ou magia) de comunicação com o distante, que lhe deu o poder de influenciar, na posteridade, os ouvintes dessas histórias que ainda sequer tinham nascido” (Aleida ASSMANN, 2011, p. 43).

A poética de Cora Coralina, os registros históricos e memoriais reorganizaram o projeto iniciado ainda nos anos 1930/1960 e intensificado nos anos 1990 “pela comunidade vilaboense com desfecho vitorioso” (O POPULAR, 2001, s/p) [em 13 de dezembro de 2001] e atribuíram a uma cidade e passado mortos uma fama póstuma (Aleida ASSMANN, 2011) que fez Goiás ressurgir daquilo que havia sido considerado degradado e desprovido de vida⁷⁵.

Logo que a notícia da concessão do título de Patrimônio tornou-se pública os moradores foram para as ruas da cidade comemorar “com manifestações espontâneas e simples. Os sinos das sete igrejas da antiga Vila Boa foram tocados simultaneamente [e a] banda da cidade desfilou pelas vielas estreitas do Centro Histórico, anunciando a conquista” (Aline LEONARDO, 2001). Desse dia em diante, Goiás deixou de ser apenas a primeira capital do Estado e reconfigurou-se na “Vila Boa do mundo” (O POPULAR, p. 01, 2001).

⁷⁵ Sobre os usos culturais da memória e o impacto desse manuseio - que pressupõem seleções – no cotidiano presente de Goiás e de outras cidades mundo a fora, reconhecidas como patrimônios culturais, Aleida Assmann aponta que “ao contrário do templo de Fama descrito por Chaucer, os templos glorificadores surgidos depois foram erigidos pela mão do Homem e não estão mais submetidos a nenhuma instância de humor instável. Agora, a própria sociedade cria instituições para cuidar da memória e também patrocina e garante sua memória, na medida em que se faz, ela mesma, juíza de perenidade ou de efemeridade dos nomes. A atribuição da fama normalmente traz consigo algo de compensatório, pois o que se despreza na contemporaneidade será valorizado pelos que vierem depois” (2011, p. 51).

Depois de a Unesco dar parecer “unânime, favorável e sem qualquer contestação” para a concessão do título de Patrimônio da Humanidade (Valbene BEZERRA, 2001), Goiás passou a ser referida como sendo “para sempre capital” (Marconi PERILLO, 2001). Nem mesmo os estragos no Centro Histórico provocados pela enchente de 2001 afugentaram o otimismo que tomou a cidade de assalto (Fabrício HAMU, 2002), permitindo a sua conversão em um centro para grandes eventos, festas e cenário para gravações cinematográficas, noveleiras e de séries. Foi nas ruas do Centro Histórico de Goiás que se gravou Estrela Guia (2001) e Em família (2014), todas novelas da rede de televisão Globo. Entre filmes e séries se destacaram o longa Veneno (2003) de Ruy Guerra, baseado em obra de Gabriel Garcia Marquez tematizando o cotidiano de fofoca em cidades pequenas e a série Boca a boca (2019), produzida pela Netflix.

A fama que se fabricou em torno da cidade desse momento em diante, as narrativas e as descrições feitas sobre o seu espaço – sempre aludindo a uma poética da memória que muito se relacionava à sua história oficial e residualidades – delegou-lhe o título de Cidade Histórica, patrimonial, turística e famosa. Goiás se tornou um ponto importante de visitação no coração do Brasil. Considerada um “berço das mais importantes famílias goianas”, um patrimônio de todos os goianos, a terra dos “goyazes”, detentora de uma herança indígena e com um potencial turístico, a cidade converteu-se em “patrimônio do mundo” (DIÁRIO DA MANHÃ, 2002)

Este fenômeno em certa medida se deu graças àquelas pessoas que permaneceram e aquelas que fizeram de Goiás um lugar de veraneio, visitando-a aos fins de semana, nas férias e nos feriados e que sempre a referenciavam como um lugar que trazia em seu espaço a cristalização de muitos tempos que requeriam ser guardados e protegidos. “Uma fartura de vultos”, justificava ser sua “preservação essencial”, foi assim que o jornal Diário da Manhã representou Goiás em edição especial de 24 de março de 2002, denominada “Goiás em raio X”.

Os “vilaboenses tradicionais”, ex-moradores e algumas personalidades famosas no cenário cultural do estado de Goiás se tornaram fundamentais na proposição de um discurso preservacionista para a cidade. E o motivo disso era o fato de a entenderem como um berço de tradições e como uma “Cidade Histórica”. Estas pessoas cultuavam Goiás e a cantavam sempre tendo como ponto de partida as suas referências culturais, aristocráticas, suas formas arquitetônicas e coloniais. Entrevistadas na véspera da decisão da Unesco, Belkis S. Carneiro de Mendonça (musicista) e Augusta Faro (escritora) disseram, respectivamente, que:

O título de patrimônio da Humanidade é um reconhecimento à cultura, aos hábitos e costumes, à arquitetura colonial da cidade. É uma valorização importante, porque Goiás vai reviver e até ultrapassar o

vigor que conservou no tempo. Torci muito para que conquistássemos o título, por isso estou orgulhosa e muito feliz, Belkis S. Carneiro de Mendonça (Valbene BEZERRA, p. 6b, 2001).

Todas as minhas referências estão em Goiás. Em agosto, serei cidadã vilaboense. Nunca duvidei de que a cidade ganhasse o título. O que mais impressiona em Goiás é a arquitetura colonial despojada, simples, rara. Também o modo de ser dos goianos, um povo resistente, desperta atenção das pessoas que não estão mais acostumados com o aconchego. Com o título de Patrimônio da Humanidade, Goiás está aberta para o mundo, Augusta Faro (Valbene BEZERRA, p. 6b, 2001).

Fosse em entrevistas, músicas, poesias, contos e crônicas, estas pessoas preenchiam os becos esguios e as ruas escuras de Goiás com poéticas próprias. “Sentinelas do passado”, muitos alevantaram monumentos e revalorizaram aqueles que já existiam. O sentido que estas pessoas outorgaram a Goiás – moradores e ex-moradores em 1930, 1960 e nos anos 2000 – representa uma força parecida àquela dos frequentadores atuais, porém com algumas diferenciações.



Fotografia 09 – Cidade de Goiás, rua D’Abadia. Fotografia: Paulo Brito do Prado, junho de 2015. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.

A potência do desejo em estar pelos espaços da cidade, aquele que move pessoas e as faz/fizeram frequentar Goiás no decorrer de sua fabricação como uma Cidade Histórica, é parecida. Tudo leva a crer que é este desejo alimentado pelo discurso do lazer, da preservação ou da diversão que garante/garantiu a sobrevivência da cidade e de seus espaços. Todavia, os frequentadores atuais – e que eu observei ao longo dos anos de 2017 e de 2019 – têm produzido para Goiás outras poéticas e significados. Estes tem dispensado a tantos espaços identificados como patrimoniais sentidos diferentes daqueles dos “vilaboenses tradicionais” e das instituições

de proteção do patrimônio. Mas vale lembrar que isso só tem sido possível graças à fama de Cidade Histórica, sítio Histórico e de Patrimônio Cultural Mundial construída pelos primeiros, no decorrer de uma longa trajetória de ações e de práticas políticas e discursivas.

Entre 1960 e 1970, algumas operações de “resgate” do passado de Goiás se desovelaram no interior de suas cenas pública e política. Já recebendo visitantes interessados por sua história e em sua memória, a cidade contou com estudos feitos por pesquisadores, com as narrativas da folclorista Regina Lacerda e com as poesias – de forte chamado memorialista – de Cora Coralina. Esta última, ao passo em que se reinstalou na cidade, incumbiu-se de escrever “velhas estórias”, segundo ela, na expectativa de evitar que o tempo as passasse a raso.

Cora Coralina narrou uma cidade tomada pela memória, pela saudade e por muitos devaneios. Mesmo partindo de uma perspectiva bastante particular, ela contribuiu para a produção de um discurso patrimonialista e de reverência ao passado da cidade. Suas poesias e sua “poética dos becos” (Clóvis Carvalho BRITTO, 2006) apresentaram Goiás como uma cidade em que a constante presença de outros tempos confunde o seu cotidiano contemporâneo com os costumes antigos, nutridos por gente vinda de outros tempos.

Muitas de suas narrativas tangenciam as impressões de José Casais (1940), negam a descrição insensível e breve de Claude Lévi-Strauss (1955) e se aproximam profundamente daquelas trazidas por Haroldo Candido Oliveira (1947) e que de passagem pela cidade descreveu-a, registrando sociabilidades e significados a ela atribuídos nos idos de 1940. Alguns dos significados apontados por Haroldo Oliveira foram acionados entre as décadas de 1960 e de 2000 como justificativas para a produção da Cidade Histórica e patrimonial:

Hoje seguimos para Goiás, antiga capital do Estado. Estradas péssimas, de chão batido, através de vastos desertos. Vegetação miserável, raquítica, e de uma tristeza quase humana. Parece até que as plantas sentem o abandono em que vivem. No caminho, cruzamos alguns povoados, onde populações infelizes vegetam e morrem, desamparadas. O número de bobos e papudos que encontramos em todos esses pequenos núcleos é alarmante. Tristeza infinita. A tarde desce, meiga e mansa. A noite nasceu de meu coração. Aqui estou, em Goiás, a velha Vila Boa, uma bela e antiga cidade brasileira, de pleno século XVIII, encastoadada entre montanhas, com as suas ruazinhas estreitas de lajes inteiriças, seus prédios antigos, e todo um intenso perfume do passado. Um encanto! Tenho vivido em pleno romance; basta fechar os olhos um pouco, e as ruas se povoam de antigas formas desaparecidas, cavaleiros donairosos que vêm arrancando faíscas com o bater das esporas nas lajes do chão, velhinhas trêmulas, vestidas de preto, com a mantilha na cabeça e o grosso rosário na cintura, apressadas no serviço das igrejas, donzelas ariscas, de cabelos negros e olhos profundos, em namoros furtivos por sob o duro olhar dos pais severos, toda uma população de

outras épocas que ressurgem... É um perfume de coisas velhas, um encantamento perene!... (Haroldo Candido de OLIVERIA, 1947, p. 07-08).

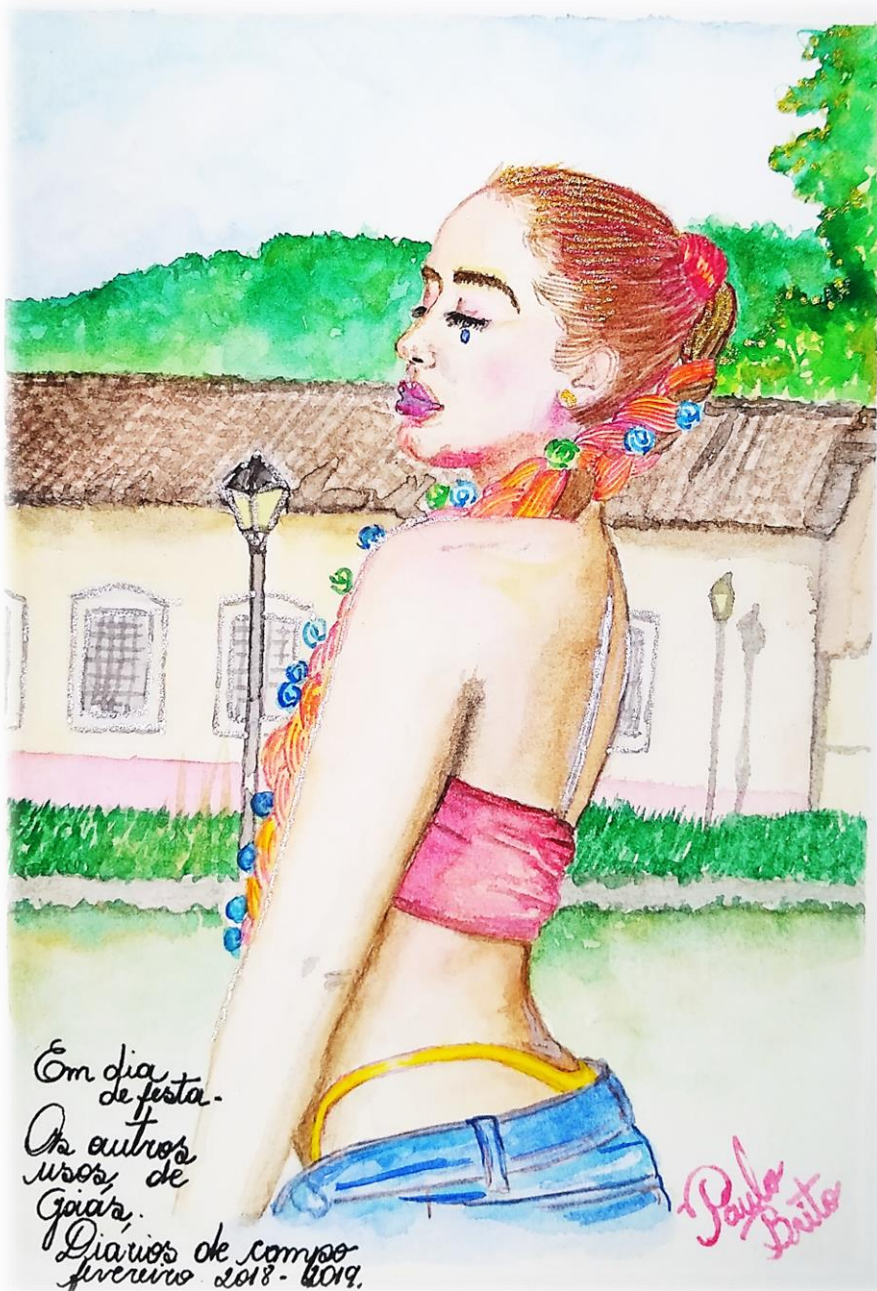
As suas descrições apontam que, mesmo presentes, os traumas, os vazios e a sensação de abandono não arrefeceram o “perfume de coisas velhas” e o encanto perene pelo passado de Goiás. Sua narrativa articulada às de José Casais, Cora Coralina, Regina Lacerda e aos grupos que se organizaram tempos depois em ações de promoção da cidade ao status de núcleo Histórico deixaram explícito que o “perfume do passado” é a principal matéria da poética contemporânea de Goiás e o grande estimulador para os novos significados a ela atribuídos.

O grande interesse por seu passado e a poética alimentada em torno de fragmentos de memórias – principalmente aquelas que reabituavam os tempos das bandeiras, do ouro, da riqueza aristocrática e branca – contribuiu forçosamente para que seus moradores – os “vilaboenses tradicionais” – a fabricassem como um sítio histórico de relevante importância⁷⁶.

Tal estratégia, amparada em uma consciência patrimonial advinda dos idos de 1930, reavivada em 1961, concretizada em 1965 e reconhecida em 2001 pela Unesco, teve seu desiderato em preocupações de um grupo de moradores em torno da seguinte pergunta: de quais atividades e de que mercadorias Goiás viveria no futuro?

Neste momento (década de 1960), o Brasil e o Estado de Goiás viviam um período tumultuado em razão da ditadura militar, da queda de Mauro Borges e do acirramento da luta

⁷⁶ Cabe lembrar que a perspectiva aristocrática da luta em prol do reconhecimento da Cidade Histórica é um marcador de classe, de raça, de gênero e de sexualidade. Ainda que as mulheres tenham tido algum protagonismo nesse empreendimento as suas expressões de gênero não vazaram os papéis historicamente convencionados como definidores do gênero feminino e do gênero masculino. A mulher – aqui é uma mulher burguesa e aparentemente heterossexual – continuou uma “guardiã” restrita ao privado e o homem persistiu liderando a luta na esfera pública. Como dissera Clóvis Carvalho Britto (2007): as mulheres permaneceram silêncios, não só na procissão do fogaréu, mas também no patrimônio. E se mulheres persistiram silenciadas o que não aconteceu com gays, lésbicas e trans em todo esse processo? Considero que o patrimônio em Goiás continuou protagonizado pelo modelo neutro e universal, masculino, viril, branco, abastado e heterossexual (Joan Wallach SCOTT, 2008). Também devo enfatizar que o marcador em questão – a origem aristocrática/burguesa/tradicional de quem defendeu o reconhecimento de Goiás como um Patrimônio Histórico da Humanidade – ditou limites ao campo do patrimônio e dificultou o acesso de pessoas de classes inferiores e de origens diferentes à Cidade Histórica. Tamaso (2007) mostrou como foram se configurando conflitos no interior do patrimônio em função de aquela perspectiva aristocrática impedir o alcance dos moradores de bairros periféricos da cidade aos benefícios do tombamento. A exclusão se evidenciou em várias de suas entrevistas feitas entre moradores do bairro João Francisco e da Vila Lions. Em meu contexto de pesquisa tornei a perceber os limites do patrimônio e a ver refletida na praça do Coreto, nas festas e nos rolês territorializações e lugarizações excludentes. Estas eram determinadas por marcas sociais, principalmente as marcas de classe, de raça, de gênero e de sexualidade. Na praça do Coreto eu observei ficarem separadas pessoas de pele negra das de pele branca, os pobres dos ricos, as mulheres dos homens e os homossexuais dos heterossexuais. Por vezes quando um ou outro personagem rompia as fronteiras simbólicas aconteciam desentendimentos e brigas.



Desenho 12 – Em dia de festa. Os outros usos de Goiás.
Fonte: Diários de campo, fevereiro de 2018-2019.

diferentes pessoas e de gerações. Tal aproximação ofereceu-lhes uma perspectiva “vanguardista, engajada na política, com visão de transformação, de mudanças sociais” (p. 211), porém sem que se abandonasse a “reverência ao passado” (p. 211). No decorrer de

civil e estudantil contrária ao regime militar (Paulo Brito do PRADO, 2014). Sobre este contexto, Hecival Alves de Castro (2008) elencou que “houve um momento em que [se fundou em Goiás] um movimento estudantil muito forte, que contribuiu significativamente para [a] reflexão sobre a vida da cidade” (p. 211) nos anos que decorreriam a década de 1960.

Hecival de Castro ainda lembrou que, por estarem grande parte dos estudantes envolvidos em manifestações políticas no ano de 1965, isto contribuiu sobremaneira para a aproximação de

reflexões e de reuniões, muito frequentemente realizadas na casa de Goiandira do Couto o grupo acabou por fundar a Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT)⁷⁷.

Esta instituição e seus membros, na expectativa de combinar a sobrevivência econômica da cidade com a preservação de seu patrimônio arquitetônico, considerou que talvez Goiás pudesse sobreviver de seu passado. E foi a esta conclusão em que chegou Elder Camargo de Passos quando, entre argumentos e revelações, afirmou qual a mercadoria ele e os demais associados da OVAT acreditavam poder Goiás retirar seu sustento e sobrevivência no futuro.

Conduzidos por perguntas, provocações e hipóteses, o grupo delineou expectativas, desconsiderou-as e ao fim de muitas perguntas, respostas e afirmações concluíram que “o futuro de Goiás era o passado” (Elder Camargo de PASSOS, 2008, p. 196). Os membros da OVAT chegaram a esta conclusão porque acreditavam poder usar o capital simbólico contido no passado da cidade, em sua história, em seus “poetas, escritores, jornalistas, artistas, [e no] patrimônio arquitetônico” (p. 196), transformando tudo isto em um chamariz para visitantes e em mercadoria simbólica capaz de converter Goiás em uma Cidade Histórica e centro cultural.

Instigados pela possibilidade de que Goiás sobrevivesse de seu passado, o grupo reunido ao redor da OVAT promoveu ações de reinvenção das celebrações da Semana Santa, como a Procissão do Fogaréu e o Canto do Perdão, estimulou os Carnavais, os festivais de arte, o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), o Festival Gastronômico; preocuparam-se com a instalação de redes hoteleiras e com uma infraestrutura voltada para o turismo, estimularam a transformação da cidade em um palco para gravações cinematográficas e em uma importante mercadoria cultural que pudesse oferecer conteúdo para recursos midiáticos. Todas estas ações e estratégias fizeram num passado não muito distante e fazem no presente – principalmente desde meados dos anos 2000 e à medida em que o FICA se tornou amplamente divulgado – com que a cidade fosse invadida anualmente por uma legião de jornalistas, fotógrafos e turistas que tomam as suas ruas nos dias de carnaval ou na quarta-feira da Semana Santa – quando se realiza o Fogaréu – para produzirem as mais quentes notícias sobre Goiás, as fotografias mais bonitas ou as memórias da melhor viagem, festa ou Carnaval.

⁷⁷ Ainda sobre a fundação da Organização Vilaboense de Artes e Tradições sugiro a consulta dos trabalhos de Clóvis Carvalho Britto, principalmente o livro *Luzes e Trevas: estudos sobre a Procissão do Fogaréu da Cidade de Goiás* (2008) e minha dissertação de mestrado defendida na faculdade de História da Universidade Federal de Goiás em 2014: “Goiás que a história guardou”: mulheres, ditadura e cultura nos anos 1960.

A movimentação em torno da ideia de Cidade Histórica, além de ressignificar a “pacata Goiás” transformando-a de cidade de interior em uma Cidade Patrimônio da Humanidade e badalada por eventos de repercussão mundial, ofuscou a imagem moderna atribuída a Goiânia por Lévi-Strauss nos idos de 1935, destituiu “a menina mais moça e bonita do Brasil” de sua relevância política e econômica, acirrou rivalidades entre Goiás e outras cidades que também entraram na disputa pelo seu reconhecimento histórico e turístico – como Pirenópolis – e proporcionou uma metamorfose do velho, do antigo e do tradicional. Tudo isto de certa forma



Desenho 13 – A primeira mamada.
Fonte: Diários de campo, fevereiro de 2017-2019.

se tornou matéria para os rolês, festas e sociabilidades que etnografei nesses anos de pesquisa.

O velho, o antigo e o tradicional que nos idos de 1930 haviam sido estigmatizados (Erving GOFFMAN, 1980) tornaram-se em elementos para a produção da fama histórica de Goiás. Contagiados pela “experiência da fama” (Maria Claudia COELHO, 2013) Goiás e os seus moradores assistiram o passado tornar-se em matéria para a produção de uma bricolagem

de tradições (Peter BURKE, 2001), do velho, do antigo, das novidades, das possibilidades e de fenômenos improváveis para uma “pequena” e “interiorana” cidade do Coração do Brasil.



Fotografia 10 – Cidade de Goiás, rua Moretti Foggia. Fotografia: Paulo Brito do Prado, junho de 2015. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.

O reconhecimento do *status* de “Cidade Histórica”, de Patrimônio da Humanidade, de cidade de Cora Coralina, de lugar do Fogaréu e do “melhor Carnaval do Estado” (O POPULAR, 2017, p. m4-m5) trouxe para o centro da discussão que interessa a esta tese significados advindos da fama construída em torno da ideia de Cidade Histórica, de seus reconhecimentos, das atribuições, de muitas bricolagens, dos usos de seu passado e dos usos de seu espaço.

Não foi por um acaso que a edição de 05 de fevereiro de 2017 de *O Popular* aludiu a uma “animação da diversidade no Patrimônio da Humanidade” reforçando para Goiás uma singularidade que investia as festas da cidade, em especial, o seu carnaval como tendo “a fama de ser um dos mais completos do Estado” (2017, p. m4). Goiás, a esta altura do tempo, já gozava o fim do anonimato – imposto no passado pela transferência da capital. E foi a sua reconfiguração em cidade famosa estimulada pelo reconhecimento da Unesco que permitiu-lhe reproduzir “a lógica que, no mundo grego antigo, opunha a glória dos heróis imortais ao esquecimento que aguardava os mortais comuns” (Maria Claudia COELHO, 2013, p. 32).

Goiás parece ter “ressuscitado” a partir de 2001 e isto se deu, em certa medida, pela sua publicidade em mídias de comunicação cultural. “Espaço produtor dos mitos contemporâneos,



Desenho 13 – Rolando na grama do largo do Chafariz.
 Fonte: Diários de campo, agosto de 2017.

a indústria cultural [desempenhou para Goiás] um duplo papel quando o assunto é a fama” (Maria Claudia COELHO, 2013, p. 39). Conforme Maria Claudia Coelho (2013), de um lado “a comunicação de massa é condição de possibilidade do fenômeno ‘fama’ em sua configuração moderna; mas, por outro, faz da fama um de seus temas prediletos” (p. 39). Foi por isto que Goiás tornou-se cenário para filmes, séries e novelas, conforme apontaram no instante do reconhecimento de seu patrimônio cultural: Goiás

naquele momento se tornaria do mundo.

Maria Cláudia Coelho (2013) lembrou que parece acontecer, em um só tempo, de a indústria cultural permitir a existência da fama e fornecer “um ‘manual’ para compreendê-la, uma chave para a sua interpretação” (2013, p. 39)⁷⁸. Isso deixou transparecer que a “comunicação de massa sugere formas de interpretação da experiência da fama, sob múltiplos pontos de vista: o fã, o ídolo, o aspirante a ídolo etc.” (p. 39). Em Goiás, a experiência da fama sentida por mim em algumas entrevistas e registros de campo – principalmente nos desenhos e fotografias que produzi – se explicitou nos rolês do Coreto, nas festas e em diversões variadas organizadas por jovens universitários. Por esta razão, as chaves de interpretação e de análise para esta tese têm sido os rolês e as juventudes em interface com o gênero e a sexualidade.

Lembro, porém, que os múltiplos fenômenos proporcionadores da produção da singularidade e da fama para Goiás não necessariamente se relacionam uns com os outros. Os usos dos espaços que



Desenho 14 – Goiás como um cenário para muitas fotografias.
“Qual ficou boa? Fala a verdade!”
Diários de campo, julho de 2019.

capturei no presente, por exemplo, não têm muita simetria com aqueles usos que foram

⁷⁸ Em trabalhos sobre o funk autores como Herbert Vianna (1988) e Micael Herschmann (2005) apontaram como a indústria cultural e pôr fim a mídia contribuíram na fabricação da fama do funk e dos bailes relacionando o ritmo musical importado dos Estados Unidos da América, na década de 1980, com a cultura do crime e manipulando seus sentidos, significados e a opinião pública ao longo dos anos 1990 e meados dos anos 2000.

lembrados e que foram sacralizados pelos “vilaboenses tradicionais”, servindo de justificativas para a candidatura da cidade ao título de Patrimônio da Humanidade.

O que eu presenciei ser praticado nos espaços do Centro Histórico de longe se assemelha ao que foi dito por Belkis S. Carneiro de Mendonça ou por Augusta Faro nas supracitadas entrevistas. Os usos que elas imaginaram para os espaços da cidade de Goiás não se aproximavam muito daqueles que eu presenciei, narrei e desenhei durante a pesquisa.

Os esforços dos Integrantes da OVAT, de diferentes personalidades políticas e de organizações civis em prol do reconhecimento da cidade como um Patrimônio Mundial deram a Goiás mais que a fama de Cidade Histórica. O fato é que a força expressiva que eles



Desenho 15 – Vai dar PT! “Ajuda ele gente! Eu vou vomitar!”
Fonte: Diários de campo, julho de 2017 até 2019.

mobilizaram extrapolou as expectativas previstas à época de fundação da OVAT ou da proposição de Goiás ao título de Patrimônio Histórico e mundial da humanidade. Eles não podiam imaginar que, em algum momento, a cidade fosse (re)apropriada pelas pessoas, que seus espaços tivessem usos reinventados e que as entrâncias de seus monumentos, a meia luz de suas ruas e becos pudessem dar asas à imaginação e aos desejos de turistas e dos jovens frequentadores das festas e noites goianas.

Por mais que o estatuto de Cidade Histórica se apresente como um paradigma para toda a movimentação experimentada em Goiás depois de seu reconhecimento mundial, não

necessariamente o movimento de diferentes pessoas por suas ruas estreitas e por seus becos escuros se relacionavam com aqueles valores atribuídos ao seu passado bandeirantista, aristocrático, branco e cristão, manuseado para que se justificasse sua transformação em cidade patrimonial. No presente etnográfico, por vezes as ruas escuras que se iluminavam em outros



Desenho 16 – Abraços, beijos e quem sabe mais alguma coisa?! Afetos no Chafariz e usos não previstos para espaços do Centro Histórico de Goiás.
Fonte: Diários de campo, julho de 2017 até 2019.

momentos com as luzes de velas e tochas das procissões foram lugares onde eu observei (ou surpreendi) muitas pessoas transando e fazendo sexo oral, por exemplo.

Muitos visitantes de Goiás, ou mesmo alguns de seus

moradores, ignoram a sua história, não conhecem qualquer escritor da cidade, sequer sabem da existência ou do papel da OVAT na reinvenção de tradições, como o Fogaréu. Porém, é a partir do cenário histórico e romântico da Goiás Patrimonial defendida por tantos agentes e por visitantes, turistas, antigos moradores ou estudantes e pesquisadores, que são acionadas muitas poéticas e produzidos outros significados sobre a cidade e para a cidade de Goiás.

Por mais que o Centro Histórico de Goiás funcione como um cenário ou que seja um pretexto para que a cidade permaneça visitada, frequentada e vivida, transformando-se em palco para diferentes sociabilidades, é em certa medida o fato de ter se tornado uma cidade regional, nacional e mundialmente reconhecida o elemento que lhe garantiu sediar tantas manifestações e eventos atrativos para diferentes pessoas, de diferentes origens e lugares.

É a fama em torno da ideia de Cidade Histórica que atrai a atenção de muitos de seus moradores e de diferentes visitantes que para Goiás se dirigem na expectativa de passar os fins de semana com os amigos, compartilhar o Carnaval, rir coletivamente, se divertir em grupos,



Desenho 17 – Rolês na Carioca, um pouco de sol, água e diversão. Fonte: Registros de campo de 2017 e 2018.

dar uma volta pela cidade, uns mergulhos na Carioca, tomar um sol, tomar uma com os “parceiros”, fazer uma fotografia em suas ruas “antigas”, presenciar procissões de mais de duzentos anos, ficar com alguém em algum de seus becos escuros, rolar na grama do largo do Chafariz “em uma das pegações mais aleatórias que se pode ter”, ou receber a primeira “mamada”⁷⁹, “fazer” o primeiro cara⁸⁰, transar no interior do mesmo Chafariz de Calda enquanto a cidade dorme, fumar um *beck* no rolê⁸¹, dar o primeiro beijo, ser introduzido em rolês, sofrer o primeiro “PT”⁸², tomar um sorvete de castanha de baru⁸³ ou chupar um picolé de cajazinho⁸⁴ no Coreto. É sobre tais experiências que esta narrativa etnográfica se centrará, a partir de agora.

⁷⁹ Mamada é expressão utilizada para ressignificar o sexo oral. Por vezes era utilizada entre grupos de jovens frequentadores da praça acionada para relatar suas primeiras experiências sexuais. Não me surpreendeu perceber como esta gíria se tornava uma expressão de gênero extremamente machista tanto entre os frequentadores héteros (homens e mulheres) quanto entre os homossexuais. Por aí já consegui ver as dimensões que diferenciavam gênero de consciência de gênero e de sexualidade. O desejo implicado nestas sociabilidades extrapolava certas convencionalidades de uma sexualidade comportada e vivida apenas para fins de uma formalidade burguesa. Uma vez envolvidos em algum “esquema” a ordem era extrapolar fronteiras e experimentar tudo o que desejavam.

⁸⁰ Expressão comumente utilizada entre frequentadores e frequentadoras das festas em que desenvolvia minha pesquisa. “Fazer” alguém é o mesmo que “ficar” ou transar com um homem ou mulher vista nas festas e desejada pelas pessoas que eu observava.

⁸¹ A expressão “beck” é uma gíria para o consumo recreativo de maconha.

⁸² Gíria para manuseada por muitas pessoas para ressignificar o consumo de bebida em excesso até passar muito mal, vomitar ou até ficar inconsciente. “PT” são iniciais da expressão “Perda Total” e é usualmente acionada para comentar, criticar ou para fazer gozação de alguém que “passou da conta” e “bebeu pra caralho”. Geralmente evocavam a música MC Rahell “Vai dar PT” gravada em 2017. Letrar: Vai dar PT /Foi pro baile muito louca /Afim de se envolver /Só tem 17 anos /E o que vai acontecer? /Vai dar PT, /Vai dar /Vai dar PT, /Vai dar /No baile do BDJ /Que ela começa a sentar /Vai dar PT, /Vai dar /Vai dar PT /Vai dar /Vai dar PT /Vai dar /No baile da São Martins /Que ela começa a sentar /Vai dar PT, /Vai dar /Vai dar PT /Vai dar /Muito louca de Skol Beats /E a balinha pra embasar.

⁸³ Fruto do baruzeiro. É um legume lenhoso, castanho com uma única amêndoa comestível, que amadurece de setembro a outubro. O baruzeiro é nativo da vegetação do cerrado brasileiro e das faixas de transição da Mata Atlântica para o cerrado.

⁸⁴ Fruto oriundo do norte e nordeste do Brasil, mas adaptado ao centro oeste. É pequeno, quando maduro tem coloração amarela, a polpa é de gosto cítrico e muito aromática. Sua árvore pode medir até vinte metros de altura e na cidade de Goiás é cultivada em quintais, praças e lotes vagos. Sua polpa é muito utilizada para a produção de suco e de picolés.

CAPÍTULO III

SIGNIFICADOS QUE VÃO ALÉM DA CIDADE HISTÓRICA

É de ver-se, nestas manhãs, a rapaziada que passa para as aulas: crianças, moças estudam e sobre tudo o que não se via no meu tempo de menina; estudam alegres, com gosto. Entre públicas e particulares há em Goiaz umas 15 escolas: número grande para uma cidade pequena.

O dia todo é um verdadeiro vaivém de estudantes e ESTUDANTAS. Gosto de vel-os passarem envoltos na luz cantante, sadia e bôa, destas lindas manhãs de março.
Cora CORALINA (1908, p. 01)⁸⁵.

Digo sempre: “Jovens agradeçam a Deus todos os dias terem nascido nestes tempos novos...”
Cora CORALINA (1984, p. 122).

Acredito nos jovens à procura de caminhos novos abrindo espaços largos na vida. Creio na superação das incertezas deste fim de século.
Cora CORALINA (1984, p. 145).

Sempre que possível, utilizo uma epígrafe de Cora Coralina como prelúdio para os capítulos que compõem essa tese. Esclareço que tal estratégia narrativa não se dá por um acaso e nem simplesmente por sê-la originária da cidade ou por ter narrado partes de seu cotidiano.

A interface desta pesquisa com Cora Coralina se justifica nas apropriações que ela fez da história de Goiás, por sua poética dos becos, por suas descrições de conflitos de gênero, sexualidade e de geração, por ter transgredido normas da sociedade goiana e por conseguir costurar trajetória e literatura, tornando-as um elemento simbólico no presente de Goiás.

Os usos feitos de sua obra literária e de partes de sua trajetória são hoje elementos fundamentais para a fama de “Cidade Histórica” atribuída a Goiás. Ao contar velhas estórias antes que o tempo as passasse a raso e ao se preocupar em deixar legados simbólicos para os jovens, Cora Coralina patenteou uma atenção para com este segmento etário que não era o mesmo daquele de seu tempo de criança e de adolescente – o de tutela e controle.

É notório que muitos de seus escritos exibem os preconceitos de uma época – tanto os seus quanto os dos outros. Porém, eles trazem uma aura de otimismo em torno da juventude

⁸⁵ CORALINA, Cora. Cronica de Goiaz. Sul de Goiaz, Catalão, 16 de abril de 1908, n.º 41, p. 01. Documento consultado no Gabinete Literário Goiano em dezembro de 2017.

que de longe se aproxima das poucas expectativas daquela “gente antiga” “sagaz e dominante” (Cora CORALINA, 1984, p. 51), que passava a vida de adulta a “conter e reprimir as [os] jovens, dando-lhes esperanças, ensinando-lhes a paciência e a vontade de Deus” (1984, p. 45).

Nas poesias publicadas entre as décadas de 1970 – 1980 e em seus escritos anteriores ao ano de 1911, Cora Coralina criticou a perspectiva adultocêntrica das coisas em seu mundo e tempo e questionou por quais razões era “tudo de melhor para os adultos” (1984, p. 119) ao passo que para as crianças e adolescentes era só “prato feito, regrado, medido” (p. 119).

Entusiasta dos jovens, da juventude, da formação acadêmica e das letras, – Cora não escondeu o desejo seu e o de outros jovens de seu tempo em “querer abrir uma brecha naquela muralha parda de pobreza e limitação” (1984, p. 45) imposta por normas de educação bastante arbitrárias. Certa de que deveria romper com a “palavra dos velhos” (1984, p. 104), Cora Coralina “ajuntou as pedras que vieram sobre ela” (1976, p. 20) e, como os estudantes que poetizou, abriu espaços largos na vida, tal qual registrou em poesia que aqui transcrevo:

Minha vida. Num ano longínquo, numa cidade distante, num dia incerto de um mês aziago, nascia uma criança. O Destino que presidia o evento, ouvindo o primeiro vagido, clamor de vida, moveu-se invisível e depôs sua dádiva na cabeça da criança, simbolizada numa chama viva e num punhado de cinza. 20 anos decorridos... Ardia na fronte da adolescente uma chama viva e era essa vida um punhado de cinza. Tantos anos decorridos... Ainda queima nessa cabeça uma chama viva e é essa vida um punhado de cinza. Chama viva. Cinza morta... Minha vida. O símbolo do meu Destino. (Cora CORALINA, 1979, p. 21).

Consciente de que era uma “chama viva” em um tempo “aziago”, Cora Coralina se inteirou muito cedo das coisas do “destino”. Bastante perspicaz, se apropriou rapidamente das dádivas de que dispunha e da necessária abertura de espaços largos em sua vida. Ainda jovem, ousou escrever quando mulher nenhuma ousava, tangenciou temas – erotismo feminino, sexualidade, feminismo – que ruborizavam até mesmo o homem mais espontâneo da antiga capital e criticou escritores celebrados em Goiás, como Luiz do Couto e Gastão de Deus.

Cora Coralina enfrentou os cânones da literatura regional, o machismo impregnado no universo literário de Goiás, se envolveu com homem comprometido (casado), fugiu para São Paulo e, em sua velhice, rompeu com as normas moralistas do envelhecimento. Publicou livros já velha, namorou e viveu um romance em seus noventa e um anos de vida.

Ao comentar sobre o bom status dos jovens nesses “tempos novos”, em contraposição ao dos tempos antigos, a escritora questionou a lógica das idades até então amparadas no



Desenho 18 – De perfis a declarações curiosas. Um pouco da sexualidade dos jovens capturada em campo. Fonte: Diários de campo, agosto de 2017 até dezembro de 2019.

determinismo biológico, questionou a naturalidade dos grupos etários que, à sua época – e ainda hoje –, separavam jovens de adultos e de velhos e borrou as fronteiras que distinguiam um grupo do outro. Para aqueles que conhecem apenas sua obra poética, parece ficar a impressão de que Cora esbarrou em algumas representações que consideravam “a vida como um fenômeno biológico, como uma situação na sociedade” (Philippe ARIÉS, 1986, p. 38); todavia, quando

se conhece os seus escritos anteriores a 1911, se identifica uma aproximação dela à expressão “é a vida”, utilizada por Philippe Ariés para exprimir ao mesmo tempo a resignação e a “convicção de que existe, fora do biológico e do sociológico, alguma coisa que não tem nome, mas que comove [as pessoas], que [as faz procurar] nas notícias corriqueiras dos jornais, ou sobre a qual [se diz] ‘isto tem vida’” (1986, p. 39), por isso pode ser alterado na dinâmica social e no tempo.

As considerações de Cora sobre as etapas da vida e as de sua vida vão de encontro com as minhas impressões de campo e com as de Philippe Ariés, de que as “idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais” (1986, p. 39-40). A juventude, por exemplo, expressa em crônicas escritas e publicadas por Cora antes de sua fuga para São Paulo, caminha numa lógica parecida à de Ariés. Suas descrições dos sentidos de juventude localizam esta palavra no tempo e a investe de “valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada” (Philippe ARIÉS, 1986, p. 46-47). Entretanto, nota-se em Cora Coralina e em muitos estudiosos – o próprio Philippe Ariés não explora muito o jogo, um tanto esquizofrênico, dos adultos para com os jovens – um lapso reflexivo acerca da situação bastante perversa que o mundo adulto impõe a jovens e crianças, ainda nos dias de hoje.

É bom que algumas duras realidades demandadas aos jovens sejam aqui tangenciadas. Tanto Wivian Weller (2020) quanto Luís Antonio Groppo (2016) são enfáticos em pontuar que a juventude é ainda pensada sob uma perspectiva adultocêntrica e estigmatizadora que em muito prejudica a produção de políticas públicas capazes de atuar de forma positiva na vida dos jovens e de promover mudanças significativas para o desenvolvimento humano desses sujeitos.

Não é uma novidade afirmar que o mundo adulto e as instituições da sociedade tentam a todo instante tutelar as crianças e os jovens. Para termos a confirmação disso, basta olharmos para as escolas públicas de Goiás⁸⁶ – as militarizadas são um excelente exemplo disso –,

⁸⁶ Me refiro às escolas públicas de Goiás e deixo de lado as escolas particulares, pois não consegui ter acesso a informações nessas instituições. No que tange as escolas públicas da cidade de Goiás eu tentei diálogo por vezes com a Coordenação Regional da cidade de Goiás, todavia qualquer informação me foi negada. Os pedidos para participação da pesquisa contendo todas as informações do projeto ficaram na mesa da coordenadora por aproximadamente três meses e ela nem ao menos me ofereceu explicações para se negar a prestar-me informações. Eu nem mesmo fui recebido pela coordenadora e os documentos que deixei me foram devolvidos por seu secretário. Após ser ignorado pela coordenadora regional busquei suporte junto à Secretaria Estadual de Educação de Goiás, recebi a informações de que seria recebido, mas em função da pandemia de Covid-19 e pelo fato de esta secretaria estar localizada em Goiânia acabei desistindo dessa incursão mais profunda em torno do que está secretaria tem feito pelos adolescentes e jovens, dos fechamentos de escolas, da evasão de estudantes e da ausência de projetos por parte da Coordenação preocupados com a formação para a autonomia de estudantes. Registros de diário de campo de fins de 2019 e meados de 2020.

Nome: Bherta
Gênero: feminino
Orientação sexual: hétero, até que se prove o contrário (risos)
Cor: branca
Classe: classe média, não sei bem, eu acho né.
Origem: Goiás
Idade: 21 anos, nasceu em 2000

observar a existência/ausência de políticas públicas localizadas que se preocupam com a formação básica dos estudantes – falo aqui de formação para a autonomia, para pensar e não tão somente para aprender a ler, fazer os cálculos básicos e responder provas objetivas – e as ações de gestão/intervenção nas escolas e no trabalho dos professores⁸⁷.

Nos últimos anos, têm se tornado um lugar comum ver que as instituições de ensino básico – e até as de ensino superior – por vezes fazem uso extremado do controle social e da violência em nome da “boa educação”, dos “bons costumes” e de uma moral civilizatória.

A disciplina defendida por várias instituições da sociedade – família, escola e a igreja – a despeito de ensinar os jovens a ler o mundo – na acepção mesma defendida por Paulo Freire (1996) –, voltam-se para tentar converte-los em corpos dóceis (Michel FOUCAULT, 1999) e facilmente moldáveis. Todavia, é nessa conjuntura, meio panóptica, que se observa a resistência, a subversão e o colocação em prática da imaginação e da reinvenção de si.

O cenário social que encontrei em Goiás nos últimos três anos – tempo em que realizei a pesquisa – e o uso que fiz das contribuições dos estudos sobre juventude, geração e o curso da vida me apontaram que raramente esse mundo adulto – da forma como ele está organizado e entende os sentidos de juventude – é capaz de preparar crianças e jovens para ler o mundo, para se reinventar, para pensar ou para viver por conta própria. Em muitas das vezes elas precisam aprender coisas importantes para a vida por conta própria, e é nesse momento em que criam coisas novas, se envolvem em situações picarescas, arriscadas ou constrangedoras.

Em meus diários de campo, registrei de que forma, no decorrer dos anos de formação humanista de meus interlocutores, quase nada foi desenvolvido acerca das incertezas do mundo,

⁸⁷ Meus questionamentos em torno da relação entre juventude, educação e frustrações apareceram no momento em que conversei com ex-alunos e escutei deles reclamações em torno do pouco – para não dizer nulo – esforço da Secretaria Estadual de Educação de Goiás em oferecer a eles condições para enfrentar a vida após a formação básica, para ter algum sucesso em provas do nível do Enem e dos concursos e para conseguir contornar os problemas cotidianos. Enquanto os escutava refletia comigo mesmo acerca da ausência de autonomia dos professores que atuam no chão das salas de aulas. Em função de ser uma reclamação recorrente eu registrei por vezes em meu diário de campo da necessidade de desenvolver pesquisa acerca das políticas de ensino que vigoram nas escolas do estado de Goiás e no alijamento dos professores do direito de exercerem seu papel com liberdade e autonomia, da curiosa preocupação/pressão das instituições de gestão – como coordenações e secretarias – com os números em desprestígio com a qualidade, com o pensamento crítico e a autonomia de pensamento. Diante das negativas de informações precisei deixar tantos questionamentos para um momento político menos autoritário e menos aparelhado. Registros de diário de campo dos anos de 2019 e meados de 2020.

dos imponderáveis e das contingências da vida adulta. Os jovens estudantes com os quais conversei – e não foram poucos – não haviam sido informados de que viver é difícil, de que

Nome: Perla
Gênero: feminino
Orientação sexual: heterossexual
Cor: boa pergunta, acho q no documento é parda
Classe: média
Origem: Goiânia
Idade: 21 anos, nasceu em 2000

Nome: Franciele
Gênero: feminino
Orientação sexual: bissexual
Cor: parda
Classe: baixa
Origem: Goiás
Idade: 21 anos, nasceu em 2000

Nome: Armando
Gênero: masculino
Orientação sexual: heterossexual, não gosto deste tipo de rotulagem.
Cor: pardo
Classe: média
Origem: Goiás
Idade: 24 anos, nasceu em 1997

frustrações fazem parte do cotidiano e que a vida não é uma “brincadeira de casinha”, como acreditava o casal ficcionalizado por Andréa Pachá (2012) em um de seus muitos contos tematizando histórias da Vara de Família na cidade do Rio de Janeiro⁸⁸.

Muitos dos estudantes que comigo conversaram reclamavam de que “da noite para o dia” o mundo adulto – representado por pais, escola e a sociedade – resolvera de lhes cobrar coisas que eles ainda não conheciam. Presenciei situações do gênero em vários momentos enquanto visitava festas, rolês, rodas de conversa ou a casa de alguns de meus interlocutores. É claro que entre tantos casos e trajetórias por mim acompanhadas houve aqueles jovens que saltaram da vida juvenil para a adulta, precisaram criar condições para ganhar a vida, auxiliar no sustento da família e relegaram sua juventude ao silêncio e recalque.

Os relatos feitos por Perla, Armando, Jenifer, Alana, Franciele, Bherta, dentre outros, e suas dúvidas ao me oferecerem informações

personais para montar os perfis que espalhei pelo texto foram sintomáticos da distância que existe entre o que haviam aprendido e a vida que encontraram à medida que alcançavam certa maturidade. Alana e Franciele me ofereceram confidências refinadas e me deixaram ver seus

⁸⁸ Em Brincando de casinha a escritora escrutina um dos milhares de exemplos de pessoas que da noite para a dia se veem metidos na vida adulta. Segundo a história, depois de ouvir os lados e acompanhar as discussões a juíza interferiu e pontuou: “– Tenho uma péssima notícia para vocês: quando a gente cresce, se não comprar café e papel higiênico, não vão brotar da despensa. Mimados, refratários às dores e às contradições próprias da humanidade, Mariane e Marcos eram o reflexo de uma geração forjada no espetáculo e no consumo e também rasa nas manifestações de afeto, desprovida de densidade. Cresceram naquele ambiente de felicidade obrigatória, e brincar de casinha, aos vinte e poucos anos, traduzia um hiato entre a realidade e a idade biológica. Ainda tinham alguma chance de assumir, no futuro, as escolhas das suas vidas”. (Andréa PACHÁ, 2012, p. 25-26).

problemas e medos muito de perto. Estas temiam não conseguir atender às exigências de seus pais, se apavoravam com as cobranças para que trabalhassem, para que se tornassem independentes, fizessem alguma graduação e lidassem sozinhas com as incertezas diárias.

Ao florescer da vida adulta – unilateralmente determinada pelos adultos – e ainda tomados/as por muitas inseguranças, entre jovens que eu acompanhei pesava o fardo de uma vida em que precisariam aprender sozinhos a lidar com as decepções, cobranças e as frustrações. Todas as situações que observei me montaram a seguinte imagem: após vinte ou vinte e quatro

Nome: Kênia
Gênero: feminino
Orientação sexual: Então, aqui em orientação sexual, mesmo eu me considerando hétera, porquê eu só me atraio mesmo por homem, mas no meio da bagaceira eu beijo todo mundo, até mais de uma vez (risos) quantos couberem na rodinha do tipo que for (riso)
Cor: branca
Classe: média
Origem: Goiás
Idade: 22 anos, nasceu em 1999

Nome: Alana
Gênero: feminino
Orientação sexual: heterossexual
Cor: branca
Classe: média baixa
Origem: Goiás
Idade: 20 anos, nasceu em 2001

Nome: Jenifer
Gênero: feminina
Orientação sexual: heterossexual
Cor: parda
Classe: média baixa
Origem: Goiás
Idade: 24 anos, nasceu em 1997

anos de intensa tutela, de resistências, conflitos, contrariedades e em muitas das vezes desprovidos de recursos financeiros para caminhar por conta própria, os jovens se confrontavam com a assustadora exigência dos adultos para que se inserissem a todo custo no mercado de trabalho e para que ganhassem o seu próprio sustento. Em muitas situações de campo – momentos de descontração ao redor de mesas de bar ou de conflitos – escutei choros e lamentos sobre como os sonhos do admirável mundo novo terminaram por se converter em pesadelos.

A persistência de uma relação desequilibrada de forças entre as gerações – as mais velhas e as mais jovens – parecia ser algo tramado e intencional. Isto contribuía para que, nas relações entre pais e filhos/adultos e jovens, se desenrolassem muitos conflitos. Mas também algo no interior dos conflitos de geração era produtivo à medida em que forçavam tantos jovens

Nome: Alberto
Gênero: masculino
Orientação sexual: homossexual
Cor: preto
Classe: pobre
Origem: Goiás
Idade: 24 anos, nasceu em 1997

atribuírem sentidos outros às suas vidas em Goiás e produzir para a cidade os significados, sentidos e usos que tenho tentado mostrar com esta etnografia.

Os rolês se tornaram laboratório importante para me mostrar a juventude como algo variável no tempo, na cultura, na

sociedade e até entre os jovens. Pelos lugares em que circulei não havia uma forma única de juventude e muito menos um jeito único de ser jovem. Na praça do Coreto, nas festas e nos rolês existia todo tipo de pessoa, aspecto que já de início rompia com o arquétipo ideal de jovem e de juventude utilizado e propagandeado pela sociedade e por suas instituições.



Desenho 19 – “Eu quero é festa!” Réveillon de 2019. Madrugada de 01 de janeiro de 2019. Fonte: Diário de campo de 2019.

Em campo observei que embora muitos jovens tentassem atender aos anseios da juventude ideal, terminavam os rolês frustrando todas as expectativas. As dúvidas de Bertha, Perla, Armando, Kênia, Arthur e Rodrigo sinalizam que pouco ou quase nada aprenderam em torno das relações de gênero, da sexualidade, das diferenças de classe ou de raça. Questões básicas da vida em sociedade lhes eram completamente ignoradas e muitos ainda estavam

Nome: Breno
Gênero: masculino
Orientação sexual: homossexual (Gay)
Cor: preta
Classe: pobre
Origem: Goiás
Idade: 23 anos, nasceu em 1998

Nome: Alisson
Gênero: masculino
Orientação sexual: curto pessoas
Cor: negão
Classe: me encaixo na classe trabalhadora
Origem: Goiás
Idade: 24 anos, nasceu em 1997

Nome: Alex
Gênero: masculino
Orientação sexual: heterossexual
Cor: preta
Classe: pobre
Origem: Goiás
Idade: 24 anos, nasceu em 1997

Nome: Joice
Gênero: feminino
Orientação sexual: heterossexual
Cor: branca
Classe: média baixa
Origem: Goiás
Idade: 22 anos, nasceu em 1999

apegadas a verdadeiras miragens e idealizações fantasiadas por seus pais, mães e demais familiares.

Eles e elas iam para os rolês e para a vida cheios de dúvidas, incertezas e preconceitos, mas uma vez ali a força expressiva e a energia de tanta gente junta deslocava-os de suas marcas sociais e os autorizava a experimentar de tudo um pouco, afinal acreditavam que tudo ficaria ali, no rolê. Esse seu agenciamento me apontou para a produção de algo novo. E os rolês, festas, comemorações, suas identidades, as reinvenções de si e aventuras eram o algo novo que esses jovens estavam me apresentando.

Eu costumava registrar nos diários que os pais desses jovens não “sabiam realmente de nada”, mas quando descobriam algo que não os agradava a relação com os filhos deteriorava muito rápido. Por se tratar de Goiás, era bastante comum que os pais e familiares descobrissem comportamentos indesejados de seus filhos e quando informações muito íntimas desses jovens alcançavam os seus pais – o que acontecia muito rápido em Goiás dado o jornal que ligava uma pessoa a outra – esses jovens tinham suas vidas transformadas em verdadeiros dramas bem ao modo narrado por Cora Coralina acerca de sua vida de infância e de juventude.

Nos rolês registrei como ao contrariar expectativas – as noites de festa eram boas oportunidades para isso – muitos jovens passavam a ser vigiados, monitorados e punidos, mas curiosamente – e estranhamente – não eram ensinados e nem instruídos. Muitos eram abandonados à própria sorte, outros eram trancados ou tinham suas vidas para além das paredes

de casa ignoradas, silenciadas e apagadas. Foi percebendo isto que, além das questões de gênero e de sexualidade, eu também me preocupei por mostrar os variados sentidos atribuídos à juventude⁸⁹ em Goiás, a percepção de envelhecimento entre meus interlocutores e de como, à medida que envelheciam, eles iam se apropriando da lógica adulta e de seus preconceitos. Ao fim entendi que no universo social tudo era ensinado e aprendido. Até a incapacidade relatada por muitos de meus interlocutores para fazer determinada coisa X ou Y.

Destoando da ideia de ver a vida como “um drama, [capaz de nos mover] do tédio cotidiano” (Philippe ARIÉS, 1986, p. 39) minha atenção voltou-se para a vida de meus interlocutores como o resultado de construções sociais estruturadas em instituições da sociedade e que variavam de cultura para cultura e de tempos em tempos⁹⁰. Eles até poderiam me descrever suas vidas como um drama, tal qual fizera Cora Coralina, mas para mim suas vidas precisavam ser observadas como algo vivo, móvel, cheio de trajetos e de cruzamentos, com datas e processos de fabricação, tal qual pontuou Guita Grin Debert:

Tratar das transformações históricas ocorridas com a modernização é também chamar a atenção para o fato de que o processo de individualização, próprio da modernidade, teve na institucionalização do curso de vida uma de suas dimensões fundamentais. Estágios foram claramente definidos e separados e a fronteira entre eles passou a ser dada pela idade cronológica. É nesse sentido que a expressão “cronologização da vida” é usada por Kohli e Meyer (1986) para caracterizar as transformações na forma como a vida é periodizada, no tempo de transição de uma etapa para outra, na sensibilidade investida em cada um dos estágios, mas também para definir o caráter do curso da vida como instituição social. Essa institucionalização crescente teria envolvido praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas

⁸⁹ Sobre tal caminho Luís Antonio Groppo destaca pensar “que há uma via interessante de compreender as juventudes brasileiras - mas, jamais uma fórmula pronta destinada a tudo responder. Trata-se do olhar dialético sobre as juventudes. Uma mirada histórica sobre as sociedades modernas pode perceber os contornos da condição juvenil como dialética, ou seja, as juventudes se movem, contraditoriamente, entre processos de institucionalização e autonomia dos jovens. A dialética da juventude se dá pela presença de elementos contraditórios no interior das instituições criadas para a suposta socialização dos jovens, como as escolas. Estes elementos sempre colocaram o que se definiu como oficial em estado de contestação, em estado de possível superação. Tais elementos são oriundos da possibilidade de autoconstrução, pelos jovens, de formas de pensar e agir diversas daquelas desenhadas institucionalmente – ainda que esta proximidade entre tantos sujeitos jovens tenha sido proporcionada, justamente, pelas instituições. As juventudes na sociedade moderna sempre estiveram envoltas em tensões, conflitos, rearranjos institucionais e resistências contra-instituintes. As juventudes foram e são parte das lutas sociais para estabelecer o domínio de certos grupos sociais, seu projeto político e visão de mundo. E parte das lutas para resistir a este domínio” (2016, p. 398-399).

⁹⁰ Alguns bons exemplos dessa variabilidade dos grupos etários e de suas dinâmicas funções a desempenhar numa sociedade são os trabalhos de Margareth Mead (2015) sobre a adolescência em Samoa, o estudo sobre os indígenas velhos Suyá feito por Anthony Seeger (1980), as várias juventudes delineadas por Luís Antonio Groppo (2016) e o clássico estudo de William Foote Whyte (2005) sobre jovens rapazes de região pobre da cidade de Boston.

que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos (Guita Grin DEBERT, 1999, p. 73).

Nome: Jonas
Gênero: masculino
Orientação sexual: bissexual
Cor: pardo
Classe: média baixa
Origem: Goiás
Idade: 21 anos, nasceu em 2000

Nome: Arthur
Gênero: masculino
Orientação sexual: heterossexual
Cor: parda
Classe: acho que baixa, mas não tão baixa (risos)
Origem: Goiás
Idade: 24 anos, nasceu em 1997

Nome: Ester
Gênero: feminino
Orientação sexual: heterossexual
Cor: branca
Classe: baixa
Origem: cidade de Goiás
Idade: 24 anos, nasceu em 1997

Nome: Jéssica
Gênero: feminino
Orientação sexual: heterossexual
Cor: branca
Classe: média, não sei declarar isso
Origem: Goiás
Idade: 23 anos, nasceu em 1998

Em diversas investigações, Guita Grin Debert (1999; 2010) lançou luz sobre as “fronteiras estabelecidas entre os comportamentos tidos até então como adequados aos diferentes grupos etários” (Guita Grin DEBERT, 1999, p. 70), a cronologização da vida, o envelhecimento, as representações derivadas do envelhecer, a valoração de determinadas etapas da vida e o processo de descronologização da vida representada em “rupturas com a modernidade que caracterizam a experiência contemporânea” (1999, p. 74). Em suas reflexões, verificam-se interrogações em torno da “valorização da juventude como uma etapa da vida marcada pelo dinamismo e criatividade” (Guita Grin DEBERT, 2010, p. 51) e pela necessidade em mover a juventude da posição de marca etária própria de uma determinada etapa da existência humana diluindo-a em diferentes momentos do curso da vida.

Tantas contribuições corroboram com os apontamentos de Philippe Ariés (1986), Luís Antonio Groppo (2016) e com a história da beleza no Brasil de Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014). Esta última, muito preocupada com o corpo, os sentimentos de envelhecimento, juventude e rejuvenescimento, pontuou de que forma, na transição do século XIX para o XX, diferentes

Nome: Rodrigo
Gênero: masculino
Orientação sexual: heterossexual
Cor: branco
Classe: acho q D (risos), tô meio por fora dos critérios disso
Origem: Goiânia
Idade: 23 anos, nasceu em 1998

Nome: Neto
Gênero: masculino
Orientação sexual: gay
Cor: branco
Classe: média baixa
Origem: Goiás
Idade: 24 anos, nasceu em 1997

pessoas, de diferentes segmentos etários, foram manuseando “artifícios para a formosura” (p. 18), modernizando concepções, flexionando preconceitos, deixando expressões de gênero – muito cristalizadas e estanques – envergar, intensificando a preocupação – e certo receio – com o envelhecimento, investindo em tônicos, cosméticos, vestuários, exercícios físicos e intervenções cirúrgicas para atrasar o aparecimento de marcas do tempo, afinal na era em que o “direito à beleza” (p. 122) era uma máxima só seria feio e velho quem assim desejasse.

Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014)

apresentou, na longa duração os sentidos de beleza e de embelezamento no Brasil, cruzando isto com os desenvolvimentos tecnológicos, medicinais, nutricionais, geracional, com a dinâmica das questões de gênero e de sexualidade no decorrer do século XX e mostrou como a juventude foi movida de marca exclusiva de um determinado grupo etário (os jovens) para todo o curso da vida. Denise Sant’Anna (2014), Philippe Ariés (1986) e Margareth Mead (2015) problematizaram a fabricação biológica das idades, o controle social de uma geração sobre a outra, a institucionalização de normas, o sentido natural de divisões etárias ou formas universais de ser, afinal “aspectos do comportamento que havíamos nos acostumado a considerar complementos invariáveis de nossa humanidade revelaram-se meros resultados da civilização, presentes nos habitantes de um país, ausentes em outro, e isso sem mudança de raça” (Margareth MEAD, 2015, p. 20).

As idades biológicas na pós-modernidade, como sugeriram tantos estudiosos aqui tangenciados, já não fazem muito sentido para além de registros censitários, institucionais ou processos de educação formal com pouca eficácia na vida real. No universo social o amadurecimento aparece em diferentes situações, é usado por diferentes pessoas e a juventude parece ter se convertido em um valor disputado por jovens, adultos e velhos. O envelhecimento transmutou-se da posição de respeito para a de descuido e aos poucos foi se misturando a expressões como “envelhecer com saúde” ou “jovem velho”. As pessoas passaram a lutar contra

o envelhecimento, se apropriaram de elementos socialmente investidos pela aura da juventude e tomaram o seu envelhecimento físico e social como uma realidade que poderia/deveria ser tratada, atrasada ou disfarçada. Meus interlocutores demonstravam isso em comentários, na mudança de sua frequência a certos espaços da cidade, no abandono de certas bebidas, adoção de outras, por eles consideradas mais leves, e em outras ações “mais adequadas à sua idade”.

Em minha pesquisa, o envelhecimento foi se desenhando de forma saudosista, o peso da vida adulta foi observado como causa de desconforto entre meus interlocutores e a luta pela manutenção da juventude de outrora passou a ser compartilhada em cada confissão, riso ou choro. Envelhecer no contexto dos rolês era algo incômodo, encarado como inevitável, cercado por devaneios, por preocupações e por uma curiosa solidariedade entre grupos juvenis. Havia também muitas dúvidas em relação à sexualidade, classe social, raça e uma grande ansiedade em relação ao futuro e o mundo do trabalho.

À medida em que meus interlocutores percebiam seu envelhecimento, davam início à demarcação de fronteiras, de horários, temporalidades e lugares, mas curiosamente mantinham-se abertos para negociar relacionamentos entre gerações diferentes das suas, principalmente com as mais jovens. Marcar rolês com outros grupos, “conhecer gente nova” ou “pegar um novinho” era uma forma de cultivar a juventude, de energizar-se com algo que não sabiam bem o que era, mas que lhes dava algum sentido para sair em grupos e para se divertir. Havia também uma necessidade em manter vínculos com pessoas biologicamente maduras, mas estas precisariam ter um “espírito jovem”, manter-se dispostas ao diálogo, falar menos e ouvir mais.

Estes vínculos me ofereceram informações importantes para entender os relacionamentos entre gerações, a criação de redes de solidariedade, os sentidos de juventude, de envelhecimento, o cultivo de preconceitos, e disponibilidade/indisponibilidade para rever preconceitos cultivados no cerne das instituições sociais – principalmente no bojo da família, da escola e da igreja. O fato de eu ter sido aceito entre tantos jovens evidenciou não estar tudo perdido e mostrou uma possível solidariedade entre as gerações. Estes podiam estar cheios por preconceitos, mas ainda se mantinham dispostos a rever seus conceitos, da mesma forma que eu já começava a rever muitos de meus preconceitos ao me propor a este exercício de olhar Goiás pela perspectiva dos rolês e das juventudes. Considerei que alguma boa mudança podia resultar de nosso encontro. Costumo apontar que entre tantos jovens/rolezeiros e eu ocorreu

uma gestão do envelhecimento e que era cotidianamente socializada (Guita Grin DEBERT, 1999) a cada vez que nos reuníamos nos rolês e nas festas⁹¹.

A suspeita de que em Goiás existia “um duplo processo que redesenha os estágios que marcam o envelhecimento [dissolvendo] a vida adulta como uma experiência, [uma] etapa de maturidade, responsabilidade e compromisso” (Philippe ARIÉS, 1996, p. 51) paralelamente ao cultivo de mecanismos de relacionamento interpessoal muito alternativos – extra oficiais – e bastante particulares que eram articulados para gestar a sexualidade, o gênero e os desejos me levou na direção de jovens universitários, de estudantes e de frequentadores de festas e da praça do Coreto. Ao me sentar nos bancos dessa praça, anotar observações, desenhar cenas, aquarelar narrativas e conversar com as pessoas, me permitiu ver articulados mecanismos de relacionamento, de confidencialidade e de confiança que operavam para que esses sujeitos reinventassem sua intimidade fora das paredes de casa, longe da família, da igreja e da escola.

Esses jovens – aqui encarados como interlocutores, sujeitos da pesquisa e protagonistas de suas vidas – se tornaram uma alternativa de estudo importante para apresentar outros significados presentes em Goiás e que extrapolavam os de “Cidade Histórica”. Foi por essa razão que trouxe ao longo do texto os nomes fictícios de alguns participantes dessa pesquisa, uma espécie de perfil contendo informações pessoais de cada um deles/delas e algumas aquarelas realizadas a partir das observações em campo. Meu objetivo foi trazer os jovens com os quais trabalhei para perto dos leitores desta tese, tangenciar alguns de seus significados, seus entendimentos das questões de sexualidade e de gênero.

Do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental – o FICA – e da festa junina da rua do Capim (rua da Conceição), no ano de 2017, principalmente aos finais de semana e em períodos festivos previstos pelo calendário turístico de Goiás, o meu cotidiano se transformou consideravelmente. Eu passei a frequentar festas, rolês e a praça do Coreto com maior assiduidade que de costume. Os convites para sair em grupo aumentaram progressivamente.

À medida em que as pessoas me conheciam, ao passo em que eu deixava de ser um indivíduo e me transformava em uma “pessoa”⁹² elas me buscavam para “trocar ideias”, conversar sobre coisas triviais, assuntos sérios, pedir conselhos ou para me integrar em suas

⁹¹ Estas problematizações se aproximam dos temas estudados por Helena Wendel Abramo (1994). Preocupada como segmentos jovens a pesquisadora recortou as cenas juvenis de punks e darks em contextos urbanos para pontuar entre esses os sentimentos de juventude. Para Abramo a juventude não deve ser entendida apenas como uma etapa da vida resultante de uma construção social, mas sim dotada de história e de uma dinâmica fortemente influenciada pelo tempo, pois a “noção de juventude é socialmente variável” (p. 01).

⁹² A noção de indivíduo aqui mobilizada é a Louis Dumont (1983) que compreende como “o ser moral, independente, autônomo e, portanto, essencialmente não social, tal como o encontramos ante toda a nossa ideologia moderna de homem e de sociedade” (p. 75).

redes de relações mais íntimas. Ao passo que percebiam minha positiva tendência para a diversão, meu desinteresse, meu respeito aos limites por eles/elas estabelecidos (verbal e gestualmente), meu talento em guardar segredos e minha discrição em torno de situações muito particulares, estas pessoas foram me inserindo em seus grupos de *WhatsApp*, me colocaram em



Desenho 20 – “Saí de casa ontem. Tô virado no rolê e nem sei que horas chego em casa”. Manhã posterior ao réveillon de 2019.
Fonte: Diário de campo de janeiro de 2019.

seus melhores amigos no *Instagram*, me convidaram para conhecer rolês afastados dos limites espaciais do Centro Histórico, me chamaram para visitar repúblicas universitárias, para circular por bares onde se reuniam apenas amigos muito próximos, para frequentar festas de aniversário, rolês mais íntimos ou para compor grupos de viagem entre amigos até Goiânia.

Acredito que o fato de saber cozinhar consideravelmente bem, desde alimentos salgados até os doces, também me ajudou no processo de aproximação junto a alguns de meus interlocutores. De modo bastante humorado, pondero que também os conquistei pelo estômago. Em festas

mais íntimas (aniversários e reuniões para beber e conversar) era eu quem providenciava o caldo que “curaria a embriaguez da galera” ou o bolo que comeriam após cantados os “parabéns pra você”.

Em certa medida, as minhas relações de pesquisador foram adquirindo algum grau de intimidade e isto foi decisivo para que eu trocasse dádivas entre os jovens universitários e os rolezeiros que conhecia na praça do Coreto, em festas ou no decorrer da pesquisa. Ao redor do fogão ou de um bolo, eles compartilhavam segredos, medos e dúvidas muito pessoais e particulares. E para além disso não deixavam que meus aniversários passassem em branco. As narrativas que capturei enquanto permanecia sentado nos bancos da praça do Coreto não eram ditas de forma aleatória ou de forma descuidada. Eles e elas só me falaram de suas experiências sexuais mais íntimas, desejos e expectativas porque confiavam em mim.

Além de presentes, eu tive a oportunidade de ganhar festas surpresas acompanhadas por bolos feitos sem lactose. Eles haviam descoberto até minhas alergias e problemas alimentares, sabiam de minhas leituras preferidas, dos temas que gostava de abordar e se esforçavam para discutir comigo sobre coisas que me inquietavam, sobre temas políticos e relacionados aos direitos humanos. Numa alusão ao trabalho de Marcel Mauss (2003) feito entre sociedades da Polinésia em que havia entre esses grupos uma necessidade em retribuir favores, presentes e relações, constituindo a noção de troca como base da vida em sociedade, em meu contexto de pesquisa eu também senti e percebi a necessidade da retribuição e observei uma economia de dádivas ser utilizada como mecanismo fundamental para o cultivo de relações sociais e pessoais. A economia de dádivas, os convites para sair, para fazer parte da vida dessas pessoas, as trocas de presentes, festas surpresa e as confidências funcionavam como acionadores de emoções. Tudo isto ditava o valor das intenções, a gratidão (Maria Claudia COELHO, 2006) e sinalizava que eu era bem-vindo entre tantas pessoas.

Todo o período de tempo da pesquisa foi marcado por aprendizados e por muitas descobertas. Cada festa me apresentava um dado novo, cada rolê uma nova curiosidade sobre os seus frequentadores. A cada convite que recebia, eu me apropriava de uma nova informação acerca dos grupos e/ou das pessoas que os constituíam. Algumas informações só eram compartilhadas entre as pessoas que realmente tinham alguma intimidade e a garantia do segredo/anonimidade eram ações determinantes para o estreitamento das relações pessoais entre as pessoas com as quais eu mantinha diálogo e alguma convivência.

Os métodos utilizados a princípio e que se circunscreviam na busca por conhecidos, entrevistas, compartilhamento de informações, acompanhamento das pessoas de que me aproximara nas festas e o costume de trazer às mãos um caderninho para anotações não fizeram muito sentido no contexto dos rolês. As pessoas que conhecia nem sempre compartilhavam dos interesses para os quais se voltava a pesquisa. As entrevistas nem sempre se tornavam viáveis,

dada a dificuldade dos meus interlocutores em comparecer aos lugares por eles mesmos marcados para o encontro e eles nem sempre me devolviam o material produzido em campo e que eu lhes repassava para tentar manter um diálogo o mais horizontal possível. Eu precisei conhecer seus espaços de rolês, me aproximar o mais possível do que era um jovem rolezeiro e precisei escutá-los. Deixei que comigo falassem, contassem coisas e permite que pegassem em minhas mãos e me levassem em um percurso por suas experiências sociais.

À medida em que entendi a dinâmica de relacionamentos entre mim e eles tomei por métodos de coleta de informações a pedagogia da pergunta bem ao modo de Paulo Freire; os deixei falar de si mesmos, os escutei e permite que me perguntassem também, afinal se o objetivo era manter uma relação horizontal eu não poderia deixar que só eles falassem ou respondessem perguntas. Cabia a mim também responder as suas perguntas a meu respeito.

Aos poucos, percebi que acompanhar pessoas dependia de convites e por vezes fui informado que o caderninho de notas gerava muita desconfiança. Alguns chegaram a me dizer para evitar anotar coisas que me eram ditas durante os rolês. Eu precisava frequentar os rolês e festas, observar o máximo de coisas possível e registrar após retornar para casa ou à medida em que conseguia ficar sozinho.

Nesse cenário movimentado em que se inseriam os rolês, o uso das imagens (fotografias e desenhos) como dispositivos de memória foram muito importantes.

Os jovens universitários e rolezeiros que eu acompanhava queriam ser notados, queriam companhia para sair, queriam ser ouvidos e encarados nos olhos. Eles tinham desejo por conversar sobre seus medos e incertezas, queriam falar de seus sonhos e queriam cumplicidade. Era como se nos rolês meus interlocutores não quisessem ter um pesquisador ao seu lado, mas sim alguém com quem pudessem se divertir de alguma maneira, rir, conversar. E em quem pudessem confiar.

Meus interlocutores desejavam alguém com quem pudessem compartilhar uma cerveja, falar sobre o futuro profissional, dançar e se meter em aventuras, tais como, tomar um banho na Carioca as três da manhã, fumar maconha ou palheiro, se aproximar de alguém que desejavam “pegar”, dançar ou ir em festas e lugares que lhes eram desconhecidos. O banho de água fria na Carioca em plena madrugada e a maconha não foram compromissos que consegui ter êxito ou honrar, esses eu presenciei – mediante críticas – de camarote. Mas auxiliar em “ficadas”, me dispor a conversar com suas paqueras, encorajar a ida até lugares desconhecidos e intervir em eventos marcados por alguma violência foram ações possíveis.

À medida em que fui inserido e posicionado dentro dos papéis precisei alterar meus comportamentos⁹³. Eu precisei adequar meu estilo de roupa, meus gostos musicais e até minha performance corporal. Considerando que eu era um cara fisicamente mais velho, eu precisei me rejuvenescer para me aproximar da juventude cultivada pelos jovens universitários que eu estava a acompanhar. Tudo isto exigiu um redesenho de minhas expectativas. Eu precisei desenhar de qual grupo iria me aproximar e quais limites estabeleceria. Sim, porque para estabelecer limites eu precisaria antes estar dentro de algum grupo e me tornar bem querido por essas pessoas, ser considerado alguém importante para elas, alguém com quem desejassem estar junto, se divertindo e rindo.

Uma vez que conseguira borrar minha identidade de professor, de pesquisador, de “cara mais velho”, tornando-a uma aquarela passei a observar conflitos diversos como fizera Mónica Franch (2010) entre jovens recifenses e também adentrei as redes de conflito mais privadas, os anseios e medos mais íntimos. Escutei confidências, desejos e dúvidas, tomei conhecimento de tramas muito individuais e observei de que modo esses jovens estudantes reinventavam suas intimidades para me inserir em suas vidas e cotidiano.

Foi só no momento em que os deixei falar comigo e contar sobre tudo o que queriam sem necessariamente ter um caderno à mão, um gravador ou perguntas pré-determinadas é que eles me confidenciaram coisas, não tão somente através da verbalização, mas do corpo, dos gestos, dos olhares. Isto também só se deu à medida em que eu caí em suas brincadeiras, ao passo em que dancei, ri, chorei, vesti cuecas samba-canção e saí para as ruas com o rosto coberto por glitter, deixei que me maquiassem, adquiri copos encomendados por grupos de amigos, participei de suas economias simbólicas, bebi do mesmo copo que eles, deixei que bebessem do meu, toquei pandeiro, cantei e compartilhei com eles uma porção de dádivas bem no sentido de Marcel Mauss (2003) e de Maria Cláudia Coelho (1999, 2006, 2010).

No meu contexto de pesquisa os gestos, sensibilizações, coisas e objetos dados e recebidos apresentavam “a capacidade de funcionar como veículo para a expressão individual, comunicando emoções e elaborando imagens dos indivíduos envolvidos na troca” (Maria Cláudia COELHO, 2006, p. 37).

Se o propósito inicial era não me envolver à medida em que leitores dessa tese me leem devem pensar que as regras por mim previamente estabelecidas foram descumpridas. Porém, deixo expresso que meu envolvimento afetivo ocorreu sem que precisasse me relacionar

⁹³ Evidentemente não deixei de ser eu mesmo, mas me permiti ser afetado, em uma perspectiva aproximada àquela narrada por Jeanne Favret-Saada (2005) e por Paulo Roger (2006).

sexualmente – aqui me refiro ao envolvimento físico – porque ao passo em que se lê ter eu recebido fotos, vídeos, pedidos para desenhar pessoas nuas, transando ou ouvido deles histórias extremamente íntimas se percebe que em certa medida aconteceu entre mim e eles um envolvimento afetivo onde eu fui colocado em suas redes de afetos, desejos e fantasias.

Acredito que isto aconteceu em razão de eu permitir tais relacionamentos e porque meus interlocutores se sentiram à vontade para tal nível de envolvimento. Em momento algum ditei ou determinei relações como condição para a pesquisa, tudo ocorreu mediante diálogo, negociações e estabelecimentos de limites entre ambos os lados, o deles e o meu. O que aconteceu durante os anos de pesquisa e os relatos que fui colhendo se deram mediante a confiança deles em mim e a consensualidade de trocas entre mim e os grupos de jovens universitários com os quais pude conviver ao longo dos anos de pesquisa.

3.1 – “A cidade controla a gente”: juventude, fofoca e conflitos

Pela tabuleta riçada e graduada, a pessoa, sem se mostrar, via a rua, os passantes, as casas fronteiriças e, dentro de um certo ângulo, observava os acontecimentos, as passadas de uns tantos vizinhos e, sobretudo, fiscalizava a vida alheia, que sempre nos pareceu mais interessante do que nossa própria vida. Nesse observatório de tabuletas, sempre permaneciam, sistematicamente, criaturas curiosas e fuxiqueiras dos velhos tempos, com seu espírito aguçado de intrigas e malícias.

[...]

À noite era para ficar na rótula, com a casa fechada e às escuras e ela, ali, invisível, no seu observatório doméstico, assuntando algum vizinho que entrasse tarde, mulher casada que abrisse porta, moça donzela que pusesse a cabeça de fora ou mesmo vulto embaçado que, passando, enfiasse bilhete pelas tabuletas ou anônimos debaixo das portas.

Era uma vitória e uma sensação de prazer catalogar qualquer um desses passos.

Cada rua tinha sua observadora devotada à tarefa, tecendo sua teia laboriosa de conclusões e que, fora da rótula, era moralista feroz e impiedosa com os pecados do próximo, vizinho ou não.

Se não havia reuniões e clube, era que o tempo não ajudava, mas o grupo era conhecido, ligado e com fervoroso espírito de classe.

Trocavam-se os informes desta para aquela rua, dava-se ampliação e relevo a pequenos incidentes, e a vida noturna da cidade era depurada num filtro minucioso de alto rigor, controlado pelas tais.

Cora CORALINA (2006, p. 22-23).

O costume de falar da vida alheia expresso na epígrafe dependia que houvessem reuniões e clubes, mas quando estas aglomerações não aconteciam o forte espírito de classe dessas pessoas fazia de ocasionais visitas, encontros de fundo de quintal ou conversas de boteco, as oportunidades ideais para ventilar informações e conclusões colhidas pela madrugada, em ruas e becos, no comércio ou em repartições públicas de Goiás.

Em tempos de redes sociais o ideal era “jogar a meleca no ventilador” através dos grupos de *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* ou criar grupos específicos para tecer conclusões sobre a vida alheia, fazer figurinhas que circulariam por diferentes grupos de *WhatsApp*, rir e cometer crueldades contra o alvo que passava de boca em boca por meio dos aparelhos eletrônicos.



Desenho 21 – Tricotando a vida alheia.
Fonte: Diários de campo, 2018.

Durante as eleições de 2017 e meados de 2018 um grupo de pessoas – uma sociedade secreta – criou um perfil no *Instagram* para denunciar as “hipocrisias dos eleitores de Bolsonaro”. Segundo os informes do perfil o objetivo era “expor pessoas hipócritas” e declaradamente homofóbicas, sexistas, racistas e violentas da cidade de Goiás. Semanalmente o grupo expunha homens – e algumas mulheres – que defendiam a moral e os bons costumes, mas traíam suas esposas com outras mulheres, com travestis ou mulheres trans, “homossexuais enrustidos” que publicamente se declaravam contra o “gayzismo desses tempos esquerdistas”, mas que “no final de semana estavam comendo ou dando o cú para os gays” e os “machões que batiam em suas esposas, mas permanecem impunes”.

O grupo fazia publicações semanais e sempre trazia as fotografias dos envolvidos seguido por um longo texto explicativo das razões da exposição pública e da denúncia. Algumas vezes era postada também uma gravação com voz alterada e onde eram feitos informes, avisos

e ameaças de maiores denúncias caso as agressões ao perfil continuassem. Tudo isto movimentou a cidade de Goiás por meses e deixou as pessoas com “rabo preso” aflitas, pois temiam ser expostas e ter suas vidas publicizadas no perfil do *Instagram*.

Além de provocar um rebuliço na cidade o perfil do *Instagram* movimentou as redes de informações nos grupos de *WhatsApp* e *Facebook* durante todo o tempo de existência do referido perfil. Eu mesmo durante semanas fui convidado a ver as novas denúncias “antes que apagassem” e fui questionado sobre quem poderia ser o/a autor/a daquelas denúncias, afinal “tudo relacionado a fofoca chegava em você né Paulo, por isso você podia contar pra gente”.

Realmente eu havia me tornado um “pivô da fofoca”, mas não sabia quem era/m o/os autor/res do perfil no *Instagram*. O que pude perceber é que além de polarizar ainda mais os grupos pro e contra Bolsonaro em Goiás, as denúncias contribuíram para um pânico moral que provocava a cada fim de semana brigas violentas em grupos do *Facebook* e acabavam se expandindo para o Centro Histórico e a Praça do Coreto durante os rolês.

O fato é que expressões como “mas aí você ficou sabendo de fulano”, “viu o novo escândalo lá no *Instagram*”, “Você viu o que falaram do gay enrustido”, “E a mulher bolsonarista que trai o marido?”, “Eu não sabia que aquele cara batia na esposa”, “Você viu quem gosta de comer cú de viado?” ou “eu nem te conto como terminou tudo” recambiavam relações sociais e traziam para a esfera pública vários elementos da vida privada de alguém.

Tudo isto além de provocar enorme desconforto nas “vítimas”, deixava o cotidiano de Goiás nos tempos de eleição e após o processo eleitoral ainda mais acalorado. Isso porque conflitos que se arvoravam nas redes sociais terminavam explodindo em meio a reuniões, na praça do Coreto, em festas ou até dentro das igrejas localizadas no Centro Histórico de Goiás.

A rede informal de comunicação – e por onde a fofoca se arregimenta em Goiás – apareceu em diferentes estágios de minha pesquisa e eu não pude ignorá-la, até porque ela é uma continuidade que vêm atravessando diferentes temporalidades da cidade. Mas no meu presente etnográfico não eram apenas velhas cocotes as responsáveis pela fofoca. O que Cora descreveu como trabalho exclusivo de mulheres, velhas e solteironas ao longo dos anos de 2017 e 2019 vi ser executado por mulheres e homens nos mais diferentes espaços da cidade e em redes sociais. Grupos de *WhatsApp*, chats de *Instagram*, o *Facebook* eram os canais para fazer a fofoca circular. E a prática se encontrava de tal modo naturalizada que a fofoca circulava não tão somente nos comentários, através de meias palavras acidamente tecidas sobre outrem. A invasão da vida alheia acontecia ousadamente por meio da postagem de fotos, figurinhas, endereços e os contatos pessoais daqueles que se desejava “malhar” e atacar.

Durante os três anos de investigação se tornou muito corriqueiro eu anotar informações sobre pessoas que curiosas e inquietadas com a sexualidade alheia criavam perfis falsos no *Tinder* e *Grindr* para descobrir se “fulano” ou “cicrano” era gay. Havia ainda aqueles que criavam perfis falsos para forçar encontros sexuais e afetivos com outros rapazes com os quais desejavam transar. Em 2018 um de meus interlocutores me procurou para contar como fora surpreendido ao marcar encontro com o dono de um perfil no *Grindr*. Segundo ele a conversa no aplicativo “fluiu maravilhosamente bem”, mas quando foi encontrar o “cara” se tratava de outra pessoa. “Paulo o cara me enganou. Me mandou uma foto de um cara lindo, gostoso. Eu fiquei doido pra dar pra ele. Mas quando cheguei lá, era um gordo, feio. Horrroso! Eu fiquei tão puto, mas tão puto, que xinguei ele de todo jeito”.

Tantas práticas e ações presenciadas em campo, ou a mim contadas no tempo dos rolês, rederam muitos conflitos e situações de constrangimento ao longo do período em que observei os grupos juvenis, os aplicativos de pegação e de relacionamento.

Por quase todo o espaço de tempo em que produzi os registros etnográficos para esta tese, eu presenciei os infortúnios da personalidade, da fofoca ou daquilo que Louis Dumont (1983) chamou de holismo – situação em que o valor da pessoa deriva de sua inserção em uma determinada comunidade, sociedade. Claro que em Goiás o jogo entre indivíduo e sociedade não se contrapõem, mas, como alhures, se complementa. Ao contrário de Louis Dumont, eu vi processos de individualização serem gradualmente desvanecidos e modificados no interior da sociedade vilaboense, e isto aconteceu mediante jogos entre a identidade e a diferença (Stuart HALL, 2006; Kathryn WOODWARD, 1997).

Muito parecido com Cunha (São Paulo), em Goiás também “não se pode ser um anônimo” (Rosane Prado MANHÃES, 1995, p. 34). Por mais que existam elementos positivos registrados na beleza da cidade, em sua história, festas e em suas relações de amizade muito amistosas e que poderiam desviar a atenção fazendo aparecer sujeitos anônimos, dificilmente “se pode ser um ‘indivíduo’ – um cidadão entre outros, não identificado, em situações de impessoalidade e de igualdade, com ausência de privilégios ou discriminações” (p. 34).

Em Goiás, dentro de seu universo social – predominantemente constituído por relações humanas muito aproximadas –, sempre se é uma “pessoa” (Marcel MAUSS, 2003). No interior das relações sociais tecidas em Goiás sempre se é um “alguém identificado e posicionado” (Rosane Prado MANHÃES, 1995, p. 34). Quase sempre se é “filho de alguém, parente de alguém, da roça, da cidade, relacionado a uma família, grupo ou posição” (p. 34) e se a princípio o sujeito não está posicionado, mais cedo ou mais tarde ele será. A pessoa vai sendo constituída

pelo vizinho mais próximo, o conhecido ou o colega. Estas pessoas se encarregam de inserir o sujeito na “sociedade vilaboense”, convertendo-o em uma pessoa facilmente reconhecida.

Esta perspectiva totalizante e integral do universo social em Goiás por vezes é vazada por fissuras de onde escapam o controle social na forma da fofoca, dos “fuxicos” e de tantas outras práticas ilustradas na literatura de Goiás e em documentos sobre a sociedade em Goiás.

Enquanto realizava meu campo, muito costumeiramente eu escutava as pessoas condenarem a fofoca. Elas podiam até dizer não gostar de “tricotar a vida do outro”, mas por vezes eram surpreendidas maldizendo alguém, “apontando o dedo”, vigiando as pessoas de algum ponto cego da cidade, acompanhando o movimento alheio pelas redes sociais, vendo se a pessoa estava *online*, por quanto tempo permanecia em *chats* ou se questionando se ele/ela realmente era heterossexual, bissexual ou homossexual. E isto era o suficiente para maliciar conclusões, tecer enredos, fabricar histórias e especular a vida alheia.

Como parte da minha pesquisa, era tecida através do “de boca em boca”, por vezes os meus interlocutores e eu éramos colocados em “saías justas”. Eles, por contrariarem o negado gosto pela fofoca; e eu, por ser considerado o guardião de tantas confissões e segredos. Acho que foi por isso que tomei grande gosto pela metodologia defendida por Paulo Freire (2013) em *Pedagogia da pergunta*. “A existência humana implica assombro, pergunta e risco” (Paulo FREIRE, 2013, p. 52), logo se corre o risco da contradição e isto ocorria cotidianamente.

Muitos olhavam para meu o diário de campo e diziam: “Haaaa se esse caderno falasse!”. Outros me encaravam, riam e faziam uma ameaça velada acerca de um hipotético vazamento



Desenho 22 – Olhos que observam sem serem percebidos.
Fonte: Diários de campo, 2018 e 2019.

das informações que me eram confiadas. Por conta de a fofoca parar sempre em mim aos poucos fui me tornando em uma espécie de “oráculo”. Buscado por muitos curiosos, temido por outros e bem querido por tantos outros. Sem que eu percebesse, me tornei um “pivô” da fofoca.

Entre 2017 e 2019, eu presenciei muitos de meus interlocutores exercitarem a fofoca enquanto comentavam sobre uma traição alheia, um término de relacionamento alheio ou quando questionavam sobre a sexualidade de algum colega e/ou amigo. Isto aconteceu na noite em que eu acompanhei várias garotas na festa junina na rua da Conceição, em junho de 2017.

Eu também já havia sido alvo de olhares vigilantes. Sabia que tanto na praça quanto nas festas eu era vigiado e atingido – posteriormente – pela fofoca. Foi por conhecer os efeitos – as vezes destrutivos e perigosos – da fofoca e do controle social – dela derivada – que tratei de delimitar fronteiras e limites para esta pesquisa, conforme apontei anteriormente.

Goiás podia ser uma cidade famosa, reconhecida mundialmente pela fama de Cidade Histórica e pelo título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, movimentada por grandes eventos da envergadura do FICA, mas, de tempos em tempos, permanecia uma cidade de interior, “pequena” e de relações marcadas pela proximidade social. Isto quebrava a lógica da individualidade – que era efêmera – e a transportava de volta à pessoalidade. Essa sua característica social um tanto ambígua mexia com a ordem da vida das pessoas e atribuía à Goiás um ambiente singular. A fofoca era um desses fenômenos de produção de cenários em Goiás, ou vocês acham que Ruy Guerra veio aqui gravar um filme sobre fofoca por acaso?

A Goiás que encontrei entre 2017 e 2019 ainda era um lugarejo em que as relações sociais e cotidianas se caracterizavam por um alto nível de reconhecimento e de identificação das pessoas que nela viviam. Por ser uma “cidade pequena”, quase todos se conheciam e muito frequentemente as pessoas se encontravam nos rolês. Logo o falatório era uma possibilidade.

Caraterizada por uma geografia do “pequeno” e dona de um ritmo de vida muito próximo daquele evocado por Emilio Willems (1947) e Robert Shirley (1977) quando estudaram Cunha (SP) em dois contextos históricos diferentes, o cotidiano em Goiás me pareceu ser o resultado de uma mediação ininterrupta entre a agitação e a lentidão, a badalação e a morosidade, o dinamismo e a inércia e diferentes formas de sentir o tempo: o tempo da festa, o tempo dos rolês, o tempo da paralisia, o tempo do nada para fazer. O tempo em meu campo de investigação por vezes era confundido com espaço ou se transformava em espaços de tempo.

As emoções e as impressões que o cotidiano de Goiás despertava em meus interlocutores aproximava-a das regulações existentes entre o sentido de campo e de cidade descritas por

Raymond Williams (1980). Moradores e visitantes, muito frequentemente, acionavam benefícios e malefícios para descrever o cotidiano e as pessoas de Goiás de forma síncrona.

Muitos gostavam da tranquilidade que a cidade oferecia, mas detestavam a paralisia que a tomava de tempos em tempos. Gostavam de fazer novos amigos, mas odiavam as relações pessoais excessivamente aproximadas. Parafraseando Rosane Prado Manhães (1995) viver em Goiás às vezes podia ser algo infernal e enlouquecedor, tal qual era em Cunha, em São Paulo.

O cotidiano de Goiás parecia variar entre a sensação de inércia e de dinamismo onde a fama de Cidade Histórica garantia condições para a mediação de muitas emoções e sentimentos despertadas sobre a cidade. Situação muito próxima do que foi descrito em Santana de Parnaíba (São Paulo) por José Guilherme Cantor Magnani (2007) na década de 1990. Como nesta cidade, Goiás também era um núcleo urbano pequeno, fortemente caracterizado por marcas do tempo que reportavam a diferentes temporalidades da história, mas no presente era badalada por seu patrimônio cultural e pelos novos usos de sua história, de sua memória e de seus espaços.



Desenho 23 – De boca em boca se estrutura o controle social.
Fonte: Diários de campo, 2018.

Dentre tantos sentidos e emoções, a fofoca era um fenômeno que marcava, circunscrevia e definia as relações sociais em Goiás. Esse mecanismo de controle social atravessava a vida de todos os moradores da cidade e eles, por sua vez, atribuíam

tal costume ao fato de Goiás ser uma cidade muito pequena e pacata – algo no sentido de ter poucos moradores.

Muitos de meus interlocutores viviam às voltas com as suas vidas privadas vasculhadas por pessoas conhecidas e por outras desconhecidas. Alguns, às vezes, se rendiam aos prazeres de “vasculhar a vida alheia”, muitos destacaram que acabavam praticando a fofoca reversa,

outros não me falaram, mas eu os assistia – por inúmeras vezes – monitorar um ou outro durante os rolês. Os via fazer comentários maldosos e a atingir pessoas com alguma malícia.



Desenho 24 – Olhos e bocas famintas.
Fonte: Diários de campo, 2017.

Grande parte de meus interlocutores afirmava desejar manter preservadas a sua individualidade e a sua privacidade, mesmo não sendo algo possível uma vez que “a cidade sempre estava a controlar todo mundo”. A fofoca enquanto forma de poder extrapolava a esfera do econômico (Claudia FONSECA, 2000) e se tornava uma ferramenta de contínua construção e desconstrução do social. Mas em meu contexto de pesquisa ela também extrapolava as classes populares, vazava as diferenças sociais e não poupava quem quer que estivesse ali pelos rolês.

De acordo com o que eu registrei em diário de campo, feito nos meses de maio a julho de 2017, a fofoca era matéria da sociabilidade e uma produtora dos próprios rolês. Mesmo temida e criticada ela era um hábito, algo muito comum entre meus interlocutores:

Por ser a cidade de Goiás muito pequena e isto implicar em um nível de pessoalidade altíssimo os encontros eram inevitáveis. A proximidade do outro com a nossa pessoa é algo intenso. Por vezes somos evocados pelo outro sem que possamos evitar e muito frequentemente somos reconhecidos e identificados por pessoas que não conhecemos ou que nunca vimos.

Em Goiás mesmo que as pessoas não te conheçam pessoalmente a tecnologia digital, os celulares, aplicativos de comunicação ou a fofoca e o de boca em boca facilita a sua identificação de forma muito rápida. Isto, dependendo da situação em que se está envolvido é até positivo, mas por vezes pode ser bem ruim e arriscado. Para não classificar como assustadoras as abordagens. É quase impossível passar despercebido aos olhos curiosos que nos observam das janelas e portas do Centro Histórico. Se é sempre uma figura conhecida, repetida e observada de perto sem, todavia, saber quem lhe está observando e até vigiando. Em algumas situações isto me parecia amedrontador. Eu e alguns de meus interlocutores nos sentíamos presa fácil em um cenário de caça.

Nos rolês era muito comum colher confissões em que as pessoas falavam de alguém como se a/o conhecessem. As representações em torno de sua pessoa eram construídas e desconstruídas numa velocidade impossível de administrar. Às vezes este tipo de relação terminava bem, mas em outras não. Tudo dependia de como a pessoa era produzida, de que modo a sua representação reverberava no decorrer do rolê e como ela era apropriada e (re)apropriada no curso do tempo. Às vezes tais circularidades da representação da pessoa podia provocar brigas e claro que a fofoca tinha um papel determinante na tessitura de situações conflituosas em Goiás. Tudo dependia de como ela era tecida, se atuava num sentido positivo ou não.

O controle social derivado de tudo isto criava situações diversas.

Quando a identificação e o reconhecimento eram seguidos por alguma situação de escândalo ou por estigmas derivados da fofoca e do controle social, a pessoalidade se transformava em uma situação infernal. Já quando o interesse trazia componentes positivados a relação entre os diferentes produzia interesses em comum e até a afinidades.

Na praça do Coreto as pessoas, quando me encontravam, sempre diziam: “vi você dias atrás!” ou me indagavam: “o que você estava fazendo por aqueles lados de lá? Tá com rolo né Paulo!”

As abordagens por vezes eram seguidas de um tom jocoso, ácido e ambíguo. As pessoas sentiam e acreditavam ter intimidade o suficiente comigo para fazer brincadeiras, comentar sobre a minha vida e falar o que bem entendessem. Isto não acontecia apenas comigo. Acontecia também com pessoas que acompanhava e que reclamavam muito a suscetibilidade quando socializavam em lugares de uso público. Em alguns momentos isto era enlouquecedor e irritante. A descrição aqui relaciona-se a tantas outras situações que assisti durante os anos de pesquisa e por vezes tanto eu quanto os meus interlocutores nos sentíamos observados, vigiados de perto e tendo nossas vidas e corpos invadidos por olhos, bocas e línguas enormes e famintas.

Por vezes tal situação beirava o terror e isto era tão intenso que muitos reclamavam o fato de ser uma “cidade pequena”, cheia de “gente fofqueira” que “adorava tecer qualquer conversa fiada sobre a vida” de outrem. Muitos relatavam o desejo em mudar de Goiás, pois se sentiam controlados e não estavam muito satisfeitos com a sensação de imobilidade e de paralisia atribuída a cidade em períodos não-festivos.

A falta de trabalho, de perspectivas futuras e a incapacidade do poder público em criar políticas públicas de inserção das pessoas no mercado de trabalho contribuía para um horizonte de incertezas.

Os jovens com os quais conversei sempre me desenhavam uma Goiás “parada”, cheia de gente velha, caracterizada por dias muito longos em que não se tinha muito o que fazer para além da praça, do Postão, dos botecos... Mas não ignoravam que por vezes Goiás virava outra cidade e que isto se dava por conta das festas. O que muito os agradava, uma vez que a cidade se enchia de gente nova.

A forma como a cidade era sentida variava de tempos em tempos.

Em períodos festivos Goiás era bem quista por meus interlocutores e isto se dava, em certa medida, por conta de sua fama histórica e turística que atraía pessoas de diferentes lugares de Goiás, do Brasil e do mundo. A agitação tomava conta das ruas do Centro Histórico e tudo podia acontecer nas noites de festa. Porém, em tempos não-festivos, a cidade era amaldiçoada. Todavia as sociabilidades afetivas e sexuais que tanto me interessavam não deixavam de acontecer na cotidianidade de Goiás. Independentemente do Carnaval ou das festas de fim de ano o sexo em público ocorria à medida que engajamentos afetivos se tornavam possíveis, como gostava de dizer: “tudo dependia de como estava o rolê”. Em algumas situações os sentidos de Goiás se alteravam conforme mudava o humor dos frequentadores da praça do Coreto em relação à cidade e a si mesmos. Alguns se sentiam velhos demais para a praça do Coreto e aí se voltavam para o Postão. Outros preferiam rolês mais privados e intimistas.

Foi uma unanimidade que “em Goiás todo mundo conhece todo mundo”.

Era recorrente voltarem ao tema da fofoca e do controle social. Eu escutei muitas vezes que embora Goiás fosse uma cidade boa para se viver a fofoca e o péssimo hábito dos mais velhos em “cuidar da vida alheia” tornava tudo mais difícil. Não se podia fazer nada ou visibilizar nada, pois logo a cidade inteira saberia. Para os jovens estudantes e universitários que estavam mais próximos de mim sempre se tinha a reclamação da ausência de novas possibilidades de relacionamentos e que no fim, todo mundo, mais cedo ou mais tarde, acabava ficando com o ex-namorado/namorada da outra ou do outro.

Foi Joice quem me disse isto em muitas noitadas no Coreto e em festas pela cidade. Outras interlocutoras chamavam isto de “rebuceteio”, uma alusão à linguagem de mulheres lésbicas. Porém, segundo Joice este “rebuceteio” ao qual se referia era porque as poucas possibilidades de relacionamentos forçavam as garotas heterossexuais “pegarem” os ex-namorados/ficantes/peguetes de suas amigas. Segundo ela isto era razão para muitas brigas, desentendimentos e fofocas.

Os garotos gays reclamavam da necessidade em ter que lidar com violências e intolerâncias contrárias à sua homosociabilidade. Sua orientação sexual, seus desejos e as expressividades de seu gênero e sexualidade precisariam ser velados e sutis, pois na maioria das vezes a família não sabia e caso viessem a descobrir a revelação seria seguida por implicações gravíssimas, com agravos irreversíveis em suas vidas. Mas tantos riscos não os intimidavam diante da possibilidade de se sociabilizar, sair, beber, pegar os caras que desejavam e transar pelos becos de Goiás. Em certa medida, muitos dos frequentadores da praça ou de festas, independentemente de suas orientações sexuais, acabavam experimentando o sexo em público. Neto, Leona, Isabel, Amanda,

Alberto e tantos outros me falaram do quanto já haviam feito sexo nas ruas, nos becos e em diferentes espaços escuros do Centro Histórico de Goiás. A arquitetura colonial marcada por muitas entrâncias, os becos cheios de curvas e a luz amarelada, ou mesmo a ausência de iluminação, criava condições adequadas para se fazer de tudo. Bastava encontrar o par perfeito e uma vez nesses lugares dar asas à imaginação.

Uma questão importante que percebi entre as pessoas que acompanhei foi que mesmo reclamando do cotidiano pacato de Goiás estas pessoas não deixavam de viver as suas vidas, experienciar coisas novas, se divertir e gozar a juventude. Havia entre eles/elas uma relação de amor e de ódio por Goiás. Os sentidos e sentimentos em torno da cidade eram instáveis, efêmeros e móveis.

Frequentemente, eu mesmo me vi monitorado por olhares vigilantes conforme apontado anteriormente e no registro de campo transcrito acima. Em outros momentos registrei situações em que meus interlocutores relatavam evitar lugares muito cheios porque temiam que a exposição excessiva estimulasse a invasão de sua privacidade. Isto fazia com que eles buscassem “rolês mais fechados”, em que estivessem presentes apenas os amigos de confiança.



Desenho 25 – De cara janela adentro.

Fonte: Diários de campo, 2019.

Em outras situações, conversei com interlocutores que se surpreenderam e que levaram os maiores sustos quando tiveram suas casas invadidas por algum vizinho mais curioso ou por alguém que se sentia “próximo” o suficiente para ignorar barreiras físicas da casa, como as portas e as janelas, e de forma muito tranquila entravam na moradia sem serem convidados.

Sobre tal fato, uma de minhas interlocutoras destacou o estranhamento que este hábito lhe causou quando se mudou para a cidade:

E a forma... quando eu mudei para cá eu estranhava porque você via a pessoa já estava dentro da sua casa né. Porque eu vinha de uma cidade grande, então eu não entendia como que as pessoas chegavam na casa da gente sem avisar né. Quando você via, e aqui tem muita janela... quando você via as pessoas já estavam com a cara dentro da janela. Aí você falava: Huuuuu! Como assim né?! E aí fui me adaptando devagar a isto, assim, porque eu fui tendo um estranhamento⁹⁴.

Na catalogação de estranhamentos, esta e outros interlocutores falaram da fofoca, lembraram do peso do nome e da origem familiar na tessitura de sociabilidades em Goiás, contaram o quanto isto era considerado importante por alguns moradores estabelecidos da cidade e que usavam os “nomes” (sobrenomes) para destacar as pessoas como “legítimas” moradoras e por isto fortes candidatas a ascender à posição de “estabelecidas”, e os incômodos “forasteiros” ou *outsiders* (Norbert ELIAS; John L. SCOTSON, 2000), aqueles que deveria ter a morte social urgentemente decretada.

Aproveitando a descrição feita pela moradora de Goiás é possível relacionar o que me contou com uma ideia de parentesco simbólico, perspectiva que extrapola as estruturas traçadas por Levi Strauss (1982). A busca pelos “nomes” é análoga à busca por um certo parentesco e que não necessariamente depende de laços sanguíneos, mas de uma simples identificação. O valor atribuído aos “nomes” – principalmente aqueles nomes que descendem de antigas famílias goianas – entre moradores estabelecidos de Goiás evidencia um interesse pelo parentesco simbólico, pela identificação e por uma afinidade que não é sanguínea ou biológica, mas social.

Se alguém se apresenta e não é rapidamente identificado, mais que depressa depuram a sua vida. Um inquérito é produzido em questão de minutos e uma busca refinada por suas redes de relações pessoais é feita. Tudo isto para determinar se a pessoa é confiável, se tem “origem boa”, se tem relações positivas e se está apta a tornar-se uma “estabelecida” e por isto compartilhar do parentesco simbólico que a transformará em uma “vilaboense”⁹⁵, as vezes até diplomada mediante título ofertado por vereadores da Câmara Municipal de Goiás.

⁹⁴ Entrevista realizada com Angélica em outubro de 2019.

⁹⁵ E isto é tão verdadeiro que a Câmara dos Vereadores “não se cansa de distribuir títulos de cidadão vilaboense”. Foi assim que me descreveram, muito insatisfeitas, algumas senhoras com as quais conversei ao longo da pesquisa. “Hoje qualquer um pode ser vilaboense”, “banalizaram o título”, “usam para fins políticos”, era desta maneira que muitas classificam as cerimônias de entrega do referido título a pessoas que se mudaram para a cidade.

No decorrer do inquérito se algo der errado, se as dúvidas, ao invés de diminuir, aumentarem aí o recém-chegado é mais que depressa posto para fora das relações mais miúdas dos estabelecidos e ocupantes de lugares simbólicos em Goiás. Logo recai sobre esta pessoa os estigmas da desconfiança e a fofoca se encarrega de produzir seu eu (Erving GOFFMAN, 1980; 1985) como um *outsider* ou um forasteiro. Alguém que precisa ser evitado, desprezado, ignorado e cruelmente apagado das redes, relações e tramas sociais da cidade.

Por intermédio das entrevistas e registros de campo feitos entre meus interlocutores mais costumeiros, pude identificar estratégias (o cuidado com a vida alheia, interrogatórios, a aproximação excessiva, a vigília na porta de casas e janelas) manuseadas por moradores da cidade para circunscrever e para classificar algumas pessoas como merecedoras de confiança e que por isto se tornavam dignas de receber dádivas (Marcel MAUSS, 2003) – que em meu contexto de pesquisa eram caracterizadas pela confiança, amizade e intimidade.

Já aquelas pessoas que não passavam nas avaliações, que promoviam a desconfiança e que geravam insegurança deveriam ser vigiados e por isto acabavam sendo alvo da fofoca negativa, do olhar vigilante, do controle e da malícia. Havia também muitas situações em que pessoas originárias da cidade – as ditas “naturais” e até “estabelecidas” – muito famosas, populares e por isto desejadas, acabavam monitoradas por olhares desconfiados e argutos. Notei isto nas preocupações delineadas por jovem entrevistado e que pontuou o seguinte:

Então, o meu cotidiano em Goiás no que se refere a festas eu não frequento muitas festas universitárias não. Eu não frequento mais questões de shows quando eles acontecem abertamente. Heee eu não gosto muito da praça, pessoalmente. Feriados geralmente eu fico em Goiás, mas eu sou mais de fazer resenhas em casa. Em casa, na casa dos amigos. Eu gosto mais de festas particulares e os meus rolês a maioria deles são mais fechados, somente para as pessoas mais próximas mesmo. Eu não gosto de frequentar espaços com muita gente diferente não⁹⁶.

É evidente que as exposições aqui feitas em torno da discrição de sua representação pública e de seu eu (Erving GOFFMAN, 1985) estão contidas por muitos medos, inseguranças e diferentes interesses. Todavia, no decorrer da pesquisa notei que esta discrição podia variar. A variação dependia das redes de amizade, da confiança, da intimidade e da afinidade.

Esta variação se aproximou daquilo que Mónica Franch (2010) apontou em pesquisa sobre a amizade entre mulheres jovens de grupos populares de Recife, Pernambuco. Sobre tal

⁹⁶ Entrevista realizada com Armando em novembro de 2019.

questão Franch pontuou que o “tripé confiança-abertura-doação” (2010, p. 37) opera como um modelo “ideal que permite hierarquizar a rede de relações em graus e tipos de amigos que respondem a esferas e a necessidades diversas: amigos para trocar segredos, amigos para sair e assim por diante” (2010, p. 37).

Franch (2010) lembrou ainda que os três elementos constituintes desse tripé não se equivalem, pois, “tendo a confiança um peso muito maior na construção das relações do que a abertura e a doação”, basta uma falta de solidariedade para “transformar um amigo em colega, a quebra da confiança transforma amigos, e sobretudo amigas, em inimigos e inimigas” (p. 37).

Ponderando a dinâmica variante da amizade percebi, pelo que me contou meu interlocutor e tantos outros, que quanto maior era a confiança tida nos amigos mais à vontade ele/eles se sentiam para sair, beber, cantar e dançar. É preciso lembrar que este interlocutor sempre estava na mira de muitos olhares curiosos, especuladores e famintos. Além de ter uma aparência física considerada simétrica aos padrões de beleza de muitas mulheres e homens em Goiás – ele era um jovem estudante padrão –, ele era gentil, agradável e se mostrava aberto ao diálogo. Porém, via com espanto e com preocupação a fofoca e tentava escapar desse controle social selecionando muito cuidadosamente seus amigos mais próximos.

Os dois fragmentos de entrevistas corroboraram com uma irritação compartilhada entre outros de meus interlocutores. A grande maioria das relações juvenis que etnografei evidenciaram frustrações e preocupações muito relacionadas a fofoca e a personalidade. Isto inclusive operava para fazê-los amadurecer mais rapidamente ou transformar seu sentido de tempo. Muito comumente escutava das pessoas a frase: “estou velho para frequentar a praça do Coreto”; “vamos pro Postão, lá é lugar de gente mais velha”; “Ai Paulo, eu estou ficando velha”, “Queria muito pegar aquele menino, mas eu sou velha, vamos pro Postão?”.

A praça, os bares, os rolês e o Postão eram espaços que também demarcavam os sentidos de geração e de envelhecimento. E este sentido social de envelhecimento estava em certa medida relacionado ao medo de cair nas malhas da fofoca. Todavia, a sensação de envelhecimento, os significados atribuídos à idade e à geração não impediam esses jovens de saírem por todos esses lugares em períodos de festa quando tudo parecia se misturar. No meio de tanta gente desconhecida meus interlocutores se camuflavam e acreditavam passar despercebidos. Esta sensação meio camaleônica lhes oferecia alguma tranquilidade para contradizer declarações, romper seus próprios limites e viver experiências novas.

Em períodos de festa e aos finais de semana, os rolês se tornavam espaços de mediação de diferenças, de conflitos e de desconfianças. Era assim que na pequena Goiás, famosa e de

interior os estudantes e universitários que acompanhei teciam uma cultura própria, produziam significados que nem sempre se relacionavam com aqueles derivados da ideia de “Cidade Histórica” e rompiam com determinações de seus pais e das instituições da sociedade.

Os significados produzidos por tantas pessoas com as quais conversei começavam por vezes no Coreto, se esticavam pelos bares nas imediações, seguiam fluxos e dinâmicas imprevisas, se estilhaçavam para o Postão e muito frequentemente terminavam no Morro do Macaco Molhado, conforme pontuei no início do capítulo e etnografei na forma de desenho produzido de acordo com observações feitas antes, durante e depois do FICA de 2017.

Lembro também que os sentidos produzidos por tantas pessoas em Goiás não se restringiam apenas aos rolês e às festas. Nem tudo ali era divertimento e festejo. Às vezes, em um rolê se poderia realizar grandes debates em torno das dificuldades da vida. Por vezes, terminei os rolês em rodas de conversa solucionando dúvidas em torno das questões de gênero e de sexualidade. Em várias ocasiões, fui convidado para conversas em que meus interlocutores relatavam suas preocupações em torno de suas vidas profissionais e do futuro. Isto aconteceu em um rolê realizado em uma república universitária no mês de setembro de 2017.

Já em amplo processo de desenvolvimento da pesquisa eu saía quase sempre, aos fins de semana, para a praça do Coreto. Em alguns momentos, fui a festas universitárias realizadas quase sempre na Casa do Artesão⁹⁷ e/ou no Clube dos Amigos⁹⁸. Fui convidado para rolês em bares próximos a praça do Coreto. Algumas vezes precisei dar uma esticada até o Morro do Macaco Molhado ou em alguma república universitária. Nestas últimas eu ia, na maioria das vezes, mediante o convite prévio de algum conhecido que realizava graduação em uma das instituições de ensino superior da cidade e que já frequentava esses lugares. Houve situações em que terminado o rolê – na praça ou em alguma festa – eu acabei convidado para resenhas e para *afters* madrugada adentro em alguma casa ou república universitária afastada do centro.

Durante as incursões por esses eventos eu sempre perguntava o que diferenciava rolês, de resenhas e *afters*. Minhas indagações eram rapidamente respondidas por quem me acompanhava ou por alguém que havia se juntado ao grupo em que eu estava inserido: “o rolê é tudo, pode ser uma festa, uma aventura”, “é uma reunião de amigos”. As “resenhas são festas mais particulares, com número limitado de pessoas” os “*afters* são festas que acontecem depois de outra festa”. Todas estas qualidades de festas derivavam dos encontros de muitos amigos,

⁹⁷ Espaço de festa pertencente à Prefeitura Municipal de Goiás, localizado às margens do rio Vermelho, nos fundos da praça de eventos Boadyr Veloso, rua 15 de Novembro, no centro de Goiás.

⁹⁸ Prédio privado localizado na rua João Paulo XXIII. Costumeiramente era utilizado para festas universitárias.

colegas, conhecidos e até de desconhecidos – em um primeiro espaço de tempo – que em um determinado rolê acabavam por se tornar conhecidos.

Os rolês iam se formando gradualmente e uma vez dentro deles a pessoa adquiria alguma confiança. Esta lhe permitia gozar das dádivas compartilhadas dentro daquele grupo, rolê ou festa. Rolês e grupos de pessoas podiam se diferenciar, pois nem todos que participavam dos rolês poderiam estar dentro dos grupos. Em algumas situações, vi o inverso ocorrer também, principalmente quando o rolê era constituído apenas por pessoas que compartilhavam algum interesse em comum, que eram amigos e/ou confidentes.

É evidente que no interior dos grupos de pessoas que compunham os rolês havia muitas gradações de envolvimento, confiança e de relacionamentos. No interior dos rolês as pessoas tinham níveis de confiança que faziam deles, das festas e de suas derivações um gradiente de relacionamentos quase infinito. Aos poucos, percebi que isto se dava por N razões, mas o temor da fofoca, a grande personalidade que me relataram e os efeitos desses fenômenos os fazia criar redes de proteção. Daí construírem dentro das festas outras festas ou ninhos em que os rolês se desenvolviam e às vezes davam frutos muito doces ou outros bastante amargos. Os relacionamentos poderiam render grandes amizades e profundos envoltimentos. E também poderiam terminar em ódios mutuamente compartilhados.

Uma vez inserido nos rolês, à medida em que se ia a festas e que as relações humanas se estreitavam dentro delas, dos rolês e entre os rolês, poderia acontecer convites para reuniões mais privativas e que meus interlocutores gostavam de chamar por resenhas – vi que estas exigiam um nível de personalidade maior entre seus componentes, aspecto que já indiciava que nem todos que estivessem em uma festa e dentro dos rolês nelas estariam.

Os *afters* eram uma espécie de prolongamento das festas. Para ocorrerem dependia do humor coletivo no interior dos rolês e das próprias festas. Tanto as resenhas quanto os *afters* poderiam derivar de uma festa ou poderiam começar de um rolê (uma ida à Carioca, uma ida ao Postão, uma ida ao Morro do Macaco Molhado ou uma caminhada até a praça do Coreto). Era realmente incrível ver a enorme possibilidade de ocorrências e de trajetos que se desenhavam a partir de uma festa e de um rolê: eram as multilocalidades (Margareth C. RODMAN, 1992), o estriamento dos rolês iniciados no Coreto para outros lugares de Goiás.

Um único rolê poderia se tornar em muitas coisas (em grandes festas, em resenhas, em *afters*) ou poderia se dividir em vários rolês (um encontro sexual em algum lugar do Centro Histórico, uma combinação para uma noite de sexo na casa de alguém, uma roda de conversa, desabafos, confidências ou uma ida até a igreja da Santa Bárbara para ver o nascer do sol). Mas

para que tudo isto ocorresse, dependia de uma série de interesses, expectativas, desejos, humores, emoções, encontros e desencontros alinhavados, costurados e cerzidos no decorrer de uma festa, de um rolê ou por relações que extrapolavam os limites da festa e do próprio rolê.

Eu tenho diferenciado festas de rolês porque as primeiras têm certa autonomia. Muitos rolês dependem de festas que integram o calendário festivo da cidade. Rolês de Carnaval só podiam acontecer no Carnaval, era assim que me relatavam. Todavia, isto não significa que os rolês não pudessem ocorrer fora das festas. Os rolês até eram realizados, mas a ausência de festas os enfraquecia e a sua fraqueza se evidenciava no desânimo dos grupos de pessoas com as quais mantinha diálogo. Foi por essa característica meio incerta dos rolês que não recusei qualquer convite para sair. Interessado em ver tantos fios que teciam relações humanas eu tentei estar presente no máximo de festas, rolês, resenhas e/ou *afters* que podia. Não importava onde iriam ocorrer, se eu fosse convidado, me organizava e ia. A minha presença aos poucos foi se tornando em possibilidades de novos trajetos e de encontros que me levaram aos acontecimentos vistos, ouvidos e narrados na noite de 09 de setembro de 2017:

Setembro de 2017

Rolê na República Universitária

Era um fim de semana (09/09/2017) e eu me organizei para sair sozinho, sem qualquer pessoa ao meu lado. Queria ver o que acontecia enquanto eu caminhava de um ponto a outro do Centro Histórico sem a interferência de qualquer pessoa. Queria ver se confirmava algumas das histórias que já havia escutado de meus interlocutores e procurava entender como se dava as articulações dentro, entre e fora dos rolês no instante em que eu estava por ali, caminhando entre os bares e a praça do Coreto. Deste modo, nesse fim de semana, eu escolhi sair sem uma programação específica e sem estar acompanhado por qualquer pessoa. Esta era também uma ação intencional em que eu buscava conhecer outras pessoas e me aproximar de outros grupos e rolês. Eu também queria sentir aquilo que muitos me contaram acerca de seus rolês: a sensação de “aleatoriedade”, a impressão de que as coisas dentro dos rolês aconteciam sem uma programação prévia, sem um direcionamento antecipado ou qualquer planejamento.

Claro que isto não passava de uma sensação, uma impressão porque tudo nos rolês era previamente planejado. A impressão de “coisa aleatória” foi se desfazendo à medida em que via um ou outro programando as ações dos demais. Se havia aleatoriedade esta era uma sensação de uns poucos que não haviam participado dos planejamentos e das articulações dos rolês, mas estavam dentro deles. Durante as minhas andanças eu fui observando quem cuidava de todo mundo, quem arrumava o carro, quem negociava a entrada na festa x ou y e quem se encarregava de levar todos de volta para casa. Nada acontecia por um acaso. E eu queria estar por ali para ver todo o planejamento e os significados disso tudo.

Em pleno o sábado, após o feriado de sete de setembro, a cidade ainda estava bastante cheia de estudantes, visitantes e de turistas. Este era um momento ideal para eu sair e ver toda a movimentação que se desenhava ali pelo Centro Histórico e pelas imediações da praça do Coreto. Me organizei e depois de atravessar a cidade alcancei a praça. Logo na chegada, ao passo em que havia caminhado por todo o largo que dá de frente para a Igreja da Boa Morte e o Palácio Conde dos Arcos, uma porção de jovens vieram me cumprimentar. Alguns aproveitaram a minha parada para conversar e me fazer pedidos, convites para sair ou fazer outras coisas.

A praça como já era de costume vivia cheia aos fins de semana em diferentes horários do dia e durante a noite jovens de diferentes segmentos geracionais se espalhavam por toda a sua dimensão. No horário (22 horas) em que por ali se espalhavam inúmeros jovens a música era escutada de longe. O funk e o sertanejo universitário eram os gêneros musicais mais comuns a este horário e sua execução se fazia possível graças aos carros de som e caixas de som de diferentes tamanhos que os grupos de pessoas traziam consigo para os seus rolês. A mistura da música com conversas, risadas e gritos dava à praça um aspecto de festa. Muitos se divertiam, mas muitos se enraiveciam com o barulho.

Entre um funk e outro, um sertanejo e outro e as gradações de letras musicais combinadas ao volume – sempre alto – eu acompanhei nesta – e em tantas outras noites que se seguiram – a sua interrupção em razão das batidas policiais. Provavelmente a letra e o volume alto não agradava algum vizinho que àquela hora queria dormir ou que simplesmente não achava agradável escutar: “Xanaina/ Tá querendo sentar na tromba/ Só quer sentar na giromba, Xanaina/ Xanaina, Xanaína/ Ô, ô, aew, ô Xanaina / Ô, Xanaina, vem com boga na linguíça/ Ô, Xanaina, vem rebolar na linguíça, vem”.

Todo o ambiente contribuía para fazer da praça um palco de combate entre gerações – as gerações de moradores e as dos frequentadores do Coreto – e as instituições de controle social de Goiás.

O que me impressionou nesse dia – e em tantos outros – foi que mesmo considerando a praça e os rolês constituídos por diferenças latentes em algum momento a comunicação se tornava possível. Possível ao ponto de tantas pessoas falarem uma linguagem em comum e usar isto para defender quem estava ali garantindo a música que embalava a diversão. Nesse dia enquanto conversava com algumas pessoas percebi que os aparelhos de som foram gradualmente desligados. Vi também que alguns jovens que circulavam furtivamente de um ponto a outro fazendo seus “corres” (me contaram depois que se tratava de traficantes e seus intermediários) passaram a se dirigir para os becos e a passos largos. Logo fui surpreendido com a luz do giroflex da polícia e aí compreendi que o som havia sido desligado por conta da batida, tal qual a fuga dos garotos, que também tinha relação com a batida policial.

De um instante para o outro diferenças sociais – principalmente as de classe, raça e gênero – que presenciara no interior dos rolês se desvaneciam. Momentos antes de a polícia circular a praça eu percebi que pessoas de diferentes grupos abriram possibilidades de diálogo. Deixaram diferenças de lado e criaram meios para a proteção de quem mantinha o som ligado, fosse ele um carro de som ou um aparelho de som portátil. Os grupos de pessoas e as pessoas ali na praça as vezes nem se conheciam, talvez não se dessem muito bem, mas bastava a

polícia chegar e tentar acabar com o som para que se unissem a fim de evitar a apreensão do aparelho de som, a multa do carro que insistia em manter o som ligado. Ao passo em que a polícia anunciava sua chegada desde o ponto em que ela era vista as pessoas em seus grupos começavam a compartilhar a informação. Uma vez que o Centro é todo calçado com pedras que dificultam o tráfego de automóveis quando a polícia enfim alcançava a praça o aparelho de som já havia sido desligado ou guardado e o carro já havia sido desligado. A porção de vezes em que isto aconteceu tornava tudo muito divertido e engraçado para quem assistia, mas muito embaraçoso para os policiais.

Os policiais passavam, colocavam seus rostos amedrontadores para fora do carro, olhavam de forma ameaçadora para todos. Estes fingiam não se importar e continuavam – displicentemente – tomando suas bebidas em silêncio e aparentando despreocupação. Nem sempre está comunicação funcionava bem, as vezes a polícia se irritava e parava a viatura por um bom tempo e em outras situações os policiais desciam e enfrentavam as pessoas. Era um corre-corre danado.

Outra ação que me deixava muito animado e que muito me divertia era que bastava a polícia entrar na rua Darcília de Amorim para o som ser ligado novamente e todos ali continuavam sua diversão como se nada tivesse acontecido. Eles voltavam “a moer no vinte”.

Nesse dia eu fiquei pela praça até bem tarde e isto me permitiu ver como à medida em que acordos eram firmados algumas pessoas se escapuliam pelos becos a fim de um encontro sexual heterossexual, homossexual ou “misturado”. Ali pelas três da manhã foi um movimento danado para os becos que se ligam à rua 13 de maio, para o banheiro ou mais distante. Conforme via grupos descerem acompanhei o movimento e notei casais irem para a direção da igreja do Rosário ou da Carioca.

Fiquei um bom tempo observando esta movimentação até que fui chamado por um grupo de amigos. Eles me convidaram a subir para a República Universitária já que o rolê na praça estava findando.

Este grupo era composto por Bertha, Jonas, Alana, sua prima, Francisco e mais um amigo dele. Eu agradei o convite, mas não me mostrei interessado. Já era tarde e eu estava com bastante vontade de dormir. Mas não adiantou dizer não. Foi quando Bertha me agarrou pelas mãos e quando dei por mim já havia sido posto para dentro do carro do Francisco. Ela me colocou sentado (ou deitado) sobre um monte de pessoas que juntas e aos berros gritavam e cantavam enquanto Francisco fazia piruetas com o carro no asfalto.

Depois de alguns minutos chegamos à República Universitária. Era uma casa comum, localizada no Jardim Vila Boa e em frente a ela vários carros estavam estacionados. De dentro do carro eu pude ouvir um som alto que vinha de dentro dos muros da casa. Francisco estacionou e então demos começo à difícil descida de tanta gente de dentro de seu carro. Todos saíram e fomos para uma fila que se formara em frente do portão que dava acesso à casa, nesta altura já era quatro horas da manhã. Nesse meio tempo Alana veio conversar comigo sobre a animação que sentia por estar ali e que desejava se divertir, pois estava cansada de ficar presa em casa estudando.

Entramos e então entre um cumprimento e outro, passei a observar o lugar. Circulei pela casa que tinha acesso liberado, vi muitos quartos fechados e de onde se entrava e saía casais – a maioria heterossexual. Já ouvira muita coisa sobre esta república, principalmente que era um lugar fortemente caracterizado por rapazes que cultivavam uma

masculinidade viril e de onde muitas garotas alcoolizadas acabavam se envolvendo em relações não consensuais. Já ouvira relatos de abuso sexual, mas também ouvira casos de envolvimentos homossexuais entre os garotos que viviam nesta república. Enfim, se falava muita coisa desse lugar e de seus moradores, mas nessa noite não vi nada do tipo acontecer dentro da casa, pelo menos não enquanto estive por ali.

A casa era bastante convencional. Na sua entrada havia dois portões com saída para a rua. Um portão maior que sempre permanecia trancado e era onde ficava a sua garagem. O outro, menor, era a porta de acesso mais usada para a entrada de todos na casa. Por ali se entrava e se deparava de frente, logo na entrada, com a porta da sala da casa, onde ficava um pacote de camisinhas pendurado na fechadura. À esquerda, do lado de fora, havia um desvio. Feito esse desvio se entrava numa área com um espaço coberto encostado ao muro e que ficava de frente para uma piscina. Era ao redor desse espaço em que as festas da república aconteciam. Sempre um aparelho de som era posto ali naquela área e as pessoas ficavam espalhadas pelo entorno da piscina, dentro dela ou mais ao fundo, onde se acessava a cozinha da casa.

Ao entrarmos por este lugar, caminhamos paralelamente à piscina e fomos até os fundos da casa onde havia outra área e uma mesa de sinuca em que muitos universitários jogavam bilhar, fumavam, bebiam e conversavam sempre ao som de funk ou sertanejo tocado em um aparelho portátil que alguém trouxera. Somente homens jogavam sinuca enquanto as mulheres permaneciam em volta, conversando e bebendo qualquer coisa.

Ao passo que meus acompanhantes se misturaram entre os demais eu fui cumprimentar um grupo de conhecidos que se sentara próximo da piscina. Fiquei conversando com Leonora e Celuta que se sentaram uma no colo da outra em uma cadeira próxima a piscina. Ali em volta delas e de mim se juntaram outras pessoas que se colocaram a conversar. Fiquei ali por um tempo e depois fui chamado por Bertha e Alana.

Comentei que o espaço era ideal para eu fazer a pesquisa e com isto ficamos em um cantinho conversando. As duas ficaram muito curiosas sobre o tema, mas Alana me encheu de perguntas relacionadas ao que já havia visto, sobre como desenvolveria o trabalho, dúvidas em torno da sexualidade e das questões de gênero. Nesse momento ela me confessou que adorava minhas aulas e que gostava muito de filosofia. Disse que mesmo estudando para fazer medicina assim que pudesse voltaria e faria filosofia pois adorava entender sobre a teoria do conhecimento. Adão se aproximou e abraçou Bertha. Eles ficaram olhando Alana e eu conversar, foi quando dois rapazes passaram e um deles olhou para Alana, ela o cumprimentou e logo comentou comigo que gostaria de ficar com um deles.

Mais que depressa saiu com a prima em direção à área próxima do portão da frente da casa. Eu fiquei ali em pé observando quem entrava e saía da casa, o que bebiam e o que conversavam. Jonas havia desaparecido e eu não o vi mais até o fim quando se reuniram para ir embora. Francisco permaneceu ali ao redor da mesa de sinuca a conversar com os outros jogadores de sua idade. Enquanto acompanhava todo o movimento vi Bertha e Adão trocarem olhares e por fim se beijaram. Fiquei surpreso. Do tempo em que conhecia os dois jamais imaginava que gostavam um do outro. Os dois ao fim do beijo vieram me explicar que sempre se pegavam, mas continuavam amigos. Eu aos poucos fui entendendo que para eles separar a amizade de uma

pegação fortuita era algo comum e que não necessariamente vinha acompanhada da obrigação de envolvimento afetivo. Enquanto conversava com os dois vi quando Alana e o rapaz que passara por nós anteriormente se dirigiram para os fundos da área coberta e começaram a se beijar e se agarrar. Ficamos olhando e acompanhando tudo aquilo por um tempo. Mas logo percebemos que o rapaz começou a pressionar Alana sobre a parede enquanto ela tentava escapar e se desprender dele. Mesmo ela pedindo que ele parasse não vimos qualquer menção por parte dele de interromper e foi quando ele a forçou novamente na parede, se pôs contra ela e a beijou forçadamente. Interferimos na situação e perguntamos se estava tudo bem, ninguém respondeu, foi quando Alana lhe deu um novo empurrão afastando-o e saiu muito assustada. Nós fomos ao seu encontro e mais que depressa Bertha juntou os meninos e todos resolveram ir embora. Alana estava muito assustada e preferi não falar com ela naquela madrugada.

Me chamaram, mas eu achei melhor ficar mais um pouco, eu estava perto de casa e poderia ir caminhando depois. Me despedi de todos, perguntei se Alana estava bem no que ela me respondeu que sim. Me falou que já havia se tranquilizado, mas que gostaria de ir para casa. Eu os acompanhei até a porta. Francisco os levou em casa com promessas de que voltaria. Nesse meio tempo eu me sentei na piscina junto de outras pessoas. Retomei a conversa com Leonora, Celuta e Mirna. Começamos a falar do que cada uma estava estudando. Elas me falaram da importância de terem formação superior e do quanto gostavam daquilo que estavam fazendo. Celuta me contou da alegria que sentia em fazer veterinária e de como se sentia bem por ter passado na universidade pública. Segundo ela sua aprovação contrariou as profecias que lhes fizeram, as de que fracassaria... Mirna cursava arquitetura e estava muito feliz. Me contou que adorava minhas aulas exceto dos meus gritos, mas reconheceu que as turmas eram difíceis e que ela mesmo era muito indisciplinada. Eu confirmei: “realmente Mirna, você conversava demais”. E Leonora comentou do curso de psicologia e do quanto estava gostando. Começou a falar de questões relativas a sexualidade e de suas curiosidades sobre a temática, foi nesse ponto em que comentei da minha pesquisa e que vinha desenvolvendo entre jovens universitários e estudantes maiores de dezoito anos. Falei que estudava os rolês, as festas e diversões sob a lente dos estudos de gênero e sexualidade. As três ficaram muito interessadas e passaram a me escutar atentamente. À medida em que contava o que já tinha visto nos rolês da praça, nas festas e nos bares elas foram confirmando várias coisas e me oferecendo maiores informações.

Como já me conheciam se sentiram à vontade para me perguntar sobre curiosidades que tinham em torno das questões de gênero e da sexualidade. A esta altura elas já conheciam alguma coisa sobre estas temáticas, já haviam lido alguns artigos em seus cursos, mas não entendiam os conceitos e aí ao redor da piscina, enquanto o funk tocava, pessoas bebiam e jogavam bilhar, me pus a falar dessas questões e dos interesses que me moveram a estar ali, com elas. À medida em que conversávamos elas comentaram do episódio em que se envolvera a Alana. Disseram que aquele tipo de situação era muito comum nos rolês e que acharam errada a insistência do rapaz com a Alana. Novamente voltaram a falar que nessa república “coisas muito esquisitas” aconteciam e que dificilmente iriam ali sozinhas. Estavam ali porque estavam acompanhadas por pessoas de confiança, mas mesmo assim

sempre tomavam algum cuidado (mandavam localização para alguma amiga, informavam parentes). Nesse momento dois garotos se sentaram do nosso lado, um deles era o que ficara com Alana. Nós nos cumprimentamos e continuamos a falar do tema sem dar muita importância para os dois. Como as garotas os conheciam elas não se intimidaram em interpelar o garoto. Celuta estudava no mesmo campus universitário que eles e não se intimidou em dizer para o garoto que aquilo havia sido errado, um abuso e que merecia ser punido. “Se você quer ficar com alguém precisa aprender algumas coisas, véi”. Mirna e Leonora olharam para os dois com condenação e julgamento. Como os dois haviam me cumprimentado eu entendi que poderia falar alguma coisa também. E logo que as garotas falaram eu me aproveitei do contexto e disse que aquilo que ele havia feito tinha sido um grave erro, um abuso. Coisa de “homem machista”, que insiste quando não se tem espaço, que não sabe quando parar e que não respeita os limites da outra pessoa. Naquele caso uma garota que a princípio queria ficar com ele. Dito isto eu me virei para todos ali da roda e disse: “isto é gênero operando nas relações de vocês”. Naquela situação não significava que a garota estivesse fazendo “charme” como ele dissera ao responder Celuta. Mas que as ações dele ali a assustaram e que naquela situação ele precisava reconhecer o momento de parar. Ele abaixou a cabeça e a levantou novamente. Foi quando as garotas, sentadas uma no colo da outra – Mirna se juntara na mesma cadeira – o olharam com repreensão. Ele me olhou novamente e assumiu que tinha sido errado. Respondi que ele precisaria mudar alguma coisa, do contrário continuaria provocando situações iguais àquelas e que são marcadas por desrespeito, agressividade, violência, abuso. E provavelmente seria alvo de inquéritos policiais. Ficamos ali conversando por um bom tempo sobre esta situação e outras coisas relacionadas à festa. Na proximidade das sete horas da manhã aproveitando que o papo começava a terminar eu me levantei e me despedi de todos. Os dois garotos também se levantaram e me disseram que gostariam de me encontrar outras vezes, pois “curtiram muito o papo”. Fiquei surpreso, porque a maioria não quer ouvir repreensões e mais surpreso ainda porque eu não estava ali para fazer tal tipo de intervenção – fiz porque não consegui passar por cima do que acontecera, não podia me omitir e pela amizade que já nutria por Alana. As meninas disseram que não precisavam se preocupar em me encontrar, afinal eu era “figurinha repetida” e sempre estava nas festas de Goiás. Eles ainda me chamaram para um banho de piscina no que eu disse não e nesse instante se jogaram na água com roupa e tudo. Enquanto ameaçavam me puxar para dentro da água eu atravessei o lugar e do canto próximo ao portão de saída me despedi de todos mais uma vez.

Os registros dessa noite me ofereceram mais que informações sobre os rolês e festas. Ao passar uma noite e madrugada andando de um ponto a outro da cidade eu vi jovens se divertindo, construindo, traçando diálogos e se frustrando. Nos rolês, todas essas pessoas não tão somente bebiam, dançavam ou namoravam, mas se preocupavam com a formação superior, com o futuro e tinham consciência daquilo que era certo e errado.

Embora gostassem de se divertir e de frequentar espaços cheios de pessoas dançando, conversando e bebendo, os rolês e as festas não se resumiam a mera diversão esvaziada de sentidos práticos. Os jovens estudantes que escutei e vi não eram refratários à sua realidade social e nem a situações de opressão que permaneciam como estruturadoras das relações entre diferentes pessoas. Eles/elas podiam até desconhecer debates teóricos sobre classe, raça, gênero e sexualidade, mas estavam prontos para aprender, bastava que alguém puxasse o primeiro fio e propusesse um diálogo o mais horizontal possível. Os universitários e demais interlocutores tinham consciência dos vários problemas sociais que atingiam o cotidiano das pessoas, conseguiam enxergar a desigualdade, identificavam os malefícios do controle social, questionavam seus preconceitos, os de seus pais e se posicionavam em situações de injustiça.

Pessoas como as que elenquei nos perfis que tentei traçar podiam ter seus preconceitos e interesses até bastante egoístas, mas em função do bem comum das festas, estavam dispostas a compartilhar espaços, conhecer pessoas diferentes e permitiam que os rolês e festas ocorressem sem maiores problemas. Nos rolês, festas, comemorações de carnaval ou de final de ano a grande maioria dos jovens estavam dispostos a apreender, se socializar e compartilhar os bons momentos com “pessoas de quem gostavam muito”. Muitos desses jovens queriam gozar e aproveitar cada minuto dos rolês, pois acreditavam que além de ser momentos raros “passavam muito rápido” e logo estariam “todos velhos”.

Nas noites de festas e de rolês eu aprendi que a juventude representada por estudantes e universitários entre dezoito e vinte quatro anos era mais que apenas uma mera palavra. Ela era uma possibilidade de ser outras coisas para além de filho e irmão, estudante e trabalhador. A juventude era um espaço e um tempo de utopias, sonhos, desejos e emoções. Era possibilidade de recomeço em novos mundos, em realidades possíveis. E as festas de Goiás oportunizavam recomeços, pelo menos no espaço de tempo em que decorriam.

3.2 – Rolês de fim de ano “é quando tudo acaba e começa de novo”

Os rolês de fim de ano em Goiás são grandes oportunidades para se ver experimentações sociais e coletivas de jovens estudantes e universitários que viviam ou que estavam de passagem pela cidade de Goiás. Na verdade, as festas por mim observadas (entre os anos de 2017 e de 2019) criavam espaços de tempo caracterizados por estas pessoas como o “fim e o começo de muita coisa” em suas experiências de vida no decurso dos 364 dias do ano que estava findando.

O fim de ano podia marcar o término de relacionamentos (de amizades ou afetivos) e o começo de outras novas, podia trazer mudanças (psicológicas, comportamentais, de costumes,

de leitura de mundo), transições e a necessidade de apreensão do novo em um momento caracterizado pelo trânsito entre um ano X e o outro Y. Do fim de um ano e o começo do outro muitos dos jovens que comigo tinham alguma interlocução relataram precisar sair da casa de seus pais e ir viver em outros lugares em razão da faculdade, do cursinho, do término do ensino superior, por conta de conflitos ou por não suportar mais a pressão familiar.

Havia também aqueles que permaneciam e que não observavam grandes transformações entre um ano e outro, exceto pela chegada abrupta da vida adulta e as cobranças para que adentrassem no “emburrado” mundo do trabalho assalariado. Alguns terminavam o ensino superior e permaneciam vivendo com seus familiares e por esta razão sentiam certa frustração em relação ao futuro. Todavia as comemorações de Réveillon eram representadas por todos como um instante de recomeços, de reinvenção de si, de promessas, expectativas e renovações, daí ter dado atenção a esse momento de celebrações que em certa medida integrava o circuito de festas que contribuía fortemente para a fama festiva da cidade de Goiás.

Entre 2017 e 2019 eu precisei me dividir entre os grupos formados por Armando, Joice, Jessica, Neto, Rodrigo, Arthur, Jenifer e Ester e o grupo de Alana, Franciele, Bertha e Jonas. Para além desses grupos ainda haviam os convites de Alex, Alisson, Breno e Alberto para sair em algum momento das festas de fim de ano e a recepção de amigos que vinham para a minha casa e exigiam de mim alguma atenção. Eu precisei me dividir entre um grupo e outro e as vezes tentei juntar todos em grandes rodas em plena festa. Isto nem sempre resultava em bons relacionamentos dado o nível de envolvimento entre um e outro ou situações que eu ainda não compreendia e a ausência de afinidade entre as pessoas que nos espaços de festa se encontravam. Todavia, as situações e paisagens sociais que o contexto em que me inseria criavam me ofereceram material interessante para ver como identidades eram produzidas. Ali também vi que as identidades eram construídas “de forma situacional e contrastiva” (Manuela Carneiro da CUNHA, p. 206, 1985). Mais que busca por identidades o que via era a busca por afinidades (Donna HARAWAY, 2009; Mariza CORRÊA, 2003).

A manifestação de identidades e diferenças nos papéis eram respostas políticas “a uma conjuntura, resposta articulada com as outras identidades em jogo, com as quais [se formava] um sistema” (Manuela Carneiro da CUNHA, p. 206, 1985) em meio aos papéis. “É uma estratégia de diferenças” (Manuela Carneiro da CUNHA, p. 206, 1985). Esta estratégia da diferença que anotei em campo assemelhava-se muito àquela observado por Fredrik Barth (2005) quando falou da realidade étnica dos paquistaneses em Oslo, na Noruega. Vejamos o que ele nos diz sobre esse encontro de diferenças étnicas:

Eles moram em Oslo e possuem contatos comuns em uma crescente comunidade de paquistaneses, a maioria punjabis. O que costumava ser um contraste étnico evidente entre pathan e punjabi se torna irrelevante. Agora eles são todos paquistaneses na Noruega. Eles possuem uma nacionalidade e algum grau de características em comum que permitem justificar isso e, certamente, eles compartilham um elemento de contraste: eles são muçulmanos (embora com uma grande variedade de orientações e afiliações) no meio de uma maioria cristã (Fredrik BARTH, p. 21, 2005).

Esta mesma questão foi apontada por Mariza Correa (2003) em diálogo com Donna Haraway (2009) para explicar que, na atualidade, as dificuldades enfrentadas pelas lutas feministas poderiam ser minoradas se se substituísse “a procura por uma identidade pela luta em torno de afinidades” (Mariza CORREA, p. 27, 2003). Sobre tal questão Haraway diz que:

Tem-se tornado difícil nomear nosso feminismo por um único adjetivo – ou até mesmo insistir na utilização desse nome, sob qualquer circunstância. A consciência da exclusão que é produzida por meio do ato de nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídas, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade “essencial”. Não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. E quem é esse “nós” que é enunciado em minha própria retórica? Quais são as identidades que fundamentam esse mito político tão potente chamado “nós” e o que pode motivar o nosso envolvimento nessa comunidade? A existência de uma dolorosa fragmentação entre as feministas (para não dizer “entre as mulheres”), ao longo de cada fissura possível, tem feito com que o conceito de *mulher* se torne escorregadio: ele acaba funcionando como uma desculpa para a matriz das dominações que as mulheres exercem umas sobre as outras. Para mim – e para muitas outras mulheres que partilham de uma localização histórica similar (corpos brancos, de classe média profissional, femininos, de esquerda, estadunidense, de meia-idade) – as fontes dessa crise de identidade política são incontáveis. A história recente de grande parte da esquerda e do feminismo estadunidense tem sido construída a partir das respostas a esse tipo de crise – respostas que são dadas por meio de infundáveis cismos e de buscas por uma nova unidade essencial. Mas existe também um reconhecimento crescente de uma outra resposta: aquela que se dá

por meio da coalizão – a afinidade em vez da identidade. (Donna HARAWAY, p. 47, 2009).

Em meu contexto os estudos de etnicidade e epistemologias feministas deixaram ver que a articulação de diferenças era manuseada estrategicamente até que interesses em comum se sobressaíssem. Era nesse ponto em que contrastes, ou diferenças, se tornavam irrelevantes. Os jovens em meio à festa dividiam interesses e expectativas em comum e por mais que compartilhassem contratos sociais ali na festa o que importava era encontrar conhecidos e afins para se divertir como bem fizeram os jovens que acompanhei no Réveillon de 2017 para 2018:

Diário de campo da manhã de 01 de janeiro de 2018.

Na virada de 2017 para 2018 me juntei ao grupo de Armando e informei os demais grupos e pessoas com as quais mantinha diálogo que os encontraria na festa em razão de já ter sido convidado a compor outro grupo de amigos para as comemorações de Réveillon. Organizamos tudo que seria preciso para as comemorações e combinamos de nos encontrar na casa de Neto para terminarmos de organizar a caixa com bebidas, carregarmos ela até o ponto onde ficaríamos na Praça de Eventos e para descermos todos juntos.

O grupo de *WhatsApp* gritou nervoso por toda a semana. O movimento de mensagens entre os dias 30 e 31 foi incomum aos demais dias. Dia 31 foi terrível. Toda hora alguém mandava uma mensagem. Eu era marcado em postagens. O telefone tocava toda hora. E Armando sempre vinha me chamar em meu número privado. Joice, Jéssica e Roberta executavam a mesma ação. Era uma loucura. Queriam saber como organizaríamos a bebida, que roupa eu vestiria, onde nos encontraríamos... tentei levar o debate para o grupo e ali fomos combinando tudo até que começamos a nos organizar melhor.

Ali pelas 16 horas, do dia 31 de dezembro, Armando, Arthur e eu nos encontramos na distribuidora para comprar as bebidas que todos consumiriam no decorrer daquele rolê de fim de ano. Havíamos combinado em ratear os valores entre todos do grupo. Optamos tomar vodca com suco e precisávamos comprar a vodca, o suco, o gelo, levar tudo para a casa de Neto, colocar na geladeira, trocar os recipientes de vidro por garrafas plásticas já que na Praça de Eventos não entravam garrafas de vidro. Me disseram que isso se tornou praxe após grupos atirarem garrafas para cima ali pelas 3 da manhã e por terem quase matado uma menina com uma garrafa quebrada tempos atrás. Durante as comemorações ali na Praça de Eventos eu percebi que não adiantava muito a fiscalização inicial. Sempre as garrafas de vidro entravam e se espalhavam para todos os lados durante a noite. Vez ou outra alguém terminava no Hospital São Pedro dando ponto na cabeça, na barriga, no joelho, no rosto por conta de acidentes, brigas ou golpes de garrafas atiradas em meio à multidão.

Por fim conseguimos fazer tudo o que havia sido combinado. Deixamos tudo pronto. Eu deixei Armando em casa, Arthur subiu para a sua e fomos todos nos organizar para nos encontrar na casa do Neto no horário estipulado no grupo.

Ali pelas 22 horas, conforme o combinado, nos encontramos na casa do Neto. Eu cheguei exatamente no horário combinado e quando lá cheguei me encontrei com Jéssica, Jeniffer, Neto, sua família, Armando, Edrikênia, Arthur e Joice. Faltava apenas a Roberta. Como sempre ela atrasara e deixava a todos do grupo irados, principalmente Joice que aos gritos lembrava a todos o quanto Roberta era enrolada e que não passaria outro Réveillon esperando-a se arrumar. Depois de aguardarmos por mais meia hora informamos, no grupo, a Roberta, que desceríamos para o mesmo lugar de todos os rolês (Carnaval, fins de ano, FICA e outros shows) e ali a esperaríamos.

Agarramos a caixa contendo as bebidas e demos início à caminhada até a Praça de Eventos. Armando e eu carregamos a caixa e saímos na frente em razão do peso dela. Combinamos de ficar esperando em uma das escadarias para descermos juntos. Ao chegarmos no lugar, a Praça já estava tomada por uma multidão. As barraquinhas cheias e os cheiros de óleo frito, batata frita, empada e churrasquinho enebriavam o ar misturando-se e confundindo-se com o perfume, as bebidas e cheiro de chuva que caíra um pouco antes das 21 horas. Assim que todos chegaram Armando e eu agarramos novamente a caixa e começamos a abrir caminho em meio à multidão. À medida em que passava ia cumprimentando e sendo chamado por pessoas que me conheciam e queriam desejar um “Feliz ano novo”. Logo que chegamos ao ponto em que ficávamos (próximo à barraca de som) Armando comentou o quanto era difícil andar comigo em razão da quantidade de gente que conhecia e que queria me cumprimentar.

Organizada a roda e depois de todos se posicionarem à vontade em volta da caixa de bebidas, abrimos as garrafas, pegamos o gelo, enchemos nossos copos e ficamos ali bebendo e ouvindo o funk tocado pelo DJ antes da virada. Durante o show que durou mais ou menos uma hora e vinte minutos eu fui enumerando as músicas e comparei posteriormente com aquelas que eram mais tocadas e consumidas pelos jovens que acompanhava em diferentes rolês no Centro Histórico e fora dele. Entre os Funks haviam as seguintes músicas: Tchau e bença – MC Pedrinho e MC Livinho; Namorar pra quê – MC Kekel; Olha a explosão – MC Kevinho; Vizinha gostosa – MC Livinho; Grave faz bum – MC WM e MC Lan; Arlequina – MC Bella; Partiu – MC Kekel; Pow pow tey tey – MC Dede; Opa opa – MC WM e Jery Smith feat DJ Renan; Bumbum tremendo – MC Pedrinho e MC João ; Social, narga e piscina – MC MM; Cheio de marra – MC Livinho; Oh novinha – MC Don Juan; Rabetão – MC Lan; Quem mandou tu terminar – MC Kekel; Olha o gás – MC Vitão feat Dennes DJ; O Xanaina – MC Lan; A gente brigou – Mc Don Juan; Estremece quando ela desce – Os cretino e MC WM; Automaticamente – MC Leléto MC Maromba; Minha ex – MC Bin Landen; Tudo de bom – MC Livinho; Na onda do beat – Jerry Smith; Tenebrosa – MC Livinho; Bumbum granada – MCs Zaac e Jerry; O verão esta chegando – MC Davi; Vai toma – MC Pikachu e MC Fioti; Vai safada – MC Brinquedo e MC Pikachu; Tô apaixonado nessa mina – MC Kevinho; Fazer falta – MC Livinho; Na maciota – MC 2K; Boca pelo – MC Gudan e MC Don Juan e mais algumas de MC Kekel.

Na altura das vinte e 23 horas e 40 minutos o DJ tocou novamente A gente brigou, de MC Don Juan. Assim que a voz rouca de MC Don Juan tomou o ambiente da Praça de Eventos todos na roda começaram a movimentar o corpo freneticamente. As garotas correspondiam à letra da música que dizia o seguinte: “A gente brigou eu mandei ela embora.

Os primeiros dias que são foda. Que bate saudade e a gente só chora. Mas esbarrei com a amiga dela. Então pensa na mulher gostosa. Disse que as duas também brigou. E ela vai se vingar agora. Então joga, então joga. Então joga o popô na piroca. Então joga, então joga. Vai moção. Joga o popô na piroca”.

Enquanto as garotas, com as mãos no joelho e o bumbum arrebitado, reboavam, os garotos faziam o que podiam, de acordo com seus limites, para corresponder à sensualidade da dança das garotas. Eu olhava tudo e tentavam acompanhar os movimentos difíceis que elas executavam. Após decorrido o repertório de funks do DJ este avisou o fim do show e os apresentadores começaram os preparativos para os fogos e o show ao vivo que se seguiria. A esta altura estávamos todos bem contagiados com toda festa ao nosso redor e com a vodca com suco que já estávamos tomando desde o momento em que na Praça de Eventos chegamos. Em certo momento em parei de beber e todos me olharam com repreensão. Informei que precisava estar bem para ver o que estava acontecendo ao nosso redor, logo beber demais seria um descuido. Todavia, informei que em algum momento lhes deixaria me ver bem bêbado.

Nesse meio tempo Joice já havia se descolado do grupo para passar o Réveillon junto com o ex-namorado que ainda não havia esquecido. Jéssica e Ester olharam com desprezo para Joice. Me olharam e criticaram o fato de “depois de tudo” Joice ainda estar junto com “aquele menino tóxico”.

Na eminência do show começar o meu telefone tocou. Era Roberta me pedindo para busca-la. Respondi positivamente para ela e informei aos demais que era a Roberta e que iria buscá-la. Todos ficaram bravos e disseram que eu perderia a queima de fogos. Lhes disse que eu havia me comprometido a busca-la e saí tricotando em meio à multidão que estava em meu caminho.

Felizmente o fato de eu ser bem conhecido me permitia circular entre a multidão com alguma facilidade. As pessoas eram gentis comigo, o que não era algo comum. O complicado de ser conhecido é que demorava muito para sair de um grupo e outro, acabei demorando vinte minutos e perdi a queima de fogos junto com os outros. Mas assim que a queima começou dois jovens me abraçaram e me disseram que iria ficar ali com eles. Ficamos vendo a queima de fogos e eles me contaram que nesse novo ano a vida deles mudaria bastante.

Ambos iam começar a faculdade e um deles havia conseguido trabalho. Assim que terminou a queima de fogos eu me despedi dos dois e fui ao encontro de Roberta, mas antes de sair de perto dos dois precisei experimentar a mistura que haviam feito com bananinha, vodca e energético. Era algo bastante forte. Fiz uma careta daquelas. Minha cabeça rodou e eles ficaram rindo de mim.

Quando finalmente saí na avenida Roberta vinha descendo com bastante dificuldade, isto, porque, insistira em usar um salto agulha. Além do salto exagerado, ela vestia um vestido dourado, cheio de detalhes e uma maquiagem extremamente marcada. A abracei, peguei em sua mão e descemos para junto dos outros. Após meia hora de caminhada entre a multidão de gente que agora dançava freneticamente com os shows de Mari Camargo e Matheus Bastos alcançamos o grupo e o lugar onde estávamos desde mais cedo.

Assim que chegamos todos olharam a Roberta chocados e um a um vieram me abraçar e desejar um 2018 feliz. A esta altura o relógio já

marcava mais de 01 hora da madrugada. Conversei um pouco com o pessoal e avisei que iria ao banheiro, nesse meio tempo Jéssica e Jenifer já haviam voltado e eu desci sozinho para ir ao banheiro e aproveitar para ver o que estava acontecendo em outros pontos da Praça de Eventos.

Caminhei na direção da Casa do Artesão e entre tropeços em garrafas de vodca vazia e trombadas em pessoas muito bêbadas alcancei a área ao lado do bar que havia na Praça de Eventos. Desse ponto em diante o espaço se abria em uma larga tenda. Ao fundo haviam vários banheiros químicos. Perto da caixa de água um grupo de jovens gays permaneciam sentados e trocando beijos entre um e outro.

Atravessei esse grupo e fui puxado por Alonso que veio me abraçar e me felicitar. Conversamos um pouco e eu continuei a descida em direção a Casa do Artesão. Nesse corredor havia um fluxo de pessoas indo e voltando. Alguns urinavam no muro paralelo e outros desciam em casais para amassos e para transar. Na Casa do Artesão eu entrei pelo portão e fui no banheiro. Na volta dei a volta para ver quem estava por ali. Na academia haviam grupos de amigos conversando e dois casais estavam agarrados em frenéticos beijos. Eles estavam encostados no muro de pedra. Mais adiante, em um recuo, dois casais de homens gays transavam. Era um espaço bem escuro e era possível apenas ver os vultos, os movimentos e ouvir os gemidos e gritos. Um casal estava de um lado e o outro do outro. As posições do sexo eram a mesma. Um se colocara contra a parede e de costas para o parceiro, que o penetrava por trás. Contemplei as cenas um tempo até que fui surpreendido por Alberto que em tom de brincadeira me perguntou se eu queria me juntar a eles. “Eu vou com você Paulo””. Eu desconversei e disse que só estava olhando mesmo. Sem atrapalhar aproveitei que Alberto estava voltando para a Praça e o acompanhei, viemos conversando sobre o movimento todo e ele me disse que já tinha chupado em cara ali minutos antes de me encontrar. Me despedi dele e voltei para os garotos.

Assim que cheguei na roda em que os garotos estavam eles me indagaram por onde eu estava andando, afinal, da minha ida ao banheiro, até o retorno, havia se passado uma hora. Informei que aproveitei para ver o movimento de gente e cumprimentar outras pessoas. Eles me dirigiram olhares maliciosos.

Ficamos ali dançando mais um pouco e logo Jussara passou por mim, me agarrou e disse que queria beijar na boca. Ela me pediu ajuda em seus engajamentos afetivos. Queria chegar em uns caras, mas não tinha coragem e aí me pediu para fazer as vezes dela. Disse para ela me sinalizar toda vez que quisesse que eu falasse com alguém.

De mãos dadas eu sai na frente e enquanto percorria um e outro grupo encarava os caras que acreditava serem do interesse dela, perguntava para ela se queria e ela ia me informando quem queria beijar. Assim que encontrava o cara que desejava beijar ela me puxava e dizia: “Paulo é esse!” Eu virava para ele e dizia: “E aí cara, beleza. Olha minha amiga quer te beijar. Você quer também?” Na maioria das vezes era bastante positiva a reação dos rapazes.

Jussara ia ao encontro do cara, ele a abraçava e lascavam um beijão cinematográfico na frente de todo mundo. Fizemos isso com cinco caras e assim que alcançamos a frente do palco alguém me puxou pelas mãos. Virei pra ver e fui logo abraçado por Bertha que apertou meu pescoço e disse que estava com muita saudade de mim. Jussara disse que ia voltar para o lugar onde estava, informou que queria beijar mais e que

voltaria depois pra eu ajudar ela, me deu uma piscada e sumiu na multidão. Fiquei conversando com Bertha e os demais garotos que a acompanhavam. Ela me disse que depois da praça iriam para o Coreto pra amanhecer e me pediu para ficar com eles um pouquinho. Disse que estava com Armando, mas que a encontraria no Coreto assim que o show acabasse. Falamos mais um pouco e eu informei que voltaria para o outro grupo. Quando finalmente voltei o relógio já marcava três horas e vinte minutos. Armando disse que era melhor sairmos dali porque nesse horário começava o quebra-quebra de garrafas, brigas e muita bagunça. Eu concordei e então demos início ao percurso em direção à praça do Coreto. Assim que saímos na avenida o show terminou e então os grupos se dividiram. Neto disse que voltaria pra casa e então pegou a caixa e levou com ele. Jessica e Jhenifer informaram que iriam encontrar uns amigos no Morro do Macaco Molhado, Joice já havia sumido com o ex-namorado. Armando, Arthur, Roberta e eu subimos para o Coreto junto com a procissão de gente que aos berros, cantando “Eu nãoooo vou embora, eu nãoooo vou embora” e rindo caminhava em direção ao Coreto. Ao chegarmos no Coreto os meninos me disseram que subiriam para casa e Roberta me disse que aproveitaria para subir também em razão da dor que estava sentindo nos pés. Me despedi de todos e sai para procurar Bertha e Alana. Logo as encontrei e ficamos na praça até umas 6 horas da manhã. Nesse momento lhes disse que aproveitaria terem encontrado Francisco e o Jonas e também iria para casa. Fui embora sob reclamações e a promessa de que passaria o próximo Réveillon com Bertha e os demais garotos.

Nas festas e comemorações desse instante os risos e as performances corporais estavam condicionados a padrões culturais muito particulares e que permaneciam bastante influenciados pelas marcas sociais dos diferentes jovens com os quais eu dialogava. Esses padrões culturais faziam referência a ampliados contextos sociais conectados a estruturas sociais como a família, o estado, a escola, a igreja ou mesmo a sociedade goiana, porém, eles podiam se flexionar.

Alguns desses jovens gostavam de deixar expressos os seus preconceitos e os seus limites no instante das comemorações, todavia, isto não os impedia de se divertir, de rir ou dançar. Notei que o desejo por montar grupos de amigos com os quais tivessem alguma afinidade não se tratava apenas de entrosamento, mas da busca por um “lazer protegido” e “confiável”. A proteção – ou a blindagem – que muitos desses jovens buscavam era para evitar os efeitos da fofoca, dos estigmas sociais, da visibilidade de suas reais identidades de gênero e de sua orientação sexual. Dentre tantos interlocutores eu mantive amplo diálogo com aqueles que acreditavam poder separar sua vida privada daquela marcada por certa publicidade. E por isso tentavam controlar o que falavam de si, o que pensavam de si e também faziam o possível para gerir os seus próprios desejos, expectativas, emoções e sentimentos. Junto ao rolê do lazer e da diversão, entre esses havia o rolê para combater a vulnerabilidade imposta pela percepção de seu corpo em choque com as representações sociais. Logo rebolar muito, beber muito e

“soltar a franga” era algo perigoso e que alguns tentavam evitar. Já outros não se importavam muito com convenções de gênero e de sexualidade, como Jussara, queriam mesmo era beijar na boca, ser feliz ou chupar alguém ali nas imediações da Casa do Artesão, como fizera Alberto.

Reitero que mesmo nesse universo de limitações determinadas pelas estruturas sociais mais aproximadas a esses jovens e colocado, em muitas das vezes, por eles mesmos, como uma “tarefa de casa” para si, em algum momento dos rolês, todo o ambiente social e cultural aí desenhado, oferecia a esses jovens tamanha tranquilidade que estes acabavam por se permitir a executar algumas ações que, a princípio, eles mesmos haviam colocado como restritas/proibidas. Casos parecidos a Armando e Arthur. Estes sempre tentavam passar a imagem de seriedade e se esforçavam para aparentar uma masculinidade viril e heterossexual.

Na virada de 2018 para 2019 eu acompanhei outro grupo de jovens e nesta noite pude observar outras relações, sociabilidades e situações um pouco distintas daquelas que vira um ano antes:

Diário de campo da manhã de 01 de janeiro de 2019.

O Réveillon de 2018 para 2019 eu passei na companhia de Bertha e Alana. Um dia antes havíamos comemorado o aniversário de um dos meninos do outro grupo, o grupo de Armando. Informei que nesse ano me juntaria a outras pessoas, mas que iria até eles para abraça-los e cumprimentá-los.

O combinado para esse ano era jantar na casa de Bertha e depois desceríamos todos juntos para a Praça de Eventos. Após o jantar e logo que Bertha distribuiu lindos copos azuis para cada um do grupo descemos para ver o show na Praça de Eventos.

Quase no momento em que os fogos iriam marcar a chegada de 2019 demos início à difícil descida das escadas em meio à multidão que tomava o lugar. Escolhemos descer na segunda escadaria, logo depois do palco. Eu achei uma escolha ousada, afinal aquele horário o lugar estava tomado por uma multidão imensa e por conta da chuva tudo estava molhado. Se pisássemos na grama ou fossemos empurrados cairíamos e escorregaríamos. No final sairíamos dali imundos.

Decidimos fazer uma corrente em que todos se deram as mãos e a contragosto dos grupos que permaneciam em nosso caminho fomos empurrando uns, abraçando outros e nos desculpando de tantos outros. Quando chegamos ao ponto em que permaneceríamos, bem em frente ao palco, olhei para os meus pés e notei que estamos encharcados com pisões da travessia.

Alana me agarrou pelo braço e disse que ficaria do meu lado pois temia que as ameaças de Joaquina se tornassem uma realidade. A tempos atrás Alana havia ficado com o ex-namorado dessa garota e desde então Joaquina a ameaçava. Alana havia sido atacada algumas vezes na Praça do Coreto por essa garota. Em um dos rolês que tivemos ali no Coreto precisei correr com Alana dessa localidade por conta das ameaças de Joaquina. Até ameaças de morte Alana já havia recebido. Se tratava de uma situação muito delicada e grave, porém a mãe de Alana nada sabia.

Nem imaginava que Alana tinha uma vida sexual ativa. E Alana queria manter isso apenas entre nós. Diante disso me restou proteger Alana como eu podia. Pedi que não saísse do meu lado e a todo o momento que Joaquina passava por nós eu a encarava com um olhar bastante ameaçador. Minha intenção era intimidá-la e afastá-la de Alana.

Durante o show uma outra garota com quem Alana tivera diferenças no passado passou por nós e puxou o seu cabelo. Todos do grupo se viraram para a garota e a encaramos ameaçadoramente. Jonas e Francisco foram tirar satisfação. Eu achei que não era uma boa iniciativa. Aquela hora as pessoas estavam muito bêbadas os ânimos poderiam se exaltar muito. Fiquei e junto de Bertha tentamos acalmar Alana. Passado um tempo e depois do retorno dos garotos a situação parecia ter se acalmado. Tudo ia relativamente bem.

Jonas e Franciele contagiados pelo corote e a bala que haviam dividido nos disseram que sairiam para ir ao banheiro e beijar alguns garotos. Uma hora depois voltaram com seus copos ainda cheios e muito “loucos”, conforme eles mesmo se classificaram, começaram a dançar ao nosso redor e cantar algum funk que não soube identificar.

Bertha que já estava bem bêbada, tomou um pouco da bebida do copo de Jonas e se animou ainda mais. Ela me abraçou e disse que queria beijar na boca. Ficamos conversando, dançando e rindo. Enquanto dançávamos, Jonas se aproximou e, com os olhos vidrados, se colocou bem na nossa frente para gritar o que havia feito antes de retornar para junto de nós: “Paulo eu estava com dor de barriga, mas o banheiro estava muito sujo então caguei no rio vermelho e lavei o cú com a água do rio”. Eu fiquei meio sem entender as razões de ele me contar aquilo, mas balancei a cabeça e disse: “Uai Jonas no rolê vale tudo né!” Ele confirmou em um sorriso, agarrou o braço de Franciele e Alana e disseram que iriam novamente ao banheiro.

Ficamos Bertha, eu e amigo nosso.

Quase uma hora depois os três retornaram para junto de nós. Alana estava aos prantos e assustada. Enquanto tentávamos acalmar Alana, Franciele e Jonas tentaram nos contar o que havia acontecido. Nos contaram que Joaquina havia abordado Alana e a estrangulado enquanto berrava ameaças e xingamentos.

O cenário que aquilo montaram tornava tudo surreal. De um lado Alana chorava, Francisco esbravejava ameaças, Bertha e meu amigo estavam muito bêbados, Franciele e Jonas assustados e a festa continuou para todos que estavam ao nosso redor. Parece que ninguém notara que Alana estava chorando e que pelo menos eu estava desesperado. Sem saber bem o que fazer e diante dos relatos de Franciele de que quando Jonas foi tirar satisfação de Joaquina sobre a agressão este terminou chorando, eu soltei uma risada de nervoso. Depois da minha gargalhada olhei para todos na roda, agarrei Alana pelo braço, lhe disse para não sair do meu lado e começamos a sair do meio da multidão. Joaquim disse que iria quebrar a cara de Joaquina. Eu não dei muita importância, ele estava bêbado e não sabia o que estava falando. Além disso era comum os garotos se referirem a ele com a seguinte expressão: “ele só tem fogo de palha”.

Enquanto puxava todo mundo para fora da Praça de Eventos, Bertha chamou a atenção de Jonas e Franciele. Concordou que deveríamos sair da multidão e puxou os dois para junto de nós.

Resolvemos levar Alana para casa e voltamos para o Coreto. Bertha disse que iria amanhecer no Coreto e queria que eu ficasse com ela. Ainda alcançamos a procissão de gente em direção à Praça do Coreto. Quando chegamos todos os bancos estavam ocupados, caixas de som explodiam funks por todos os cantos da praça e gente andava para todo lado. Franciele e Jonas se aproximaram de um carro de som de um conhecido e ficaram dançando. Eu fiquei conversando com Bertha sobre os acontecimentos e logo a informei que iria para casa, afinal já era mais de 6 horas da manhã. Fiquei até as 7 e depois disso informei que iria para casa. Me despedi de todos e subi para casa junto de meu amigo.

Foi observando flexões de preconceitos, restrições, proibições, conflitos e a abertura para a maleabilidade de tantas práticas antes impedidas que tomei os rolês de fim de ano – como muitos outros rolês que etnografei no decurso dos três anos de pesquisa – por espaços para muitas possibilidades de engajamentos. Nos rolês os jovens podiam ser outros, muito diferentes daquele sujeito de dentro do seio familiar. Era nesses rolês que os jovens revelavam fragmentos de identidades que ficavam escondidos, partes de suas vidas que somente alguns poucos conheciam. Era nos rolês que esses jovens acessavam outros mundos e experiências sociais que haviam mantidas trancadas em sua intimidade, longe do conhecimento familiar.

Aos poucos compreendi que nesses rolês a roupa da cultura importava tanto quanto a roupa que cobria os seus corpos. Para esses rolês os jovens se organizavam durante meses, eles adquiriam roupas caras e que ao final da comemoração estariam molhadas de suor, rasgadas, manchadas com maquiagem ou vinho (dentre outras bebidas). Mas isso não importava muito, afinal o instante do brilho havia passado e tinha sido muito bom.

Um bom exemplo da sensação de permissão que os rolês oportunizavam aos meus interlocutores se faz presente em uma das jovens que acompanhei ao longo de anos de pesquisa. Esta, a cada festa, rolê ou comemoração, “teimava” com todos os demais amigos do grupo e adquiria roupas de gala (bastante caras), calçava sapatos de salto alto para caminhar pelas ruas irregulares de Goiás, fazia maquiagens bem marcadas e que ao fim da festa estariam manchadas por conta da chuva, pelo suor ou por beijos que não se furtava de dar em quem se aproximava.

Como em uma crescente o vestido caro terminava por destruir-se nos esfregões provocados pela multidão que tomava a Praça de Eventos Boadyr Veloso – ou nos “amassos em que se metia durante a noite” –, os pés estavam pretos de sujeira em razão de o salto não ter suportado a dura tarefa imposta pelas ruas de pedra de Goiás e tê-la forçado ficar descalça e, o belo penteado se transforma em uma massa de cabelo grudado em sua frente.

Terminada a festa o vestido estava rasgado, a maquiagem borrada, o cabelo despenteado e o salto quebrado. Era assim que esta jovem retornava para casa, “destruída”, e com uma lista de comportamentos que deveriam ter sido seguidas durante a festa, mas que haviam sido desrespeitadas por completo. Uma vez em casa, se jogava na cama com a roupa de festa e os pés sujos, dormia sem pensar na noite que terminara, deixando suas experiências sociais no decurso da festa para serem passadas a limpo no dia seguinte. Outros exemplos aparecem na flexão de Jonas em ficar com garotos independente da intolerância de seus pais para a sua homossexualidade, de Franciele beijar garotas, mesmo sabendo que seu pai não gostaria ou de Alana se arriscar a sair de perto de mim ainda que estivesse sob ameaças de Joaquina.

Os exemplos evidenciam que de certa forma os jovens iam para estas festas, vestidos com seus costumes, hábitos, expectativas, o desejo de aparência, de ostentação, de status social, de preconceitos e de regras. E eles até tentavam manter a compostura. O curioso é que mesmo tentando representar algo diferente do que eram, reforçar *status* que desejavam alcançar ou aparentar algo que tinham a expectativa de alcançar isto não os impedia de permanecerem abertos a possibilidades, de exagerar na bebida, de descer do salto e de se juntar à energia da festa produzida pela união de tanta gente vestida por suas diferenças sociais e particularidades.

Os preconceitos e costumes funcionavam como linhas cerzidas e alinhavadas ao tecido de suas representações culturais mais particulares. Todavia, na dinâmica social da festa os rasgões, bolsos abertos, sapatos destruídos, botões desabotoados, empurrões, conflitos e desentendimentos permitiam que o novo entrasse, ainda que estes jovens permanecessem, na festa, protegidos pelas redes de amigos, que sempre estavam ao seu redor. Ali sempre se dava um jeitinho de trazer “o boy” ou a “ficante” para dentro do rolê de amigos. E as vezes se escapulia para beijar um ou outro e até para fazer algo demasiadamente diferente como me contara ter feito no rio o Jonas.

Após os rolês até poderia “bater um arrependimento”, “uma bad”, uma “ressaca moral” e uma revisão seguida da tarefa repreendedora de “não fazer isso ou aquilo nunca mais”. Mesmo assim o que permanecia era aquilo que havia ocorrido na noite anterior e, embora houvesse o acordo entre o grupo de amigos de que “o que acontecia no rolê ficava no rolê”, este se expandia para os grupos de *WhatsApp* feitos entre amigos.

Era ai que julgamentos eram tecidos, “zoeiras”, brincadeiras e as memórias juvenis acabavam colorindo a trajetória desses jovens e produzindo uma história muito marcada pelas experiências muito particulares de sua geração. Todo esse universo de acontecimentos deixava

expresso que, em certa medida, os rolês eram oportunidades de mediação entre o que esses jovens eram, o que queria ser e o que podiam ser.

Mediante os relatos é evidente que “boa parte da diversão desses jovens tinha nos [rolês] um de seus principais elementos [de diversão e de lazer]” (Helena Wendel Abramo, p. 66, 1994). Fosse para ouvir músicas, dançar ou encontrar um grupo de amigos, as bebidas, a moda, “uma boa make”, as tecnologias digitais e alguns entorpecentes estavam presentes e acompanhavam quase todos os instantes de lazer desses jovens universitários. Todavia as suas marcas sociais não eram colocadas de lado quando entravam nos rolês, estas marcas sempre os acompanhavam – mesmo que não soubessem bem o que significavam conceitos como classe, raça ou gênero – e sempre tomavam forma em suas técnicas corporais, fosse através de gestos, movimentos corporais, olhares, piscadelas, balbucios, toques e comentários. Ver os rolês era perceber as técnicas do corpo desses jovens e ver como eles se construía socialmente.

3.3 – Carnaval e Semana Santa: nada de compromisso, pegação e lazer

Os bilontras abriram alas e Joana, saracoteando um batuque e dando umbigadas, descia as ruas apinhadas, portas e janelas abertas, molecada aos gritos, com fantasias e máscaras incríveis.

Bumbos e tambores, caixas e gaitas, o barulho armado e Joana alegrando, comedida nos seus gracejos. Só que a mulata não podia beber – virava fogo – e foi que certa hora lhe deram um martelo de bebida forte.

Era o que faltava!

Joana, que já era do barulho, cresceu na louca gingando e correndo. Rompeu o Zé Pereira, arrancando punhados de pimenta e passando a esfregar na cara daqueles que alcançava. A correria doida, gritos e assovios. Os bumbos e corneteiros, que vinham atrás, sem perceberem a desordem da frente, atacavam de rijo. Chegou a vez deles; Joana atacou com fogo. Aí foi a debandada. Janelas e portas se fechando e alguns se jogando no rio, e a mulata se livrando das roupas e pimenta, no meio da rua.

Cora CORALINA (2001, p. 26).

A aquarela das garotas no Bloco do Sujo (ou Bloco da Alegria) tem por objetivo levar quem lê esta tese para o interior das festas que frequentei, ou direto para o Carnaval de 2018, bem no instante do “Bloco da Alegria” registrado por mim em registros etnográficos, mas também por Thiago Burigato, conforme o artigo *Pluralidade e criatividade*, publicado em *O Popular*, fevereiro de 2018:

Cuecas, sutiãs, sungas, frufus e até fraldas. Em 2018, a criatividade era o limite para a fantasia dos foliões do Bloco da Alegria, que oficialmente abre o Carnaval da cidade de Goiás todos os anos.

No evento de ontem, que deu início ao Carnaval 2018 na cidade, o funk comandava o ritmo, emanado de caixas de som de carros parados em frente à Associação Dom Helder Câmara, na Avenida do Bosque,

durante a tarde. As letras, não exatamente próprias para menores de 18 anos, eram repetidas por muitos, fossem eles crianças ou adultos.

Cabelos e barbas pintados de loiro era a moda entre os rapazes, muitos dos quais sujos por uma mistura de água com tinta que jogavam uns nos outros.

Nas garotas, muito glitter e roupas coloridas. O mais comum, no entanto, era se deparar com papéis invertidos: homens usando roupas atribuídas a mulheres e vice-versa. Tropas com pessoas trajando apenas roupas íntimas também não era motivo de estranheza.

O que mais chama atenção na festa é a pluralidade: pessoas de todas cores e idades, sozinhas ou acompanhadas, celebram a chegada do Carnaval. Muitos trouxeram a família inteira, como foi o caso de Djanáina Mariccirl e Wellington Pereira de Souza, que estava com os dois filhos, Cauã e Bruno, curtindo o evento. “Eu vim de Goiânia há oito anos e desde então a gente sempre vem para o bloco. O melhor daqui é a alegria do povo”, declarou Djanáina ao lado dos três homens de sua casa, todos devidamente vestidos de “príncipes”.

O servidor público Cleomar Fogaça, de 40 anos, se embala nas festividades na cidade de Goiás há mais de 20 anos. “Para mim o Carnaval é só o Bloco Sujo”, afirmou citando o nome atribuído ao Bloco da Alegria até 2013. Neste ano, ele resolveu se vestir de bailarina para homenagear a filha de 11 anos.

Enquanto a reportagem esteve no meio do público, o fotógrafo era insistentemente assediado por uma figura extrovertida de peruca e batom vermelho. Nem mesmo a informação de que o repórter era compromissado o dissuadiu. “O bloco é para isso. Para brincar, rir e se divertir”, justificou-se o folião João Paulo Ferreira.

Jade Dirane, uma jovem proprietária de pousada, de 23 anos, aproveitava a festa em um grupo de dez amigos, com o corpo parcialmente coberto de glitter. “Venho para cá todo ano. Antes vinha com os pais, agora venho por conta própria”, revela aos risos.

A empolgação dela é compartilhada por Lua Caiado, de 19 anos. Estudante de Medicina Veterinária na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) e atual moradora de Goiânia. Depois de ter vivido cinco anos na cidade de Goiás, ela resume o motivo do Bloco da Alegria ser sempre movimentado: “Aqui ninguém julga ninguém. Todo mundo pode ser quem quiser. Não perco isso aqui por nada”, declara. Para ela, neste ano a festa estava ainda mais cheia que nos anos anteriores. “Está maravilhoso. O Carnaval de Goiás está sendo reconhecido”, comemora⁹⁹.

Em sua descrição o jornalista se aproximou de argumentos já ultrapassados para se referir ao Carnaval. Por tempos considerada a festa da inversão temporária dos papéis sociais de gênero, sexualidade, classe e raça, festa da carne, do desejo, do esbanjamento, etc.; esta argumentação já não convence mais, até porque no Carnaval existem mais que engajamentos de inversão. Durante o tempo da festa muita gente aproveita para trabalhar, ganhar a vida,

⁹⁹ BURIGATO, Thiago. Carnaval – Bloco da alegria esbanja nos adereços em Goiás. *In*: O Popular. Goiânia, sábado, 10 de fevereiro de 2018, ano 79, n. 23415, p. 11.

enquanto outros se divertem. Em minha realidade etnográfica isto podia acontecer por intermédio do comércio de alimentos, mediante os corres ou da prostituição.



Desenho 26 – Rolê de Carnaval – O Bloco do Sujo. Fonte: Diário de campo de 2018.

É evidente que a descrição do jornalista dá uma dimensão do tamanho da festa, do seu ambiente plural e corrobora a fabricação da fama em torno de Goiás, de seus eventos, história e cultura por parte da mídia. Aspecto já amplamente trabalhado em linhas anteriores. Todavia, é importante compreender que tanto no Carnaval quanto em outras festas, haviam coisas não compreendidas pelas Ciências Sociais e muito pouco comentadas sobre a fortuna crítica de Goiás. Estes espaços em branco e silêncios mereceram minha atenção. Me refiro aos rolês, ao sexo em público e ao lazer de jovens estudantes e universitários.

Os fragmentos literários, documentos, fotografias e as aquarelas se conectaram e me auxiliaram na construção de alguns entendimentos acerca dos múltiplos significados acionados por *habitués* e por frequentadores de festas em Goiás no tempo e no espaço. Lembro que tudo o que vi, ouvi e aqui narrei não acontecia apenas no Carnaval ou nas festas do calendário festivo de Goiás. Várias práticas aqui etnografadas ocorriam cotidianamente, como também mostrou em Goiânia o pesquisador Marcelo de Paula Pereira Perilo (2012).



Desenho 27 – Arabescos barrocos e os rolês – memórias, espaços e história como suporte para reinvenções e os novos usos. Diários de campo de 2017 até 2019. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.

Não acredito que as festas significassem uma ruptura pura e simples com o dia a dia das pessoas em Goiás. Elas poderiam facilitar engajamentos sociais que em outros instantes não eram tão fáceis de acontecer, porém, não rompiam com a rotina cotidiana da cidade. Elas a agitavam e a aquarelavam com outras cores.

As festas e os rolês que dentro delas se desenrolavam, ofereciam momentos oportunos para beijar alguém que se desejava beijar, transar com alguém em algum beco do Centro Histórico, beber além da conta ou se divertir com amigos sem se preocupar tanto com o falatório posterior ao rolê.

Gosto de pensar as festas em Goiás como espaços e tempos em que além de se “misturar estilos, sons e partituras, [também se misturam] corpos” (Mary DEL PRIORE, 1994, p. 19). E esses corpos – que são socialmente marcados, como os de Joana e os de meus interlocutores – uma vez misturados executavam múltiplas mediações e fabricavam hibridismos que poderiam sim se repetir na cotidianidade goiana. Em um fim de semana ou mesmo durante a semana.

As festas aqui – englobo não só o Carnaval, mas os rolês e festas

universitárias – foram tomadas como espaços de mediação. Elas são ambientes para o cultivo do lazer, para a fruição de desejos, de ideias, de possibilidades e de novidades. As festas em Goiás compreendem “uma poderosa desorganização das regras estabelecidas” (Rita de Cássia AMARAL, 1998, p. 19), mesmo aquelas de índole religiosa. Todavia, não observei um rompimento total com essas regras. As instituições continuaram funcionando, os preconceitos persistiram no decorrer do Bloco da Alegria e o controle social continuou operando na vida das pessoas. Mas as frestas por onde subversões aconteciam persistiram proporcionando os engajamentos afetivos e sexuais que tanto me instigaram nesta etnografia.



Desenho 28 – “O bloco do sujo estava bom demais”. Fonte: Diários de campo de 2018.

Entendidas aqui como espaços de mediação cultural, as festas resultavam da ação humana e que é racional, dotada de sentidos, expectativas e de significados. Festas aqui são “lugares predominantemente sociais, onde se forjam relações e associações de atividades que

aproximam uns dos outros” (Sandra Lauderdale GRAHAM, 1992, p. 77). Ainda que sejam muito caracterizadas pelo divertimento e pelo lazer, no tempo das festas nenhum dos dois elementos é mero desfrute. Pelo contrário, o divertimento “é coisa séria, e pode ser entendido até mesmo como a segunda finalidade do trabalho, vindo logo após a necessidade de sobrevivência” (Rita de Cássia AMARAL, 1998, p. 27). Por esta e outras razões as festas são o foco de atenção da administração pública em Goiás e despertam o interesse da mídia.

Um bom exemplo de mediação que derivou de festas diretamente relacionadas ao calendário turístico de Goiás foi o “rolê particular” de um casal de jovens universitários que surpreendi em 2019, transando na rua Treze de Maio, simultaneamente à execução da procissão do Fogaréu que atravessava, naquele instante, a rua Moretti Foggia:



Desenho 29 – “Até o farricoco ficaria chocado”. Fonte: Diários de campo de 2019.

Semana Santa também é tempo de transar né. Eu havia acompanhado o movimento de pessoas durante o Carnaval e também estava acompanhando durante e Semana Santa. Na quarta-feira de Fogaréu a cidade “virava outra”. Talvez por conta da fama produzida e, ao mesmo tempo, disseminada pela mídia regional e nacional, Goiás era tomada de assalto por milhares de pessoas. Nesta noite, eu já havia conversado com várias pessoas antes do Fogaréu. Assim que a marcha dos Farricocos saiu da frente da Igreja da Boa Morte eu desci no mesmo ritmo, porém, nas imediações da rua 13 de Maio eu mudei meu caminho. Foi ao passar por essa rua que resolvi ganhar tempo e cortei o caminho. Eu queria chegar antes dos Farricocos na Igreja São Francisco, a parada final da Procissão. Todavia, quando alcancei o beco do Sertão, já na rua 13 Maio, ouvi uma garota soluçando. Ela havia bebido muito e estava passando mal. Permanecia sentada em frente a uma casa fechada e que tinha um alpendre que permanecia aberto. Enquanto conversava com ela e a tentava acalmar escutei um gemido e uma voz perguntar: “esta doendo?”. Olhei para frente e vi que na escada do alpendre um casal estava transando. Na intenção de não atrapalhar eu tentei levantar a garota e leva-la para outro ponto. Foi quando o casal me chamou: “Uai Paulo é você?!” Eu me virei, confirmei, sentei novamente a menina e vi quando eles acenaram para mim. Queriam que eu fosse até eles. Eu fui, constrangido, mas fui. Me agarrei ao portão do alpendre e fiquei conversando com o casal. A garota permanecia sentada no colo do garoto e os dois falavam

comigo com enorme tranquilidade. Eu fiz o mesmo. Conversei com os dois e perguntei se aquilo era comum, se gostavam de sexo em público, se era fácil, qual a diferença de transar em casa... fiz várias outras perguntas que eles responderam muito rapidamente. Quando eu já ia terminando o diálogo para voltar e ajudar a outra garota, o garoto me falou que não iam poder continuar porque a camisinha tinha rasgado e ele não tinha outra. Eu mordi meus lábios. Os encarei. Vi que os dois queriam muito terminar o que haviam começado e então perguntei: “você quer camisinhas?” Os dois responderam que sim. A garota respirou aliviada e me agradeceu muito. Peguei minha carteira e tirei duas camisinhas que tinha, lhes entreguei e desejei boa sorte. Eles riram e a garota me deu uma piscadela. Saí rindo, mas feliz por ter ajudado. Agarrei o braço da garota e a levei até a Praça do Chafariz. Ali chamei seus pais e a deixei sob seus cuidados. Feito isto retornei para acompanhar o finalzinho da Procissão e me juntar à festa que continuaria no Coreto.

Esta e tantas outras circunstâncias observadas em campo se aproximam do que Mary Del Priore (1994) considerou como tomada de autonomia por parte dos sujeitos da festa e como momentos oportunos para criar coisas novas. Segundo a historiadora à medida em que a festa

ganhava a rua outros eventos, encontros e expectativas “dentro da alegre reunião começavam a ganhar independência” (Mary DEL PRIORE, 1994, p. 43). E estas várias derivações da festa ou circunstâncias, “embora estivessem articuladas com o todo oficial, [...] tinham vida própria e significado peculiar” (Mary DEL PRIORE, 1994, p. 43).

Durante o campo tive a oportunidade de ver e de ler sobre as muitas festas em Goiás concomitantemente à minha relação de pesquisa nos rolês, entre jovens estudantes e universitários que viviam na cidade. Os rolês aos que me refiro aconteciam dentro de festas ou poderiam se transformar em festas. Eles eram verdadeiras festas dentro da festa (Mary Del Priore, 1994) e para tal culminância bastava a exteriorização de expectativas e da criatividade de quem os organizava. Nas grandes aglomerações por mim etnografadas em Goiás não se tinha tão somente gente se divertindo ou metida em confusões, mas muitas exteriorizando desejos, emoções, insatisfações ou inventando suas identidades sociais de acordo com as cores dos rolês. Daí as festas terem características multicoloridas e diversas, inclusive a Semana Santa.

Ao longo das noites e durante os rolês o que era considerado “histórico” se transformava em suporte para satisfação sexual, em matéria para reinvenção de intimidades ou para a reformulação de identidades sociais durante o tempo em que se decorriam os rolês.

Becos, calçadas, escadaria de igrejas barrocas, muros, alpendres, bancos de praça e monumentos tinham usos renovados e reformulados de acordo com a criatividade das pessoas. Nesses lugares meus interlocutores executavam ações que a princípio poderiam ser consideradas desviantes para a cidade e a sociedade em Goiás, mas para a maioria deles estas não eram ações muito incomuns. Na verdade, eram práticas muito corriqueiras e cotidianas, porém não aconteciam à luz do dia e nem em lugares muito movimentados.

Considero que isto ocorria em razão do tabu lançado sobre o corpo, a sexualidade e o ato sexual em si. Todavia este tabu não era suficiente para impedir que, em determinados horários ou momentos oportunos, ruas escuras, becos, bancos, escadarias, entrâncias de construções coloniais, pedregulhos da Carioca, parquinhos, quintais, alpendres e estradas de chão adquirissem usos muito distintos daqueles diuturnamente executados por moradores¹⁰⁰.

¹⁰⁰ Ao longo dos anos em que desenvolvi a pesquisa notei que pelo menos no Centro Histórico a sensação de privacidade mencionada por alguns interlocutores quando se remetiam aos usos de seus lugares (becos, ruas escuras e prédios) para uma “pegação” foi se alterando. E isto se deu em função do barateamento do acesso à tecnologia de segurança (câmeras de monitoramento). Quando comecei a pesquisa, nos idos de 2017, os becos e ruas do Centro Histórico não tinham muitas câmeras, porém, com o passar dos anos o monitoramento digital desses lugares aumentou consideravelmente. Isto teve algum impacto nas sociabilidades articulados pelos jovens com os quais trabalhei. Lugares que antes eram considerados “tranquilos” agora estavam monitorados por câmeras com reprodução de imagens em infravermelho. Isto prejudicava a reinvenção de intimidades por parte de meus interlocutores e podia provocar situações bastante constrangedoras, como uma exposição em redes sociais ou uma ação judicial. Em conversas com moradores do Centro Histórico escutei que tantas câmeras foram instaladas para

Não foi por um acaso que durante o Carnaval de 2018 fui surpreendido por duas garotas que me narraram a seguinte situação:

Paulo estamos chocadas até agora! Enquanto me contava Geni coçava a cabeça e mexia no cabelo.

Estávamos muito loucas. A gente havia bebido muito. Misturamos vodca, com tequila e cerveja. E a Brenda havia fumando 1 (maconha). Mas a gente sabia o que estava fazendo! A gente estava na rua desde as 17 horas e durante todo o tempo víamos um monte de gente descer para se pegar na rua 13 de Maio, próximo do Coreto, dentro do banheiro ou quando estávamos na Praça de Eventos, também víamos muitos casais descerem para perto da academia, nos fundos da Casa do Artesão. Até aí eu estava acostumadíssima Paulo. Mas nunca tinha assistido um surubão com uns oito caras. Paulo eu desci com Brenda pra fazer xixi bem ali naquele espaço que têm nos fundos da Casa do Artesão. Estava bem escuro sabe e a gente estava muito bêbada. Quando chegamos lá fomos correndo, porque o xixi já estava saindo. A gente se agachou e dois caras gritaram com a gente: “cuidado pra não mijar no nosso pé aí hoooo louca!”. Eu dei um grito né. Ai quando levantei e vesti a calcinha percebi que tinham uns oito caras se chupando e se pegando ali naquele lugar. Os dois caras que gritaram com a gente ficaram nos olhando enquanto outros dois caras mamavam os pintos deles. Eu fiquei em choque Paulo. Nunca tinha visto uma suruba na rua assim. Saí correndo e deixei a Brenda pra trás (risos). Ela saiu logo em seguida e veio me encontrar aos berros de “desgraçada, como você me deixa pra trás. Vagabunda”. Eu já estava chegando nos banheiros químicos. Depois um conhecido me disse que estava lá entre aquele monte de caras. (Risos). Perguntei ele se tinha visto minha bunda (Risos).

Os usos da cidade se alteravam da noite para o dia e de tempos em tempos. Espaços que serviam de brinquedo para crianças durante a noite eram usados para outros fins. Em todos os lugares que etnografei, quase sempre a noite, os usos se circunscriviam ao sexo, pegação, a uma rodada de bebida, uma batida de F1¹⁰¹ ou uma DR¹⁰². Tudo isto muito costumeiramente derivava de uma festa que virara rolê ou de um rolê que virara festa.

De forma muito clara a festa tinha centralidade na construção de condições para estas sociabilidades. Foi observando tanta coisa que tomei as festas como englobantes das “esferas de sentido, transcendência, política, lazer, estética, tradição, trabalho” (Rita de Cássia AMARAL, 2008, p. 262), sexualidade e gênero, em que pessoas expressavam a sua identidade ou a fabricavam. As pegações, situações que surpreendi no cotidiano da pesquisa e os rebuliços

evitar furtos, invasões ou outra ação que causava danos ao patrimônio privado, mas me deparei com relatos de algumas pessoas que me reclamaram terem sido tido suas experimentações sexuais expostas em redes sociais.

¹⁰¹ Fumar um é expressão usada para significar o uso recreativo da maconha.

¹⁰² Discutir a relação não necessariamente era resolver algum mal-entendido, mas também poderia significar sexo casual. Alguns de meus interlocutores relataram que para eles/elas era uma aventura transar em espaços públicos.

desdobrados, por exemplo, no Bloco da Alegria, durante o Carnaval de 2019, exigiam leituras interessadas em ver as festas como instantes de permissão, experimentação, recreação, autorização e de “descontroles controlados”:

Bloco da Alegria de 2019. Tarde de sexta-feira.

A rua Padre Felipe Leddet, nas imediações do Setor Aeroporto, estava cheia de pessoas fantasiadas. Eram fantasias de todos os tipos, algumas bem engraçadas, outras bem sensuais e todas muito coloridas. Fazia um calor terrível e o relógio marcava 17 horas. A esta altura as bandas de música dos blocos da União e da Mocidade se preparavam para sair com a turba de gente. A alegria era uma característica marcante, embora, vez ou outra, os esbarrões e assédios terminassem em carões, ameaças e alguns empurrões. Claro que pra garantir a alegria geral de todos quaisquer rebuliços eram rapidamente resolvidos, ao menos temporariamente. O importante era curtir “os rolês de Carnaval, pois eram os mais loucos e insanos”. Garotas e garotos andavam de um lado para o outro ostentando seus copos, seus abadá ou seu corpo. O interesse era conseguir beijar quantas bocas se conseguisse ou terminar em algo mais intenso. Ali pelas 18 horas a multidão se organizou para sair caminhando desta rua, caminhando pelo Setor Aeroporto, a Praça do João Francisco, em direção à Praça de Eventos e do Coreto. Esse era o único evento que começava em região periférica de Goiás e terminava em área limítrofe ao Centro Histórico.

Confesso que eu não sabia para que lado olhar. Pessoas me gritavam de todos os lados pedindo fotos, querendo tirar fotos comigo. Muitas me abraçavam, pegando em minha cintura e me ofereciam de suas bebidas. Vez ou outra uma passada de mão na minha bunda me fazia pular e brincar: “opa gente ai não!” A pessoa me olhava, jogava um beijinho no ar, dava aquela piscadela e dizia: “eu sei que você gostou”. Eu ria, ia fazer o que àquela altura?! Levava na brincadeira e abraçava o brincante na intenção de manter o momento de descontração.

As fantasias eram incríveis! Homens se vestiam de mulheres, mulheres se vestiam de homens. Porém a inversão de gênero, pelo menos aqui, não era uma determinante e nem mais uma característica do Carnaval, como gostava de se referir o senso comum. O que percebi foi um desejo por fantasias elaboradas, por grupos uniformizados da cabeça aos pés. Alguns usavam camisas amarelas com desenho do Bob Esponja, outras estavam fantasiadas de Mulher Maravilha, de noivas, de Mulher Gato, uma garota estava fantasiada de dólar (ela prendera uma cópia de um dólar na bunda), de Malandra, copiando o estilo de Anita e outra dezena de fantasias.

O funk tocava de todos os lados e acompanhava as batidas dos instrumentos das bandas. Tudo ali era descontração e festa. Mas havia toda uma organização por trás daquele aglomerado de gente. Ali nada era tão somente diversão e descontração. Havia organização e esta ia desde os grupos que passaram meses organizando seus abadá, fantasias, copos personalizados, ensaios de passos de dança, ensaios da banda de música, organização do percurso, informes aos órgãos de segurança, licenças e autorizações. Até os descontroles ali estavam sob controle. Se alguém, de algum grupo, exagerava na dose logo o grupo se reunia para socorrer. Era ai que remédios apareciam, bebidas

sumiam, pirulitos iam direto para a boca do bêbado ou, em último caso, a ambulância do Samu era chamada para o endereço final: Hospital São Pedro de Alcântara, Pronto Socorro, consultório médico e uma dose de glicose intravenosa. Este movimento na porta do São Pedro continuava por todos os dias de Carnaval, mas eram comuns em fins de semana convencionais.

Depois do vexame, do PT e do hospital restava ao “beberrão” enfrentar a ressaca moral, as brincadeiras, fofocas e zombaria de amigos ou de desconhecidos.

Enquanto a multidão caminhava animada de um ponto ao outro eu ia falando com as pessoas e observando como nada ali era retirado da cartola. Nada no Carnaval e nem nos rolês apareciam feito mágica. Pra comprar fantasias, maquiagem e bebidas, por exemplo, era preciso planejar meses, pois tudo era caríssimo e tendia a ficar mais caro na véspera do carnaval. Além disso os grupos de super heroínas e noivas, os grupos de Hulks e Bob Esponjas já haviam planejado seus dates antes daquela aglomeração. Listas haviam sido feitas e estavam sendo feitas ali no momento do Bloco. “Beije ele, aquele e aqueles dois ali”. Dito isto ela anotava no bloco de notas do celular. Quando me mostrou a listinha percebi que só naquela tarde ela havia beijado nove caras. Foi assim que Gersa me disse viver os tempos de Carnaval e os rolês em Goiás. “Paulo hoje eu vou chupara um cara muito gostoso, tô doida nele”. Gersa ainda tinha expectativas de fazer sexo. Onde? Nem ela sabia. Tudo ia depender do rolê.

Enquanto fazia mais algumas fotografias e era banhado de glitter em função dos abraços e cumprimentos de tanta gente o Bloco alcançou a Praça do João Francisco.

A praça estava lotada de pessoas que queriam ver o cortejo e a folia. A travessia por esse lugar rápida. Todos os foliões queriam correr para o Centro Histórico, atravessar o Coreto e chegar ao ponto final: a Praça de Eventos. No Coreto muita gente já ia se dispersando. Alguns se sentavam nos bancos para uma pegação, outros iam beber uma cerveja e havia aqueles que saíam para ir transar na Carioca. Já era entardecer e o lugar começava a esvaziar. O momento era propício para fazer “aquele sexo, se você me entende?!”.

Uma vez alcançada a Praça de Eventos os grupos se desfaziam. Alguns permaneciam nos rolês, outros iam ver o que rolava no Coreto, alguns haviam organizado um rolê da pegação ali nas imediações e os demais voltavam para casa afim de se arrumar para os shows e a festa de logo mais. Logo à noite os rolês não tinham hora para terminar e mesmo que o show na Praça de Eventos terminasse as 04 horas da manhã a turba de gente ia “moer” no Coreto até as 8 da manhã. Durante todas as noites de Carnaval que consegui permanecer eu acompanhei a procissão de gente se formar todas as vezes que a festa na Praça de Eventos terminava. Como gostavam de me dizer Alisson e Alex: “o importante é manter a festa armada o tempo todo. Isso é que é rolê bão!”.

Durante o espaço de tempo em que estive no Bloco da Alegria e em diferentes momentos do Carnaval de 2019, presenciei algumas reclamações e discussões sempre que esguichos de tinta atingiam quem não desejava ser o seu alvo ou quando ocorriam algumas pisadas de pés, esbarrões, trombadas, assédios ou encaradas.

Dependendo dos ânimos e dos humores de quem por ali se encontrava a coisa poderia ser resolvida muito rapidamente, mas era muito comum acontecer alguns xingamentos e empurrões, principalmente quando a bebida “já subira a cabeça do povo”. Lembro que confusões dessa ordem não se restringiam ao Carnaval, podiam ocorrer em qualquer festa.

Múltiplos fatores poderiam se desdobrar em conflitos ou rebuliços. As razões não se circunscreviam a esguichos de tinta em pleno o Bloco da Alegria. Um assedio, um esbarrão, um pisam de pé ou uma “implicância” que nascera muito antes daquele momento poderiam terminar em pancadarias. Alguém pegava na bunda do outro e o desagrado desse terminava em socos, uma piscadela da “travesti preta” gerava a caçoada da galera, o “cara hétero resolvia morder a fronha de vez” e ia aproveitar o momento, mas isso poderia não agradar alguém.

No decorrer dos rolês e à medida em que grande maioria das pessoas já se encontravam bastante alcoolizadas bastava um esbarrão ou uma encarada para que conflitos e brigas se desdobrassem. Logo percebi que a tinta ou os esbarrões não eram causas dos conflitos, mas estopins de algo que já vinha se desdobrando muito antes da festa.

É claro que as festas não se resumiam a confusões e aqui considero importante lembrar que estas situações eram uma porção das festas. Em grande parte dessas comemorações em que fui os conflitos eram rapidamente contornados. Segundo relatos de meus interlocutores nada podia “estragar” ou “atrapalhar” os rolês daquele momento.

Se alguém iniciava alguma confusão este era rapidamente removido do aglomerado de gente. Os grupos olhavam com discriminação, julgamento e rejeição para o causador da confusão. Alguns reclamavam do “otário” que só saía para “miar o rolê da gente” e se afastavam. O importante ali era contornar a situação rapidamente e retomar a alegria da festa antes que a polícia interviesse, pois se isso ocorresse ali mesmo era decretado o fim dos rolês.

No carnaval, como em tantas outras festas e rolês, eu capturei a tessitura de redes de amizade, acordos de lealdade, de amabilidade ou de desavenças, confrontos e intolerâncias. As pessoas implicadas nos rolês se desentendiam por razões diversas. Muitas pessoas poderiam estar nesses espaços de festejo divididas em grupos que se diferenciavam entre os outros. Todavia em algum momento, todo o ambiente da festa, criava condições para um ponto de contato – de mediação – entre estes vários agrupamentos. Por vezes notei que desentendimentos tinham sua resolução procrastinada para depois do rolê ou eram resolvidos em razão de os grupos conseguirem se comunicar ali mesmo em meio à turba de gente.

O ponto de contato e de mediação entre os grupos poderia ser o funk e o sertanejo compartilhados coletivamente, as fantasias, a bebida, os flertes, a produção de fotografias ou

uma rede de autoproteção entre os jovens que se encontravam nesses lugares de festejos comunitários. A mediação transformava a festa em um espaço de tempo compartilhado coletivamente. E era por conta disso que o mais importante era a diversão. A festa era um tempo para múltiplas oportunidades e no meu recorte de tempo e de espaço específicos a festa se abria para os “rolês”, para agrupamentos de pessoas que compartilhavam afinidades e que se localizavam dentro da festa, produzindo dentro dela a sua própria festa. O Carnaval era um desses espaços de tempo onde os rolês que etnografia ganhou forma e vida.

3.4 – Notas sobre uma noite de FICA

No dia 25 de junho de 2017 havia combinado de sair com Edriquênia, Mário e Gerusa. Nosso programa para a noite era circular pela Praça do Coreto, principais pontos de festa organizados em diferentes localidades de Goiás e terminaríamos no Morro do Macaco Molhado, bebendo algumas doses de Gabriela e dançando xote no ritmo de Falamansa.

Os rolês do Festival Internacional de Cinema e vídeo Ambiental (FICA) iniciaram muito antes de terminarmos no Morro do Macaco Molhado, em uma noite de bailado descontraído em um lugar considerado exótico e apertado, mas que ficava abarrotado de gente durante toda a noite e por toda a madrugada. O Morro do Macaco Molhado era um bar criado por um homem gay e negro, se localizava no alto de um morro, e ficava entre muitas moradias.

Neste bar era muito comum encontrar pessoas conhecidas dançando forró durante toda a noite. Eu mesmo já havia dançado forró neste bar em outras ocasiões. Por vezes passei a madrugada no embalo do xote e me revezando entre vários casais. Na noite em que saí com Gerusa e demais garotos, nós dançamos do momento em que pisamos na pista de dança até o instante em que dela saímos para retornar para nossas casas.

Gerusa e eu já estávamos desde o início do Festival circulando por diferentes lugares do Centro Histórico de Goiás. Ela buscava informações sobre a sua pesquisa e eu tentava compreender a dinâmica humana de Goiás durante os dias do FICA. Do dia 21 até o dia 25 havíamos circulado pela praça do Coreto, por uma roda de samba em um casarão no beco do Mingú e por um show alternativo, em um terreiro de candomblé, nas imediações da Carioca. Nesta altura Gerusa já havia conhecido os participantes de minha pesquisa, já tinha se entrosado com todos e se juntou a nós em mais um dia de festas pelo Centro Histórico de Goiás.

As 21 horas todos nos encontramos no Coreto. Quando cheguei nas áreas da praça próximas ao Bradesco, em frente à rua Maximiano Mendes, encontrei Edriquênia, Mário, João, Neto, Deborah, Rodrigo, Jenifer e Jéssica. Logo de minha chegada deparei com João e Mário

trocando selinhos enquanto os demais conversavam qualquer coisa. João e Mário permanecerem sentados no banco e se agarrando. O ambiente favorecia.

Do outro lado da praça vários casais gays também mantinham ininterruptas as suas trocas de afetos. Algumas bem quentes, a propósito! Há dois dias atrás eu havia visto um casal de garotos em uma praça em frente do Restaurante Braseiro trocando afagos e outros dois sentados em bancos debaixo do pé de cajazinho em frente ao Palácio Conde dos Arcos. Esses últimos estavam sentados um no colo do outro, mantinham-se abraçados e trocando vários beijos. Alguns selinhos e outros beijos cinematográficos, seguidos por muitas carícias.

Na Praça do Coreto parecia haver um ambiente adequado para a troca de afetos entre casais homoafetivos ou heterossexuais. Todo o espaço e as espacialidades que ali estavam contidas permitiam, talvez por conta do encontro de tantas trajetórias, certa tranquilidade para que seus frequentadores expressassem seu gênero, sexualidades e afetos.

Todavia fui lembrado algumas vezes que não se tratava apenas de chegar ali e se engajar em pegações. Antes disso era preciso haver alguma rede de proteção. Casais gays sempre saiam acompanhados por amigos de confiança, mulheres evitavam andar sozinhas e aqueles rapazes que viviam sua homosociabilidade de forma muito íntima (era comum chamarem-nos de “enrustidos”) evitavam trocas de afetos em lugares da praça e sempre buscavam os becos, a Carioca ou as escadarias da Igreja Santa Bárbara. A praça podia ser caracterizada como um espaço de Goiás marcado por grande liberalidade, porém, isto variava de pessoa para pessoa. Entendi melhor isto quando perguntei aos rapazes surpreendidos por mim e Gerusa transando dentro do Coreto localizado no parquinho de diversões da Carioca, na noite em que fomos ao show ali próximo. Como já os conhecia foi muito tranquilo abordá-los para lhes perguntar as razões de fazer sexo em lugares públicos e porque buscavam lugares mais afastados. Eles me disseram que ainda não estavam preparados para evidenciar sua sexualidade em pleno Coreto, “afinal a cidade inteira estava por ali”. E o sexo em público acontecia, segundo eles, quase acidentalmente: “Você sabe né Paulo, a gente vai se pegando, o pinto vai subindo e na vibe do momento a gente acaba transando, mas eu prefiro uma cama”. Porém o primeiro foi contradito pelo outro garoto. Este disse: “Larga de mentir, a gente planejou isso. Você mesmo me disse que queria que eu te chupasse na rua. E nós dois nos chupamos antes de ir pra Carioca”. Mesmo com as contradições observei que até o sexo em público era planejado. Do contrário porque levavam camisinhas? Gel lubrificante? Ou buscavam lugares pouco iluminados?

Enfim, no pequeno espaço de tempo de minha chegada na praça e o encontro com os garotos eu já havia visto e encontrado muitos jovens que buscavam a praça para se divertir,

flertar, conhecer pessoas, beijar na boca e transar. Os “amassos” não se demoravam muito e se houvesse o interesse por um prolongamento este não acontecia ali na praça, mas nas imediações, em lugares escuros e sem muita circulação de pessoas.

Enquanto fazia algumas anotações percebi quando Mário se desvinculou de João e foi conversar com outro garoto, um jovem alto e louro. Logo os dois se sentaram em cadeiras no Bar da Lua e se beijaram longamente. Nesse momento a praça fervilhava de gente. O sertanejo universitário e funk tocavam em todos os lados da praça, algumas caminhonetes permaneciam cheias de garotas que dançavam, bebiam, riam e gritavam: “Chupa xoxota, na maciota, chupa xoxota é uma coisa linda, meter a língua, na [minha] vagina, só não gosta quem não fez ainda”. Edriquênia ficou olhando todo aquele movimento e logo virou para mim, deu um suspiro e disse: “ai que saudade disso, queria que alguém chupasse a minha xoxota hoje”.

Enquanto conversávamos sobre todo aquele cenário, Rodrigo começou a vomitar e aí precisamos interromper nossa contemplação e ir socorrê-lo. Rodrigo estava bebendo desde muito cedo e já havia exagerado na cantina da serra. Percebendo que ele não melhoraria Jéssica e Edriquênia se mobilizaram para auxiliá-lo. Enquanto esperávamos uma possível melhora sua percebemos quando se aproximou dele uma mulher de mais ou menos 39 anos, era uma argentina que viera para o FICA, muito gentil por sinal, e se colocou à disposição para ajudá-lo. Vendo nossa falta de jeito para lidar com o PT de Rodrigo e o nojo que não conseguíamos esconder dele ou daquele líquido escuro, de cheiro insuportável, ela o segurou por trás e esperou até que ele parasse de vomitar. Só o soltou quando percebeu que ele havia melhorado. Antes de ir embora, ela nos aconselhou que o levássemos para casa, que lhe déssemos um banho com água fria, um café forte e o puséssemos para dormir. No dia seguinte ele estaria bom.

Assim que a argentina se retirou Rodrigo se sentou no chão e entre balbucios disse:

– Nunca mais eu bebo cantina, tá é louco.

Dito isto ele basicamente apagou. Se deitou na calçada e dormiu. Todos nós rimos. Foi a reação maldosa, reconheço, mas foi espontânea e não controlamos

Retornei para Gerusa e informei que o levaria para casa. Pedi que me fosse para o Morro do Macaco Molhado junto com os outros e que me esperasse nesse bar. Ia auxiliar Rodrigo e assim que o colocasse para dormir eu retornaria para encontrá-los. Nesse momento Edriquênia me perguntou se havia vindo de moto. Lhe respondia que havia descido a pé. Diante disso ela se ofereceu para levá-lo para casa. Ela estava de moto. Ficamos meio apreensivos com isso, temíamos que eles caíssem, porém, ela nos olhou e disse:

- Galera eu tô acostumada a levar gente que dá PT para casa, relaxa. Vocês podem ir indo pro Morro. Eu levo o Rodrigo lá na casa dele, dou um banho nele e encontro vocês lá em uma hora.

Enquanto ela dizia isto o Neto interferiu e disse:

- Olha o Morro começa a encher pelas 23 horas e já é quase isso. Então vamos indo logo.

Tudo combinado e resolvida a situação do Rodrigo demos início à caminhada em direção ao Morro do Macaco Molhado. Mas antes precisamos aguardar o Mário se despedir do garoto com quem estava ficando.

O bar ficava um pouco distante do Centro Histórico e precisávamos andar até a rua Araguari, logo depois da rua XV de Novembro. Enquanto caminhávamos eu puxava conversa com os garotos, perguntava sobre como se conheceram e se estavam gostando do FICA. Neto disse que conheceu Mário por intermédio de Edriquênia. Jenifer e Jéssica disseram que os Festivais anteriores haviam sido melhores, os shows eram melhores, a cidade recebia mais gente e eles eram jovens. A esta altura todos ali concordaram que estavam velhos para rolês como os da Praça do Coreto e que preferiam ir para lugares mais afastados como o Postão ou o Morro.

O Morro era um lugar era curioso. Um portão. Uma placa como o nome “Bar Morro do Macaco Molhado” vinha do lado de um macaco. Tanto de um lado como do outro haviam moradias. Do portão e subindo se podia escutar a música e a conversação de muitas pessoas. Começamos a subir a rampa, em fila, pois era bem apertado o espaço. Terminada esta subida o caminho concretado e de pouca largura se abria em um largo rodeado por casas de todos os lados. Todas estavam fechadas. Ao fim desse largo um pequeno corredor escuro aparecia entre a confusão de casas. Entramos nesse corredor, ao sem fim, virando a direita já se acessava uma escada que subindo dava acesso ao salão de dança. O lugar já estava lotado.

O salão cheio de dançantes, pessoas sentadas nos beirais conversando ou em pé fumando e bebendo, ficava do lado esquerdo e o bar ficava à direita desse salão. Neste o vendedor atendia os pedidos por meio de uma janela enorme. O bar tinha várias bebidas e licores expostos em estantes e de seu lado um concretado trazia mesas onde pessoas mais afastadas do som e do movimento do forró bebiam, conversavam e se beijavam.

Ainda havia todo o espaço que compunha o lugar. Depois do salão, descendo uma escadaria, se tinha uma parte mais baixa, aberta e escura onde as pessoas se sentavam para fumar ou trocar alguns amassos. Estes acessos eram separados por um pé de mangueira. Neste

espaço ficavam os banheiros e um tanque. Toda a parede era pintada com temas de Goiás e trazia reproduzida nas paredes casas do Centro Histórico.

O salão também trazia elementos que remetiam à memória histórica e afetiva de Goiás. Depois das cadeiras, no canto esquerdo havia uma representação de um farricoco, o símbolo da procissão do Fogaréu, realizada na cidade, na quarta feira santa. O salão contava com pouca iluminação e havia luzes coloridas que acompanhavam a música. Caixas de som ao fundo e próximas ao bar garantiam uma acústica agradável e provocativa para os que desejavam dançar.

Passado o furor do monte de pessoas que chegaram junto de nós, finalmente entramos e conseguimos nos sentar em uma das mesas e cadeiras colocadas próximas à parede. Logo que soltou Xote dos milagres Gerusa me olhou e me tirou para dançar. A esta altura eu estava fascinado com o monte de casais dançando. Havia casais de homens e mulheres, de mulheres com mulheres e de homens com homens. Alguns dançavam um xote refinado, jogavam o parceiro para um lado e o outro em uma demonstração de conhecimento rítmico.

Contagiado por todo aquele movimento dei as mãos para Gerusa e começamos a disputar espaço na pista que estava simplesmente abarrotada. Primeiro tivemos que acertar nosso passo, trocar combinados e negociar o domínio da dança. Logo pegamos o ritmo e aproveitamos a música de Falamansa. Era curioso como o “Ê pra surdo ouvir, pra cego ver, que este xote faz milagre acontecer” realmente contagiava o lugar e o momento. As pessoas estavam em uma mesma frequência, todos conversavam tranquilamente, bebiam sua cervejinha, a dose, alguns ainda fumavam um palheiro ou a maconha na parte mais recuada e aberta.

Enquanto dançava com Gerusa fiquei observando os casais dançarem junto de nós, salvo alguns pisões, tudo ocorreu na maior tranquilidade e no “xote da alegria”. Alisson que já me encontrará na Praça dias antes estava circulando por todo o salão. Ele já havia dançado com várias pessoas e quando me viu pediu para Gerusa a vez. Queria dançar comigo. Assim que a música terminou Gerusa o chamou e lhe disse: “cuide bem dele, é um pé de valsa”. Ela se sentou e ficou olhando nós dois dançando. Evidentemente que Alisson se aproveitou para tirar uma casquinha. Esfregou as pernas nas minhas e me apertou. Lhe disse para ir com calma e demos uma risada longa. Assim que terminou a música eu me desculpei e me sentei. Foi a alternativa que encontrei para fugir de mais uma “saia justa”. Ele passou pelo grupo em que estava e foi conversar com Alex mais ao fundo, depois retornou e se juntou a nós.

Nessa altura eu já havia voltado para a pista com Gerusa. Durante toda a noite observei a expressividade dos casais que ali estavam se divertindo, dançando ou trocando afagos. Os casais gays dançavam sem qualquer preocupação em vigiar suas expressões de gênero. Ali não

parecia haver preconceito e era muito comum casais homossexuais se abraçarem, dançarem e se beijarem. Porém havia por parte deles um certo cuidado com excessos em suas expressões.

Tudo acontecia com muita liberdade, mas eram as trocas de olhares e as piscadelas que mais chamavam a atenção. Numa destas, enquanto dançava com Gerusa, vi quando um garoto alto, magro, de cabelos compridos e castanhos encarou o João e que retribuiu o olhar com uma piscada e mordida de lábios. João caminhou em direção ao garoto, que estava sentado e sentado permanecia, eles trocaram olhares, o garoto esfregou com as duas mãos o seu pênis e João, em um gesto de flexão do corpo, se sentou no colo do rapaz. Ficou ali fazendo movimentos de ir e vir e o beijou demoradamente. Os dois se agarraram e saíram. Não os vi mais nesse dia.

Durante toda a madrugada engajamentos semelhantes aos de João aconteceram. Mas notei que em relacionamentos heterossexuais, na maioria das vezes, a iniciativa partia das mulheres. Presenciei isso com Deborah, Jéssica e Jenifer. Estas nos disseram que iriam sair para beijar uns caras e não voltaram mais. Não a encontramos mais no Morro.

Já cansado de tanto dançar pedi um tempo para Gerusa e desci até o banheiro. Ali havia muitas pessoas. Algumas fumavam, outras conversavam e outras se encompridavam em beijos longos e fervorosos. Um casal gay, mais ao fundo, parecia conversar sobre algo muito tranquilamente. Eles falavam qualquer coisa e trocavam alguns beijos. Já estava amanhecendo.

Do outro lado do espaço um casal hétero conversava algo e pareciam irritados. Na entrada do banheiro encontrei o garoto que Mário tinha beijado anteriormente. Informei que Mário estava sentado, dentro do salão. Quando retornei, o garoto já havia buscado Mário. A esta hora Alisson dormira em uma das cadeiras, bem ao nosso lado. Já era quase 7 da manhã. Disse a Gerusa que precisávamos sair porque as pessoas queriam fechar o bar. Fomos acompanhados Edriquênia e Mário (o encontramos na saída). Combinamos de nos encontrar no Morro antes de voltarem para Goiânia, nos abraçamos e cada um foi para sua casa. O Rolê havia terminado e Alisson terminou dormindo na cadeira, sem que eu o conseguisse acordar.

PARTE II

POÉTICAS DOS ROLÊS NA PRAÇA DO CORETO

CAPÍTULO IV

TODOS OS CAMINHOS LEVAM AO CORETO

Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compressão dos
rígidos preconceitos do passado.
Preconceitos de classe.
Preconceitos de cor e de família.
Preconceitos econômicos.
Férreos preconceitos sociais.
Cora CORALINA (1976, p. 12-13)

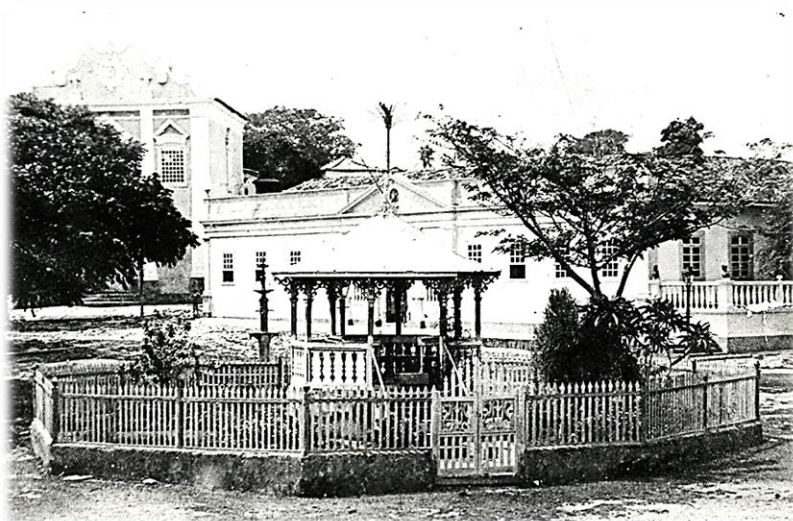
Goiás, compartimento fechado por todos os lados. Em volta, o sertão. Dentro da cidade, ruas delimitando classes, orgulho de família, preconceitos sociais, coisinhas, rotina...”
Cora CORALINA (1989, p. 73).



Fotografia 10 – A praça do Coreto. Fotografia: Paulo Brito do Prado, junho de 2017. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado.

Usualmente chamada de Praça do Coreto, o lugar ao qual me reporto, se localiza em espaço em que nos séculos XVIII, XIX e XX se estabeleceu o centro administrativo e político da cidade e do Estado de Goiás. Entre os séculos XVIII e XIX tal região recebeu o nome de

distrito de Sant'Anna (A. J. Costa BRANDÃO, 1978), uma homenagem a santa de mesma denominação. Este distrito se organizou em volta de um imenso largo de chão batido em que além da “igreja matriz ou catedral da prelazia dedicada a Sant'Anna” (Raymundo José da Cunha MATTOS, 1978, p. 97) também havia a igreja da Senhora da Boa Morte e a igreja de S. Francisco de Paula. Esta região que ia da ponte da Lapa, atravessando a praça Pinheiro Machado até a Casa de Câmara e Cadeia – atual Museu das Bandeiras – era habitada por uma elite¹⁰³ essencialmente branca, de origem aristocrática e



Fotografia 11 – Largo da Matriz. Fotografia: José Alencastro Veiga, primeira década do século XX. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos. Uso de imagem autorizado para a pesquisa por parte de seu guardião.



Fotografia 12 – Largo da Matriz e Coreto. Autor desconhecido, primeira década do século XX. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos. Uso de imagem autorizado para a pesquisa por parte de seu guardião.

escravocrata, conforme lembrou Carlos Rodrigues Brandão (1977) em sua pesquisa sobre o trabalho e a identidade étnica em Goiás nos idos da década de 1970: “Três círculos concêntricos

¹⁰³ Tenho compreendido a categoria de elite na mesma lógica das historiadoras Maria Augusta Sant'Anna Moraes (1974), Lena Castello Branco Ferreira Costa (1978) e também do cientista político Robert Dahl (1988), a de que está se refere a um grupo bastante restrito que exerce dominação política sobre a maioria em um sistema político democrático.

desenhados sobre o mapa da cidade deixariam, nos limites do primeiro, uma evidente maioria de pessoas brancas, as ‘famílias da cidade’” (1977, p. 75).

Ainda conforme Carlos Rodrigues Brandão, o desenho de círculos concêntricos sobre o mapa da cidade deixaria ver no segundo círculo pessoas brancas, “mulatos, caboclos, e raros negros” (1977, p. 75). Já no último círculo, logo nos extremos do mapa, estaria a “gente de cor”, “quase todas as famílias de negros da cidade” (1977, p. 75).

Na contemporaneidade, salvo algumas transformações de ordem social e econômica, na espacialização e na territorialização de Goiás ainda permanece a lógica racializada de que tratou Carlos Rodrigues Brandão (1977) e poetizou – muito ironicamente – Cora Coralina.

Inequivocamente o Centro Histórico de Goiás passa por um fenômeno de gentrificação¹⁰⁴. As antigas casas de moradia foram transformadas em bancos, em comércios e museus. Outras casas foram vendidas para pessoas com maior *status* econômico que frequentam a cidade ocasionalmente, em períodos de festas ou para veraneio.



Fotografia 13 – Praça da Liberdade. Autor desconhecido, década de 1930. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos. Uso de imagem autorizado para a pesquisa por parte de seu guardião.

Não obstante e de um modo bastante explícito, o Centro Histórico ainda é predominantemente habitado por pessoas com recursos suficientes para adquirir uma de suas casas ou por descendentes de uma certa elite oligárquica e branca que no passado controlou a

¹⁰⁴ Gentrificação é aqui entendida como um “deslocamento, processual ou súbito, de residentes e usuários com condições de vida precárias de uma dada rua, mancha urbana ou bairro para outro local para dar lugar à apropriação de residentes e usuários com maior *status* econômico e cultural” (Emanuel Braga OLIVEIRA, 2016) e que tem sido sentido em cidades do Recife ou da Bahia, conforme destacou Paulo Ormino de Azevedo (1984).

política local, caracterizou a sociedade goiana e deu forma as suas “coisinhas” (intrigas, fofocas, rebuliços, conflitos) e “rotina”.

A elite branca que controlou a política na região por grande parte dos séculos XIX e XX – basicamente a partir de 1870 (Maria Augusta de Sant’Anna MORAES, 1974) – e caracterizadora de um período chamado pelos historiadores por tempo do coronelismo oligárquico (Lena Castello Branco Ferreira COSTA, 1978) hoje pode até ocupar novos espaços da cidade, mas ainda predominam no Centro Histórico e se não ocupam este espaço acabam criando para si outros centros de poder que se espalham pela cidade¹⁰⁵.

O que tenho tentado traduzir ao longo dessa tese é que mesmo localizadas em outros tempos, mesmo que muitas tenham costurado outras relações, algumas tenham conseguido ascensão econômica e outras algum capital cultural e social demandado ocasionalmente, algumas pessoas ainda anseiam por diferenciação, pela manutenção de privilégios, pela delimitação de classes sociais, de orgulhos de família e pelo fortalecimento de férreos preconceitos sociais. Isto ainda é uma realidade no interior das relações humanas em Goiás.

Por vezes, escutei de meus interlocutores durante os rolês que “você poderia até estudar, fazer uma boa graduação, ter um bom emprego”, mas se não pertencesse a alguma família de relevância na história de Goiás dificilmente conseguiria adentrar certos nichos de sociabilidade.

Tal situação ficava ainda pior se o jovem fosse negro, pobre, gay ou afeminado. Isto ficou muito evidente nas noites de rolês, enquanto permanecia sentado ao redor do Coreto conversando com quem por ali passava entre as 21 e 6 horas da manhã.

Cora Coralina não circulou pela praça Leopoldo de Bulhões, nem sequer deu voltas ao redor do novo Coreto, até porque ela não vivia mais em Goiás quando da sua construção, mas a descrição que produziu em torno dos rígidos preconceitos sociais vindos do passado foram e são residualidades de preconceitos de classe, de cor e de família que caracterizaram o cotidiano da praça logo após a sua construção, nela persistem vivos e ainda lançam os seus tentáculos do preconceito social para as ruas, becos e por toda a cidade de Goiás nos dias de hoje.

É por esta razão que voltar no tempo, observar algumas estratégias de silenciamento, passear pela história e tentar entender a ocupação do espaço em Goiás tem sido fundamental para a tomada de consciência em torno da produção de seu passado e também do presente de

¹⁰⁵ Tenho compreendido a dinâmica espacial como um cruzamento entre cultura, poder e identidade. Algo bastante próximo das políticas de espacialidades expressas por Akhil Gupta e James Ferguson (2000), por Sharon Zukin (2000) e por Antonio Augusto Arantes (1994) quando discutiu a guerra dos lugares em São Paulo. Em certa medida o que esses pesquisadores apontam aproximasse da leitura feita por José Guilherme Cantor Magnani (2007) quando em Santa do Parnaíba destaca que “as relações entre os atuais atores com [tantos] cenários (...) nem sempre são levadas na devida conta pelos órgãos de preservação” e nem pela sociedade.

meus interlocutores. Entender o processo de ocupação do espaço tem sido de grande importância para eu interpretar e representar jovens que em dias de festa fabricam multivocalidades e criam multilocalidades (Margareth C. RODMAN,1992) quando levam seus rolês para bares afastados do Centro Histórico, para casas e repúblicas universitárias, ou quando saem de seus bairros originários e aquarelam, com suas marcas sociais, a Praça do Coreto.

Na transição do século XIX para o XX, o imenso largo representado pelas fotografias de número 10, 11 e 12 recebeu um pequeno Coreto em forma de chalé construído em madeira, com acesso restrito mediante construção de uma cerca feita também com estacas de madeira e onde a banda militar de música tocava durante os eventos cívicos e militares para moradores daquela região. A construção desse pequeno Coreto fez de todo o largo uma espécie de praça por onde circulavam moradores, servidores públicos e militares da capital goiana.



Fotografia 14 – Praça da Liberdade. Autor desconhecido, década de 1930. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos. Uso de imagem autorizado para a pesquisa por parte de seu guardião.

O espaço recebeu o nome de Praça Pinheiro Machado, Praça da Liberdade e, após construído o novo Coreto (1923) em que hoje se encontra uma sorveteria, novo nome lhe foi atribuído. Batizada de Praça Leopoldo de Bulhões, em homenagem a esta figura política, fortemente relacionada à primeira república goiana¹⁰⁶, o lugar é, no presente, popularmente

¹⁰⁶ Em projeto de lei nº 423, nº do processo 33, apresentado pelo vereador José Nunes da Silva em 24 de abril de 1959 foi aprovado pela Câmara Municipal de Goiás em 12 de maio de 1960 trocando o nome da via pública até então conhecida como praça da Liberdade ou Getúlio Vargas para praça “Leopoldo de Bulhões” sob a justificativa de ser uma “justa homenagem devida pelo Poder Público à memória do grande Ministro da Fazenda, goiano que prestou os mais assinalados serviços à Pátria”. Documento de 24 de abril de 1959 até 16 de maio de 1960. Arquivo da Fundação Educacional da cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi”, consultado em dezembro de 2017.

identificado como Praça do Coreto. Todos os outros nomes caíram no esquecimento, embora sejam evocados por moradores mais velhos de posse de uma certa memória topográfica ou por acabarem reabilitados provisoriamente em consultas feitas aos documentos históricos.

Em 1923, a praça da Liberdade recebeu um jardim¹⁰⁷ e um chalé chamado de Coreto, construído em alvenaria, com cômodo térreo (fotografias 12 e 14) em que se instalou um moderno bar, posteriormente transformado na sorveteria e no bar de nome “Para todos”¹⁰⁸.

No primeiro andar se construiu uma cobertura em zinco com detalhes que aludiam ao estilo dos arabescos em rococó que decoram algumas das igrejas coloniais da cidade de Goiás. Tudo foi feito em madeira. Nesse andar, a banda de música tocava, às quintas-feiras, nos domingos, feriados e eventos cívicos, as mais “recentes criações musicas, do *fox-trot* á berceuse macia, avelludada, do tango argentino às composições de Schubert ou às produções de Wagner” (Cordolino de AZEVEDO, 1925, p. 81).

Concluído o Coreto, feita a arborização da praça e plantadas as rosas *Paul-Nérons* em seu jardim e aleias, uma cerca de arame farpado foi construída ao seu redor. Este cercamento oferecia dois acessos, um pela rua Moretti Foggia (fotografia 13) e outro pela rua Maximiano Mendes (fotografias 15 e 16). As duas entradas de acesso permaneciam guarnecidas por policiais e trancadas com cadeados¹⁰⁹ conforme a narrativa de Cordolino de Azevedo (1925):

E o jardim nas noites de retreta? Nada dessas confusões entre o populacho e a sociedade fina, nada desse amalgama tão meu conhecido, em que ao lado da família educada e fina, passeando pelas alamedas largas e floridas, passa a negra rufiona, agarrada ao braço de seu ultimo amor, cachimbando, tresandando. Isso não se dá em Goyaz; a policia, delicadamente, impede o acesso ao jardim áquelles que não podem hombrear com a sociedade que desliza pelas alamedas, num passear distincto, aristocrático, os pares entremeando-se com outros pares, grupos de senhoritas casquinando risos, vaporosas, de vestes leves, de seda, mas guardando a pudicícia com o recato e o geito que tornam a mulher mais encantadora. Os elegantes locaes, vestidos à ultima moda, em grupos ou espalhados por entre as patricias, mas sem se lhes ouvir a pilheria grosseira, o dito picante, pesado, com que os das grandes cidades se julgam com o direito de fazel-o, acobertados pela anonymidade. (Cordolino de AZEVEDO, 1925, p. 90)

¹⁰⁷ Materiais e despesa com jardim público. Documentos datados de junho de 1923 até 1927. Arquivo da Fundação Educacional da cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi”, consultado em dezembro de 2017.

¹⁰⁸ Documento número 391 notificando a venda da sorveteria e bar “Para todos” de propriedade de Germano Hoeffken Junior em 09 de março de 1934. Arquivo da Fundação Educacional da cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi”, consultado em dezembro de 2017.

¹⁰⁹ Documento número 839 notificando a necessidade de 2 cadeados para o Jardim Público desta Capital”, datado de 14 de setembro de 1932. Arquivo da Fundação Educacional da cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi”, consultado em dezembro de 2017.

O cercamento (fotografias 13 até a 19), os cadeados, as imagens e a descrição de Cordolino de Azevedo em torno dos frequentadores da praça Pinheiro Machado e de seu Coreto já deixam bastante claro como este lugar jamais fora pensado “para todos”, ao contrário do nome fantasia do bar e da sorveteria que ali existia. Cordolino de Azevedo, ao comparar Rio de Janeiro e Goiás, apontou de que forma nesta última capital a “negra rufiona”, “o populacho” e muito provavelmente as pessoas pobres não tinham vez. Suspeito muito que a polícia fosse



Fotografia 15 – Praça da Liberdade e Coreto. Autor desconhecido, década de 1930. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos. Uso de imagem autorizado para a pesquisa por parte de seu guardião.

delicada ao impedir o acesso dessas pessoas aos espaços da praça. Se nos dias de hoje, enquanto fazia esta pesquisa, os policiais agarravam meus interlocutores e os esbofeteavam, principalmente os garotos negros

com os quais conversava e acompanhava no rolês, é evidente que o trato com esses viventes jamais foi “delicado”, muito pelo contrário, a violência sempre caracterizou as relações raciais em Goiás. Carlos Rodrigues Brandão (1977) deixou isso patente em sua pesquisa. É necessário relativizar todo o verniz narrativo de Cordolino de Azevedo, usado tão somente para esconder o seu preconceito e os preconceitos de uma época – que se fazem presentes – em torno da população pobre e negra em Goiás. Como explicou Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2009) para toda a problemática racial no Brasil, em Goiás, a racialização e a naturalização desta se faz “presente em todas as hierarquias sociais, sendo um traço constitutivo das relações de dominação” (p. 33), a exemplo do racismo por mim visto entre 2017 e 2019¹¹⁰.

¹¹⁰ No decorrer desta tese tenho observado as relações raciais e o racismo no tempo, conforme sugeriu Nilma Lino Gomes (2019) ao lembrar que “não se pode falar em raça, numa perspectiva política, sem destacar o contexto e as contingências históricas nas quais os negros constroem as suas experiências sociais e identitárias” (p. 40). Do mesmo modo a noção de raça que aqui opero se dá “com base na ressignificação e reinterpretação realizada pelos

A praça do Coreto era espaço privilegiado, lugar para poucos e restrito a homens e mulheres brancas que viviam nas imediações daquele lugar. Era ambiente feito por/para a aristocracia branca de Goiás. E mesmo as mulheres brancas deveriam manter vivos os códigos de pudicícia e recato, pois diferente do Rio de Janeiro, em Goiás elas não contariam com os benefícios da anonimidade, dado o holismo nas relações humanas daqui e a perspectiva cristalizada de gênero, a esta época dominada por uma lógica essencialmente masculina e viril.

Em fontes históricas como os jornais *O Lar*, *A Rosa*, *Nova Era*, *Bem-te-vi*, *O Bauman*, *O Coração*, *O Lyceu* e o *Momo* e as narrativas produzidas por Consuelo Ramos Caiado (Paulo Brito do PRADO, 2019) entre 1930 e 1940 é possível compreender de que modo, ali na praça, os seus frequentadores estavam sob o olhar vigilante da cidade.

Enquanto falava com pessoas mais velhas, isto entre 2017 e 2018, foi muito comum ouvir que na praça não entrava “qualquer um” e que mesmo depois de retirada a cerca de arame farpado prevaleceu naquele espaço um cercamento simbólico. Este cercamento criava fronteiras e era utilizado para separar pessoas de acordo com suas marcas sociais de raça, classe e gênero (Nilma Lino GOMES, 2019) no instante em que o etnografava. Vejam bem como a racialização o cheiro podre da escravidão ainda influenciou na vida de meus interlocutores¹¹¹.



Fotografia 16 – Praça da Liberdade na década de 1930. Autor desconhecido. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos, concedido mediante autorização de uso.

Como se não bastasse as pessoas ainda precisavam lidar com as “coisinhas”, a fofoca e os conflitos que daí resultavam. Qualquer deslize era depurado pela fofoca tecida na forma de um jornal oral ou mesmo publicizado em folhas de

jornais impressos e manuscritos que se encarregavam de disciplinar os corpos indóceis

próprios negros ao longo do nosso processo histórico” e que se afasta “da crença no determinismo biológico [, questionando] a ideia de purismo e de supremacia racial” (p. 40). Do mesmo modo tenho lidado com formas de racismo e tentado separar outros preconceitos sociais deste, como o sexismo (Antonio Sergio Alfredo Guimarães, 2009).

¹¹¹ Do mesmo modo que argumentara Nilma Lino Gomes (2019) sobre o negro, o corpo e o seu cabelo para falar do racismo, em Goiás, este fenômeno social também fazia parte de uma “racionalização ideológica que construía e advogava a existência não só de uma distância social e cultural entre negros e brancos, mas também biológica” (p. 139) à medida em que as pessoas negras, muito costumeiramente, eram apartadas em determinados espaços da praça e da cidade.

mediante uma política do constrangimento e da estigmatização. Algo muito parecido ao que fizeram com Cora Coralina em 1911 no jornal *Estado de Goyaz* e com o que se fazia com os meus interlocutores quando esses rompiam certos códigos de conduta. Quando algo fugia ao controle desses não dava outra, suas fotos eram publicadas em grupos de *WhatsApp* ou do *Facebook* e, nos comentários, a população, entendida como “descendente de Bartolomeu”, os estabelecidos, os enxovalhava com xingamentos, agressões e violências de todos os tipos.

Quando se olha para o Coreto numa perspectiva histórica e se aproxima esse debate dos estudos sobre lazer e antropologia social compreende-se por quais razões ainda existem nesta praça, nos dias de hoje, fronteiras simbólicas que hierarquizam e separam os seus frequentadores de acordo com suas marcas sociais, principalmente as de raça e gênero.

A construção do jardim, da praça e de seu Coreto se relacionam aos frementes anos 1920, momento em que o “recondicionamento dos corpos e a invasão do imaginário social pelas novas tecnologias adquiriram um papel central na experiência de reordenamento dos quadros e repertórios culturais herdados” (Nicolau SEVCENKO, 1992, p. 18).

Nesse contexto se tentava a todo custo executar “a glorificação da miscigenação, do mestiço e da mulataria” (Nilma Lino GOMES, 2019, p. 152). Ação que obras como a de Gilberto Freyre tentaram cancelar. Seguindo o ritmo desse racismo disfarçado, em Goiás houve reformulações tanto em sua arquitetura, quanto na cultura (Paulo Brito do PRADO, 2019). O gosto pela modernidade e o modernismo branco atiçava a curiosidade da sociedade goiana que não poupou esforços para corroborar com a tecnologia e a estética do racismo dos anos 1920 e 1940, muito em voga no Brasil (Maria Bernardete Ramos FLORES, 2007).

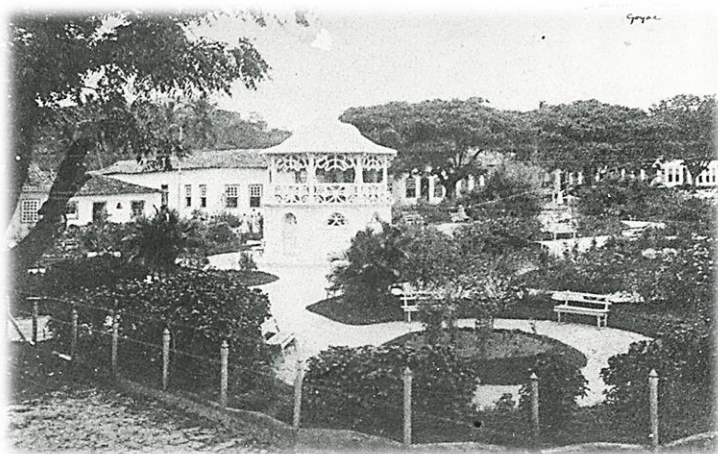
A esta época, as fronteiras de gênero já se moviam de um modo a permitir a visibilidade pública de expressões de gênero e de sexualidade que não eram tão somente as masculinas e viris. As mulheres já conseguiam estudar – Cora inclusive pontuou isto em crônica publicada no *Sul de Goyaz* em 1908¹¹² – saíam de casa com maior frequência, podiam namorar – mediante olhar repressor dos pais – e podiam se divertir em lugares públicos de Goiás.

O debate em torno da cultura física, da cultura da beleza (Mônica Raisa SCHPUN, 1999; Denise Bernuzzi de SANT’ANNA, 2014), da educação sexual, do lazer, da modernização das cidades e de comportamentos contextualizam os propósitos que estimularam a construção do Coreto em Goiás. “Sem dúvida, havia algo de novo no ar, algo especial, algo de diferente” (Nicolau SEVCENKO, 1992, p. 25) que fazia antigos comportamentos e hábitos se moverem.

¹¹² CORALINA, Cora. Crônica de Goiaz. In: SANTANA, Moizes (Director). *Sul de Goiaz*. Estado de Goiaz Catalão, 16 de abril de 1908, n.º 41, p. 01.

E isto estava, em certa medida, conectado ao um movimento mundial e nacional de criação, nas cidades e capitais, de pontos para o lazer, a diversão e o entretenimento.

Seguindo uma lógica parecida a das capitais do Rio e de São Paulo, em que já existiam espaços para sociabilidade e divertimento, Goiás também tratou de organizar ambientes de veraneio, cinemas, parques de diversão e a praça. O lazer apareceu nesse momento como um fenômeno que resultava de transformações nos costumes e nos hábitos. Era em certa medida o resultado de movimentos sociais e tecnológicos que operaram a ampliação das fronteiras de gênero e sexualidade, reformularam os significados de público e privado, de homem e mulher.



Fotografia 17 – Praça da Liberdade e Coreto. Autor desconhecido, década de 1930. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos. Uso de imagem autorizado para a pesquisa por parte de seu guardião.

Tantas reformulações não alteraram, porém, a consciência racializada e racista denunciada por Cora e caracterizada por Cordolino de Azevedo, quando este descreveu quem deveria e poderia frequentar o jardim e o Coreto. Algumas outras evidências comprovam as tentativas de espacialização da cidade em zonas racializadas. Percebi isto historicamente e



Fotografia 18 – A praça do Coreto entre as décadas de 1940 e 1950. Autor desconhecido. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos, concedido mediante autorização de uso.

durante conversas com meus interlocutores. Vê-los em seus rolês me deu a dimensão de que “o

corpo é o elemento central da elaboração ideológica, formando a unidade básica do plano hierarquizador” (Roberto DA MATTA, 1983, p. 154) ali no Coreto. De fato, era no âmbito das relações pessoais que as diferenciações se evidenciavam, saltavam os olhos. “Essa esfera, não atingida pelas leis, é o local privilegiado do preconceito e na sociedade brasileira [e goiana], possui forte conteúdo estético (ou moral) e nunca legal” (Nilma Lino GOMES, 2019, p. 152), vindo de outros tempos, conforme anotei em diferentes momentos desta tese.

Um bom exemplo foi a criação de clubes carnavalescos para brancos e negros – a Escola de Samba União Goiana, composta só por pessoas negras –, o Goiás Clube – composto apenas por mulheres brancas – e a criação de fronteiras simbólicas e espaciais interessadas em separar negros de brancos “do lado de lá e do lado de cá” (Gislaine Valério de Lima TEDESCO, 2009) de Goiás deram forma à cultura de segregação de pessoas negras, pobres, (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 1977) homossexuais e de mulheres na praça do Coreto no minuto em que eu estava circulando, em ruas e becos do Centro Histórico, em bares afastados do Coreto e em festas realizadas em repúblicas universitárias.

Foi vendo tantos resíduos de muitas temporalidades em meu campo que me esforcei em fazer esse cruzamento entre a história e a antropologia. O fato de Goiás ser uma cidade reconhecida como Patrimônio Mundial da Humanidade, famosa por seu patrimônio cultural e por sua história não me deixou escolhas, eu não podia fugir das estratégias de construção de seu passado e do silenciamento de outros passados, trajetórias, experiências e significados.

Nesse esforço epistemológico, as sugestões de Michael Rolph-Trouillot (2016) e Antonio Augusto Arantes (1994) em torno do poder operado para a produção do passado, do espaço e dos lugares teve grande relevância para que eu trouxesse à baila uma cidade cheia de marcas do tempo em constante mediação com muitas reformulações, usos e ressignificações de seu espaço, de sua cultura e história. Os novos usos de Goiás, de seu espaço e história exigiam uma nova leitura e foi então que me incumbi em olhar, ouvir e escrever Goiás pela perspectiva dos rolês, das festas e dos jovens que invadiam tantos espaços imprimindo neles sua geografia, seu gênero, sexualidade, sua espacialidade e corporeidade. A vez agora era a dos rolês.

4.1 – Olhar, ouvir e escrever Goiás pela perspectiva dos rolês

Sempre quando era convidado ou quando havia algum rolê impulsionado por festas, períodos de feriados prolongados, férias ou pelo final de semana eu subia em minha motocicleta e me dirigia, muito frequentemente, quase sempre aos finais da tarde, para o Coreto.

Este meu movimento assemelhava-se muito aos dos jovens estudantes e universitários que se espalhavam por toda a dimensão espacial desta praça quase sempre a partir das 23 horas da noite e que aí permaneciam até as primeiras horas da manhã do dia seguinte.

À medida em que alcançava a praça e caminhava na direção desse lugar, eu me sentava



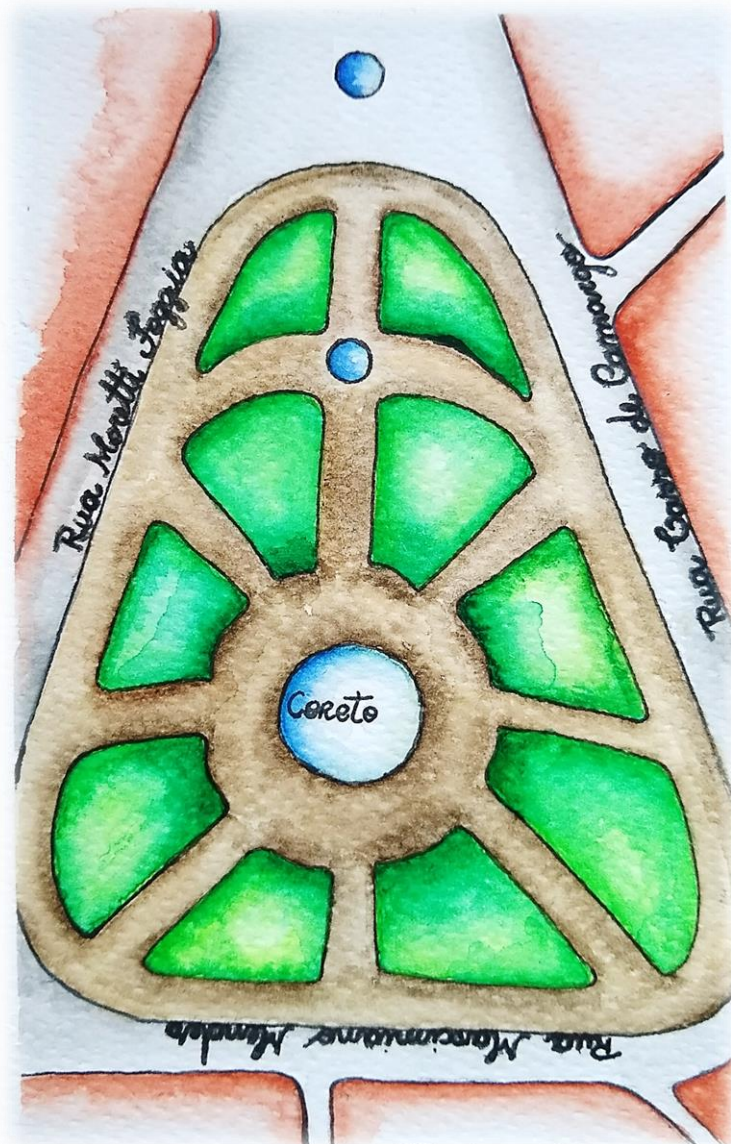
Desenho 30 – A praça do Coreto.
Fonte: Diários de campo, 2017.

em um dos muitos bancos que ali existem e ficava observando os seus transeuntes e *habitués*. Este instante da observação e o movimento em direção à praça envolvia um esforço de minha parte muito interessado em complexificar os entendimentos das relações de gênero e de sexualidade entre os jovens que frequentavam este e outros espaços da cidade.

A princípio, quando ainda não conhecia muitas pessoas, eu passava a maior parte do tempo escutando seus sons e conversas, vendo seus movimentos corporais e gestos e narrando as paisagens sonoras¹¹³ que sua corporeidade operava

mediante o balançar cadenciado do corpo no ritmo do funk ou de outros gestos que transformavam aquele espaço em lugares de festa e de reinvenção de si.

¹¹³ Tenho tomado a paisagem sonora em acordo com o que sugeriu Roberto Marques (2015) quando este percorreu os usos do som em festas de forró no Cariri. Segundo o antropólogo a paisagem sonora seria “transformações no espaço e nos corpos operadas pelo uso da música em caixas de som com enorme potência” (2015, p. 35).



Desenho 31 – Planta baixa da praça do Coreto.
 Fonte: Diários de campo, 2017.

Embora me mantivesse bastante interessado em ver, ouvir e escrever sobre as relações de gênero e de sexualidade entre os jovens (desenho 16) que frequentavam o Coreto, sempre que possível eu registrava diferentes situações relacionadas a suas sociabilidades, experiências e trajetórias. Confesso que fiquei bastante surpreso quando um grupo de jovens negros reclamou sobre a dificuldade que enfrentavam para circular por alguns lugares daquele espaço. Alisson e Breno lembraram inúmeras situações em que foram impedidos de circular por certos pontos da praça. Eles destacaram os olhares de reprovação quando se

aproximavam de alguns grupos de jovens majoritariamente brancos e heterossexuais e apontaram a agressividade – seletiva e racializada – da polícia quando esta invadia a praça na finalidade de botar um fim nos rolês. Segundo Alisson a polícia sempre “miava” os rolês da “galera que ficava ali perto da Catedral”.

Alisson e Breno se identificavam como sendo parte de um “grupo mais alternativo” de jovens que frequentavam a praça e que logicamente eram as pessoas mais suscetíveis aos “baculejos”¹¹⁴ da polícia, aos olhares preconceituosos de quem se localizava na parte da praça

¹¹⁴ Gíria manipulada entre vários de meus interlocutores para qualificar as abordagens policiais, logicamente esta expressão veio de outros lugares em que é amplamente utilizada através de recursos midiáticos e músicas, principalmente de letras de rap e funk muito populares entre o segmento social que estudei.

de frente para a rua Moretti Foggia. O corpo deles pesava ali na praça, sua corporeidade, “vista *a priori* como suja e sem higiene” (Nilma Lino GOMES, 2019, p. 156) por quem “reivindicava para si próprio a ideia de superioridade e pureza” (p. 155) deixava expresso o racismo explicado por Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2009), aquele que se perpetua por meio de restrições “fatuais da cidadania, por meio da imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda e de educação, por meio de desigualdades sociais que separam brancos de negros, ricos de pobres, nordestinos de sulistas” (p. 59).

Esses dois garotos também apontaram a constante associação que muitas pessoas – habitués mesmo da praça – faziam entre eles e o “mundo da criminalidade” simplesmente por não se comportarem em conformidade com as instituições que sustentavam a sociedade em Goiás. E os dois tinham consciência de que os estigmas que recaíam sobre seus corpos resultavam da cor de sua pele, além dos rompimentos com as regras comportamentais e morais de Goiás. Eles entendiam que o que os apartava do convívio social era o racismo.

Alisson e Breno (mas não só esses dois jovens) negavam as caixinhas conceituais, os rótulos e tinham um gosto refinado por contrariar modelos ideias de jovem e de juventude pensados por adultos. Ainda que eles e tantos outros jovens permanecessem na aleia que terminava no cruzamento das ruas Maximiano Mendes com a Dr. Tasso de Camargo, o que me chamou a atenção foi que eles estavam conscientes do lugar social em que haviam sido postos ali na praça e dos riscos que corriam, porém o medo não os impedia e nem os intimidava. Eles continuavam circulando por outras áreas, puxavam assunto com as pessoas, compartilhavam bebidas e eram gentis mesmo tendo como regra a frieza, o desprezo e o distanciamento social.

Outra questão um tanto irônica é que durante os rolês muitos jovens brancos que se encontravam integrados em grupos localizados nas imediações da Secretaria da Fazenda Estadual (na rua Morretti Foggia) atravessavam a praça para pedir ao Breno, Alisson e ao Alex que intermediassem “um corre de um beck”, “bala”, “papel ou pó” com algum traficante.

Havia também algumas jovens garotas que escapavam de seus lugares sociais e espaciais para transar com um “zé droguinha” que estava sentado em frente à Catedral, na rua Dr. Tasso de Camargo. Elas gostavam de chamá-los de “zé droguinhas” para diferenciá-los de seus namorados ou dos jovens brancos garbosos e modelares com os quais costumavam ficar, beijar e namorar. Uma dessas jovens com as quais conversei me disse que rebolar no “bico da Glock” de um “zé droguinha” era “muito gostoso”. Para ela fazer sexo com um desses jovens era algo exótico, transgressor e prazeroso: “Paulo é gostoso demais dar prá um zé droguinha”.

De um modo amplo observei que o ponto da praça localizado em sua extremidade noroeste era frequentado por uma maioria de pessoas negras, pobres e gays. Conforme conversei com muitos frequentadores desse lugar e fiz relações entre presente e passado constatei que a ocupação da praça reverberava a ocupação do espaço na cidade de Goiás e que se fizesse nesta praça um exercício análogo ao de Carlos Rodrigues Brandão (1977) eu também iria perceber que o fato de esses jovens estarem ali não era uma coincidência, mas residualidades da segregação racial em Goiás evidenciadas em várias tentativas de territorializações e de criações de fronteiras simbólicas que pretendiam separar negros de brancos. Felizmente em meu presente a cerca de arame farpado não mais existia, não haviam mais cadeados e a polícia só aparecia quando era chamada. Contudo as distinções por marcas de classe, raça, gênero e sexualidade ainda eram realidades ali ao redor do Coreto.

A praça do Coreto e o Centro Histórico eram centrais em minha investigação. Por conta disso, os considerei meus “lugares antropológicos” e fiz todo o possível, respeitando os princípios da ética em pesquisa, para que seus frequentadores fossem meus interlocutores. Inquietado pelas relações de gênero e sexualidade, pela cultura juvenil e por interseções que burilavam no interior dos rolês eu me tornei um frequentador do Coreto.

Semanalmente eu me deslocava até o Centro Histórico em diferentes horários, para observar quem o frequentava, para registrar as políticas de espacialidade e a corporeidade de quem por ali circulava. Durante o dia, em diferentes dias da semana e horários eu passeava pela praça do Coreto afim de registrar a movimentação de pessoas e os fatos que pudessem interessar às minhas perguntas de pesquisa. Mas era durante a noite e aos finais de semana que intensificava minha presença e minha permanência no Centro Histórico e nesta praça.

O registro de transeuntes, frequentadores e jovens no Centro Histórico e na praça se relacionava ao meu interesse por narrar de que modo todo o seu espaço era imaginado, reinventado e representado por tantas pessoas, pelas instituições da sociedade em Goiás e por meus interlocutores. A princípio, tentei compreender em que circunstâncias tantos jovens imprimiam nestes espaços – muito marcados por códigos de conduta, comportamentos e *status* vindos de outros tempos – as suas marcas de gênero, sexualidade, geração, classe e raça.

Uma vez compreendido que os lugares eram construídos mediante os agenciamentos humanos pelo espaço, anotei que vários pontos da praça acabavam caracterizados – em certos instantes do dia e da noite – pelas marcas sociais de seus frequentadores mais habituais. O corpo vestido com a roupa da cultura marcava a praça segmentando-a por diferenças de classe, raça, gênero, geração e orientação sexual. Pessoas pobres, negras e homossexuais eram mantidas nas

bordas da praça, em pontos limítrofes às ruas Maximiano Mendes e Tasso Camargo. Ruas que davam saída para os bairros do João Francisco, Aeroporto e Rio Vermelho

A presença de gays, lésbicas, negros e pobres nas áreas paralelas a essas ruas, em frente à Igreja Matriz e aos bares era em certa medida uma evidência da marginalização e da diferenciação produzida por instituições da sociedade e por moradores tradicionais de Goiás.

As pessoas que ocupavam esses espaços da praça sofriam com estigmas sociais fortemente relacionados aos preconceitos sociais e outras pessoas que por estas áreas circulassem ou permanecessem receberiam olhares desconfiados e sofreriam com os estigmas inventados por frequentadores que se posicionavam no lado oposto da praça, em frente à Secretaria da Fazenda, na rua Moretti Foggia.

Consciente de que as diferenças entre tantas marcas sociais produziam fronteiras e estimulavam outras novas diferenciações sociais, conforme já anotara ao longo da história de Goiás e dessa praça, tentei ver e me questionei em que medida a cultura, o poder e a memória da ocupação desse espaço impactavam no cotidiano de meus interlocutores?

Ao testemunhar nos papéis em que medida mulheres, negros, pobres e homossexuais – e até aqueles que não atendiam a certos padrões de beleza (a beleza helênica, branca, magra e de forte influência europeia) – eram mantidos em certos pontos da praça e em determinados horários, encarei o entrecruzamento dessas marcas sociais para representar o Coreto como um espaço da diferença, cheio de fronteiras e de guerras entre os lugares que o compõem.

No Centro Histórico, à medida em que seu espaço era lugarizado e que os papéis viravam festas, fronteiras simbólicas e liminaridades eram passíveis de ser geografadas. Muito parecido ao que assinalou Antonio Augusto Arantes (1994) quando descreveu a grande São Paulo nos anos 1990, em Goiás “a experiência social contemporânea [também propiciava] a formação de lugares sociais efêmeros, particularmente no bojo dos conflitos e das sociabilidades que se constituem nas praças e ruas” (Antônio Augusto ARANTES, 1994, p. 191).

Numa linha de raciocínio próxima de Antônio Augusto Arantes, porém localizado em uma cidade pequena e famosa, eu suspeitava que a experiência urbana contemporânea dessa cidade e as transformações pelas quais ela passara nos últimos dez anos impactavam na “formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares que resultava na formação de contextos espaço-temporais flexíveis, mais efêmeros e híbridos do que os territórios sociais identitários” (Antônio Augusto ARANTES, 1994, p. 191).

Em Goiás mesmo que seus moradores fossem partes de um mesmo mundo e estivessem todos juntos, jamais estariam todos no mesmo universo social, muito menos se ele se

encontrasse semanalmente na praça do Coreto e em bares do Centro Histórico. O fragmento de um rap declamado por um de meus interlocutores em rolê em que participei, em 2021, assim que as regras da pandemia de Covid-19 foram flexibilizadas, ilustra bem esse jogo entre tantas diferenciações sociais: “Nós estamos no mesmo mar, mas não no mesmo barco. Os filha da puta tão de iate, nós barca furada. E se o mar ficar revoltado, é nós que afunda.”¹¹⁵

Ele, como muitos outros com os quais falei, tinha consciência que sempre se era um estranho e sempre se estava ligado a contextos sociais que extrapolavam a cultura de opressão e exclusão registrada na breve narrativa relacionada à construção da praça e do Coreto¹¹⁶.

No Centro Histórico e no Coreto, “espaço contínuo, conectado, atravessado por relações econômicas e políticas de desigualdade” (Akhil GUPTA e James FERGUSON, 1992, p. 42), as pessoas, no passado, totalmente excluídas já haviam rompido fronteiras físicas, tomado e ocupado alguns de seus pontos. Todavia, sentiam e sofriam cotidianamente com novas políticas da diferença e tensões. À medida em que afirmavam certas identidades resultantes de marcas sociais impressas em seus corpos, elas eram apartadas de certos pontos da praça do Coreto.

Instigado pela informação oferecida por muitas pessoas de que ali na praça uma maioria negra, pobre e gay sempre se posicionava – ou era posicionada – de um lado da praça, enquanto do outro lado permaneciam as pessoas brancas, abastadas, heterossexuais e masculinas eu vesti a roupa de um frequentador “diferente”. Deixei de ser tão somente um nativo e assumi as vezes de alguém preocupado em ver Goiás sob as lentes da antropologia, das emoções, do erótico, da sexualidade, do gênero, dos rolês e festas.

Com olhos voltados para as poéticas dos rolês e as poéticas dos espaços consolidadas em lugares da cidade de Goiás, eu passei a circular por seu Centro Histórico ao longo da semana e em diferentes horários dos dias.

À medida em que meus interlocutores se movimentavam pelo espaço eu me movia na companhia deles. Esta movimentação me permitia ver os lugares serem imaginados, tecidos e consolidados mediante os percursos de pessoas como Alex, Breno e Alisson. Três jovens negros que permaneciam sempre nas imediações das ruas Maximiano Mendes e Tasso de Camargo.

¹¹⁵ Enquanto conversava com Alisson ele relacionou a situação toda de miséria, racismo e pobreza à música Hit do ano, o peso da luta de vários MCs e DJs interessados em criticar o governo Bolsonaro, a péssima gestão da pandemia e o agravamento da histórica opressão social.

¹¹⁶ Algo semelhante ao que notei em Goiás atravessa o texto autoetnográfico de Luciana de Oliveira Dias em que ela problematiza e critica estereótipos da racialização e generificação operados para “perpetuar ‘os lugares de servidão e inferioridade’ que alguns corpos devem obrigatoriamente ocupar” (2019, p. 09).

Em meu contexto de pesquisa os lugares eram produzidos concomitantemente à produção dos rolês. Porém os rolês ocorriam em espaços e tempos oportunos, eram encontros de pessoas em certos contextos. Os rolês eram *kairós*, lugares de utopia coetâneos e contextuais.

Em uma fria manhã de segunda-feira, o despertador do aparelho celular gritou nervoso em meus ouvidos: já é 5 horas da manhã, está na hora de levantar! Na opção soneca acredito ter ouvido o alarme tocar pelo menos umas três vezes. Esperei tocar uma quarta vez, me remexi na cama e finalmente me levantei.

O relógio já marcava 5 horas e 20 minutos, estava um pouco atrasado, precisava me apressar no banho e tomar o café da manhã cuidadosamente preparado por minha mãe, coisa que ela insistia em executar cotidianamente. Antes de ir para a escola eu tinha parada certa no Coreto para observar a movimentação de pessoas em suas imediações, becos e ruas.

Como havia proposto algumas questões relativas ao processo de lugarização e espacialização da praça do Coreto e do Centro Histórico registrei, antes mesmo dos rolês, os espaços, tempos e geografias que davam forma à praça ao longo do dia e da semana.

Pela manhã, 6 horas e 30 minutos, quando o sol ensaiava uma fuga tímida para fora do horizonte e as primeiras luzes amareladas deixavam as folhas das árvores ainda mais verdes, o movimento de transeuntes por ruas e becos imediatos à praça Leopoldo de Bulhões e de seu Coreto anunciava-se por todos os lados.

Desde as ruas Felix de Bulhões, Luiz do Couto, Darcília de Amorim, Doutor Tasso de Camargo, Maximiano Mendes, Quintino Bocáiuva e Moretti Foggia era possível ouvir o roncar de carros e a marcha de diferentes pessoas em busca de seus locais de trabalho, uma corrida para alcançar prováveis vagas para o estacionamento ou em um andar manso em direção aos colégios Alcide Jubé e Lyceu de Goyaz, respectivamente localizados nas ruas Maximiano Mendes e Alcide Jubé. Este movimento repetia-se até a sexta-feira.

Pneus e rodas pererecavam pelo calçamento de pedras irregulares e os pés dos andantes disputavam os melhores caminhos entre as calçadas muito altas e o meio das ruas. Ali pelas 7 horas da manhã muitas pessoas já corriam para seus trabalhos em repartições públicas, em restaurantes, lojas de artesanatos ou outro lugar do Centro Histórico.

Quando os ponteiros dos relógios alcançavam as 8 horas e 9 horas, a dinâmica humana na praça e em suas imediações já se caracterizava por certa agitação. Enquanto mulheres e homens limpavam seus lugares de trabalho e compartilhavam a faxina diária com o atendimento dos clientes, a praça contagiava-se pela movimentação dentro e fora do Coreto. O Coreto de portas abertas já recebia clientes interessados em comprar sorvetes e picolés feitos com frutos

típicos do Cerrado. O picolé de maior sucesso era, sem sombra de dúvidas, o de cajuzinho. E o sorvete de baru enchia de expectativas homens e mulheres em razão de ter propriedades afrodisíacas, alguns turistas diziam, enquanto eu comprava o meu: “hoje tem!”.

Ao longo do dia este lugar seria o ponto por onde turistas e moradores de Goiás transitariam e consumiriam sorvetes e picolés de castanha de baru, de limão, de figo, de coco queimado, de mangaba, de cajuzinho, de cajuzinho do cerrado, dentre outros sabores.

Também seria nesse ponto em que muitos parariam para um “dedinho de prosa” com outra pessoa – geralmente um homem – de mais idade que, permanecendo sentado em uma das cadeiras ali colocadas comentava qualquer coisa sobre o contexto político do Brasil ou fazia alguma fofoca “cabeluda” sobre a vida de outrem.

Esta mesma situação repetia-se ao longo da semana e até o fim da tarde e o começo da noite quando vários grupos de pessoas se reuniam, fosse em frente aos portais do Coreto, em alguns dos bancos da praça, nas portas dos bares ou no banco da ponte da Lapa, próxima ao Museu Casa de Cora Coralina, na rua Dom Candido Penso.



Desenho 32 – Conversas de homens. Divagando a vida alheia.
Fonte: Diários de campo, 2017 e 2018.

Nesta localidade, vários homens mais velhos, entre 50 e 70 anos, se aglomeravam e se sentavam para fofocar sobre diferentes pessoas e fatos “bombásticos” da cidade. Nesse lugar a vida alheia era desfiada com requinte de malícia e cada pessoa que atravessava a avenida Sebastião Fleury se tornava repentinamente o alvo das “conversas de homens”.



Desenho 33 – Famílias e crianças na praça do Coreto. Fonte: Diários de Campo, 2017 até 2019.

Por todo o período de tempo em que estive ali na praça registrando a movimentação dos passantes, separei-os em grupos assim delineados: trabalhadores de diferentes segmentos – públicos e/ou liberais –, estudantes dos colégios próximos, universitários, pessoas que faziam uso dos serviços oferecidos por bancos, restaurantes e repartições públicas, frequentadores habituais, turistas e outras pessoas sem uma identidade delineável por mim.

À medida em que esses grupos deslizavam

pelo espaço da praça e do Centro Histórico, sua movimentação era acompanhada por sons característicos de cada um deles. Durante o dia, eu escutava ali da praça ou em minhas caminhadas pelas lojas o barulho resultante do bater insistente de dedos em teclados de computador, o som das máquinas de impressão de notas fiscais, o diálogo de turistas a procura dos preços de souvenirs vendidos nos artesanatos da rua Moretti Foggia, os xingatórios, gritos e a conversa de alunos que cabulavam aulas para namorar em um dos bancos da praça ou para tomar refrescantes banhos nas águas da Carioca¹¹⁷.

O som da caminhada acelerada de algum prestador de serviço, das buzinas de carros e motos, e das campainhas dedilhadas em alguma casa ao redor da praça também eram

¹¹⁷ A Carioca é uma fonte ou um chafariz construído às margens do rio Vermelho no século XVIII para abastecer moradores e viajantes que por ali chegavam através da estrada real. Hoje foi construído ao redor do chafariz um parque que recebeu o nome de Carioca. Nas conversas com algumas rolezeiras e com alguns rolezeiros elas e eles me contaram que por vezes cabularam as aulas para namorar no Coreto, tomar banho na Carioca ou se pegar e transar nas imediações desse parque que fica próximo ao Centro Histórico.

característicos desse espaço e tempo. E para aquele curioso que se aproximava da porta da Igreja Matriz de Sant’Anna – a Catedral – na rua Doutor Tasso de Camargo, era possível ouvir o balbucio de algum devoto de Sant’Anna que dali de dentro fazia as suas orações com joelhos rentes ao chão.

Já no “lado de lá”, depois de atravessada a ponte da Lapa e alcançado o Largo do Rosário, espaço que se abria para as ruas Senador Eugenio Jardim, Luiz Guedes de Amorim e Bartolomeu Bueno, se ouvia diariamente, no horário do *Angelus* (dezoito horas) o tilintar dos sinos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Além de tantos sons característicos, o Centro Histórico e as imediações do Coreto tinham cheiros. Os cheiros, sabores e odores eram múltiplos. Bem próxima à praça Leopoldo de Bulhões, nas ruas Maximiano Mendes e Moretti Foggia, podia-se sentir o cheiro e experimentar o sabor dos doces cristalizados e comercializados na Casa do Doce ou em algum dos artesanatos ali existentes. Estes doces, tal qual os sorvetes e picolés do Coreto, reproduziam a flora local.

Nos artesanatos era possível consumir doces de pau de mamão, de mamão, abóbora, caju, leite, coco, laranja, figo, melancia, mangaba, queijo e ainda o pastelinho. Este é um doce muito característico de Goiás, feito com massa podre, recheado com doce de leite e canela em pó. Depois do alfenim vendido no Largo do Chafariz, na praça Brasil Caiado, o pastelinho era o doce mais consumido em Goiás tanto por moradores quanto por turistas.

Para além desses sabores adocicados podia-se, também, sentir o odor do fumo, do suor, do cigarro ou da fragrância de perfumes baratos – principalmente de madeira do oriente e de almíscar, vendidas por um ambulante – e muito populares entre os velhos aposentados que iam mensalmente receber seus salários nos bancos do Bradesco, Itaú, Caixa Econômica ou no Banco do Brasil, localizado na avenida Sebastião Fleury, paralela ao rio Vermelho.

Com o correr das horas e a chegada do fim de tarde, uma revoada de periquitos tomava as árvores e os pés de guariroba plantados no Coreto. O som desses passarinhos chilreando de um lado a outro abafava toda e qualquer música ou conversa que ali estivesse sendo tecida. O barulho feito por essas aves era ensurdecidor, ditava o fim da tarde e anunciava o começo da noite. Neste momento, a praça se enchia de famílias nucleares, de crianças e de velhos.

Sempre na finalização da semana, em períodos de feriados, férias e festas, ali pelas 17 e 18 horas, muitas pessoas – basicamente os frequentadores convencionais e habituais: famílias heterossexuais, brancas, cristãs e nucleares, compostas por mãe, pai, filho e filha – traziam suas

crianças para tomar sorvetes, chupar picolés, tomar açaí, correr e brincar ao redor do Coreto, por toda a dimensão da praça e do Centro Histórico.

Os sons neste momento se resumiam aos ruídos das conversas tricotadas por diferentes pessoas – mães, pais, tios, avós – enquanto a criançada se divertia agarrada aos postes de iluminação, cantando cirandas ou brincando de rodas conforme representação visual (desenho 25) rascunhada em campo no decorrer dos anos de 2017 e de 2019.

Paralelo ao movimento da criançada e de seus pais a esta hora o Jesus Bar mantinha ligada sua máquina de música Jukebox e que embalava, a cada depósito de moedas, a música de preferência de algum *bon-vivant* que por ali passava para comer uma típica empada goiana ou para tomar aquela cervejinha de final de tarde.

Cadeiras e mesas já haviam sido colocadas no canto direito da praça e algumas pessoas já se sentavam ali para “jogar conversa fora” e para “beber uma”.

Em dias festivos como o Carnaval, a Semana Santa e o Festival Internacional de Cinema e vídeo Ambiental (FICA), este público familiar se misturava aos grupos de turistas e de jovens estudantes e universitários que para esta praça se dirigiam a fim de traçar suas sociabilidades, expectativas e divertimentos. Nesses períodos as anteriores fronteiras simbólicas pareciam se atenuar em função da quantidade de gente que tomava a cidade de Goiás quase que de assalto.

Com a aproximação do fim de semana ou de um feriado prolongado os sons e os cheiros da praça alteravam-se profundamente. Os anteriores sons de teclados sendo dedilhados e o cheiro exalado pelos doces cristalizados acabavam substituídos pelo aroma de bebidas alcoólicas, dos cigarros, da maconha, pelo som de funks, sertanejos e conversas diversas.



Desenho 34 – Carro de som e os funks.
Fonte: Diários de campo de 2017 até 2019.

Regularmente carros abarrotados com aparelhagens de som circulavam pela praça contagiando-a com o seu “Eu tô brigado com a mulher. Então eu vou dá fuga nela. Fui, Partiu, aonde é o Mandela? Fui, Partiu aonde é o Mandela?”

Ao som de Partiu de MC Kekel¹¹⁸ ou de outros fanqueiros que faziam sucesso naquele determinado instante os motoristas e demais passageiros dos automóveis se posicionavam de forma a pendurar-se nas janelas e só assim passavam uma revista em toda a praça e em seus habituais frequentadores. Era como se procurassem alguém em específico.

Muito provavelmente eles faziam isto na expectativa de encontrar pessoas conhecidas, marcar um rolê para mais adiante ou mesmo um “esquema”. Era assim que definiam seus



Desenho 35 – As arlequinas de Goiás.
Fonte: Diário de campo de 2017.

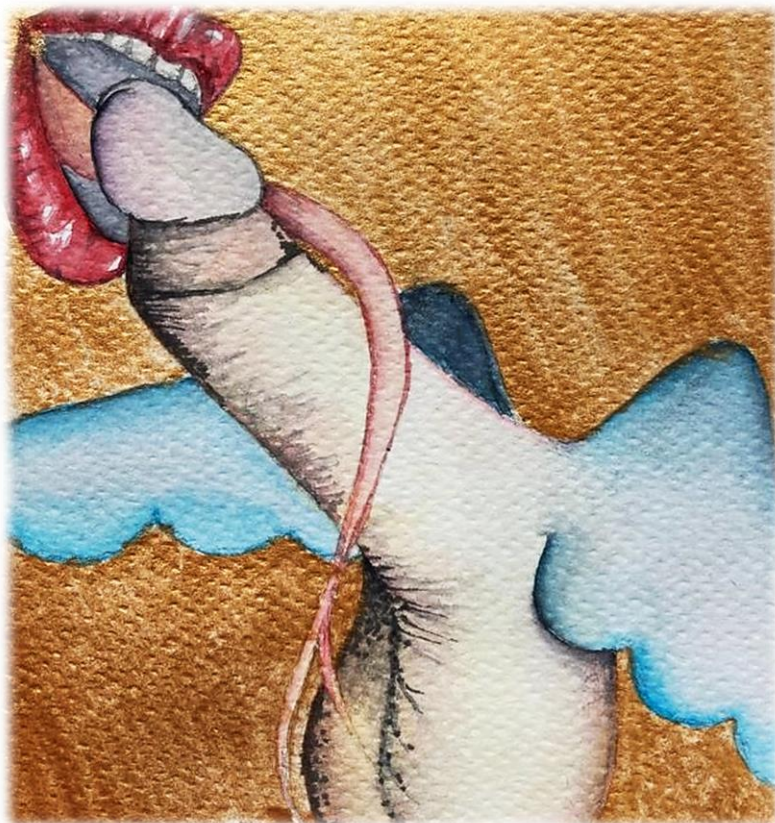
envolvimentos afetivos e sexuais consolidados em algum banco da praça, nos muitos becos que se ramificavam pelo Centro Histórico de Goiás, dentro de um carro, nas escadarias de alguma igreja ou dentro do Chafariz de Calda, na praça Brasil Caiado.

Ainda nesse fim de tarde e começo de noite enquanto ali permanecia vez ou outra sentia o perfume suave e delicado de crianças muito bem cuidadas e limpas que corriam de um lado para o outro daquele espaço. Evidentemente esta não era uma norma,

havia situações bem assustadoras. À medida em que o relógio marcava 19 horas e 40 minutos

¹¹⁸ Registros de diário de campo realizado em setembro de 2017.

as crianças, famílias e velhos se confundiam com alguns jovens que ali se sentavam para conversar e ouvir na companhia de algum amigo vários funks dos MCs Kekel, Livinho, Gui, Kevinho, Maromba, Lan, Jerry Smith, dentre tantos, reproduzidos por aparelhos de som portátil JBL.



Desenho 36 – Chupa xoxota ou piroca? Fonte: Diário de campo de 2017 até 2019.

As Mcs não tinham muita ressonância entre esses jovens. Para além de Ludmilla e sua música Cheguei¹¹⁹, Mc Bella e Mc Loma, poucas vezes os observei ouvir e cantar algum funk de autoria e de interpretação feminina. Uma única vez me deparei com um grupo de jovens garotas que bastante animadas cantavam, na madrugada de sexta-feira para o sábado de aleluia de 2017, a letra de Mc Bella, Arlequina:

Bondade tem limite
Coração quente esfria
Tô naquele pique
Porque vingança vicia

Nesse mundo meu
Aprendendo com os tombos
Eu sou muito boa amando
Mas sou melhor me vingando

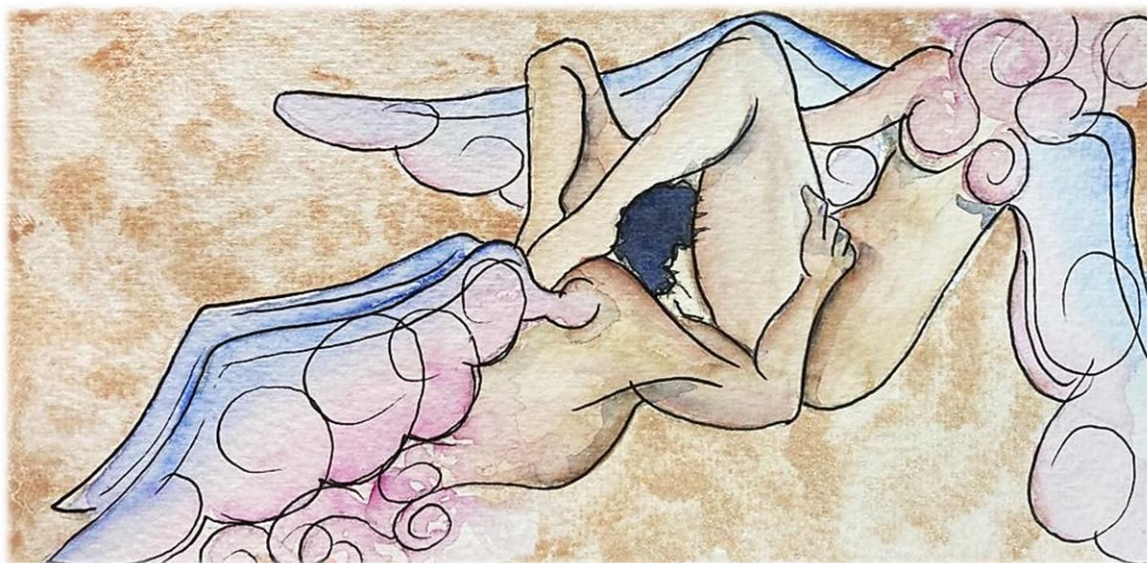
E as arlequina quê os vilão e os coringa
E as arlequina quê os vilão e os coringa
E os playboy que é do asfalto
Nóis pega pra esculachar¹²⁰

¹¹⁹ Funk de Ludmilla, maio de 2017.

¹²⁰ Funk de Mc Bella, novembro de 2016.

Contagiadas pela bebida – provavelmente pelo mé, vodca com energético, cerveja ou as doses de gabriela, murici, jabuticaba ou opinião – elas passaram por mim em sentido contrário a rua Moretti Foggia. Enquanto eu descia para ir ao banheiro e passar uma revista na rua 13 de Maio, elas subiam de volta para a Praça do Coreto.

Muito animadas, essas garotas conversavam alguma coisa que não compreendi bem, mas logo dispararam em coro o seguinte refrão: “Aprendendo com os tombos/ Eu sou muito



Desenho 37 – Chupa xoxota ou piroca II? Fonte: Diário de campo de 2017 até 2019.

boa amando/ Mas sou melhor me vingando”. Concluíram a representação em risadas e gritos, só então seguiram entre tropeços e trombadas para a praça¹²¹.

A outra funkeira, ou Mc consumida entre os frequentadores da praça era Mc Loma e as Gêmeas Lacação. Em quase todos os fins de semana de 2018 foi bem comum ouvir a sua música Envolvimento¹²². Dos carros de som se escutava: “E ae, Dê-Jey? Escama só de peixe (uaai). Cebruthius”.

Mas sucesso mesmo e um verdadeiro hino cantado em carnavais e festas por muitos de meus interlocutores entre 2017 e 2019 foi o funk Chupa xoxota¹²³. Esta música era cantada em coro, dançada e solicitada em todas as festas que frequentei. Por vezes quem a cantava substituía a palavra “xoxota” por “piroca”, mas de forma bastante geral ela era cantada no formato original e performada com movimentos que imitavam o que era descrito por sua letra:

¹²¹ Registros de diário de campo realizado em abril de 2017.

¹²² Funk de MC Loma e as Gêmeas Lacação, fevereiro de 2018.

¹²³ Funk de MC 2K, Chupar Xoxota, janeiro de 2018.

Aprendi na faculdade
E vou te ensinar agora
Aprendi na faculdade
E vou te ensinar agora

Levanta a mão pro alto
Levanta a mão pro alto
Só quem gosta de xoxota (piroca)
Chupa xoxota (piroca)

Na maciota
Chupar xoxota (piroca) é uma coisa linda
Meter a língua na sua vagina (piroca)
Só não gosta quem não fez ainda



Desenho 38 – As multilocalidades – Do Coreto para outras localidades.
Fonte: Diários de campo dos anos de 2017 e 2019.

Para além do funk o sertanejo, predominantemente aquele interpretado por homens, também tinham vez entre pequenos grupos de frequentadores que circulavam pela praça neste



Desenho 39 – Música e rolês no Centro Histórico de Goiás.
 Fonte: Diário de campo dos anos de 2017 e 2019.

horário. Toda a mistura de sons, cheiros e rolês contribuía para transformar os arredores do Coreto em palco para multivocalidades e multilocalidades¹²⁴.

Estas categorias utilizadas por Margareth C. Rodman (1992) e que as operou na expectativa de romper com a ideia de que o espaço está sempre dado, fixo, pronto e acabado serviram para que eu representasse a praça e o Centro Histórico como um espaço de trânsitos, cheio de “lugares, vozes, locais e de múltiplos” (p. 643) espaços que dependiam das pessoas e de suas experiências para serem imaginados e alargados até outros pontos da cidade.

Ali na praça as multilocalidades podiam se encontrar. Elas se cruzavam, se englobavam ou eram esticadas para outros espaços da cidade no decorrer das noites de rolês. Já as multivocalidades, fortemente caracterizadas pelo som automotivo, se cruzavam com conversas, gritos e risadas. Tudo isto regado por muita bebida e uma força expressiva da festa que caracterizava um tempo de expansão da alegria e de desencontros com a comunidade local.

Embora os funks e outras músicas fossem característicos das grandes festas ao ar livre que tomavam a Praça do Coreto, estendendo-se muito comumente por toda a madrugada de tempos em tempos, tal situação não se desenrolava sem qualquer conflito e tensões. Os moradores próximos a essas comemorações reagiam chamando a polícia e esta não era nenhum pouco delicada. As abordagens eram determinadas pela agressividade e por ameaças.

Muitos moradores próximos à praça do Coreto – pessoas de mais idade, entre 40 e 80 anos – não se sentiam muito confortáveis com os rolês que ocorriam neste espaço aos fins de semana e feriados. Sempre que as músicas

alcançavam um volume incômodo denúncias eram feitas e ali chegava a polícia disposta a atuar, apreender aparelhos de som e coagir os jovens.



Desenho 40 - Denúncias e a polícia.
Diários de campo de 2017 até 2019.

Muitas situações de conflito etnografadas no decorrer dos rolês me mostraram que o que se dava ali na praça não era apenas uma guerra de lugares, mas também um choque de temporalidades e de gerações. Muitos moradores mais velhos entendiam como imorais e achavam um absurdo terem que conviver com paisagens sonoras produzidas, por exemplo, com o funk Vou fazer uma serenata, de MC Lan:

Maria! Maria!
Ow, Maria!
Estoy enamorado por ti, Maria!
Ê Maria, hein, ê Maria
Ê Maria, hein, ê Maria
MC Lan nuevamente!

Tu tá tão, tão linda com esse rabetão
Tô xonadão, dão, dão, dão nesse bundão
Vai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão
Cai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão
Vai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão
Cai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão

Eu vou fazer uma serenata
Só pra te ver dançar pelada
Eu vou fazer uma serenata
Só pra te ver dançar pelada

Vai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão
Cai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão
Vai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão
Cai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão

Ê Maria, hein, ê Maria
Usurpadora
Maria, estoy apaixonado por ti!

¹²⁴ Rodman (1992) categoriza multilocalidades “como uma forma de ‘construir mundo regionais em experiência’” (p. 641). Já a multivocalidades seria aquela paisagem sonora construída mediante o acúmulo de multilocalidades a uma polissemia de vozes. Ao pensar sobre esta questão no Cariri Roberto Marques entendeu, a partir de seu lugar antropológico, ser a paisagem sonora as “transformações no espaço e nos corpos operadas pelo uso da música em caixas de som com enorme potência” (2015, p. 35). Para este antropólogo multilocalidades e multivocalidade atuam juntas no processo de produção de paisagens sonoras ou o que Rodman prefere chamar de “paisagens sociais”.

Se se considerasse o tempo e o espaço pela lógica dos moradores antigos e dos trabalhadores expressa por uma imaginação espacial análoga à perspectiva utilitária, econômica e conectada as suas marcas sociais os rolês nesse espaço não teriam vez e eu jamais veria jovens movimentarem seus corpos de modo a corresponder com “Vai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão; cai rabetão, tão, tão, tão, tão, tão no chão”.

A maioria dos moradores do Centro Histórico são velhos, com algum recurso econômico, brancos e heterossexuais. Alguns mantêm fortes preconceitos sociais. São pessoas que ou estão aposentadas ou trabalham e que após uma semana de trabalho desejam descansar em silêncio. No entanto viam suas expectativas de descanso frustradas quando ali pelas 23 horas os carros de som estacionados na praça do Coreto anunciavam Olha a explosão:

Essa novinha é terrorista, é especialista
Olha o que ela faz no baile funk com as amigas
Essa novinha é terrorista, é especialista
Olha o que ela faz no baile funk com as amigas

Olha o que ela faz no baile funk com as amigas
É muito explosiva, não mexe com ela não
É muito explosiva, não brinca com ela não
Olha a explosão

E quando ela bate com a bunda no chão
E quando ela mexe com a bunda no chão
E quando ela joga com a bunda no chão
E quando ela sarra com o bumbum no chão
Chão, chão, chão, chão¹²⁵

Escutei em vários momentos, enquanto caminhava e conversava com moradores dessa localidade, relatos de sua irritação nutrida contra a música alta, as letras, a “bebedeira”, a corporeidade juvenil, as danças e o hábito de alguns frequentadores da praça de urinar em cantinhos escuros do Centro Histórico, principalmente atrás da Catedral de Sant’Anna.

Se tornou um lugar comum escutar que o “governo não deixa esses jovens trabalharem e olha aí o que eles aprontam”. Sempre que concluíam seus desabafos, estes moradores desqualificavam os rolês e os descreviam como manifestações quase “inúteis” e imorais. Para esses moradores, o tempo dos rolês era considerado um tempo quase desperdiçado.

¹²⁵ Funk de MC Kevinho, Olha a explosão, junho de 2017.

O fato é que estas pessoas encaravam o tempo de lazer dos jovens ali na praça e o descreviam como um tempo de puro ócio, fruição, descanso, desprezo pelo tempo-relógio e pelas responsabilidades da vida. Convenientemente essas pessoas ignoravam suas rodas de conversas, seus momentos de lazer e suas aglomerações em que debulhavam a vida alheia. Ações que desenrolavam diariamente ali pelas 17 e 18 horas.

De acordo com seus desabafo, o tempo dos rolês era pura diversão e entretenimento, instante sem grandes aproveitamentos. No entanto, conforme circulava por bares e distribuidoras, conversava com comerciantes e pessoas que viviam do mercado do lazer, compreendia que os sentidos em torno dos rolês eram variáveis. Para essas últimas pessoas, esse período de tempo era importante e muito lucrativo para a cidade.



Desenho 41 - E a praça é outra. Uma multidão de jovens.
Fonte: Diários de campo de 2017 até 2019.

Como algumas distribuidoras permaneciam abertas durante as 24 horas, assim que a Praça do Coreto se enchia de jovens e que grupos eram formados uma movimentação em busca desses lugares se iniciava. Fosse de carro, motocicleta ou caminhando, para todos os lados que se olhava pessoas começavam a se movimentar em direção as distribuidoras localizadas na rua Sebastião Fleury, Leite de Moraes ou na avenida Dário Sampaio. Os ganhos financeiros do mercado de bebidas, divertimento e lazer eram relativamente altos em

Goiás. E evidência disso aparece no número crescente de distribuidoras. Meus interlocutores diziam que “piscou, abriu outra Distribua em Goiás, o negócio parece capim”.

É evidente que a “utilidade” e a “inutilidade” do tempo e do espaço dos rolês eram sentidos relacionais, fabricados, inventados e em muitas das vezes utilizados para estereotipar algo ou alguém. Esses sentidos coexistiam – conflituosamente – no cotidiano dos rolês ao redor do Coreto e um bom exemplo disso era o movimento noturno de fins de semana quando paralelamente aos rolês e ao lazer os proprietários de bares, distribuidoras e vários trabalhadores da noite ganhavam a vida enquanto jovens se divertiam.

Essas temporalidades e sentidos coexistiam, se construía juntas e separadas e eram desconstruídas por um grupo e outro cotidianamente. Todavia, os relacionamentos entre essas temporalidades, espacialidades e pessoas estavam longe de serem pacíficas. Em períodos de férias e feriados que era quando muitas pessoas que não viviam na cidade, mas que mantinham casas ali no Centro Histórico, vinham descansar os conflitos tendiam a se intensificar.

Nos meses de julho e dezembro, a quantidade de reclamações relativas ao som alto crescia e o número de policiais circulando pela praça no tempo dos rolês aumentava exponencialmente. Por vezes, estes policiais desciam de suas viaturas e caminhavam pela praça abordando diferentes pessoas que ali estavam. Na maioria das vezes os abordados eram jovens pobres e uma grande porção desses era negra.

Alberto, Alex, Breno e Alisson por inúmeras vezes foram abordados e passaram por “baculejos”, apenas por estarem circulando os arredores da rua Maximiano Mendes e Tasso de Camargo. Este tipo de situação costumava ocorrer entre as 02 e 03 horas da manhã dos fins de semana, feriados e férias.

Mas em espaços de tempo cotidianos, conforme avançavam as horas e o final de semana se aproximava a praça caracterizava-se pela multiplicidade de sons, de sentidos e de significados. Por volta das 20 e 21 horas, o Coreto já antecipava o grande campo de batalhas sonoras em que se transformaria quando, entre as 22 e 23 horas, se abarrotava de jovens mulheres e homens que por toda sua dimensão espacial a lugarizavam e imprimiam nesses lugares as suas poéticas, corporeidades, desejos e expectativas.

Entre esse horário e o começo da madrugada, a Praça do Coreto era outra, ou melhor, neste horário ela era tantas quanto a quantidade de lugares nela produzidos. A praça do Coreto, nesse espaço de tempo, era imaginada e utilizada como um palco para muitos rolês, divertimentos e sociabilidades.

Era um espaço para festas que duravam por toda a madrugada e que só terminavam em um *after*, em alguma república universitária, no Morro, no Postão, na feira de domingo, em algum rochedo da Carioca ou nas lanchonetes do Mercado Municipal.

Entre as 23 horas e as 6 da manhã, a praça pertencia aos jovens estudantes e universitários que ao som de funks e sertanejos descortinavam suas heterotopias e se investiam de “um mínimo de poder” (Margareth C. RODMAN, 1992, p. 650) que lhes havia sido negado no instante da imposição de normas de gênero, de sexualidade, de comportamentos muito austeros e de uma lógica social determinada por conceitos sumamente adultos.

Era nesse instante que Alberto e Breno desciam até os becos para beijar e chupar os meninos “gatos” que encontraram na praça e era nessa altura da noite que Alex e Alisson “topavam qualquer parada”, tanto com mulheres quanto com homens.

Segundo eles, esse era um instante de possibilidades. Os agenciamentos e os usos da praça a esta hora justapunham “em um único [espaço] real vários [lugares], várias alocações que [eram] em si mesmas incompatíveis” (Michel FOUCAULT, 2013, p. 118) e que poderiam desencadear muitos encontros e desencontros.

Dos encontros de tantos grupos juvenis, de espacialidades, lugares e trajetórias muita coisa poderia resultar. Pessoas encontrariam seus pares perfeitos, outras terminariam, alguns acabariam em pegações nos becos próximos da praça e esporadicamente algum desentendimento, briga ou confusão contribuiria com o esvaziamento da praça e o fim dos rolês. As brigas não eram muito comuns, já que era unânime entre os frequentadores do Coreto de que os rolês deveriam ser instantes de diversão, de troca de experiências sociais e de consolidação de suas mais diversas expectativas. Logo grandes confusões eram evitadas.

Durante minha permanência nos rolês, observei que muitos desentendimentos começavam em função de alguma fofoca, um mal entendido ou de uma tentativa frustrada de relacionamento entre um grupo A e B. Considerei que o contato entre os grupos de jovens localizados na praça era fundamental para a consolidação de expectativas. Que as trocas de informações desempenhavam papel importante, mas poderiam terminar em conflitos.

As trocas de informação e os diálogos poderiam extrapolar os objetivos iniciais e se transformavam em pólvora para desentendimentos como os que resultaram na agressão sofrida por Erlane em 2019 no momento em que familiares de sua namorada Luciana não aceitaram o relacionamento lésbico e interferiram violentamente. Segundo Erlane, os ataques que sofreu provavelmente se deram depois que alguma pessoa levou informações colhidas nos rolês da praça até os pais, primos e irmãos de Luciana, pois até então quase ninguém sabia das duas.

A fofoca, os comentários maldosos e irônicos e a troca de informações entre pessoas de grupos diferentes tinham sempre o objetivo de controlar socialmente outras pessoas. Muito comum entre as rodas de fim de tarde em diferentes lugares do Centro Histórico, bares espalhados pela cidade e nos grupos e comunidades virtuais (*WhatsApp, Facebook e Instagram*), durante os rolês do Coreto a fofoca operava como fábrica de lugares, de estigmas sociais, de estereótipos, de boatos, de desconfianças e contribuía para consolidar propósitos e expectativas diretamente ligadas ao envolvimento afetivo e sexual.

No tempo dos rolês, rapidamente alguma informação era disseminada por toda a extensão da praça. Isto se dava pela intensa troca de informações entre integrantes dos vários grupos que formavam os rolês e que cobriam com suas marcas sociais toda a praça.

Esse contato intenso entre as pessoas deixava expresso que seus espaços não estavam fechados. Ainda que muitas diferenças pululassem de dentro dos rolês, em algum instante as pessoas se abriam para outras possibilidades e que poderia ser a amizade, o romance, o sexo ou o desentendimento. Nesse contexto a fofoca também era produtora de coisas e relações.

De tantas possibilidades, eu presenciei diferentes pontos da praça, ruas e becos converterem-se em lugares onde jogos de gênero eram desenrolados concomitantemente à economia dos corres de maconha¹²⁶, divertimentos, risos, música, dança e conflitos com a polícia e com os moradores imediatos a esta praça.

Talvez irritados por não conseguirem dormir em função da música alta, da conversa e da gritaria, esses moradores acionavam a Política Militar. Havia também os ataques homofóbicos contra diferentes pessoas. Alberto me contou que em uma noite dessas foi surpreendido aos beijos e abraços com outro garoto e desse encontro vieram xingamentos, empurrões e ameaças.

Tudo isto contribuía para a transformação da praça em um palco de guerra em que se sucedia “toda uma série de lugares que eram estranhos uns aos outros” (Michel FOUCAULT, 2013, p. 118). Em suas áleas e diferentes pontos muitos jovens caminhavam de um lado para o outro, enquanto muitos dançavam na batida do funk, do eletrônico ou do sertanejo.

De longe, o que parecia uma confusão de corpos se mexendo era na verdade uma paisagem sonora muita própria de quem frequentava a praça madrugada a dentro.

Por toda a extensão de tempo dos rolês, os lugares da praça “reuniam experiências e histórias, mesmo línguas e pensamentos” (Edward CASEY, 1996, p. 24) que se dividiam, se

¹²⁶ Me refiro à venda de pequenas quantidades de maconha. Ação realizada por alguns frequentadores da praça que faziam a ponte entre os traficantes e os consumidores. Esta ação acontecia cotidianamente e durante todo o tempo dos rolês.

distinguiam e se multiplicavam. No tempo dos rolês, os cheiros de centenas de perfumes se misturavam ao cheiro exalado pelas bebidas, como o *mé*¹²⁷, Corote ou cerveja.



Desenho 42 - As heterotopias dos rolês ou quando “você viaja no rolê”. Fonte: Diários de campo de 2017 até 2019.

Nos bares localizados nas ruas Maximiano Mendes e Moretti Foggia muitas pessoas tomavam suas caipirinhas, cervejas, ou doses de pinga com murici ou mutamba. No bar do Primo era possível encontrar Kênia e Perla se esbaldando em doses de opinião seguidas por fatias de limão com sal e largas caretas, combinação da bebida e o azedo cítrico do fruto.

Ao mesmo tempo no bar da Lua Armando, Jéssica, Jenifer e Rodrigo riam e cantavam sertanejos enquanto Jéssica os desafiava a tomar mais uma Itaipava. Segundo eles essa cerveja “fazia qualquer um cagar sem o cú saber”. De fato. Experimentei e não foi diferente do que disseram. Precisei tomar remédio para cortar a desinteria.

Já alcançando o fim da madrugada o interior da praça e os bares que seguiam abertos pertenciam a esses jovens e que faziam de tantos espaços os seus lugares de experimentação, de consolidação de desejos e de reinvenção de suas identidades. A ida ao Coreto nesse instante não era meramente uma ação para o entretenimento, era sim parte fundamental da constituição dessas pessoas, era parte de sua identidade. Os rolês no Coreto eram produtores de outros significados para jovens que durante o dia eram filhos, estudantes e trabalhadores. Ali eles sonhavam e exteriorizavam suas heterotopias, muitas delas guardadas no interior de si mesmos. Os rolês eram espaços para a reinvenção de si, para ser outros e ambiente de percepção de si.

¹²⁷ Mé é uma bebida manipulada a partir da mistura de suco com sabores diversos diluído em água gaseificada e misturada em vodca. É consumido gelado e acompanha-o limão e sal. Em alguns lugares notei que misturavam sal com canela. As pessoas tomavam o mé ou doses de outras bebidas e em seguida misturavam o limão ao sal com canela e levavam até a boca para cortar o gosto forte de álcool.

CAPÍTULO V

“VAMOS PRO CORETO”: GÊNERO E SEXUALIDADES NOS ROLÊS



Desenho 43: Os rolês no Coreto, FICA de 2018.
Fonte: Diário de Campo, de junho de 2018.

“– Vamos pro Coreto?!”
“– A gente se encontra no Coreto.”
“– Às 22 horas no Coreto.”
“01 hora da manhã, já estava dormindo e o telefone tocou...
– Alôoooo!
– Paulo desce pro Coreto, tá rolando um rolê massa aqui.
– Tá bem, tô descendo.”
(Diários de campo de 2017 até 2019).

Posicionado dentro dos rolês realizados na Praça Leopoldo de Bulhões, ao redor do Coreto e já em amplo diálogo com seus frequentadores os convites para ir até esse espaço e para ir em festas realizadas em outras localidades de Goiás se tornaram muito corriqueiros.

Geralmente esses convites aconteciam por mecanismos digitais (mensagens de *WhatsApp*,

Instagram ou *Facebook*) ou eram feitos mediante chamadas de voz em meu número de telefone. As justificativas para ir até o Centro Histórico sempre se relacionavam a algum “rolê massa”, algo que queriam me contar, uma fofoca que queriam fazer ou algum encontro que haviam

marcado ao redor do Coreto a exemplo da reunião para beber no bar Lua do Cerrado em março de 2017:

Na proximidade do fim de semana o telefone não parou de notificar mensagens em meu *WhatsApp*. Já era sexta-feira e o ciclo semanal alcançava seu fim. Era chegado o tempo do lazer, do divertimento e do descanso. Foi então que ao olhar as notificações percebi que meus interlocutores haviam marcado um rolê no Centro Histórico, para o sábado, a partir das vinte e três horas da noite.

Convidado por Joice a me juntar a Deborah, Armando, Arthur, Ester e Fabiana e irmos juntos em um bar localizado na rua Maximiano Mendes, ao lado da praça Leopoldo de Bulhões, aproveitei para sentir a atmosfera da praça naquele horário, falar com outras pessoas e conseguir novos interlocutores para a pesquisa.

No sábado, entre as vinte e uma e vinte e duas horas, me dirigi para o Centro Histórico. Desci um pouco antes do combinado na expectativa de observar e conversar com algumas pessoas que a este horário já estavam ali caminhando pela praça. A partir das vinte e duas horas Alex e Alisson já se encontravam sentados na área próxima ao bar da Lua junto de outros jovens com cabelos coloridos e *Black Power*. Ali todos eram negros e tinham longos cabelos, com exceção da namorada de Alex, a Manuelle, mulher branca, com cabelo cortado bem baixinho e pintado de azul.

Nesse tempo todos, inclusive Alisson, já bebiam uma selvagem e fumavam “o cigarro mais barato que conseguiram encontrar naquela noite”. Um mesmo cigarro passava de mão em mão por toda a roda até que todos dessem a sua tragada. Me aproximei para cumprimentá-los e fiquei ali conversando até o horário em que iria me encontrar com os outros.

Alex me chamou para sentar ao seu lado, me olhou e disse que eu estava muito cheiroso. Agradei e me sentei. Ele ficou me encarando por um instante como se quisesse dizer alguma coisa, mas logo desviou o olhar em função de um cutucão de sua namorada. Depois me contou que também ficava com homens, mas que sua namorada não gostava muito. Segundo ele tudo dependia da sua “vibe” e do rolê.

Sem me olhar diretamente ele perguntou alguma coisa sobre os rolês do fim de semana e emendou dizendo que “rolê bom mesmo eram os da praça do Coreto”. Segundo ele todo mundo se encontrava no Coreto e ele não saía dessa praça. Todos ali concordaram com ele e Alisson completou dizendo que ainda podiam terminar no “forrozinho” do Morro. Ao dizer isso Alisson se voltou para mim e ofereceu a bebida de seu copo. Tomei um pouco para não o desagradar e perguntei o que ele faria nessa noite. Ele me respondeu que ficaria ali, junto de seus parceiros, para ver o que rolaria.

Alisson era um rapaz baixinho e gordinho, negro, de cabelos longos e cacheados. Estava sempre na praça e todas as vezes que me encontrava fazia questão de conversar comigo, me falar de seus rolês e conseguir companhia para uma noitada na praça ou no Morro.

Ainda puxei conversa com os outros da roda e combinamos de nos encontrar em outra oportunidade, pois para essa noite eu já tinha um compromisso ali no bar da Lua. Olhei no relógio e como já marcava

vinte e três horas me despedi de todos e me retirei para encontrar Joice e os demais.

No horário marcado caminhei até o bar da Lua e me encontrei com todos que já estavam ali sentados e bebendo um litrão de Itaipava. O contraste social em relação ao grupo que deixara lá na praça era evidente. Na mesa do bar e bebendo algo relativamente mais caro que um litro de selvagem, todos eram brancos e de classe média. Para além disso faziam questão de demarcar essa diferenciação, embora acredite que lhes faltasse consciência em torno do quanto contribuía – involuntariamente – para a exclusão social no instante que reforçavam diferenças de status entre quem se sentava na praça, principalmente em espaços paralelos as ruas Maximiano Mendes e Tasso de Camargo, e quem tinha condições financeiras mínimas para se sentar em um bar, tomar uma cerveja e ser servido por alguém. O contraste social dentro da praça, entre a praça e os bares era visivelmente percebido.

Este bar se localizava entre uma farmácia e um sobrado onde funcionava um escritório de contabilidade e só tinha uma porta de acesso. Era administrado por um jovem casal e seu filho, um jovem adolescente, auxiliava na venda de doses.

Veza ou outra notei que os amigos mais próximos desse jovem recebiam um tratamento privilegiado. De acordo com a amizade as doses de licor eram aumentadas sem que se alterasse o preço. Só percebi isto porque fui levado até o interior do bar para tomar uma dose oferecida pelo jovem.

Durante a noite enquanto estava ali sentado e conversando com o grupo que me havia convidado para sair fui reconhecido por Trícia que passou perto de onde eu estava. Ela se aproximou, cumprimentou todos da mesa e se voltou para falar comigo. Comentou que eu havia sumido e me chamou para tomar uma dose de gabriela com ela.

Fui com Trícia até o interior do bar e lá vi que em função de sua amizade com o filho dos donos do bar ela recebia um tratamento diferenciado dos demais clientes. A sua dose e a minha foram dobradas sem o aumento do valor. Entre um comentário e outro percebi que os dois trocavam dádivas. A amizade entre os dois era convertida em doses de licor. Isto fazia do bar da Lua, no momento em que essa jovem ali estava, um distribuidor de dádivas.

Meio tontos saímos do bar e Trícia se despediu de mim para voltar para seu grupo de amigos no lado da praça paralela a rua Moretti Foggia. Nos abraçamos e marcamos de sair em outra oportunidade.

De volta para a mesa eu me sentei novamente com os meninos e pedimos mais uma cerveja. Como já havia tomado duas doses de licor na companhia de Trícia e não gostava muito de cerveja fiquei ali conversando e observando o movimento de gente na praça do Coreto.

A esta hora um karaokê havia sido montado na calçada próxima ao bar e frequentemente alguém bastante bêbado se arriscava em uma palhinha no seu microfone. À medida que entrávamos madrugada adentro e que todos ali na mesa já estavam bastante alcoolizados vi que as meninas se sentiram à vontade para pegar o microfone do karaokê e se arriscar em uma música.

Joice, Deborah, Ester e Fabiana interpretaram *Paredes* de Jorge e Matheus. Nesse momento verifiquei que Armando olhava Deborah da cabeça aos pés e Arthur encarava Joice.

Não quis interferir na contemplação dos dois. Mas percebi que se não havia um envolvimento afetivo entre eles pelo menos está era uma



Desenho 44: *WhatsApp, Instagram, Facebook, beijos, bocas e os rolês.*
Fonte: Diários de Campo de 2017 até 2019.

expectativa tanto de Armando quanto de Arthur e que aquele rolê era um pretexto para suas deixas quixotescas e para uma tentativa de conquista.

Um ano depois desse evento, quando já conhecia melhor a intimidade de cada um desses jovens, descobri que Armando e Deborah chagaram a se envolver, mas que por razões relativas a dúvidas em torno da sexualidade o relacionamento não engrenou. Armando era alvo de muita fofoca relativa à sua orientação sexual e Deborah parece ter contribuído para o fortalecimento dessa desconfiança quando reforçou comentários. Ela fez fofoca com algumas pessoas da cidade. Isto contribuiu para que os dois rompessem e que a sua relação de amizade com os demais componentes desse grupo fosse igualmente comprometida.

Já Joice e Arthur tentaram se envolver, mas seu rápido relacionamento não passou “de uma ligeira ficada”. Logo cada um seguiu seu próprio caminho e esse grupo terminou por se rachar em outros grupos. Pessoas se afastaram e outras se aproximaram.

Conforme o registro de campo, os combinados estabelecidos por meio de mensagens no *WhatsApp* se relacionavam sempre à montagem de grupos que se encaminhariam, todos juntos, até o Coreto; ou que tinham por objetivo estabelecer um ponto dessa localidade e um horário para que todos ali se encontrassem e permanecessem juntos ao longo dos rolês. Para além da diversão, a montagem desses grupos buscava oportunidades de engajamentos afetivos e sexuais. Muitos ali queriam gozar os rolês, beber uma, conversar e rir, mas também desejavam beijar na boca e fazer sexo.

O horário combinado para os encontros era sempre entre as 22 e 23 horas da noite. Nesse momento, como descrito no capítulo anterior, a praça já estava dominada por vários grupos juvenis e a paisagem visual e sonora que aí se montava era outra, muito diferente daquela que se observava durante o dia.

Os anteriores frequentadores haviam sido substituídos por jovens de diferentes idades, origens e marcas sociais. A maioria das pessoas adultas e velhas haviam ido dormir ou no mínimo tentariam adormecer ao som de *Cheguei*, de MC Ludmilla e de sua letra “afrontosa”:



Desenho 45 – “Se não gosta, senta e chora” porque eu cheguei.
Fonte: Diários de Campo de 2017 até 2019.

Cheguei (cheguei)
Cheguei chegando, bagunçando a zorra toda
E que se dane, eu quero mais é que se exploda
Porque ninguém vai estragar meu dia
Avisa lá, pode falar

Que eu cheguei (cheguei)
Cheguei chegando, bagunçando a zorra toda
E que se dane, eu quero mais é que se exploda
Porque ninguém vai estragar meu dia
Avisa lá, pode falar

Que eu cheguei com tudo
Cheguei quebrando tudo
Pode me olhar, apaga a luz e aumenta o som
A recalcada pira
Falsiane conspira
Pra despertar inveja alheia eu tenho dom

Se não gosta, senta e chora
Hoje eu tô afim de incomodar
Se não gosta, senta e chora
Mas saí de casa pra causar

Em tempos comuns, os rolês seguiam relativamente a dinâmica semanal expressa no item anterior e no relato de campo de março de 2017. Somente em grandes festas, como o FICA, o Carnaval e a Semana Santa, é que se alteravam profundamente, deixando de ter um horário fixo, expandindo-se para todo o dia e a noite. Isto era um verdadeiro pesadelo para alguns moradores.

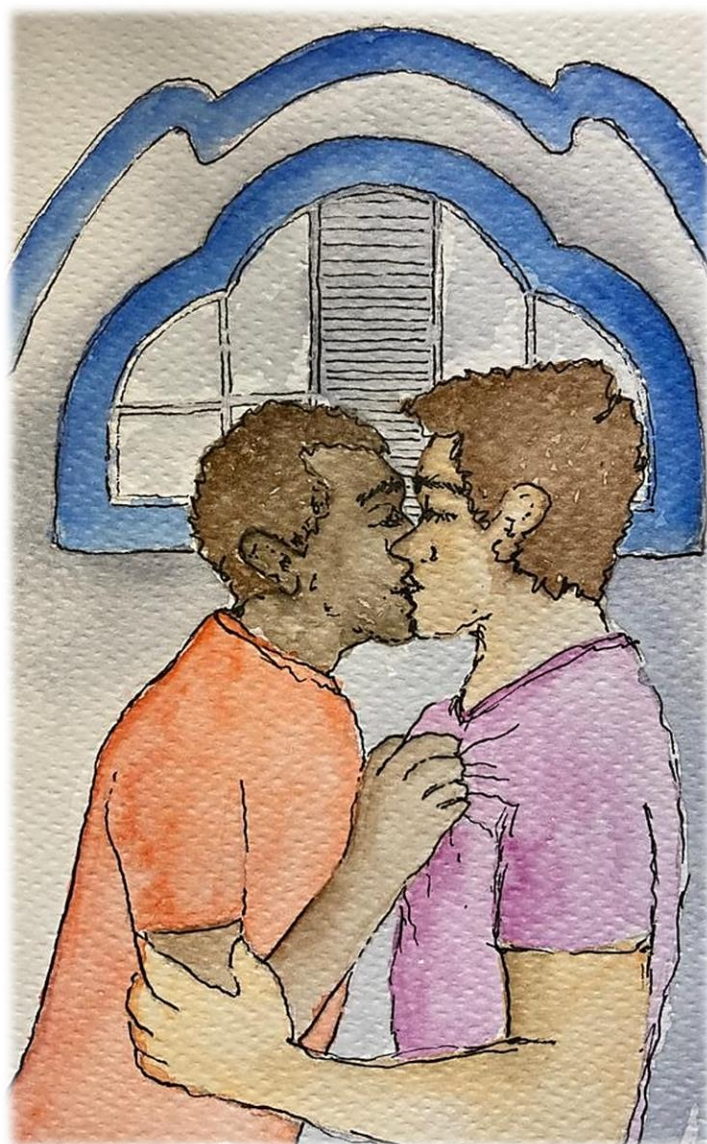
Com a praça transformada em ponto de encontro, em ambiente para rolês ou em uma referência para outros rolês me pus a questionar sobre como se davam os relacionamentos de gênero, de que forma os jovens experienciavam a sua sexualidade e como desafiavam normas da sociedade no anseio de colorir suas trajetórias, sentir outros cheiros e ter novos prazeres.

Consciente de que em Goiás a sexualidade era uma marca social relativamente fluída, pelo menos entre meus interlocutores. Algo que se encontrava em processo e que poderia impactar nas relações de gênero. Então, me coloquei a disposição para ouvir, ver e escrever sobre os engajamentos afetivos e sexuais de quem estivesse à vontade para me contar suas experiências.

Deste modo, frequentemente eu era surpreendido por narrativas e informações que faziam minhas prévias concepções de gênero e de sexualidade virarem de ponta a cabeça. Aquilo que lera e que estava cristalizado em narrativas teóricas serviam apenas como espécies

de arquétipos de pensamento que eu levava para o campo e que ali via serem cotidianamente trincados por novas formas de expressividades corporais, de sexualidades e de relações de gênero. De repente o “hétero” estava beijando outro “hétero”.

Grande parte da literatura em torno dos debates de gênero e de sexualidades não se aproximavam muito do que eu vira em Goiás. Conforme apontado anteriormente, os estudos sobre as sexualidades e as relações de gênero em regiões descentradas (cidades pequenas e de interior) abriu a cortina para ver a encenação de engajamentos coletivos impensáveis para esses lugares. Em Goiás, como no Pará ou em São Paulo, a coisa toda era “para inglês ver”, conforme dissera Peter Fry (1982) em torno da construção da homossexualidade no Brasil. E porque não



Desenho 46 – “Cara eu nem podia imaginar que eles se pegavam. No rolê a gente topa tudo e experimenta coisas novas” (dois homens se beijando no Coreto).
Diários de Campo de 2017 até 2019.

das mais diversas formas de expressão da sexualidade no Brasil, já que as ideias estavam fora e dentro do lugar o tempo todo? Em Goiás bastou uma maior aproximação para eu ter uma melhor compreensão de que “de perto ninguém era normal” (Mirian GOLDENBERG, 2011).

Muitos de meus interlocutores que de início afirmavam a heterossexualidade de repente se viam confusos por sentirem atração por pessoas do mesmo sexo. Alguns diziam ser bissexuais, mas mantinham apenas relacionamentos homoafetivos e outros tinham os seus engajamentos sexuais com pessoas de mesmo sexo descobertos e “desmascarados” pelas redes de fofoca dentro dos rolês e em meio à praça do Coreto.

Em várias situações de campo, eu testemunhei e escutei sobre como o “falocentrismo nosso de cada dia” poderia ser ovulado por narrativas fora da ordem considerada socialmente normal. Nesse contexto eu e vários de meus interlocutores assistíamos cotidianamente “os ovos prosaicos” colocados em ninhos de regras sociais chocarem fênix que não imaginávamos como seriam (Donna HARAWAY, 2004). Isto porque as identidades em meu campo de pesquisa brincavam de esconde-esconde.

O gênero estava em um contínuo fazimento e a sexualidade era por vezes borrada como a tinta de minhas aquarelas. Bastava que eu colocasse mais água para que a imagem final – se é que esta existe – se tornasse outra. A sexualidade de pessoas expressada em vários lugares e âleas da praça do Coreto estava sob a influência das experimentações sociais de meus interlocutores e o gênero aí mudava à medida em que mudanças sociais e econômicas (Henrietta MOORE, 1994; Joan SCOTT, 2008) se desenhavam nas trajetórias dessas pessoas.

De repente, eu via jovens declaradamente heterossexuais se engajarem em relacionamentos homoafetivos, pessoas declaradamente gays se engajarem em relacionamentos heterossexuais. Alguém extremamente conservador era surpreendido transando em um beco ou superava seus sentimentos de culpa incutidos por uma educação cristã, tornando-se em sujeito de desejos e disposto a fortes pegadas, beijos, mordidas, chupadas, gemidos e gritos em espaços públicos e becos.

Algumas vezes, durante um cumprimento ou um abraço, eu era convidado, na intimidade do gesto, para algum “esquema a dois”. Isto acontecia durante abraços seguidos por uma passada de barba em meu pescoço e o balbucio: “queria te beijar”. Mas também acontecia frequentemente em apertos de mão. Várias vezes alguns jovens cutucavam a palma de minha mão com seu dedo indicador e me davam uma piscadela seguida por um “carão” e o fatídico convite: “bora ali prá gente se pegar”. Conforme indicado por vários de meus interlocutores ali na praça do Coreto e nas festas havia muitos “jogos de sedução entre as pessoas”. E isto “vinha de quem a gente menos imaginava”, era deste modo que meus interlocutores gostavam de descrever certos engajamentos afetivos ali no Coreto.

Nesse contexto, o sexo em público não necessariamente estava relacionado ao interesse por exibicionismos, mas sim em uma forma outra de reinvenção da intimidade afetiva e sexual das pessoas que ali se posicionavam. Por vezes, eu era integrado na reinvenção de intimidades. Alguns casais de jovens me relatavam suas aventuras sexuais, me chamavam para vê-los, me convidavam para rolês, me enviavam vídeos, fotos e pediam que eu os desenhasse. Eles queriam compartilhar comigo as suas aventuras, queriam expô-las nesta tese, mas cuidavam para que eu

garantissem a sua anonimidade e a intimidade que compartilhavam apenas comigo. Se ninguém saberia quem estava contando suas aventuras a identidade social desta pessoa estava protegida.

Sobre isto a narrativa de Edina conta um pouco acerca de suas novas dimensões de intimidade costuradas entre a praça do Coreto e a rua Felix de Bulhões:

Diário de campo de novembro de 2018.

Paulo, a gente se conhecia já tinha um tempo. Meio que namoramos no passado, mas não rolou como eu queria. Porém sempre que a gente se encontrava a coisa rolava... sabe? Eu vou te falar o nome dele, mas você não pode contar pra ninguém. Você também vai trocar meu nome aí né?! Beleza então, tô confiando em você porque super te recomendaram.

Foi o seguinte. Nos encontramos no Coreto em um desses feriados e aí ficamos bebendo até umas três da manhã. Eu e ele queria fazer sexo, mas o tesão era tanto que não aguentamos esperar até chegar em casa ou ir para um motel. Como a praça estava vazia a gente se pegou ali nos bancos que ficam debaixo do pé de cajazinho e como a coisa esquentou subimos para a rua Félix de Bulhões. Vou te contar um negócio, eu gosto de “sexo bruto”, de pegada, de uns tapas e ele também gosta de algo assim.

Nós dois ficamos ali naquelas entrâncias do Canta Galo um tempo e como a coisa esquentou muito um morador achou que ele estava me agredindo. Paulo foi uma bagunça. O velho ligou a luz, abriu a porta e surpreendeu a gente agarrado. Foi um trabalhão convencer ele de que a gente só “estava conversando”. Ele queria chamar a polícia (risos). Foi tensa a coisa, mas a gente não parou. Subimos pro Chafariz e lá menino o negócio foi bom demais...

As narrativas de Edina e a de outros de meus interlocutores exigiram que me afastasse de esquemas de pensamento muito recorrentes, pois as aventuras sexuais dessas pessoas eram atravessadas por experiências sociais localizadas, influenciadas por traços familiares e institucionais muito circunscritos à sociedade goiana. Claro que essas pessoas eram muito influenciadas por recursos midiáticos, por conteúdos digitais e pelas redes sociais, mas em Goiás tudo isto adquiria novas formulações, muito adaptadas ao seu espaço e tempo.



Desenho 47 – O Morro (da entrada ao bar).
Fonte: Diário de campo de 2017.

aparentavam um incômodo com o rótulo e sempre deixavam uma brecha para possíveis engajamentos homoeróticos. O momento oportuno faria do desejo uma realidade, eles me diziam algo assim sobre os rolês.

Até Breno, que se afirmava gay, por vezes me relatou ter ficado com mulheres. Segundo ele e outros interlocutores, tudo “dependia do rolê”, nada “estava fechado” e muito menos pronto e acabado. Parece que a ideia entre essas pessoas era não permitir que sua sexualidade fosse cristalizada e que seu gênero fosse aprisionado em universais considerados normais.

Diante dessas informações, considereei que quase nenhum dos jovens se sentiam à vontade com os vários rótulos determinados pelas instituições da sociedade. Eles nem mesmo

Durante as noitadas de rolês e festas, eu já havia percebido que entre os frequentadores da praça do Coreto existia uma grande dificuldade em delimitar uma identidade de gênero e orientação sexual. Mas isto não se relacionava a um possível desconhecimento do tema e dos termos adequados. Muitos ali não queriam ser rotulados em função de preconceitos e estigmas que tanto eles quanto a sociedade local dispensavam a pessoas que afirmavam uma identidade X ou Y. Edina não se decidira até o momento em que conversamos entre homens e mulheres. Gostava “muito” de fazer sexo com homens, “adorava levar uns tapas” e ser “chamada de cachorra e de vadia”. Mas também beijava algumas “meninas sempre que possível”.

Pouquíssimos afirmavam ser gays, embora aparecessem nas redes da fofoca e no de boca em boca mantendo relações homoafetivas. Outros preferiram dizer que eram bissexuais. Ainda houvera aqueles que, mesmo afirmando-se heterossexuais,

se importavam por saber quais as suas marcas de classe ou raça, com exceção de Alex, Breno, Alisson e Alberto. Esses também adoravam revelar para mim os “caras casados” “machões” e “falsos héteros” que estavam, ou “comendo”, e/ou “dando”. As vezes quando saía com eles era comum me cutucarem, apontar e dizer: “tá vendo aquele cara ali?! Então eu comi ele. Pensa um homem gostoso. E como ele geme bonito”. O garoto passava e era impossível não olhar. Um ou dois anos depois o sinalizado garoto saía do armário e lá vinha um dos meus interlocutores dizer: “tá vendo, eu tinha certeza que ele era gay. Demorou, mas saiu. Poxa queria ele de novo”.

No que tangencia as marcas de gênero e de sexualidade, estas eram sempre pautadas pelo nomadismo e se aproximavam muito de seus entendimentos dos rolês: qualquer festa, reunião de pessoas em horários e lugares oportunos. Os rolês eram encontros e desses encontros muita coisa poderia acontecer. Eles poderiam ser outras coisas e fazer coisas diferentes.

Na praça, ao redor do Coreto e por suas redondezas, as pessoas e os lugares se transformavam em outras coisas. Nos rolês quase tudo era transitório e parecia estar em devir¹²⁸. A maioria dos frequentadores nutriam um gosto pela fluidez e pelo que poderiam ser no instante dos rolês. Eles eram algo à medida em que os rolês se desenrolavam e os seus lugares aconteciam conforme os encontros entre diferentes pessoas se concretizavam pelo espaço.

Os rolês da praça do Coreto se convertiam em entidades vivas. Eram produzidos cotidianamente e por resultarem da agência de tantas pessoas tinham estéticas múltiplas que se atomizavam em cada uma das pessoas que ali se divertia ao longo da noite. O espaço enchia-se de lugares e estes eram tecidos à medida em que as pessoas deixavam soltas as linhas de suas marcas sociais, de seus desejos, emoções e propósitos.

Uma vez nos espaços e por todos os lugares da praça os seus frequentadores reinventavam suas intimidades, evidenciavam seu gênero e sexualidade através de expectativas, diferentes expressões corporais e discursivas, por meio da produção de sentidos de lugar¹²⁹ que se deixavam marcar socialmente. No tempo dos rolês o espaço virava micromundos constantemente imaginados e atualizados. Ou as vezes invadidos pela fofoca e revelados.

¹²⁸ Devir é compreendido aqui como “um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a ‘parecer’, nem ‘ser’, nem ‘equivaler’, nem ‘produzir’” (Guiles DELEUZE e Félix GUATARRI, 1997, p. 16).

¹²⁹ Me refiro a topofilia como os “laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107) e que evidentemente não são afetos atrelados aos lugares pura e simplesmente, são sim laços que se “diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão” (p. 107). Intimidade e sentidos do lugar são compreendidos por uma grande familiaridade com o espaço e seus lugares, um conhecimento garantido graças aos sentidos, sensações e estímulos produzidos pela visão, olfato, paladar e tato. Na situação em questão a experiência baseia-se nos sentidos produzidos em torno dos lugares e com os lugares. Estes sentidos que permitem a produção de intimidades, as mesmas que sustenta as topofilias.

À medida em que os escutava, observei que o gênero e a sexualidade não se evidenciavam apenas em cenas de sexo explícito, mas através de olhares, gestos, toques e comentários. Em função disso fui me preocupar com os leques de simbolismos sexuais, com os propósitos e as expectativas que direcionavam a atenção desses jovens para o Centro Histórico de Goiás, para a praça, os bares e outros lugares da cidade que reuniam muitas pessoas.

Em princípio, a centralidade do Coreto para os rolês se dava em função das possibilidades de algum envolvimento afetivo e sexual, em razão das festas e da reunião de muita gente em um só espaço. Tudo isto fazia agitar as expectativas entre muitas pessoas. De acordo com muitos jovens: “quase todo mundo se encontrava no Coreto”. Mas também em bares próximos, como o bar Lua do Cerrado, do Cajá, o Jesus bar e o bar do Primo.

No rolê do bar Lua do Cerrado, eu testemunhei trocas de olhares, recebi as encaradas de Alex, observei gestos, toques e balbucios. Tudo isto era indicativo do quanto os bares próximos à praça do Coreto eram importantes para os encontros, reuniões e as sociabilidades juvenis. Esses pontos de encontro e de sociabilidade eram significativos para a realização de expectativas projetadas muito antes dos rolês.

Esse registro de campo me ofereceu informações importantes acerca da centralidade do Centro Histórico, principalmente da praça, para rolês em que jovens buscavam oportunidades ímpares para viver novas experiências, fazer amigos, se divertir, conhecer gente nova e até se conhecer melhor.

Meus interlocutores informaram posteriormente que o Coreto e os bares eram lugares adequados para encontrar pessoas, conhecer gente nova e se relacionar. O grupo de Armando deixou bastante claro que ficar no bar era como davam forma e contorno à sua geração.

Considerados mais velhos (“mas não tão velhos”), eles não se sentiam muito entrosados nos rolês dentro da praça do Coreto e por isso optavam pelos bares. Todavia queriam estar pelo menos ali por perto, até porque todo aquele espaço permanecia coberto por uma fama de festividade e só ali haviam possibilidades de diversão e de encontros em Goiás.

Esta lógica era muito parecida entre outros grupos de jovens com os quais conversei, mas que por trazerem outras marcas de gênero, raça e de geração, se sentiam melhor encaixados nos rolês dos bares do Morro do Macaco Molhado ou do Postão.

O Morro, localizado na travessa São Paulo, e em região já considerada periférica – um caminho para acessar bairros como o Rio Vermelho e o Aeroporto –, era compreendido como um ponto de encontro exótico e que reunia em dias de festa, principalmente após as três da madrugada, turistas, universitários, pessoas mais velhas, aquelas interessadas em

relacionamentos homoafetivos e no famoso “F1” (fumar um – fumar um cigarro de maconha). Muitos gostavam de se referir ao Morro como um ambiente mais alternativo.

Em uma noite de FICA, em 2017, Alisson me apresentou um grupo de jovens frequentadores do Morro e que ali se reuniam para “F1”¹³⁰. Logo depois da rampa, quando o caminho se abria em um pequeno largo cheio de casas e antes de entrar no corredor estreito que dava acesso ao bar, sete pessoas se sentaram no chão para “fumar um”.

Alisson se juntou a eles e me chamou. Mesmo não fumando, fiquei ali com ele. Me sentei no chão, do seu lado e ficamos conversando com as pessoas que aí se reuniram. Todos estavam na Praça de Eventos e depois do show vieram para o Morro. Um jovem que conversava com Alisson me disse que “rolê bom sempre terminava no Morro”. Os outros concordaram.

Já o Postão tinha variação de público. Era um bar e um ponto de trânsito por conta de ser um posto de gasolina localizado na rodovia Raul Caiado Fleury (a GO-164) e por abrigar uma lanchonete. Por esta razão além de viajantes, os seus frequentadores eram,



Desenho 48 – “Os carnavais daqui são os melhores”. Fonte: Os rolês de carnaval em Goiás. Diários de campo de fevereiro de 2019.

em grande maioria, pessoas mais velhas ou jovens que desejavam aparentar certa maturidade.

¹³⁰ Expressão ou gíria muito comum para se referir ao consumo recreativo de maconha em Goiás. F1 significa “fumar um” ou “fumar um beck”.

Alguns interlocutores, principalmente aqueles entre 23 e 24 anos, sempre se referiam ao Postão como uma alternativa de rolê, pois se sentiam “muito velhos” para o Coreto.

Também havia outros jovens com os quais conversei e que faziam do Postão um marcador de seu envelhecimento e amadurecimento.

Jenifer e Franciele, duas jovens que frequentavam o Coreto, gostavam de dizer que o rolê da praça do Coreto “estava ficando chato”, que tinha “muito novinho” e elas estavam “muito velhas para pegar novinhos”. Ainda completavam que seu “tempo de vodca com suco” já tinha passado e que na altura de seu envelhecimento o “figado só aguentava cerveja mesmo”.

Mas como o rolê começava quase sempre no Coreto, transitava para o Morro, o Postão, alguma república universitária e retornava ao seu ponto inicial, eu sempre voltava para o Coreto.

De volta à praça Leopoldo de Bulhões, fosse durante o dia, ou, pela madrugada, à medida em que conheci outras pessoas e com elas conversei fui informado que o Centro Histórico era um ponto de encontro de “gente bonita, interessante”, que “queria se divertir e curtir a vida”, mesmo que para isso “fosse preciso correr alguns riscos”.

Durante as festas realizadas em Goiás e que ocorriam quase sempre no Centro Histórico e na praça Leopoldo de Bulhões, era possível ver gente do mundo inteiro e isto, além de oferecer infinitas possibilidades para seus frequentadores, criava neles múltiplas expectativas e desejos. Isto contribuía para fortalecer a fama atribuída a Goiás de “lugar das melhores festas” e atraía para a cidade muitos jovens de diferentes pontos do estado de Goiás e do Brasil.

Considerada uma cidade cinematográfica, um ponto de parada para turistas e palco para muitas festas a cidade de Goiás acabava se transformando em lugar onde o rompimento de comportamentos, de regras e normas era bastante costumeiro.

Por esta e outras razões muitas pessoas – não tão somente jovens – procuravam a cidade para se divertir e fazer algo de diferente do convencional.

Perla, por exemplo, morava em Goiânia e sempre ficava hospedada em uma casa no distrito do Bacalhau, localizado a cinco quilômetros da entrada da cidade de Goiás. Em períodos de festa ela caminhava a pé até o Centro Histórico de Goiás. Só este percurso dava uma distância de quase dez quilômetros percorridos por noitada de rolê.

Perla me contou ser aqui em Goiás onde estavam todos os seus amigos. Era nessa cidade em que “aconteciam as melhores festas” e era onde viviam os “meninos” que desejava beijar e com os quais esperava fazer sexo. Ela não se importava em qual lugar transaria, desde que fosse com algum dos “meninos” por ela desejados o sexo poderia ocorrer até em uma praça, como

fez no carnaval de 2018, no amanhecer da quarta-feira de cinzas. Segundo me contou “mesmo sendo assistida por uma velhinha, foi um dos melhores sexos que havia feito na sua vida”.

Além de Goiás concentrar a atenção de muitas pessoas e ser palco para o encontro de muita gente de diferentes localidades, para Perla Goiás tinha também um valor sentimental e que despertava nela muitas emoções. Perla mantinha laços de afeto com a cidade e com muitas pessoas que aqui viviam. Goiás despertava nela desejos e uma “libido por sexo que não sentia em Goiânia”. Em Goiás ela conseguia sentir prazer e era satisfeita sexualmente, o que não acontecia em Goiânia: “Paulo eu não encontro ninguém de quem goste lá em Goiânia. Todos os meninos que conheço são até legais, mas têm o pinto pequeno e não sabem transar”.

Alonso, Abner e Adriana, vindos de cidades como Itaberaí e São Luis de Montes Belos, foram enfáticos em me confessar que Goiás oferecia o que na cidade deles não tinha. Para eles Goiás era uma cidade universitária, “jovem” e cheia de possibilidades.

Goiás oferecia múltiplas oportunidades para a sua diversão e criava condições adequadas para que seus anseios afetivos e sexuais fossem satisfeitos. Segundo Alonso em Goiás, especificamente na praça do Coreto, ele “podia beijar qualquer menino” sem se preocupar com julgamentos ou agressões. Abner me lembrou que em Goiás ele podia expressar espontaneamente a sua sexualidade, podia dançar, “podia ser afeminado”, podia beijar e fazer sexo em lugares públicos sem se envergonhar, pois “muita gente fazia a mesma coisa”.

Adriana, muito emocionada, me contou que adorava passar os carnavais e finais de ano em Goiás. Na verdade, ela vinha para Goiás até na Semana Santa. Não vinha para participar dos eventos litúrgicos e religiosos, logicamente, mas sim para as festas que aconteciam paralelamente à procissão do Fogaréu e ao fim de semana que se seguiria.

Segundo Adriana, em Goiás era possível viver a festa sem restrições. Ela podia ficar bêbada sem o risco de sofrer qualquer agressão, pois estava sempre acompanhada e ainda não sofreria com os estigmas sociais que provavelmente veria recaírem sobre ela caso fizesse em sua cidade o que fazia em Goiás. Segundo Adriana em Goiás ninguém, ou quase ninguém a conhecia, logo ela não era facilmente identificada e podia fazer o que quisesse.

De acordo com os entendimentos dessas pessoas, Goiás detinha uma força expressiva e uma energia capaz de tornar concretos os seus sonhos, desejos e vontades. A reunião dessas concepções vestia a cidade com uma fama diretamente relacionada aos grandes festejos, a alegria e à reunião de muitas pessoas. E isto era justificativa suficiente para que tanta gente comemorasse seus carnavais, feriados e finais de ano em ruas e praças de Goiás.

A cidade de Goiás tinha para essas pessoas e para tantas outras com as quais dialoguei ao longo da pesquisa muitos significados relacionados as suas identidades juvenis, seus sentimentos, emoções e alguns desejos muito íntimos. Embora fosse uma cidade velha, durante os rolês e festas a cidade rejuvenescia. Goiás “virava outra”, e seus múltiplos espaços e monumentos tinham usos reinventados como me foi dito por Fabiana:



Desenho 49 – Sexo em ruas de Goiás. Fonte: Diário de campo de 2017

Diário de campo de fevereiro de 2019.

“Quando dei por mim já estava deitada na grama, bem perto da calda do Chafariz, ali do lado dos Correios, e duas pessoas chupavam os meus peitos. Foi um negócio muito louco, mas foi bom demais. Eu tinha bebido muito naquela noite”.

Foi assim que Fabiana descreveu a sua experiência de sexo em lugares públicos da cidade de Goiás em uma noite de FICA, no ano de 2018.

Enquanto o show rolava na praça de Eventos ela e um casal de aproximadamente trinta ou quarenta anos, uma mulher e um homem, haviam se deslocado para a praça do Chafariz.

Era umas três horas da manhã e o lugar estava quase vazio. Havia algumas pessoas dentro do cercado do Chafariz, mas nem isso intimidou os três. Fabiana e o casal se agarravam e trocaram beijos triplos, abraços bem fortes, apertões e puxões de cabelo.

Mãos deslizaram entre um corpo e outro e quando Fabiana percebeu já estava estendida na grama. Sua camisa de botões havia sido aberta e seis peitos foram massageados por línguas que os circulavam de um canto a outro.

Segundo me contou tudo começou na praça de Eventos durante um show. O casal já era conhecido da cidade de onde era natural e sabia que ambos gostavam de coisas “diferentonas”. Eles a encararam e ela devolveu o olhar, se aproximaram, conversaram por um tempo, beberam e mediante olhares, mordidas nos lábios e alguns toques decidiram sair do aglomerado daquela praça em busca de algum lugar mais silencioso e escuro.

Nesta hora o Chafariz era o lugar mais apropriado já que quase todo mundo se encontrava na Praça de Eventos.

Enquanto Fabiana me contava aproveitava para passar suas mãos em meu braço e me olhar diretamente. Ela estava acompanhada por um amigo com o qual me disse também fazer sexo as vezes. Ele confirmou e ao fazer isso mordeu os lábios e gesticulou o corpo como se relaxasse a perna até então mantida cruzada. Ao concluir os detalhes daquela noite me convidou para sair e fazer algo a três. Nesse momento o amigo deu uma gargalhada, me encarou e abriu as pernas. Ela me encarou, colocou as mãos na perna do amigo dela e os dois deram uma risada longa. Eu acompanhei a risada e disse que poderíamos sim sair

para beber algo qualquer dia desses. Ela me disse que ambos tinham aula e me passou seu contato telefônico para marcarmos outras conversas.



Desenho 49 – Breno sendo flagrado. Fonte: Diário de campo de 2017.

Fazer sexo na praça Brasil Caiado, na grama ao lado do Chafariz de calda não era uma novidade para mim. Eu mesmo, em situação anterior a esta pesquisa, já havia me incursionado em aventura semelhante. Realmente a sensação era singular e muito diferente do sexo feito convencionalmente em um quarto fechado e em uma cama.

Administrar a emoção acionada pela transgressão, pelo medo de ser surpreendido por alguém e pelo desejo ativado por olhares, gestos e toques entre os corpos tornava aquele instante uma experiência única entre os envolvidos. Mas situações como essas eram costumeiras entre os frequentadores de rolês ali no Centro Histórico. Não era incomum dobrar uma esquina e dar de cara com casais fazendo sexo em pontos escuros do Centro Histórico.

O sexo em vias públicas, em algum dos becos de Goiás ou em um banco da praça do Coreto não era tão somente a satisfação de um desejo “físico”. O sexo realizado no Chafariz, a exemplo do que me contou Fabiana, produzia uma memória única, de um relacionamento único, em uma cidade única. Todavia, as emoções que esta ação mobilizava eram compartilhadas coletivamente, dotada de significados que permaneciam guardados na memória dos envolvidos.

Além de uma imensa transgressão (que poderia resultar em prisão), o sexo em público¹³¹ quebrava a lógica da cultura heterossexual (Lauren BERLANT; Michael WARNER, 2002), estilhaçava o tabu e a interdição discursiva que juntos contribuem para encobrir a sexualidade, o sexo e o corpo despido em nebulosas e na constante censura (Michel FOUCAULT, 1999).

Em meu contexto de pesquisa (o tempo e o espaço dos rolês) esses engajamentos afetivos e o sexo formava um mundo queer e seus praticantes eram um público dissidente da normatividade heterossexual e vitoriana do sexo.

Cabe a ressalva de que envolvimento sexuais em ruas, becos e pontos turísticos de Goiás dependiam de momentos oportunos. Muitos de meus interlocutores estavam conscientes de que tinham hábitos sexuais dissidentes de uma norma e que por isso mesmo deveriam se utilizar de espaços, “de entradas e saídas, de formas vinculantes não sistematizadas, de horizontes projetados [...] rotas alternativas, obstruções e geografias incomensuráveis” (Lauren BERLANT; Michael WARNER, 2002, p. 242) para nesses pontos reconstruir sua intimidade e consolidar algumas de suas expectativas e desejos.

Para que alguém de fato tirasse a roupa, baixasse a calcinha, a cueca e ousasse ficar em posições que desafiavam as leis da física, como me foi narrado o “sexo do escorregador” praticado na Carioca, eram necessários horários, lugares e ambientes oportunos.

Era preciso uma iluminação apropriada, pontos cegos na arquitetura, sentimentos e emoções que justificassem correr riscos tão altos. Do contrário, caso o evento fosse flagrado, entidades da sociedade vilaboense condenariam duramente os envolvidos, como ocorreu com os banhos nus, a performance de artísticas no rio Vermelho em 2015 e o caso narrado por Breno. “A coisa caía na boca do povo”, potencializada pela fofoca e daí perdia o controle.

No que se refere ao rompimento de lógicas determinadas pela modernidade cristã e pela sociedade burguesa em torno da sexualidade, só em uma única noite Breno, um de meus interlocutores, rompeu com várias dessas lógicas. Além de retirar o sexo da intimidade do quarto, ele rompeu com a heterossexualidade compulsória no instante em que foi surpreendido pela polícia civil fazendo sexo com outro homem dentro de um carro.

O fato de Breno ser surpreendido em flagrante tornou toda a situação ainda mais *sui generis*. Como se já não fosse o suficiente ter sua sexualidade e orientação sexual expostas para um grupo de pessoas desconhecidas, em uma só noite ele precisou explicar que estava fazendo sexo em público com outro homem para o estado de Goiás e para o seu pai.

¹³¹ Falo aqui de engajamentos afetivos e sexuais, com trocas de fluídos e não toda a ampla noção de sexo discutida por Lauren Berlant (2002) e Michael Warner (2002) em torno dos embates entre normatividade, cultura sexual e a cultura queer nos Estados Unidos da América.

Tal situação ocorreu porque seu pai foi convocado para retirá-lo da custódia da polícia civil em razão de ser um conhecido de um dos policiais que fizeram o flagrante. Ele me lembrou que seu flagrante ainda serviu de matéria para muita fofoca em toda a cidade, afinal de contas “estávamos em Goiás né Paulo!”

No momento em que me contou Breno deu boas gargalhadas, mas lembrou que no instante do flagrante foi bastante constrangedor, principalmente porque um dos policiais conhecia seu pai e fez questão de ligar para ele e contar que havia surpreendido seu filho “sendo comido por um cara nos fundos da sede da polícia civil”. E “o cara nem era assumido”.

No momento em que Breno me narrou sobre suas aventuras sexuais e seus rolês em Goiás não demonstrou muito embaraço. Ao contrário dos demais interlocutores e pessoas com as quais havia conversado desde o início ele foi muito espontâneo e tranquilo para me narrar suas aventuras sexuais. Muito tranquilamente, ele me contou situações marcadas por muita sensualidade, por vezes me assediava e me convidava para lhe acompanhar em festas ou para ir aos rolês que frequentava. Ele queria que eu me juntasse a ele em suas aventuras.

À medida em que Breno me narrava suas experimentações, contava sobre suas relações de amizade e me falava dos lugares que frequentava, percebi que os rolês eram mais que engagements sexuais. O sexo em público era um efeito de muitas outras coisas que aconteciam durante as festas e os rolês. Aos poucos, ele e outros interlocutores foram me mostrando como estar dentro do rolê era fundamental para ver tudo o que acontecia lá dentro.

Deste modo, junto do sexo eu deveria observar situações que envolviam a reinvenção da intimidade, a sensualidade, as relações de gênero no tempo dos rolês, as violências e os relatos de violência sexual ocorridas nos rolês desses jovens que comigo conversavam. Confesso que em alguns momentos eu preferiria estar de fora do rolê, principalmente quando precisava registrar relatos de violência de gênero, narrativas de medo ou de constrangimento.

O próprio Breno me alertou que nas noites de rolês ali na praça e durante os períodos de festa poderia ocorrer “muita coisa”. Nem sempre essa “coisa” era boa. Às vezes a “coisa” era difícil de ouvir e de narrar. Segundo Breno, era preciso estar “ligado” para ver tudo quanto fosse possível e ele se colocou à disposição para me informar sempre que pudesse. Ação que colocou em prática na noite em que me chamou para encontra-lo na praça do Coreto em 2018.

Foi em uma madrugada, por volta de uma da manhã. O telefone tocou, quando atendi descobri que era Breno e ele queria que eu o encontrasse no Coreto. Breno parecia querer me dizer alguma coisa, mas apenas me informou que estava “rolando um rolê massa” e que Jorge estava na cidade. Mais que depressa me arrumei e desci para encontra-los.

Realmente esta foi uma noite de grandes descobertas e que me mostraram uma praça bastante diferente daquela que eu estava acostumado a observar. Nesta madrugada, Breno e seu amigo, Jorge, me relataram uma situação de violência sexual enfrentada pelos dois:

Diário de campo de outubro de 2018
01 hora da manhã, já estava dormindo e o telefone tocou...

– Alôoooo!

– Paulo desce pro Coreto, tá rolando um rolê massa aqui.

– Tá bem, tô descendo.

Ainda zonzo e misturando a realidade do convite de Breno com a fantasia que estava vivendo nos sonhos me levantei às pressas, fui ao banheiro, lavei os olhos, dei tapinhas no rosto para despertar, escovei os dentes, vesti as primeiras peças de roupa que consegui encontrar, passei aquele perfume e só cumprido todo esse ritual é que subi na motocicleta.

Depois de muitos elogios passei a me sentir na obrigação de estar sempre cheiroso, afinal era assim que todo mundo se referia a mim ali na praça: “Paulo é cheiroso! Gosto de abraçar você porque a gente fica cheirando tão bem. Que perfume você usa?”

Finalmente parti em direção ao Centro Histórico.

Para Breno me ligar a esta hora só poderia se tratar de algo extremamente importante ou muito chocante. De Breno eu podia esperar qualquer coisa. Ele sempre me contava situações extremas e me levava em lugares animadíssimos. As fofocas que me trazia eram quentes e me auxiliavam na diferenciação entre as aparências e as realidades vividas por muitos frequentadores dos rolês. Fiquei deveras ansioso para escutá-lo.

Deveria se tratar de algo muito importante. Enfim, no prazo que antecedeu nosso encontro eu pensei em um milhão de coisas. Ele se envolvia em situações muito extremas, pelo menos para mim elas eram extremas por demais e eu sempre me chocava com o que ele me contava. Lembro de quando me narrou o sexo que fez no banheiro da Carioca e de como o “cara” que ele “mamou” produziu um vídeo dos dois e postou no *Twitter*.

“Se você quer ver putaria vai pro *Twitter* Paulo. O meu vídeo está lá. Eu estou chupando um pau enorme de um cara casado, aqueles héteros de Taubaté... acho que você deve até conhecer.” Dito isso ele ficava me olhando e mordendo os lábios. Breno é terrível!

Fiquei tentando adivinhar o que ele tinha para me contar, talvez para me preparar e não fazer a recorrente expressão de surpresa. Ele sempre comentava: “Você não transa não Paulo? Uai essas coisas acontecem”.

No horário em que alcancei a praça já não havia muita gente, porém as pessoas que nela estavam me reconheceram e vieram logo me cumprimentar. Alguns me abraçaram, conversaram sobre a pesquisa, me perguntaram coisas, falaram sobre suas aventuras e alguns me fizeram convites para sair em uma outra oportunidade.

Eu conversei com algumas pessoas por um tempo e em seguida informei que precisaria encontrar o Breno, pois este já estava me esperando. Me despedi e saí a procura de Breno.

Quando finalmente alcancei a alea da praça em que Breno e outros jovens permaneciam sentados, aquele ponto próximo da rua Maximiano Mendes, ele veio me encontrar e informou que queria me apresentar para uma galera nova com quem estava bebendo.

Assim que alcançamos o aglomerado de gente fui cumprimentado por Jorge, outro jovem com quem havia conversado logo que iniciei a pesquisa em 2017. Infelizmente como Jorge havia se mudado de Goiás não o mantive como meu interlocutor mais aproximado, a exemplo dos jovens que illustrei nos perfis inserido ao texto anteriormente. Mas ele sempre estava em Goiás e vez ou outra aparecia em meus registros de campo. Conheci as outras pessoas e revi alguns que já conhecia.

Ficamos ali conversando um pouco e eles me ofereceram um copo com selvagem, aceitei e me juntei a eles. Antes do primeiro gole comentei que não tomaria muito por que estava de moto e não tinha muita sorte com esta bebida.

Alex e Alisson, que estavam no grupo, deram gargalhadas e comentaram que bastava uma noite bebendo com eles para eu aprender como não passar mal. Alex me olhou e disse que no último carnaval ele havia bebido quase todos os dias e sempre que era chamado para um rolê ele “estava firme”. Dito isso ele se levantou e ficou do meu lado enquanto Breno e Jorge haviam ido ao banheiro. A namorada de Alex não estava entre o grupo nessa madrugada e ele aproveitou para “tirar casquinha” de mim e de outros dois jovens do grupo. Beijou os dois meninos e me pediu um selinho. Disse que não podia. Ele riu e passou o braço em meu pescoço. Ficamos ali conversando e escutando um funk reproduzido por uma caixinha de som que eles haviam trazido.

No período em que Breno e Jorge se ausentaram eu puxei conversa com os outros jovens que permaneciam sentados no banco. Alex se antecipou e foi apresentando um por um. Ainda disse que eu o estava estudando junto dos rolês da praça. Me olhou novamente e me abraçou. Eu retribuí o abraço, mas logo o soltei para me sentar no outro banco que trouxeram para perto do grupo. Era assim que faziam. Os bancos soltos ou sem parafusos eram carregados de um ponto a outro da praça. Tudo dependia da necessidade.

Fiquei entre eles conversando sobre a praça, as festas, perguntando coisas relacionadas aos rolês e escutando Alex me falar dos corres que ele e outros jovens faziam para garantir a bebida da noite, o cigarro ou outra coisa com a qual pudessem se divertir. Segundo ele quem fazia os corres servia de intermediário na venda de maconha. A pessoa que fazia o corre ficava entre o traficante e o consumidor. Este sempre recebia uma porcentagem da venda ou ganhava uma porção de maconha que podia vender ou consumir.

Perguntei aos demais se curtiam fumar um ou se usavam outra coisa. À medida em que foram se soltando eles começaram a falar sobre seus rolês. Em outras ocasiões havia percebido que o tema relacionado as drogas, mesmo sendo bastante conhecido ali na praça, era evitado ou tratado com cuidado. Segundo ele a polícia “marcava cerrado”. Alguns ainda disseram que tinha muito “policial que curtia fumar um”. Outro comentou no fundo: “hipócritas!”

Ao fim me disseram que na praça “rolava muita droga”, mas que “os traficantes mesmo não ficavam na praça”. Eles ficavam nas imediações e contavam com os jovens dos corres para fazer circular sua mercadoria.

Alguns me disseram que gostavam de usar papel e bala (LSD e ecstasy/MDMA). Segundo eles essas drogas eram mais fortes, porém era preciso tomar cuidado porque elas deixavam a pessoa muito “doida”, “alucinada”. E se a “vibe” não estivesse legal (se referiam ao emocional) era melhor evitar, pois a tendência era que o efeito da droga potencializasse

o estado de humor da pessoa naquele dia. “A parada é a seguinte, se o cara estiver triste com o papel ele fica mais triste ainda”.

Alex interferiu e disse que o “rolê da maconha” era mais de “burguês, classe média”. Todos concordaram com ele. Enquanto os escutava fui tomando a minha selvagem devagarinho e nesse meio tempo Breno e Jorge retornaram do banheiro.

Jorge se sentou do meu lado e contou para todos que já nos conhecíamos desde muito novos, ele bateu a mão em minha perna e me encarou. Todos ficaram nos olhando. Disse ainda que não podia imaginar que éramos gays. “Quem diria hein Paulo!” Dito isso ele me encarou e logo se voltou para Breno. Os dois trocaram olhares como se conversassem alguma coisa. Breno se aproximou do meu ouvido e disse que Jorge queria falar comigo em particular. Sinalizei que poderíamos ir em outro lugar. Alex comentou algo sobre nós três sairmos ao mesmo tempo e nesse momento Jorge interferiu: “Eu vou ter um papo particular com Paulo ali no banheiro”. Todo mundo soltou um: “Uuuu!”

Achei melhor não ficar explicando muito, pois Jorge parecia querer me contar algo sério. Nós três nos levantamos e Jorge me chamou para a rua Treze de maio. Ele e Breno queriam me contar um “rolê muito sinistro” em que se meteram semanas antes de me encontrar.

Enquanto descíamos a rua Moretti Foggia Jorge foi organizando seu palheiro e Breno foi me adiantando algumas coisas sobre o que os dois me contariam. Me falou o nome de dois jovens, os descreveu e perguntou se eu os conhecia. Disse que os havia visto algumas vezes na praça do Coreto e que sabia que os dois tinham um relacionamento.

Breno disse que um desses jovens sempre assediava o Jorge, mesmo namorando. Mas até àquela altura a situação havia sido administrada de uma forma possível por Jorge.

Ao passo em que alcançamos a rua Treze de maio nos sentamos na calçada e Breno comentou que iria no banheiro enquanto Jorge me contava. Entre uma tragada e outra ele disse que semanas atrás ele e Breno haviam ido em um rolê e que ficaram muito doidos, disse que lembrava algumas coisas dessa noite, mas muita coisa havia se apagado.

O rolê era na casa desse casal de namorados ali mesmo no Centro Histórico, próximo do Chafariz. Como já era tarde e tanto ele quanto Breno estavam muito bêbados e “loucos”, o casal ofereceu para que eles dormissem lá mesmo. Os dois consentiram e foram encaminhados para o quarto.

Segundo Jorge até aí estava tudo bem. Eles deitaram cada um em uma cama e apagaram. Porém, tempos depois Jorge sentiu que alguém havia se deitado com ele. Sem entender o que estava acontecendo pensou ser um sonho. Mas não era. Nesse meio tempo Breno chegou e tomou à palavra.

Breno disparou que um dos rapazes havia abusado de Jorge e que ele tinha visto tudo.

Eu fiquei bastante chocado com o relato e com a tranquilidade de Jorge ao me contar toda a situação. Ele descreveu: “o cara baixou minha calça e cueca e me comeu. Eu estava tão doido que só senti a penetração, mas achei que fosse um sonho. Quando Breno acordou e viu o cara já estava terminando”.

Como Jorge estava muito bêbado não reagiu e Breno também não conseguiu ver a ação em tempo para que pudesse reagir de alguma forma.

Eu ainda estatelei os olhos e fiquei encarando Jorge por um tempo até que pronunciei: “Você precisa denunciá-lo Jorge! Imediatamente! Não foi sexo consensual, foi um abuso sexual. Um estupro!”

Breno se antecipou e disse que já havia falado isso para Jorge, mas ele não quis. Tinha vergonha da repercussão do fato e não acreditava que a delegacia de Goiás entenderia aquilo. Segundo ele dificilmente veriam como uma agressão e que fariam o mesmo que o namorado do agressor fez quando foi informado: “ele nunca faria isso gente, conheço meu namorado”. Nós três ficamos em silêncio por um bom tempo.

O relato de Jorge e a forma como ele me contou doeu muito. Doeu porque eu me lembrei de situações de assédio que sofri quando ainda criança, lembrei dos péssimos sentimentos que carreguei sobre a pessoa e de uma culpa que fabriquei para mim. Uma culpa parecida à que Jorge evidenciou no momento em que contou. Ele não verbalizou sentir-se culpado pelo ocorrido, mas seu corpo rígido, os tremores nas mãos, a voz embargada e o fato de não buscar por justiça explicitava uma culpa pelo ocorrido. Algo difícil de compreender, mas eu o entendia, também compartilhava da sua dor e do peso de um silêncio que atormenta.

Confesso que o que Breno e Jorge me contaram nessa noite foi deveras chocante e assustador. Para não dizer bizarro. Meus olhos se encheram de água e um gosto amargo invadiu minha boca. Nesse instante joguei a selvagem que restava fora. O que eles me contaram era inadmissível. Os rolês nesse momento tomaram uma faceta diferente da de diversão. A alegria até então observada na praça dera lugar a tristeza e medo. Realmente tudo podia acontecer... como quando assassinaram um jovem no Coreto. Na época a polícia informou que se tratava de um acerto de contas entre traficantes.

Assim que Jorge terminou seu cigarro ele se levantou e chamou Breno e eu para retornarmos. A frieza dele me deixou espantado. Eu ainda perguntei se ele estava bem. Comentei novamente que deveria reagir a isso, mas ele não quis mais comentar nada sobre o que experienciava semanas atrás. Só se certificou de que eu tinha registrado o que me contou no diário. Ele sempre me falava: “escreve aí tudo que estou te contando”.

Sem mais clima para permanecer ali na praça, enojado com o que ouvira eu disse para os dois que iria para casa, pois até eu precisaria pensar em tudo que haviam me contado. Eles consentiram e me disseram que também iriam logo adiante. Assim que retornamos para o grupo eu me despedi. Alex me abraçou novamente e comentou que estava cedo. Reforçou que a gente precisava marcar nosso rolê. Ele era sempre muito agradável e sedutor. Eu informei que já era três da manhã e que eu precisaria trabalhar. Sinalizei outra despedida com as mãos e retornei para casa. Que noite foi essa...

O que Jorge e Breno me contaram nesta madrugada foi algo bastante difícil de escutar e de narrar. Se havia doído em meus ouvidos cada palavra dita por Jorge, imagino que para ele, ter que lidar com a experiência de um estupro, deveria ser algo extremamente traumático. Todavia ele parecia fazer questão de contar e me pediu que trouxesse o registro nesta tese, embora não desejasse explorar muito o assunto em esferas judiciais.

Infelizmente, Jorge parece ter tentado colocar uma pedra sobre toda a situação e a mim coube respeitar a decisão dele e o silêncio consentido de Breno. Não toquei mais nesse assunto

e Jorge parece ter seguido com a sua vida em outra cidade. Breno permaneceu em Goiás por mais algum tempo e logo se mudou para Goiânia, onde vive atualmente.

De alguma forma compreendo o silêncio que ambos lançaram sobre a noite trágica que me narraram. Acompanhei algo parecido com Perla e Alana no instante em que me contaram sobre os assédios e as situações de violência sexual que experienciaram em seus rolês. No caso de Alana eu acompanhei algumas vezes. Primeiro o caso narrado na república universitário e depois os conflitos com uma outra jovem em razão de ciúmes. Pelo que me foi contado Alana, em um passado não muito distante, havia ficado com o namorado dessa jovem e ela não gostou, desde então ela a ameaçava e uma vez a enforcou em plena festa de virada de ano.

Já o caso de Perla se tratou de uma tentativa de abuso sexual. Sozinha em um carro com outro homem Perla precisou escapar da insistência desse para que mantivessem um relacionamento que não era consensual. Ela já dissera um enfático “não”. Segundo me narrou “se o cara tentasse algo não saberia o que fazer”. Talvez “pulsasse do carro em movimento”. Do mesmo modo, tanto Alana quanto Perla não revelaram isto para familiares e não procuraram por reparação em vias jurídicas, por meio das leis que combatem a violência contra mulheres.

Em todos os casos ficou expressa uma memória envergonhada, uma sensação de culpa e a busca por autocompreensão do trauma que o acontecimento lhes provocou. De certa forma o silêncio destes jovens e a ausência de busca por justiça institucional regia “os processos de significação” e tinha “um estatuto explicativo” (Eni Puccinelli ORLANDI, 2007, p. 61), mas para si e não para a sociedade. Eles silenciaram suas experiências traumáticas para a sociedade e para as instituições que dão forma a esta sociedade, principalmente para a sua família.

E isto muito provavelmente ocorreu em função do estatuto moralista, adultocêntrico, punitivo e culpabilizante (em muitas das vezes) presente nessas instituições. Me pareceu que entre eles/elas era constante a sensação de que tornar públicas as suas experiências seria reviver violências e criar condições para sofrer com novas violências simbólicas: as violências institucionais, os julgamentos e os estigmas sociais.

E isto se deu porque todos esperavam um julgamento injusto das instituições da justiça, do estado e da família. Diante dessa situação optaram pelo silêncio e escolheram guardar seus traumas nos recônditos de si. A necessidade do silêncio aqui parecia ser “fundamento necessário ao sentido” (Eni Puccinelli ORLANDI, 2007, p. 69) que reinstauraram quando aceitaram me contar. Excepcionalmente me narraram experiências muito íntimas. Será que fizeram isto na expectativa de afugentar alguns demônios que os assombravam? Não sei dizer ao certo.

O que posso avaliar é que o silêncio deles instaurava para mim “o limiar do sentido” em torno do que compreendiam de si mesmos. Eles censuravam e silenciavam fragmentos de suas trajetórias talvez como “uma estratégia política circunstanciada à política dos sentidos [e assim produziam] o interdito, o proibido” (Eni Puccinelli ORLANDI, 2007, p. 74-75) e aquilo que jamais revelariam aos seus familiares.

Outra questão que posso avaliar dessas situações é que todas serviram para me mostrar esferas dos papéis em que não consegui entrar – e acredito que se tivesse entrado eu não conseguiria manter a racionalidade que precisaria. Acredito que por isso mesmo frequentei pouco algumas repúblicas universitárias – aquelas onde os relatos de violência eram recorrentes – e alterei os caminhos dessa pesquisa inicialmente interessada em estudar as masculinidades¹³².

Embora a violência sofrida por Jorge seja uma e as outras violências que testemunhei e registrei sejam outras a sua narração permitiu que eu as relacionasse aos sentimentos de medo e insegurança comentados por vários de meus interlocutores. Inúmeras foram as vezes em que escutei dos frequentadores de papéis comentários relativos ao cuidado que precisariam ter nas festas, lugares por onde não deveriam circular e outros tipos de proteção que precisariam organizar para se sentirem tranquilos o suficiente para beber e “curtir a festa”. Alguns costumavam dizer que “cú de bêbado não têm dono, por isso eu cuido do meu”.

Alguns se comportavam de forma exagerada quando o assunto era a sua segurança. Pelo menos eu achava isto antes de ouvir o relato de Jorge e Breno. Como eles poderiam imaginar que alguém se aproveitaria de uma situação de fragilidade? Infelizmente a necessidade do cuidado nos papéis parecia ser uma ferramenta fundamental para manter-se seguro. E isto impactava na forma como tantos jovens fabricavam geografias, espaços e outras pessoas.

O espaço da praça do Coreto e a cidade de Goiás eram fruto da imaginação e das experiências sociais de seus frequentadores, logo todos esses espaços sofriam as influências de suas leituras de mundo e de trajetórias. Quero dizer que estas pessoas embora viessem para o Coreto a fim de se divertir não abandonavam procedimentos pedagógicos aprendidos no bojo de suas famílias. Deste modo eles traziam para a praça os seus (pré)conceitos de gênero, sexualidade, de geração, de raça e tantos outros. Eu pude notar isso à medida em que assiste muitos desses jovens marcarem no espaço pontos onde acreditavam existir perigos.

De acordo com estudos realizados por Linda McDowel (1999) e Paula Soto Villagrán (2012) o espaço público (ruas, becos, praças) ainda é encarado como um lugar de homens e

¹³² No começo da pesquisa as relações interpessoais marcadas por assédios e situações bastante invasivas de alguns homens me fizeram repensar os meus interesses de pesquisa e por essa razão me voltei para os papéis.

feito para homens brancos e heterossexuais. Logo pessoas que trazem inscritas em seus corpos marcas sociais diferentes dessas encontram-se em situação de fragilidade ou de suscetibilidade. Percebi isso quando Breno interferiu na narrativa de Jorge e disse que “não deveriam ter bebido tanto aquele dia, afinal não estavam com pessoas confiáveis”.

Breno, mais que Jorge, trouxe para o relato um sentimento de culpa e de medo. Algo muito próximo ao medo oriundo da tradição cristã que “colocava o prazer no campo da morte e do mal” (Michel FOUCAULT, 1988, p. 19). A referência ao prazer refere-se aqui ao momento que antecedeu a péssima experiência de Jorge e Breno. Remeto-me ao momento de rolês e que segundo os dois havia sido bom, mesmo que regado por “muita bebida e drogas”. Escutei Breno ainda dizer que tudo teria sido diferente se tivessem ido para casa ou permanecido na praça.

A relação que Breno faz entre a casa e a praça reveste essa segunda pelo mesmo sentido poético do espaço que ostenta a casa. Na praça estavam pessoas amigas. Embora fosse um lugar público, pelo menos naquele lugar onde se sentavam poderiam sentir-se seguros. Já o caminhar sozinho até suas casas, completamente bêbados lhe parecia arriscado e assustador.

Nesse aspecto, a praça se diferenciava da rua. Esta segunda caracterizava-se para Breno como um espaço potencialmente hostil, violento e perigoso. Um espaço que deveria ser tomado com cuidado e que talvez por isso aceitaram permanecer na casa do casal ali nas imediações do Centro Histórico. Infelizmente este foi um desvario que transformou um “rolê massa” em uma trágica noite que Jorge parecia tentar esquecer.

Para além de Jorge e Breno, me deparei com outros jovens que também imaginavam o espaço pela perspectiva do medo. Influenciados por familiares Neto, Armando, Alana e Franciele saíam sempre acompanhado/as por amigos e por parentes. Pessoas que definiam como “de confiança” e em quem acreditavam que manteriam sua segurança e integridade física¹³³. Alguns ainda lembravam que já haviam sido assediados e perseguidos durante os percursos até o Coreto e que por isso temiam andar sozinhos em determinadas ruas. Sobre isto eu posso colaborar com a péssima experiência em torno das masculinidades, afinal abandonei o tema de pesquisa por sofrer ininterruptos assédios de homens casados, heterossexuais ou gays e que queriam manter comigo engajamentos afetivos ao passo em que realizava a pesquisa.

Armando me contou que não fazia o percurso do Coreto até sua casa localizada no João Francisco sozinho desde que fora abordado por um homem que o tentou dissuadir insistentemente a acompanhá-lo até a sua casa. Neto me contou que havia sido roubado duas vezes quando retornava para sua casa localizada na rua das Flores. Alana me contou que não

¹³³ Registros de diário de campo realizados entre março de 2017 e março de 2019.

andava sozinha, pois temia ser vítima de agressão de algumas outras mulheres que já lhe haviam ameaçado e que já a haviam empurrado em diversas ocasiões na praça. Franciele me contou que por morar em bairro distante (setor Rio Vermelho) evitava andar sozinha já que havia sido assediada algumas vezes por alguns “homens muito esquisitos”.

De acordo com os relatos desses jovens, é evidente que todos temiam qualquer tipo de violência uma vez estando pelo espaço, principalmente se estivessem desacompanhados. Todavia, mesmo nutrindo medo e receios eles não deixavam de sair, de se divertir e de viver. Para se sentirem seguros criavam mecanismos de proteção e defesa. Formavam grupos virtuais no *WhatsApp*, nos rolês iam sempre em grupos, permaneciam sempre acompanhados e só assim se permitiam usufruir da liberdade e da sensação de segurança oferecida pelos rolês.

Por instantes o imaginário do medo se rendia ao desejo de viver novas experiências. Talvez tenha sido isto que deixou Jorge e Breno desprotegidos e nesse instante a violência ocorreu, como aconteceu com Alana algumas vezes na praça do Coreto.

Em uma noite de rolês em 2017, indaguei Franciele sobre o medo e os riscos que mulheres se impunham ao circular pelo espaço. Enquanto dançava um dos muitos funks que tocava pelas imediações da praça ela afirmou o seguinte: “embora eu tenha nascido em um mundo no qual tudo é masculino e machista, estar neste lugar, a esta hora (03h 20min), com a roupa que escolhi e me divertindo significa demarcar minha resistência enquanto mulher¹³⁴”.

Já Alberto apontou que sofrera homofobia em uma noite de rolês no Coreto quando se dirigiu com outro homem para o beco do Sertão, nas imediações da praça (lugar vulgarmente chamado por “beco do Mijo”). Segundo me contou, passado um tempo em que os dois ali permaneciam a trocar beijos e carícias, um grupo de três homens que por ali também circulavam os ofenderam física e verbalmente. Alberto me contou que enquanto conversava com seu parceiro vários homens passaram pelo beco, os agrediram verbalmente, lhes deram safanões e cuspiram no chão, indicando nojo e repúdio à sua sexualidade.

Depois do ocorrido, Alberto passou a evitar as pegações em público, porém ao longo dos anos de 2017 e 2019 sempre o encontrava na praça. Ele também não se privou de trocar olhares e de conversar com outros homens gays que também frequentavam os arredores do Coreto ou da Praça de Eventos Dr. Boadyr Veloso, principalmente em tempos de Carnaval.

Passado o Carnaval de 2018, ele me relatou que havia se unido a oito homens em uma pegação grupal (uma suruba) em espaço escuro – um quadrilátero recuado sem qualquer

¹³⁴ Registros de diário de campo realizado em abril de 2017.

iluminação atrás da Casa do Artesão – próximo à praça de Eventos¹³⁵. À medida em que escutei várias versões dessas pegações projetei em minha cabeça imagens eróticas semelhantes às de Rembrandt, Henri Toulouse Lautrec, Paul Cézanne, John Singer Sargent e Nicolas François Octave Tassaert. Porém a imagem que mais via reproduzir-se em minha cabeça toda vez que escutava histórias relacionadas às pegações era La Femme Damnée (a mulher condenada – amaldiçoada, 1859), de Tassaert. E as vezes que testemunhei estas pegações cheguei à conclusão de que eram mesmo muito parecidas a esta última obra de arte, porém, em meu contexto o mais comumente era ter uma pintura sem mulheres e sim muitos homens.

Realmente estas pegações eram comuns na cidade, mas tendiam a aumentar em períodos de festas e de feriados. No Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA) de 2017 eu pude presenciar um grupo de quatro homens fazendo sexo oral no mesmo lugar em que Alberto relatara “ter mamado oito caras” simultaneamente ao que também era retribuído por um ou outro que ali estava. Também vira nesta mesma ocasião um casal heterossexual (mulher e homem) deitados na grama da Praça de Eventos em insistente pegação¹³⁶. Fazia um frio e eles rolavam de um lado para o outro. Envolvimentos sexuais e afetivos em espaços públicos eram comuns na cidade, isto já vinha de uma longa data.

Alexia trouxe informações importantes. Ela me apontou outros comportamentos e hábitos um pouco diferenciados dos de Alberto, Larissa, Anita e Lorena. Desligada de possíveis agressões e de assédio contra mulheres ela sempre vinha para Goiás e saía sozinha, mas pretensiosamente, a fim de se divertir e de se relacionar com algum parceiro com quem já nutria alguma amizade e/ou desejo físico e sexual.

Passamos o Carnaval de 2018 juntos e eu sempre a acompanhava em partes de seus rolês. Segundo Alexia ela vinha para o Carnaval de Goiás em razão de gostar muito da cidade e de seu ambiente juvenil, mas também por se sentir nesta cidade mais à vontade para se relacionar sexualmente com homens aos quais tinha alguma intimidade. Alexia imaginava o espaço por outra perspectiva, a ideia do medo ainda não perfazia sua imaginação espacial, tanto que não se privava de sair sozinha altas horas da noite pela cidade.

Ainda em 2018 ela retornou a Goiás na expectativa de se despedir pois faria uma longa viagem. Na quarta noite em que na cidade estava ela saiu com amigos para ir em um aniversário. Eu não a acompanhei desta vez. No outro dia ela me relatou aos prantos o que ocorrera com

¹³⁵ Registro de diário de campo de abril de 2018.

¹³⁶ Registro de diário de campo de 20 a 25 de junho de 2017.

ela. Alexia me narrou que na volta para casa viera em carona com um amigo do aniversariante e este a havia assediado durante todo o percurso.

Vendo-a bastante abalada e amedrontada tentei acalmá-la, conversamos por algum tempo. Alexia estava assustada e assombrada com o que ocorrera na noite anterior. Deste momento em diante, seguiu marcada pelo medo e me relatou que passaria a ser mais precavida, pois só agora compreendera o quanto era perigoso para ela andar sozinha ou estar desacompanhada e com alguém de quem quase nada sabia.

Todavia, esta experiência não a impediu de viver seus rolês e nem de se divertir fosse em Goiás, Goiânia ou onde vive hoje. Em certa medida, todos os jovens que me relataram ter sofrido algum tipo de violência não deixaram de viver as suas vidas. Eles poderiam nutrir algum medo e insegurança, mas criavam estratégias de proteção e de segurança para se divertir. “O rolê valia o risco e a vida precisava ser vivida”.



Desenho 50 – “Aí Paulo ele tem um pintão. Passamos a noite metendo, foi muito gostoso. Acho que apaixonei. A gente começou no rolê e terminamos na casa dele. Só sei de uma coisa é preciso viver o rolê”. Enquanto ele me contava detalhes eu fui fazendo alguns rabiscos. Fonte: Diário de campo de 2018.

5.1 – “Se transa pra todo lado”: narrativas visuais de afetos públicos em Goiás

“Pagava de hétero e olha aí agora, tá beijando um cara.”

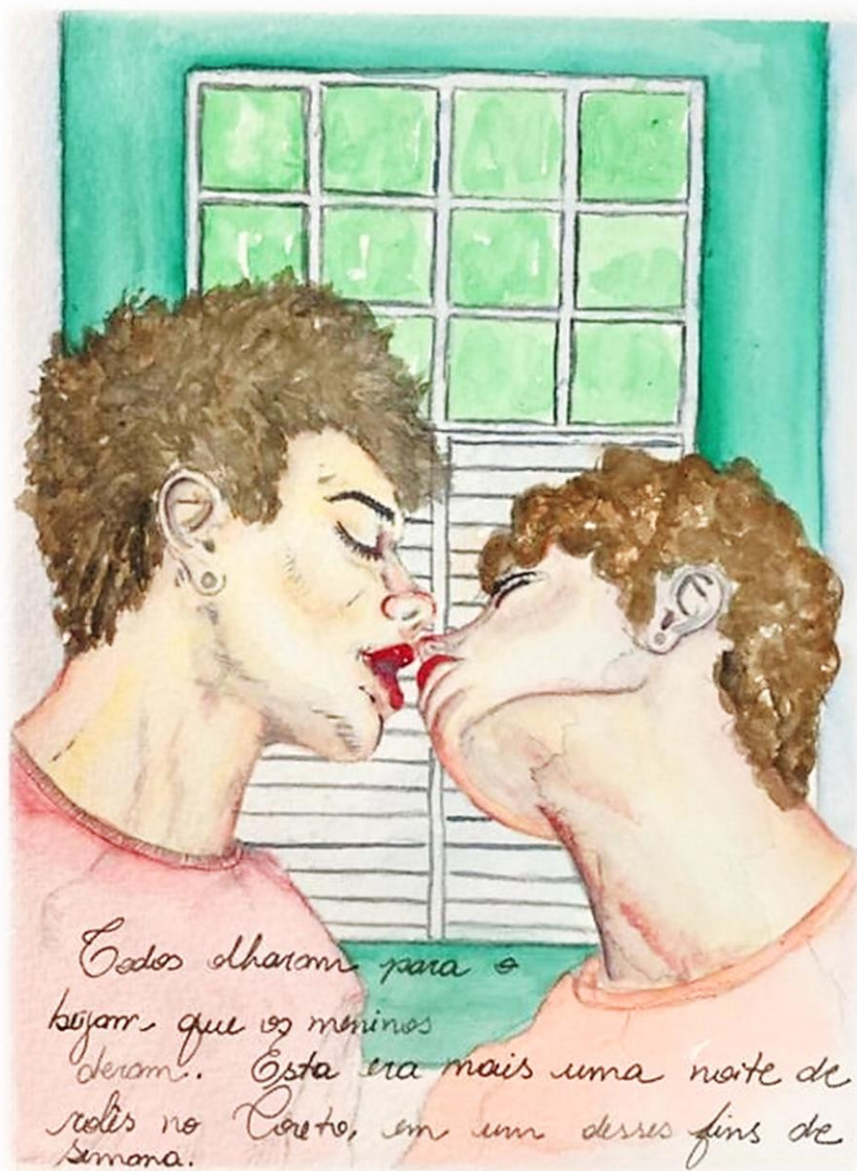
Fonte: Diários de 2017 até 2018.

“Ixi Paulo é muito comum a gente se beijar durante os rolês.”

Fonte: Diários de 2017.

“Beijar na boca é muito bom Paulo, ainda mais quando o cara sabe beijar”.

Fonte: Diários de 2017.



Desenho 51 – Todos olharam para o beijam que os meninos deram. Esta era mais uma noite de rolês no Coreto, em um desses fins de semana. Fonte: Diários de campo do ano de 2017 até 2019.

**“Que
beijaço
viu! Uma
delícia!
Amo beijo
triplo.”**

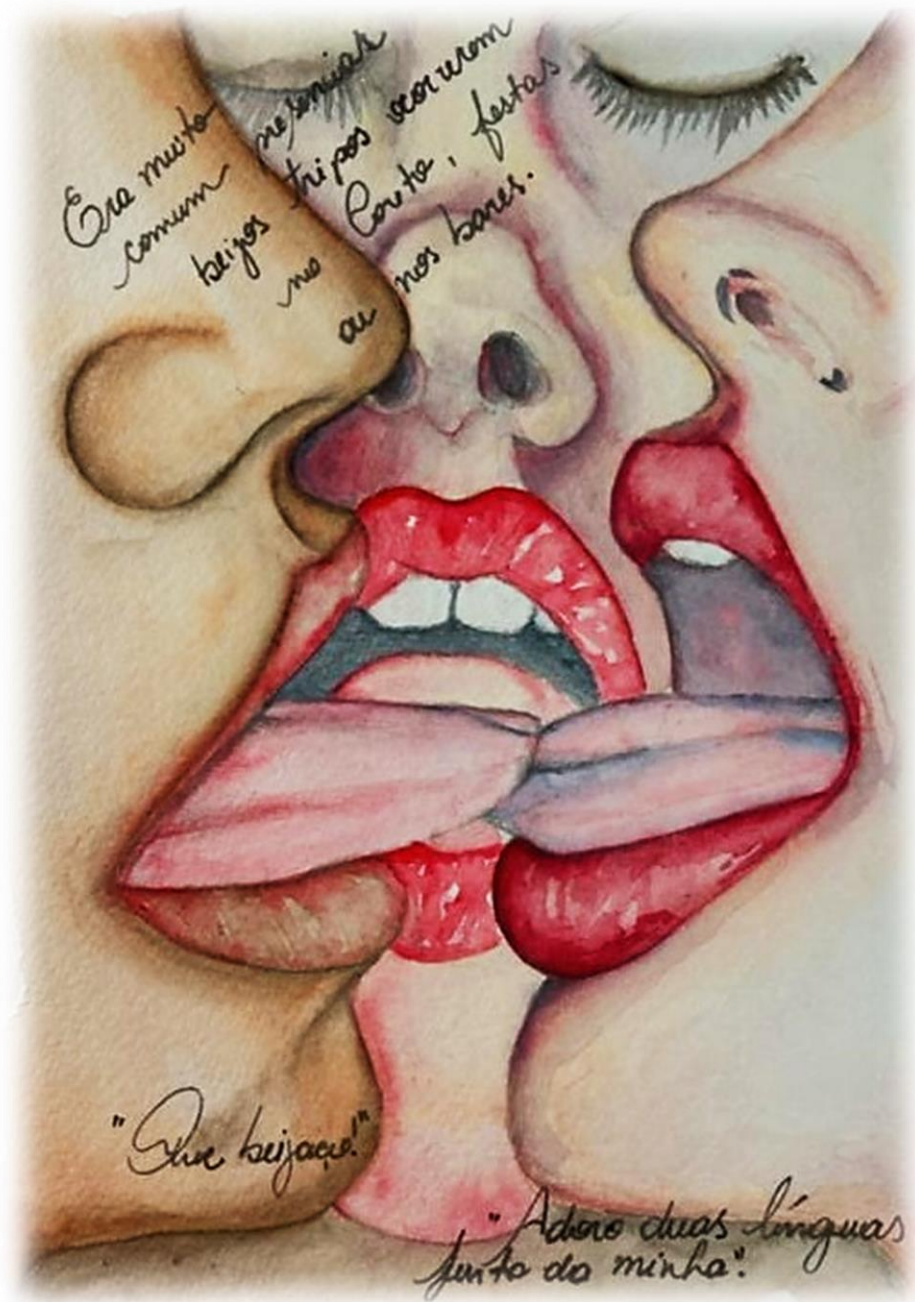
Fonte:
Diários de
2017 até
2019.

**“Uai, mas
ela não
beijava
mulher!?”**

Fonte:
Diários de
2018.

**“Adoro
duas
línguas
junto da
minha!”**

Fonte:
Diários de
2017.



Desenho 52 – Era muito comum presenciar beijos triplos ocorrerem no Coreto, festas ou nos bares. Diários de campo de 2017 até 2019.

“Eu queria muito beijar ela.”

Fonte: Diários de 2017.

“Haaaaa você só fica me atiçando”. Sobre o diálogo de duas garotas ali no Coreto, hoje elas mantêm um relacionamento sério e sempre estão nos rolês comigo.

Fonte: Diários de 2018.



Desenho 53 – E elas se beijaram longamente enquanto o rolê seguia seu ritmo cotidiano. Diários de campo de agosto de 2018.

Muito animados o casal me contou que às vezes gostavam de usar os bancos do Coreto ou os bancos da ponte que dá acesso para a Carioca. Ambos me disseram que “transar” nesses lugares era muito “gostoso”, mas alertaram que era preciso tomar cuidado para não “ser pego no flagra”.

Fonte: Diários de 2018.

“Sabe que eu, às vezes, saio sem calcinha e com um vestidinho. Qualquer coisa é só subir o vestido e fica muito fácil de disfarçar caso apareça alguém.”

Fonte: Diários de 2017.



Desenho 54 – Às vezes, durante a madrugada, encontrava camisinhas abandonadas sob os bancos, na Praça do Coreto. Em uma dessas noites de andanças surpreendi casais utilizando os bancos para fazer sexo. Fonte: Diários de campo de junho de 2018 até 2019.

“Eu gosto muito de chupar um pinto.”

Fonte: Diários de 2017 até 2018.

“Ixi o povo se chupa muito nesses becos aí. Eu mesma já fiz sexo oral demais.”

Fonte: Diários de 2017 até 2019.

“Chupar um pau é bom demais.”

Fonte: Diários de 2017.



Desenho 55 – Desci até a academia que existe ao fundo da Casa do Artesão e ali estavam alguns casais fazendo sexo. Diários de campo dos anos de 2017 até 2019.



Desenho 56 – “Então cara, eu comi ele naquela cerca perto da Casa do Artesão”. Fonte: Diário de campo de 2018.

“Pagava de hétero top, mas foi dar o cú pra mim lá no beco.”

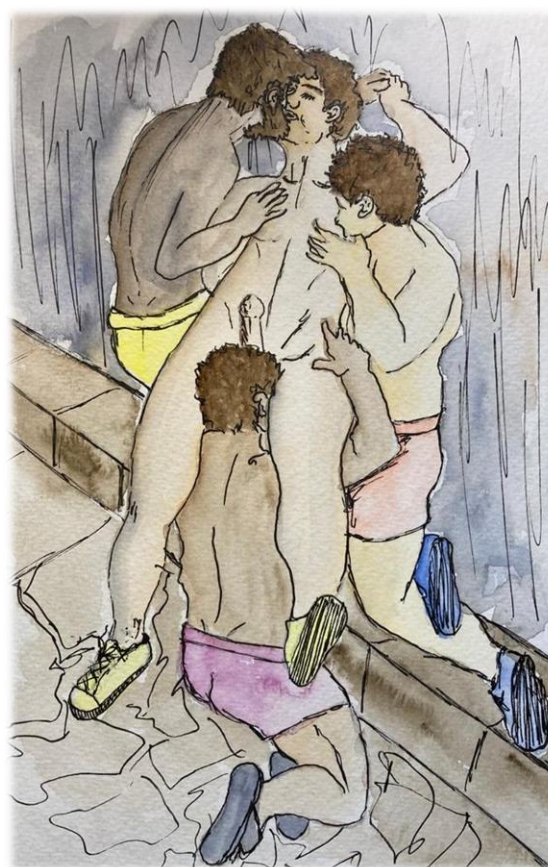
Fonte: Diários de 2018.

“O falso hétero mais gostoso que já comi na minha vida.”

Fonte: Diários de 2017.

“Tinha uma galera se mamando lá nos fundos da Casa do Artesão, trem gostoso, cruz credo!”

Fonte: Diários de 2018 e 2019.



Desenho 57 – E os caras estava se pegando lá na Casa do Artesão. Fonte: Diários de campo de 2017 até 2018.

CAPÍTULO 06

QUANDO MUITA COISA SE MISTURA: ROLÊS, MÚSICA E A FESTA

Sim, pelo rolê. Por exemplo, eles estão ali [apontou para uma das ruas que passam pelo Museu de Arte Sacra e termina na praça do Coreto] aí polícia vem descendo de lá e eles vazam aqui pra baixo. Nisso os play boy já fraga os carros ligados e desligam os carros, ou é o contrário. Os caras estão ouvindo o som aí vê a polícia, eles desligam o som, aí os traficantes fraga que a polícia tá vindo aí já levanta, dá uma olhada ao redor e vaza. E aquele Coreto ali serve de ponto base de fuga pra galera porque a polícia tá vindo ali [apontou novamente para o Museu de arte sacra], eles escondem ali [apontou para o lado da praça que ladeia a rua Doutor Tasso de Camargo], à medida que eles [polícia] vão descendo, eles [traficantes] vão contornando [risadas].
Entrevista com Alex, abril de 2019.

Foi nas madrugadas de 2017 até 2019 que eu reencontrei pessoas e me aproximei de outras até então desconhecidas. Durante os três anos de pesquisa, dezenas de pessoas me foram apresentadas à medida em que eu circulei pelos rolês da praça, do Centro Histórico e de Goiás.

Uma dessas pessoas foi Alex, jovem negro, alto, forte, de cabelos longos e encaracolados, “bonito e sensual”. Na companhia dele – e de outra dezena de jovens – eu tive a oportunidade de ver, ouvir, cheirar, ler, fotografar, desenhar e escrever os rolês do Coreto pelas lentes desses jovens e com eles.

Conforme fragmento de entrevista realizada com Alex, e que trouxe como uma epígrafe, as noites de rolês em Goiás poderiam produzir diferentes situações. Se transformavam em cenários pouco prováveis de início e tendiam a terminar em tensões que resultavam de diferenças melhor evidenciadas “quando muita coisa se misturava”. Em concordância com Alex e também com Alisson, que sempre estavam juntos, os rolês aconteciam e eles tinham uma matéria contingente que só se revelava no processo, no instante em que muita gente se encontrava para se divertir.

No início da pesquisa, eu saía muito frequentemente acompanhado por amigos ou com pessoas que haviam sido meus alunos e que no tempo dessa pesquisa já cursavam alguma faculdade ou haviam se mudado de Goiás. Porém, sempre vinham para esta cidade na finalidade de aproveitar o fim de semana, as suas festas, os feriados e o seu carnaval.

Ainda em 2017, no instante mesmo em que iniciaram minhas aulas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás (UFG), fui

convidado para vários rolês e festas nas imediações da praça do Coreto. Por ocasião de um convite, eu e vários ex-alunos combinamos um rolê já em março de 2017.

Acordamos um reencontro na Tapioca do Cerrado, localizada na rua Maximiano Mendes. Tínhamos a expectativa de conversar sobre os desafios da vida adulta, o cotidiano em Goiás e também queríamos nos divertir. O rolê aconteceu em uma sexta-feira e atendendo aos pedidos acabei fazendo um bolo que comemos de sobremesa. Eu sempre cozinhava para eles.

No horário e na data combinada quase todos chegaram pontualmente. Havíamos marcado para as 21 horas. Este momento foi uma oportunidade ímpar para que eu reencontrasse amigos e para que conhecesse outras pessoas.

O rolê foi regado por muita animação. Conversamos sobre nossos projetos de vida e o futuro profissional. Alguns me pediram conselhos e me perguntaram o que eu estava estudando no doutorado em antropologia¹³⁷. Eles acompanhavam minha vida de perto, fosse por meio de perguntas feitas cotidianamente ou pelas redes sociais, e se interessavam em saber das coisas que eu estudava. Alana, Jéssica e Jenifer são grandes exemplos desse interesse. Elas sempre me questionavam sobre a pesquisa, o que eu estava lendo, liam meus textos e discutiam comigo sobre teorias e questões de ordem metodológica por mim utilizadas nesta pesquisa.

Por vezes, saímos para conversar sobre nossas inquietações, questões políticas e sociais. Pensamos juntos sobre problemas sociais e em tudo aquilo que elas entendiam como injusto na sociedade. Muito admiradas pela reflexão intelectual e apaixonadas pela filosofia, direito e sociologia, sempre me pediam sugestões de leitura. Foi num desses pedidos que terminamos lendo Foucault, Achille Mbembe, Lila Abu-Lughod e tantos outros autores. Ressalto que Alana era a mais interessada por essas questões. Quando leu Abu-Lughod ficou impressionada com o debate feminista e a discussão sobre alteridade por esta antropóloga realizada.

Alana se tornou uma jovem aguerrida nas redes sociais e em debates universitários e me mostrou uma imagem de juventude que negava aquela representação hegemônica definida por perspectivas adultocêntricas. Ao contrário dos estigmas que recaíam sobre a juventude, Alana e tantos jovens com os quais conversei queriam aprender, sonhavam com futuros alternativos e estavam muito dispostos a defender seus pontos de vista independente do que haviam aprendido no seio familiar. Nem de longe eram pessoas em fase de transição, infantilizados ou desobedientes. Sabiam o que queriam e faziam o possível para alcançar aquilo que desejavam.

¹³⁷ Era muito comum perguntas relacionadas aos mais diferentes temas da sexualidade. Desde meu início de carreira como professor já observará que tanto entre os jovens quanto entre os adultos as dúvidas em torno da sexualidade e das relações de gênero eram quase intransponíveis.

Mas ainda sobre a reunião de amigos naquela noite de março de 2017, registrei que a conversa por nós nutrida foi longa e o tempo o mais agradável possível. Todavia, tudo que é bom infelizmente acaba e após o bolo um a um começaram a se despedir em função das responsabilidades adultas, do trabalho, da faculdade e dos afazeres cotidianos.

Enquanto alguns se retiraram, outros permaneceram ali em minha companhia. Este grupo resolveu aproveitar os rolês da praça naquela noite de sexta-feira e me chamaram para acompanhá-los. Me juntei a eles e depois de deliberarmos sobre o que faríamos, optamos por ocupar as mesas instaladas na frente do Bar Lua do Cerrado.

Neste lugar acomodamos Armando, Arthur, Rodrigo, Roberta, Joice, Jéssica e eu. Eles pediram litros de cerveja Itaipava (era a mais barata) e eu tomei apenas uma ice Smirnoff. Neste tempo, eu não bebia cerveja e eu só viria a tomá-la depois que fui ensinado por esse grupo de jovens ou por Bertha e Franciele que mudaram minha opinião sobre bebidas amargas.

Sempre gostei mais de bebidas doces ou das destiladas. Mas ali era unânime a opinião de que vodca “deixava todo mundo muito louco”. Me diziam que vodca era para momentos de “grande agitação” e de “curtição”. Enquanto o grupo conversava sobre diferentes coisas, passei uma revista na praça e fui observar a grande movimentação de pessoas em seu interior.

Neste momento, o trânsito de pessoas entre a rua Maximiano Mendes e os becos imediatos era bastante intenso. Enquanto eu conversava com os meninos várias pessoas que passavam e me reconheciam vinham me cumprimentar. Estas me abraçavam, falavam das saudades que nutriam de minhas aulas, do meu “jeitinho malvado” de cobrar disciplina, me relatavam rapidamente as últimas fofocas que estavam sacudindo a cidade, contavam suas experiências sociais nos rolês e explicitavam as expectativas que haviam criado para a noite.

Alguns me chamaram para sair e outros me cobraram a realização de rolês que já havíamos combinado em ocasiões passadas. Nessa noite, permanecemos ali no bar até umas três da manhã, foi quando me despedi de todos e disse que iria para casa. Informei que passaria na praça para falar com algumas pessoas e que logo partiria, pois precisava descansar e dormir.

Enquanto percorria a praça, reencontrei Alex. Ele me acompanhou e no percurso para casa foi contando sobre os rolês daquela noite. Combinamos de sair para conversar. Já nas imediações da rodoviária, eu me despedi e ele me informou que subiria para a Postão afim de ver “o que rolava por lá”, nos abraçamos e eu fui descansar. Já estava tonto de sono.

Com a passagem do tempo, os rolês em frente ao bar Lua do Cerrado, ou nos bares do Cajá e do Primo, se tornaram costumeiros. Havia ainda os rolês no Postão e que eram previamente organizados via *WhatsApp*, todavia eles quase sempre terminavam, ou

começavam, na praça do Coreto. Circuito este que me garantia observar quase que cotidianamente a dinâmica neste espaço e entre diferentes espaços da cidade – as multilocalidades dos rolês e festas em Goiás.

A praça do Coreto ao longo dos anos de realização dessa pesquisa se tornou central e um ponto de encontro para mim e para quase todos os jovens com os quais mantive alguma interlocução. A permanência e a frequência com que me dirigia ao Coreto proporcionou que eu observasse mais profundamente o consumo de músicas, a fabricação de lugares e diferenças e a produção de uma cultura essencialmente juvenil nesse e em outros locais de Goiás.

Aos poucos, fui compreendendo que mesmo havendo tensões a reunião de jovens oriundos de diferentes espaços da cidade de Goiás ou vindos de outras cidades era a energia que fazia girar as engrenagens dos rolês e das festas no Centro Histórico.

Também percebi que os rolês da praça eram um ponto sensível na relação entre jovens, moradores mais velhos daquela localidade e as instituições da sociedade vilaboense. Sublinho que embora traga nesta narrativa apenas a contribuição dos jovens com os quais dialoguei por vezes conversei com moradores, pessoas mais velhas e integrantes das forças de polícia para entender a interseção que se dava entre esses grupos, quais eram os acordos e os desacordos e de que modo esses grupos geracionais reagiam ao fenômeno juvenil dos rolês.

Pelo que registrei, não havia acordo e cotidianamente a polícia entrava em confronto com os jovens, desbaratavam seus rolês, apreendiam caixas de som, multavam donos de carros com aparelhagens automotivas e criavam conflitos que por vezes se assemelhavam a cenas de filmes de ação ou de comédia policial, conforme me contaram alguns interlocutores habituados a testemunhar a ação de policiais que combatiam os rolês ali na praça: “Os policiais barrigudos não conseguiam capturar os meninos dos corres que saíam chutadas pelos becos”.

Inquietado não só pelas paisagens sonoras e pela lugarização da praça, mas também por outros fenômenos que derivavam dos rolês aí realizados, eu fiz o possível para me aproximar de grupos juvenis que para esta praça iam muito recorrentemente.

À medida em que me aproximei e que as pessoas me autorizaram a entrar em seus rolês na condição de pesquisador para ver, ouvir e escrever um pouco de suas experiências sociais, fui compreendendo que essas reuniões aconteciam mediante a conjunção de emoções e de sentimentos que mobilizavam pessoas a buscar oportunidades de lazer em Goiás.

Em algumas situações, os temas escolhidos por mim nesta pesquisa (rolês, festas, gênero, sexualidade, juventude e lazer) despertaram tamanha curiosidade que algumas pessoas me procuravam interessadas em contribuir. Queriam me falar de suas expectativas, de quem

beijariam ou com quem transariam. Muitos também queriam me contar de suas experiências sociais, me apresentar aos seus rolês e amigos ou me levar junto em suas aventuras sexuais.

Nos anos em que se desdobrou essa pesquisa, foram várias as vezes em que saí com Armando, Alex, Alisson, Breno, inúmeras pessoas e grupos de amigos. Entretanto à medida em que fui me envolvendo com esses jovens e participando de seus cotidianos percebi que alguns integrantes do grupo iam se distanciando ou se engajando em outros grupos de amigos.

Alguns se afastaram por conta do trabalho, outros se mudaram de Goiás e ainda houve aqueles que se retiraram por questões pessoais, por desentendimentos e por perda de afinidades. Mas ao passo em que alguns se distanciavam, outros se aproximavam.

Essa dinâmica muito móvel dos grupos juvenis foi observada entre outros jovens com os quais eu mantive contato. Parecia que alguma coisa provocava a perda de sentidos e aos poucos alguns se afastavam, se engajavam em outras relações de amizade e formavam outros grupos de rolês. Ainda haviam aqueles que constituíam família, se tornavam mães e pais e se entregavam ao universo adulto, ao trabalho e às preocupações dessa fase do curso da vida.

No decorrer dos anos de investigação, fui me aproximando de Alana, Franciele, Jonas e Adão; de Alberto e seu grupo de amigos; de Alisson, Alex, Breno, Perla e Kênia e tantas outras pessoas que conheci no decorrer dos anos de pesquisa.

Como nos rolês – chamados por muitos jovens de “rolês aleatórios” – os grupos, as redes de relações e as sociabilidades também tinham dinâmicas atravessadas por relações de poder, pelo controle social, pela fofoca, por desentendimentos no interior dos grupos e por múltiplas outras questões impossíveis de enumerar, mas que interferiam diretamente na manutenção dos anteriores agrupamentos e na montagem de novos agrupamentos.

Nos rolês, os agrupamentos de amigos poderiam se desfazer e resultar em novos a todo o momento. Eram efêmeros, transitórios e temporários. As combinações eram as mais distintas e as mais imprevisíveis. Elas demarcavam as diferenças e os conflitos que resultavam destas diferenças. Um exemplo disso é o anterior grupo de Armando e que por razões diversas acabou se rachando e se atomizando. Cada um foi para um lado e eu fiquei dividido entre diferentes pessoas e grupos. Como eu era o pesquisador e acabei me tornando amigo de muitos desses jovens, por vezes precisei administrar cenas de ciúmes, conflitos e desentendimentos.

No grupo de Bertha também havia desentendimentos, todavia este ainda se manteve intacto, mesmo estando quase todos morando em Goiânia ou em Belo Horizonte (Minas Gerais). Sempre em períodos de feriados ou das férias nos encontrávamos para conversar; saíamos para festas, rolês na praça ou terminávamos em algum *after*, em alguma república.

Aos poucos percebi – graças ao que me fora dito e ao que observava – ser os agrupamentos e as combinações entre vários jovens desgarrados de um ou outro grupo uma dinâmica que beirava a contingência, algo muito semelhante ao movimento “aleatório” dos rolês descritos por Breno em algumas das vezes em que nos encontramos na praça ou em festas.

Minha inserção nos rolês permitiu-me refinar a ideia de “aleatoriedade”. Esta era na verdade uma representação de quem dela me falava e que quase sempre não conseguia medir os meandros das relações humanas no interior desses agrupamentos e dos rolês. Para ver tantos meandros era preciso estar muito perto dos rolês, era preciso estar dentro deles. Ali dentro eu compreendi que grupos de amigos se desfaziam por conta de fofocas, por questões de ordem social, por preconceitos, em razão do trabalho ou da faculdade, por diferenças ideológicas e posicionamentos políticos. Havia também situações em que alguns grupos de jovens não aceitavam qualquer aproximação com outros jovens em razão de questões raciais, econômicas ou aparência física. Observei isso na dificuldade que Alisson e Breno enfrentaram para estar nos rolês da praça e no esforço dos dois para se relacionar com diferentes jovens.

A “aleatoriedade” na verdade disfarçava relações de poder, processos de diferenciação, preconceitos, expectativas e desejos nutridos entre as pessoas que formavam um agrupamento A ou B e que, por sua vez, se misturavam aos rolês na praça ou em outro lugar da cidade.

Identificar a transitoriedade e o jogo entre diferenciação, abominação e a afinidade foi importante para entender que nem mesmo nas festas as várias diferenças estavam superadas. Os rolês não estavam dados, eles eram o resultado de relações sociais que se desenhavam quase que instantaneamente e no decurso de muitos encontros. Para eu observar melhor isto, foi preciso que me aproximasse mais dos jovens que frequentavam essas grandes aglomerações.

Eu precisava entender os meandros daquilo que diferentes pessoas caracterizavam como “aleatório”, mas para entendê-lo eu precisava me tornar uma figura popular entre os frequentadores da praça, alguém em quem confiassem e desejassem ter por perto. Foi então que encarar a circulação simbólica de coisas, como roupas, celulares, garrafas de bebidas, copos, tirantes (cordões onde os copos ficavam pendurados sobre os ombros de jovens)¹³⁸ e caixas de som de uma forma bastante crítica e ver os significados constituídos em torno de tudo isso me auxiliou entrar em campo não como um frequentador de rolês, mas como um pesquisador que acompanhava os jovens em seus rolês e que com eles mobilizava uma linguagem bastante horizontal, sustentada por alguma afinidade e por vezes muito íntima.

¹³⁸ Uma peça estrutural composta por uma fivela de metal e que servia para sustentar o copo sobre os ombros. Esta peça, como o copo, trazia sempre as mesmas referências do copo e conseqüente do grupo. A composição copo e tirante uniformizavam e tinham o objetivo de criar uma identidade de grupo.

A sensibilidade em doar desenhos que fazia em campo, fotografias, organizar festas surpresa junto dos grupos, preparar bolos e refeições sempre que nos reuníamos para beber foi também significativo para a criação de vínculos muito fortes entre mim e essas pessoas.

Com o avanço de meu relacionamento com tantas pessoas, se tornou recorrente me dirigir até a praça do Coreto para me encontrar com jovens e frequentadores desse espaço. Fosse neste lugar ou em outros pontos da cidade sempre nos encontrávamos envolvidos pelo ritmo de funks ou do sertanejo universitário, pelo requebrar de corpos em coreografias, por risos e gritos.

Sempre trazendo às mãos o caderninho de notas, ficava a caminhar de uma alea a outra da praça conversando, cumprimentando e conhecendo pessoas. Nesse processo ia realizando observações, tomando nota do que me era dito ou me aproximando daqueles que estavam dispostos a me deixar ver um pouco mais de seus rolês. Algumas vezes fui alertado de que o caderninho poderia provocar alguma desconfiança e que seria bom deixar registros sempre para outros momentos. Dedicar a maior atenção ao que os jovens diziam, olhar no fundo de seus olhos, beber em sua companhia e cantar seus funks prediletos eram ações que criavam laços, afinidades, vínculos, emoções e memórias que eles guardavam. Isso me tornava um semelhante e me vestia com a roupa de “professor baladeiro”.

Alisson e Breno me sinalizaram que me negar a tomar as bebidas que me eram oferecidas também geravam desconfianças. Eu poderia ser visto como “metido” ou minha negativa poderia impedir a constituição de alguma intimidade. Algumas vezes precisei fumar palheiros. Como não sabia tragar abri precedentes para que me ensinassem e a cada engasgada a roda de jovens ria como se não houvesse nada mais engraçado. Os olhares e a forma como gentilmente me auxiliavam em tudo aquilo que compunha seus rolês era indicativo de como se sentiam integrados diante da possibilidade de ensinar seu antigo professor a fumar e a beber.

Como eu havia descido para o *playground* dos rolês, me permiti experimentar as bebidas, principalmente as de Alisson e Breno. Passei a compor as vaquinhas para a compra de bebidas e quando vi já estava organizando os “esquemas e rolês de bebidas”, indo a distribuidoras, arrumando caixas térmicas e bebendo um pouco de quase tudo. Em uma dessas noites de rolês, em uma festa realizada no Mercado Municipal, saímos Rodrigo e eu, já tarde da noite ele chutou uma sacola que continha duas garrafas de corote. Uma estava aberta e a outra fechada. Ele recolheu, verificou com cuidado, me olhou e disse: “Paulo o negócio tá lacrado, bora virar?”. Eu respondi: “Bora Rodrigo” e saí para conseguir gelo. Nessa noite voltamos abraçados e cantando. Eu deixei Rodrigo em casa e fui para minha casa. Ele informou

que no outro dia encontraria sua namorada e que precisaria estar bem, porque ela era meio “nervosa”.

Eu poderia ter me restringido a observar o movimento em torno do consumo de bebidas, mas acredito que se o fizesse assim teria uma imagem superficial demais de parte importante dos rolês e me fecharia para relações de aproximação que naquele momento importavam mais. Sem esse compartilhamento de dádivas, de risadas, cantorias e emoções dificilmente eu viveria experiências como as que tive com Rodrigo, Armando, Alana, Alisson, Breno ou Alex.



Desenho 58 – Até eu cai na festa quando me deixavam entrar no rolê!

Fonte: Diário de campo de 2018.

Talvez se perguntem: Porque Paulo não fez sexo em campo, já que bebeu e fumou? Lhes respondo que sendo consensual eu poderia realmente. Porém, isto passava, também, por meus limites enquanto pessoa. Talvez eu ainda tenho lá certos moralismos, afinal trago para esta pesquisa as minhas marcas sociais. Todavia no momento da pesquisa não achava fundamental me envolver fisicamente com pessoas com as quais convivía quase que cotidianamente. Beber e fumar juntos não era algo tão cercado

de tabus como era o sexo. E não via como proveitoso esse envolvimento físico uma vez que ao ser convidado a desenhar pessoas transando em certa medida já havia entre eles e eu um relacionamento que mobilizava muitos afetos e emoções.

A forma como administrei os eventos surpresa dos rolês, os imponderáveis do campo e negocieei meus relacionamentos com tantas pessoas diferentes criou condições adequadas para uma aceitação de minha presença nos rolês. Felizmente minha presença se tornou bastante satisfatória. Isto também fez com que a minha corporeidade ganhasse notoriedade ali na praça, contribuindo muito para o que me propunha fazer e estudar no Centro Histórico e em Goiás.

Me tornei conhecido como o “estudioso dos rolês”, o “professor”, o “doido do caderninho”¹³⁹ ou o “voyeur”. O exotismo atribuído à minha corporeidade fez de mim uma pessoa interessante o suficiente para compor rolês na praça, para ir ao Postão, terminar a noite no Morro do Macaco Molhado, acompanhar grupos de amigos em festas na Casa do Artesão ou em comemorações mais intimistas. A minha constância nesses rolês foi exigindo mudanças comportamentais de minha parte. Eu precisei fazer uso de bebidas alcoólicas, sempre era convidado a compor vaquinhas para comprar bebidas ou recebia bebidas gratuitamente. A minha discrição também foi fundamental para produzir confiança.

A melhor compreensão do lugar antropológico em que se concentrava grande parte da minha pesquisa e a alteração de meus comportamentos e hábitos fez com que eu passasse a trazer junto ao caderninho e ao celular, um copo com alguma bebida. Este copo ficava pendurado em meus ombros, sustentado por um tirante colorido. E evidentemente esse copo com o tirante havia sido adquirido de algum dos grupos de jovens que organizara uma espécie de grêmio, coletivo ou congresso juvenil em que os adereços (copos e tirantes) tinham funções políticas para além do seu uso para a bebida. Os copos criavam identidades coletivas.

Nos rolês, meu copo sempre estava cheio com mé, ice Smirnoff com vodca, vinho ou o Corote. Bebidas que ingeria com muito cuidado, tal meu despreparo para o consumo de álcool. O copo pendurado sobre meus ombros e sustentado por um tirante sinalizava minha aproximação aos jovens e aos seus rolês. E todos eles sonhavam com meus PTs.

Esta representação garantiu que eu recebesse, muito frequentemente, os convites para tomar doses de Gabriela ou de Opinião vendidas nos bares Lua do Cerrado, do Cajá ou do Primo. Aceitar segurar o copo e aceitar tomar bebidas alcólicas me converteu em um “semelhante”, alguém com quem poderiam compartilhar afinidades, emoções e confidências.

¹³⁹ Foram em festas realizadas em repúblicas que descobri a especulação feita entre rolezeiros em torno de minha representação e minha pesquisa. Nos aplicativos de relacionamento, principalmente no *Grindr*, também se produziu uma fofoca em torno do “doido do caderninho” que afirma estudar os “rolês”. Neste ambiente todos queriam descobrir quem da pesquisa havia se relacionado sexualmente comigo. Descobri isto em razão de ser procurado por vários homens interessados em me conhecer, mas que não contramão não podiam “sair do armário”.

Esta foi ação fundamental para a construção de redes de amizade com diferentes pessoas que por conta disso passaram a me confidenciar suas experiências afetivas, suas dúvidas, suas frustrações, suas decepções e as mais diferentes emoções mobilizadas nos rolês.

Era nos rolês em que eu escutava quase tudo o que me contavam e por vezes era indagado a registrar as confidências em meu “caderninho”: “Não vai escrever o que estou te contando?”¹⁴⁰. Reitero que a solicitação para que eu registrasse dependia muito de quem estava me contando suas experiências sociais relativas a festas, sexo e curiosidades.

Pessoas com as quais eu tinha pouca afinidade evidenciavam grande desconfiança e às vezes o caderninho mais atrapalhava do que ajudava. No entanto, para aqueles que já me conheciam, a cobrança do registro tentava me colocar à prova e visava um estreitamento de relações para além daquelas que nutríamos ali na praça. Eu já havia informado que não me envolvia sexualmente em campo, que não beijaria ninguém e que não misturaria a pesquisa com satisfação sexual. Estes limites eram também um método para a pesquisa. E eram limites meus.

De início isto gerou desentendimentos, frustrações e muitas perguntas, mas por se tratar do contexto social e político em que se inseria a realização desse campo e também por minhas marcas sociais – cristão (não frequentador de igrejas), homem de interior, mais velho, professor, figura pública – temia algum risco não só para mim, mas também para meus interlocutores.

Superadas as frustrações de alguns, observei que os convites não pararam. A cada fim de semana, os convites para sair e para estar nos rolês me contaram um pouco da intimidade e dos laços de amizade que conseguira firmar com alguns jovens.

Por vezes, esses convites ocorriam por meio de mensagens de *Instagram*, *Facebook* ou pelo *WhatsApp*¹⁴¹. Mas também haviam os rolês em que me organizara para sair sozinho e terminava rodeado por muitas pessoas. Estes rolês solitários tinham como objetivo observar o que acontecia nas redondezas mais afastadas da praça, lugares com pouca iluminação e cheios de pontos cegos.

Todavia, bastava alcançar a praça para eu ser abordado por jovens – sempre muito agradáveis e gentis – que se aproximavam, me abraçavam, iniciavam conversas e relatos, faziam convites para festas, resenhas ou *afters* realizados após os rolês do Coreto e não me deixavam sozinho nem por um instante.

¹⁴⁰ Esta indagação apareceu várias vezes entre os anos de 2017 e 2019.

¹⁴¹ Algumas pessoas, muitas dessas amigas de longa data, me convidavam por intermédio do *instagram* ou pelo *facebook*. No *WhatsApp* os convites aconteciam mediante os grupos em que fora inserido ou que se criara para facilitar os encontros e os rolês.

Muitos desses encontros terminaram em rodas de pessoas que me colocavam sempre no meio e iam, um a um, contando suas aventuras e os seus rolês – muitos deles “os mais aleatórios possíveis”. De acordo com seus relatos, os acontecimentos que haviam sucedido uma saída de casa sem grandes expectativas e nem planejamentos, mediante encontros evoluíram para um rolê sem precedentes, inesquecível, “muito louco”, com a presença, oportunamente, de bebidas e de drogas¹⁴². Podia haver um convite para F1 ou peixe¹⁴³, seguido de sexo e pegação.

No decorrer desses rolês “aleatórios”, principalmente ali nas redondezas do Coreto, por vezes precisei pedir licença para ir ao banheiro, localizado na rua 13 de Maio. Minha caminhada até essa localidade não era apenas para ir ao banheiro, logicamente, mas também para circular pelos becos imediatos a praça, fazer observações de possíveis pegações e ver o sexo de casais que para estes lugares se dirigiam enquanto conversava com meus interlocutores.

Quase sempre eu era acompanhado por algum jovem, e até por grupos de três ou quatro jovens, que comigo desciam a rua Moretti Foggia para gentilmente me acompanhar, para também ir ao banheiro, para contar algo que desejavam ficar apenas entre poucas pessoas e eu, ou para ver o que eu iria fazer nas imediações dos becos. Eu era vigiado por diferentes pessoas ali na praça. Logicamente eu também era estudado paralelamente ao estudo que estava realizando e também já era tema de fofocas que circulavam pela praça nas madrugadas de rolês.

Seria um tolo se não considerasse está via de mão dupla que a pesquisa me impunha. E mais tolo ainda se desprezasse as ressignificações que tantos jovens faziam de minha corporeidade ali na praça. As intersubjetividades, os imaginários, as expectativas em torno de minha pessoa construíam uma rede de competição e de pesquisa (paralela à minha) – fosse em ambientes *on-line* ou *off-line* – sobre quem havia “me pegado” ou objetivava “me pegar”.

Descobri isso quando outro jovem interlocutor me narrou de suas peripécias no *Grindr* e me contou situação semelhante sobre como um homem o havia enganado. Segundo esse jovem o homem mandara uma foto de outra pessoa, mas quando decidiu encontrá-lo se deparou com pessoa diferente da fotografia que recebera. “Quando cheguei lá levei um susto. O cara era casado e eu já o conhecia. Até hoje ele anda atrás de mim Paulo. Olha aqui têm uns caras muito doidos, toma cuidado.” Foi então que me alertou dos cuidados que precisaria ter e de que alguns homens já haviam perguntado para ele sobre mim, o que eu fazia, como podiam se aproximar e o que poderiam fazer para me “pegar”. Eu estava sendo literalmente “caçado”.

¹⁴² Eu mesmo testemunhei alguns rolês desses. Em meados de 2019 saí para ir a um Chá de Berço e acabei terminando em um baile funk repleto de traficantes e usuários de drogas em meio ao Cerrado de Goiás. Registros de diário de campo realizados em março de 2019.

¹⁴³ Gíria muito comum para o uso de cocaína.

Diante de tantos desafios e situações que a princípio não podia controlar, aos poucos fui tentando administrar pontos sensíveis da pesquisa e de minha relação com tantas pessoas sem que isto prejudicasse o meu trabalho. Porém, a dúvida sobre meu comportamento em campo provocava uma constante vigília por parte dos jovens, principalmente daqueles que nutriam alguma intencionalidade em me beijar ou em transar comigo em algum beco ali do Centro Histórico. Isto ficou expresso nas mensagens que recebia em minhas redes sociais, onde esses jovens relatavam seus sentimentos, curiosidades e desejos em me “pegar”.

De volta à praça e aos grupos de rolês, enfatizo que por diversas vezes me encontrei com Alisson – antigo aluno e conhecido – que sempre trazia nas mãos um copo contendo qualquer bebida ou uma mistura extremamente forte e que àquela altura da madrugada seria dificilmente identificada. Ele fazia questão que eu experimentasse. Era me encontrar para estender o copo e dizer: “bebe aí amigo!” Eu bebia, fazia aquela careta, ele ria e logo se sentava do meu lado e começava a contar sobre suas aventuras, rolês e expectativas.

Entre 2017 e 2019, eu terminei várias madrugadas ao lado de Alisson. Por vezes terminamos conversando na praça do Coreto, adormecidos em uma das cadeiras do bar Morro do Macaco Molhado ou circulando por festas universitárias realizadas na Casa do Artesão.

Em outubro de 2017, Alisson e eu ficamos até tarde da madrugada sentados em um dos bancos da praça do Coreto. Optamos por ocupar os bancos próximos de onde se localizavam os jovens negros, pobres e gays. Ele me confidenciou que se sentia melhor integrado nesse lugar.

A esta altura da madrugada (mais ou menos umas quatro horas da manhã) já havíamos falado sobre dezenas de coisas e Alisson se sentiu à vontade para me contar que gostava de cozinhar e que modéstia à parte ele “cozinhasse muito bem”.

Costumeiramente a esta hora Alisson já se encontrava bastante alcoolizado e no período em que ali permanecemos ele já havia fumado pelo menos dois cigarros de maconha, já tinha me oferecido, reclamado do fato de eu não aceitar e me chamado de “frouxo” algumas vezes. Enquanto ele me falava diversas coisas sobre suas idas e vindas até a praça, seus rolês e “bebedeiras” eu aproveitava para registrar impressões de campo em meu caderninho.

Não satisfeito com minha escuta ele fez questão de que eu prestasse total atenção nele. Queria que eu o olhasse. Foi então que reclamou fome, abriu sua mochila, retirou uma sacola cheia de pães de queijo, me ofereceu e ali mesmo, no banco do meu lado, fez seu lanche.

Alisson comeu quatro pães de queijo e fez questão que eu experimentasse. Comi um e o elogiei. Realmente o pão de queijo estava no ponto certo. Como precisei interromper os registros para ouvi-lo e vê-lo isto lhe ofereceu tranquilidade o suficiente para me narrar

particularidades de seus rolês, das festas que frequentara. Não satisfeito ele pegou meu bloco de anotações que deixara sobre o banco, passou algumas folhas, leu algumas anotações, comentou que eu realmente anotava tudo ali, empunhou a caneta que estava comigo e escreveu o seguinte texto em uma das folhas em branco de meu bloco:

Fui buscar minha bolsa no bar Lua do Cerrado. Fui abordado por uma garota com um corpo lindo (“tudo em cima”) que disse eu nunca a havia notado aí tirei uma casquinha (ilegível). Depois fui para a praça e encontrei com o professor Paulo que estava fazendo sua observação e assaltei o bloco dele¹⁴⁴.

Como preferiu nomear ele “assaltou” meu bloco de registros, escreveu nele alguns itinerários de seus rolês, narrou sobre a tomada de iniciativa de uma jovem, deu-me pistas sobre a transitoriedade e o devir ser das pessoas nos rolês, me olhou, disse que também “topava outras paradas” e então me entregou o bloco de anotações. Sua afirmação de que “topava outras paradas” estava relacionada à sua maleabilidade em se envolver com pessoas do mesmo sexo. Ele gostava de afirmar que “sentia tesão” por pessoas, eu já encontrara um perfil dele no *Grindr*.

Claro que nesse instante rolou entre ele e eu uma “saia justa”, afinal ele já havia sugerido que déssemos um selinho. Porém, conforme já havia delineado em outras situações e com outras pessoas em campo eu optara por não me envolver fisicamente com qualquer pessoa. Haviam certos limites que escolhera não extrapolar até porque a observação como vinha realizando já me colocava problemas suficientes para uma reflexão antropológica refinada das relações humanas nos rolês. Ele compreendeu minha posição, não aceitou, mas mudou de assunto.

Assim que me entregou o bloco de registros, Alisson destacou que os rolês e o espaço da praça eram fortemente marcados por diferenças de classe, raça e gênero e que dificilmente ele seria aceito entre os frequentadores que se localizavam em frente à Sefaz. Isto porque ali estavam uma maioria de “branquelos, filhos de papaizinho”. As suas afirmações corroboraram o que já percebera com Alex e Breno quando, em outros rolês, deles me aproximei.

Tanto Alisson quanto Alex e Breno sempre se localizavam nas áleas da praça próximas às ruas Dr. Tasso de Camargo e Maximiano Mendes. Ambos sempre se sentavam nos bancos que iam dar de frente para o bar Lua do Cerrado. Neste espaço da praça a maioria das pessoas eram negras¹⁴⁵, pobres e muitas se identificavam como sendo homossexuais, dispostos a viver

¹⁴⁴ Registro produzido por Marcão em meu diário de campo em outubro de 2017.

¹⁴⁵ Não descarto existir articulada na praça do Coreto uma “pigmentocracia”, algo bem parecido ao que explicou Mara Viveros Vigoya em seus trabalhos sobre raça e racialização na Colômbia. Porém tal afirmação carece de

uma vida sexual fluída e que “topavam outras paradas”. Ou seja, estavam dispostos a se envolver com parceiros de mesmo sexo. Segundo eles tudo dependia dos rolês e do momento oportuno. Em certa medida as pessoas que lugarizavam esse espaço, traziam em seus corpos marcas sociais que reiteravam a opressão, os impediam de circular livremente pela praça, por outros espaços da cidade e sempre os transformavam em alvos fáceis da polícia quando essa invadia a praça de supetão para revistas, apreensões, expulsão de jovens e o desmonte dos rolês.

A forma como a praça do Coreto, o Centro Histórico e a cidade de Goiás foram construídos e todo espaço urbano ocupado tem em seu alicerce uma herança da escravidão, do racismo e de “férreos preconceitos sociais” somado a um proselitismo que contribui, até os dias de hoje, para determinar onde as pessoas podem estar, como devem estar pelo espaço e quem pode estar por determinados espaços de Goiás.

O mais grave é que a corporeidade e a posicionalidade dos corpos nos espaços de Goiás são atravessadas por privilégios (ou prejuízos) de classe, cor/raça e gênero a depender de quais as marcas sociais cada pessoa traz para o rolê (Marcelo de Paula Pereira PERILO, 2012). Como Luciana de Oliveira Dias (2019) destacou meus interlocutores negros “sentem que estão dentro [do rolê], mas não são iguais aos outros que estão dentro [do rolê]” (2019, p. 10).

Eles estão como expectadores. Estão dentro, mas permanecem distanciados, como eu que estava ali dentro. Dentro estava, porém, ali estava como um expectador, um pesquisador. É próximo, mas também é diferente. Eu não sofri racismo. Meu corpo já dizia informações positivas suficientes por mim ao contrário do de meus interlocutores negros (Nilma Lino GOMES, 2019; Lélia GONZALEZ, 2020; Giovana XAVIER, 2021). E eu fui beneficiado pela presunção branca de superioridade racial em várias situações ali dentro do rolê, mesmo sendo um velho professor “baladeiro”. Todavia por vezes sentia como seus “corpos e os campos [em que estávamos inseridos permaneciam] marcados pelo racismo e machismo” (p. 12) e pelo sexismo e pela homofobia ou pelos “férreos preconceitos sociais” poetizados por Cora.

Observei isso na pouca interlocução que consegui com as garotas negras e pobres, ou com as garotas trans negras e pobres. Sobre as primeiras só contei com Leona, Perla, Jessica e mais outras duas que se mantiveram distanciadas dos rolês do Coreto em razão de precisarem trabalhar para ajudar no sustento da casa. Já as segundas atoras eu sabia que existiam, mas não no “lugar antropológico” que escolhi me concentrar. Estas permaneciam apartadas desse

estudos que mapeiem a cidade de Goiás sob uma perspectiva interseccional, enumerando posições de classe, de raça, de gênero, de orientação sexual e outros marcadores da diferença no/pelo espaço.

espaço, social e espacialmente distanciadas, tal o incômodo e o desprezo que a sua corporeidade despertava nos jovens e demais frequentadores da Praça do Coreto e Centro Histórico.

Notei que se a pessoa fosse branca, economicamente favorecida (aparentemente), heterossexual e magra passava tranquilamente por todos os rolês e grupos de jovens que ali na praça se reuniam. Mas se fosse negra, pobre, mulher, gay, afeminada, a sua situação variava entre uma aceitação vigiada, tolerância, rejeição, desprezo e até agressões de toda ordem. Isto dependia de quantas marcas sociais produzidas pela branquitude como estereotipadas ou negativas por padrões estéticos singularmente ditados por homens brancos essas pessoas traziam em seus corpos, roupas, cabelos e gesticulação.

A forma como o corpo negro, pobre e rotundo de Alisson era violentado e desprezado ali na praça cotidianamente era bastante chocante. Fosse por frequentadores ou por abordagens policiais a sua corporeidade era sempre o alvo certo de violência. E esta violência vinha na forma do desprezo, distanciamento social, das agressões verbais e até físicas.

Outro bom exemplo de diferenciações por critérios sociais era o fato de, na praça do Coreto, eu – não só eu, mas também meus interlocutores – observar, recorrentemente, como o lado da praça paralelo à rua Moretti Foggia e todo o espaço em frente à Secretaria da Fazenda Estadual (SEFAZ) permanecia espacializado por frequentadores quase que em sua maioria brancos, aparentemente abastados e – aparentemente – heterossexuais¹⁴⁶.

Para observar melhor o processo de diferenciação por algumas marcas sociais, o impacto dessas diferenciações na espacialização da praça, os conflitos entre frequentadores desse espaço e os conflitos com instituições da sociedade e a polícia eu sempre me sentava nos bancos centrais da praça, bem de frente ao Coreto. Ai também era ponto estratégico para uma fuga das brigas e pancadarias que começavam paralelas à rua Moretti Foggia.

Também estreitei relações e um amplo diálogo com vários frequentadores de diferentes pontos da praça¹⁴⁷ e me aproximei muito de Alisson, Alex e Breno que foram me dando um termômetro das relações humanas nos rolês, festas e diferentes lugares da cidade de Goiás.

¹⁴⁶ Demarco aqui uma aparente heterossexualidade que, todavia, não coincidiu com a realidade. Isto porque no começo da pesquisa fui convidado a me relacionar com vários homens heterossexuais que frequentavam esse espaço e porque meus interlocutores sempre relatavam aventuras sexuais com homens heterossexuais que ocupavam espaços próximos à rua Moretti Foggia.

¹⁴⁷ Os homens que frequentavam a região em frente à Sefaz não foram meus interlocutores. Alguns se mostraram extremamente agressivos quando da minha aproximação e os poucos que aceitaram conversar comigo forçaram algumas situações extremamente desagradáveis ou me assediaram ali mesmo na praça e pelas minhas redes sociais. Mantive contato com as mulheres, mas mesmo essas estavam tomadas por preconceitos e dificilmente aceitavam manter diálogo.

No centro da praça, além de ter uma visão ampla de todo o espaço eu me posicionara em um lugar que servia de passagem, uma ponte para as mais diferentes pessoas que transitavam de um lado para o outro. Era por esta razão que sempre me encontrava com Alisson¹⁴⁸ e que por toda a dimensão da praça circulava ao longo de toda a noite, mesmo não sendo muito bem recepcionado por frequentadores de outros lugares.

Alisson era um jovem estudante que trazia em seu corpo as marcas sociais que destoavam de um padrão helênico e desejado por grande maioria dos jovens que se divertiam na praça. Vestido com uma camisa surrada, ele usava shorts, chinelos, era um homem negro, seu corpo era rotundo, seus cabelos castanhos encaracolados, sempre estavam compridos e na altura de seus ombros. Quando não estava entre Alex ou Breno era muito comum vê-lo desacompanhado, mas sempre ostentando nas mãos o seu copo com alguma bebida e tomado por uma alegria incomum. Às vezes, o encontrei deitado no banco da praça tirando um cochilo.

Muito conhecido entre quase todos os frequentadores da praça, ele circulava por múltiplos espaços e lugares do Centro Histórico, mas nem por isto era aceito entre os grupos que tomavam as áreas da praça e as ruas limítrofes ao longo da noite, aos fins de semana, nos feriados ou férias. Eram poucos os que correspondiam à sua alegria e busca por diálogo.

Por maior que fosse a sua gentileza e animação, ele era sempre preterido dos grupos de rolês. Raras eram as aproximações de pessoas e quando estas ocorriam os interesses estavam relacionados à ponte que Alisson podia fazer entre essa pessoa e algum traficante de maconha. Na maioria das vezes, as pessoas que dele se aproximavam lhe eram semelhantes: Breno ou Alex.

Inúmeras vezes observei que de sua chegada em algum grupo Alisson era sempre recebido com alguma indiferença e muito frequentemente com grande estranheza. Situação semelhante ocorria com Alex e com outros jovens que recorrentemente ocupavam espaços da praça limítrofes à Catedral. À medida que Alisson circulava por espaços da praça ocupados por segmentos de classe e de raça distintos do seu (majoritariamente brancos e abastados), ele era recebido com surpresa e as pessoas quase sempre o deixavam falando sozinho, desviavam o olhar e a atenção. Alguns reclamavam que ele buscava bebida de graça ou um beck gratuito outros estranhavam sua aparência, roupas, o cabelo comprido e o chinelo de dedo.

Por vezes, testemunhei o desprezo e a pouca importância que lhe eram dispensados por frequentadores dos rolês, inclusive aquelas que estavam me acompanhando. A sua presença e a sua corporeidade eram sempre tomadas com muita estranheza por parte dos jovens que se

¹⁴⁸ Homem negro, homossexual e pobre. Informações oferecidas pelo rolezeiro em 2017.

divertiam em lugares da praça hegemonicamente ocupados por pessoas brancas, aparentemente abastadas ou que ostentavam padrões de beleza considerados ideais entre frequentadores da praça. Seu corpo e posição social eram lugares de violência, de rejeição e de recusa.

Todas as vezes em que nos encontramos, ele me cumprimentou, me abraçou e comigo conversou longamente sobre suas peripécias, noitadas, “bebedeiras” e rolês. Sempre que me abordava, Alisson me oferecia de sua bebida e só depois de constatar ter eu tomado pelo menos um pouco é que contava alguma coisa sobre a sua noite de festas e rolês.

Em um desses rolês ele me surpreendeu quando ofereci de minha bebida. Nos encontramos e eu estava tomando vinho. Ofereci-lhe o copo e ele se negou a tomar. Perguntei qual a razão e ele, entre soluços, me disse que não tomaria porque não tinha certeza se eu tinha lavado as mãos quando fui ao banheiro e nem tinha ideia do que eu poderia ter colocado na bebida: “Pode ter bala aí mano e eu não uso essas coisas não. E outra nem sei se tu lavou a mão pra pegar o gelo da bebida uai”. Retruquei que ele poderia fazer o mesmo comigo. Ele me respondeu dizendo que eu podia confiar nele, pois ele sabia das “paradas dos rolês”.

No decorrer de nossos encontros e rolês, observei que o fato de eu aceitar experimentar sua bebida era ação importante na produção de intimidades e de relações de confiança entre ele e eu. Como Alisson sofria com a rejeição e tinha consciência disso, o fato de eu bebericar de seu copo era o mesmo que trocar dádivas com ele, retribuir suas gentilezas e trazê-lo para perto de mim e de outras pessoas que não eram aquelas com as quais já mantinha relações de amizade.

Notei no decorrer das vezes em que saí com Alisson o seu comportamento diante da preterição de que era vítima ao longo dos rolês. Ele não se demorava nos grupos de jovens que se esparramavam pela praça. Talvez por estar acostumado com a indiferença e até para evidenciar alguma resistência, ele não se furtava de circular pelos mais diferentes lugares e espaços da praça, não deixava de falar com pessoas desconhecidas e nem de acompanhar jovens interessados em adquirir um “beck de maconha”.

No que tangenciava os “corres” observei que além de Alisson era Alex que também desempenhava o papel de intermediador entre os consumidores e os vendedores de drogas ali na praça. Sempre que me encontrava com os dois os ouvia comentar sobre os “carinhas dali”, “aqueles ali que vendem o bagulhozinho” ou os “trafíca”. Quando alguém desejava adquirir um *beck* era com Alex ou Alisson que deveriam falar.

Claro que muitos dos jovens que os procurava queriam tão somente adquirir a maconha, todavia ambos utilizavam desse momento para se aproximar de algumas pessoas, fazer amigos, receber convites para rolês e se entrosar com outras pessoas. É por esta razão que em algumas

situações e noites de rolês percebi que tanto Alisson quanto Alex eram tolerados entre os jovens que ocupavam espaços da praça próximos à SEFAZ. Alex mais, Alisson menos. Mas enfatizo que ambos eram suportados, jamais aceitos ou incluídos.

Talvez numa tentativa de resistir ao distanciamento e ostracismo imposto por jovens de outros segmentos sociais, Alex e Alisson sempre davam um “jeitinho” de entrar em festas realizadas na Casa do Artesão. Em algumas dessas festas, eu precisei acompanhar e auxiliar os dois no processo de entrada. Em 2017 auxiliiei Alisson quando, em uma festa a fantasia, ele pulou o muro e caiu de cara no chão bem próximo de onde eu estava.

Atendendo aos seus pedidos de ajuda e já consciente de que ele seria alvo certo dos seguranças da festa mais que depressa passei as mãos em uma pulseira que encontrará no chão e que comprovava o pagamento do ingresso, puxei seu braço e a prendi com chiclete. Infelizmente minha tentativa para blinda-lo do arbítrio que já presenciara em outros episódios, mas lá na praça, não ajudou muito. Alisson já havia sido identificado, pois havia tentando entrar anteriormente e foi violentamente agarrado por dois homens enormes que o colocaram para fora do espaço da festa. Só voltei a encontra-lo no final da festa, momento em que a portaria havia sido liberada.

Já Alex conseguia passar com certa tranquilidade sem, contudo, pagar a entrada. Diferente de Alisson ele tinha alguma interlocução com jovens universitários e sua corporeidade parecia agradável aos olhos de várias pessoas. Algumas vezes me deixou subentendido a seguinte questão: quem não desejaria estar perto de homem negro, alto, sensual e que ostentava um físico escultural? Ele era realmente um homem muito bonito e desejado por mulheres e homens que frequentavam os rolês e festas em Goiás.

O fato de Alex conseguir entrar em lugares onde Alisson não acessava me inquietou. Eu queria entender porque ele conseguia, enquanto Alisson não. Foi então que sugeri acompanhá-lo em seus rolês, como já fizera com Alisson. Depois de algumas tentativas¹⁴⁹ frustradas encontrei os dois em um rolê na Carioca. Estavam em um grupo de jovens, todos tomavam banho e fumavam um. Nesse instante conversei com eles e demais amigos que os acompanhavam e marquei de tomarmos uma vodca e conversar ali na praça do Coreto. Todos se interessaram pela proposta e ficamos combinados de sair juntos no próximo final de semana.

¹⁴⁹ Encontrar Alex e Alisson ou combinar um encontro era tarefa muito difícil. Eles não tinham celular, as redes sociais eram praticamente inoperantes e sempre que os encontrava ou estavam muito bêbados ou envolvidos em rolês que os impedia de falar comigo e responder minhas perguntas. No caso de Alisson eu precisei aproveitar momentos oportunos e ocasionais em que ele podia me falar coisas e eu o acompanhar.

O rolê com Alex finalmente ocorreu em meados de 2019. Todavia Alisson não apareceu nesse dia. Ficamos todos preocupados, pois ele era personagem presente na praça aos fins de semana. Depois soubemos que ele havia viajado para Itaberaí afim de encontrar uma “mina”.

Na alea que termina em frente ao bar Lua do Cerrado encontrei Alex, Manuelle¹⁵⁰ e um grupo de mais seis pessoas. Cumprimentei-os e fui convidado por Alex a me sentar ao seu lado no banco. Ele me abraçou, perguntou como eu estava, me ofereceu da sua bebida e me apresentou para todos que estavam na roda que se formara ao seu redor.

A conversa veio naturalmente e enquanto um e outro falava coisas sobre seus rolês aproveitei o momento de compartilhamento de experiências para observar o movimento de pessoas pela praça. O relógio marcava 22 horas e o contingente humano ainda era bem pequeno ali no Centro Histórico.

Enquanto conversávamos e o tempo ia correndo, os bares começaram a se movimentar com um ou outro grupo que por ali se sentara e solicitara um litrão de cerveja. A caixa de som Jukebox do Jesus Bar já tocava “Alô Porteiro” de Marília Mendonça¹⁵¹. No lado da praça paralelo à rua Moretti Foggia, em frente à Sefaz (Secretaria Estadual da Fazenda), três carros permaneciam estacionados com sua aparelhagem de som ligada e misturando diferentes ritmos.

Desses automóveis reverberava “Quem me dera” de Márcia Felipe e Jerry Smith¹⁵², “Vai rebola pro pai – Ela é do tipo – Vai novinha vai” de Mc Kevin O Chris¹⁵³ e “Popotão Grandão” de Mc Neguinho do ITR¹⁵⁴. Nas imediações da rua Dr. Tasso de Camargo, do lado da praça em que eu me sentara junto de Alex e outras pessoas, alguns carros foram estacionados e na sequencia seus motoristas ligaram todo o aparato de som automotivo que tinham à sua disposição. Concomitantemente às nossas conversas também escutávamos “Dentro do carro” de Mc Kevin O Chris¹⁵⁵ e “Pra inveja é tchau” de Mc Kevin e Mc Davi¹⁵⁶.

Ao som dos versos de funk cantados por Mc Kevin – Deixo você louca de vontade pra transar comigo / Te olho com cara de safado, bandido / É que hoje a noite eu trouxe uma surpresa pra você / Vamos lá pro carro que você vai ver / Dentro do carro, hoje vai ter putaria / Dentro do carro, hoje vai ter putaria / Senta, senta, senta, senta, senta pra valer / Apenas senta, senta, senta, senta, senta – Alex começou a me contar sobre coisas que sentia nos rolês.

¹⁵⁰ Mulher branca, heterossexual e pobre. Informações oferecidas pela jovem interlocutora em 2019.

¹⁵¹ Sertanejo de Marília Mendonça, agosto de 2015.

¹⁵² Forró de Márcia Felipe e Jerry Smith, outubro de 2018.

¹⁵³ Funk de Mc Kevin O Chris, fevereiro de 2019.

¹⁵⁴ Funk de Mc Neguinho do ITR, março de 2018.

¹⁵⁵ Funk de Mc Kevin O Chris, setembro de 2018.

¹⁵⁶ Funk de Mc Kevin e Mc Davi, junho de 2018.

Alex sabia que a espacialização de todo o centro Histórico de Goiás resultava do protagonismo de seus frequentadores. Também tinha consciência de que os cenários montados ao redor do Coreto e por toda a dimensão da praça derivavam daquilo que as pessoas ali faziam. Ele compreendia que a praça era o espaço dos rolês em função das pessoas nela se reunirem para se divertir. Mas não ignorou que essas reuniões de pessoas evidenciavam diferenciações sociais, foi aí que comentou sobre a existência, ali na praça, de um “rolê da divisão social”.

Enquanto o olhava, Alex me contou que o lugar onde estávamos sentados era “o pedacinho em que ficava a galera LGBT”. Esta afirmação foi corroborada por Manuelle – sua namorada – e que apontou ficar ali as/os “LGBTs e a galera alternativa”. Do outro lado da praça, na rua Moretti Foggia, ficavam “os play boys”, “branquelos” e “filhinhos de papai”.

Pelos diferentes espaços da praça os lugares permaneciam frequentados pela “galera mais LGBT, por gays, lésbicas e simpatizantes”, todavia os grupos homossexuais e os frequentadores negros tendiam a permanecer nos espaços próximos da Catedral e dos bares Lua do Cerrado ou do Cajá. Nestes lugares eles escutavam e dançavam funks. Muitos grupos se sentavam em bancos para conversar sobre qualquer tema referente a alguma festa e rolê, ou alguma pegação que realizaram em becos e em ruas escuras do Centro Histórico de Goiás.

Toda a movimentação dos rolês na praça era quase sempre acompanhada por alguma bebida barata (Corote, selvagem, 51, vodca com suco e energético), por cigarros ou por outros entorpecentes (bala, lolô, papel e maconha). Sincronicamente aos rolês dos jovens localizados na rua Dr. Tasso de Camargo, do outro lado, na Moretti Foggia, se desenrolava o “rolê dos play boys”. O espaço em frente à Sefaz (Secretaria Estadual da Fazenda) figurava como lugar de contraposição entre diferentes grupos de gênero, classe e raça que frequentavam a praça.

Pelo que me disseram Alex e seus amigos, do lado de lá permanecia uma porção de gente branca, aparentemente abastada e heterossexual. Já do lado em que estávamos, o lado de cá, ficavam os “pretos, pobres e gays”. O Coreto era a fronteira entre os dois lados. Era uma demarcação física que separava pessoas por suas marcas sociais e suas roupas da cultura (Nilma Lino Gomes, 2019; Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, 2009).

Segundo o grupo, aquele espaço em frente à Sefaz era frequentado por pessoas que se afirmavam heterossexuais – “embora nem todos fossem”, ironizaram alguns que estavam no grupo – e que pertenciam a segmentos sociais historicamente privilegiados. Alex enfatizou que durante as eleições para presidente e governador, isto em 2018, se tornou muito comum dizer que o lado de lá era frequentado por uma maioria de “bolsominions” e “homofóbicos”.

Todavia um possível conflito arvorado por diferenças sociais não intimidava a circulação de pessoas entre um lado e outro. Não existiam mais cercas de arame farpado, e para além de fronteiras simbólicas expressas em um *status quo* racializado e historicamente cultivado em Goiás, em tese, as pessoas tinham liberdade para circular por todos os lados e âleas da praça. E isto acontecia, mas somente à medida em que representações, estigmas e estereótipos se desvaneciam, perdiam sentido ou enfraqueciam. Conforme as horas corriam e a madrugada se desenrolava os contatos entre um lado e outro se intensificavam.

Os espaços anteriormente caracterizados pela diferença e impermeáveis terminavam se conectando. Ali pelas três horas da manhã, os espaços se tornavam permeáveis e as anteriores diferenças alcançavam um consenso – pelo menos temporário. Aqueles que haviam permanecido nos rolês da praça desrespeitavam as fronteiras simbólicas e se engajavam em relações pouco prováveis no começo do rolê. Começava-se, ou melhor, intensificava-se a busca pelo *crush*, pelo “parça dos rolês pesados” e por drogas revendidas em pontos escuros da praça.

Os corres¹⁵⁷ que ocorriam de forma mascarada ao longo da noite à altura da madrugada se tornavam facilmente identificáveis. Aqueles que anteriormente não tinham rostos deixavam-se ver e quem mal falava da maconha enquanto bebia seu *Johnnie Walker* já havia abraçado um dos jovens dos corres e ali na rua Dr. Tasso de Camargo estava esperando a mercadoria que o iria fazer ficar “brizado”, ter aquela “larica” e terminar comendo um salgado no Postão.

Os relacionamentos entre pessoas que até certo horário permaneceram em lugares opostos acontecia mediante a mobilização de interesses que, no mínimo se encostavam, de emoções, desejos, expectativas ou outros sentimentos. Claro que isto acontecia muito antes dos rolês e naquele momento em que eu via misturarem-se tantas diferenças estava, na verdade, presenciando algo que havia sido iniciado em aplicativos de relacionamento, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Tinder* ou *Grindr*. Não era algo aleatório, ou do nada.

Na verdade, aos poucos percebi que não havia nada de aleatório nos rolês, embora muitos jovens tentassem me passar a ideia de espontaneidade tudo o que acontecia ali na praça era pensado por alguém. Os encontros e os desencontros tinham bastidores e quando tudo isto misturava-se a polícia era chamada a acalmar ou exasperar ainda mais os ânimos conforme me contaram Alex e o grupo que com ele estava na noite em que saímos juntos.

À medida em que Alex e eu conversávamos éramos interrompidos por um e outro que se achegava para perto de nós e achava interessante a análise que Alex e sua namorada estavam

¹⁵⁷ Palavra relacionada a ações que pretendem conseguir alguma coisa de forma rápida. Em Goiás e em outros lugares os “corres” aos quais os rolezeiros se referem corresponde à busca e repasse de drogas. Aquele que faz um “corre” posiciona-se, na relação de compra e venda de drogas, entre o traficante e o consumidor.

fazendo dos rolês e da movimentação de pessoas em torno da praça do Coreto. Indagado sobre os seus rolês e chamado a dar um parecer em torno de suas impressões da praça Alex foi enfático em destacar que a “praça tinha o rolê da divisão social e tal, havia divisão de grupos”.

Ele informou que existia o “pedaço da praça que cola a galera mais LGBT e tal, gay, lésbica, simpatizando e tal e tem o rolê da praça que a galera fica escutando funk, mas o rolê dos play boys é do outro lado”. Ainda segundo ele tinha também o “rolê da galera que vende o bagulhozinho, o brauzinho, o pozinho. [Estes ficam] mais pra cima ali [gesticulou ponto da praça onde se localizava a galera ‘do bagulhozinho’]”.

Junto de Alex outros jovens também queriam falar e em coro ele e mais dois rapazes destacaram que aquele “pedacinho” onde estávamos era onde permanecia a “galera LGBT e tal” (ao fundo sua namorada Manuelle também acrescentou que ali ficavam “os LGBTs e alternativos”). Do “outro lado, ali em frente a SEFAZ, ficavam os play boys”. Em “cima, ali [nas imediações da fonte de água] ficavam os mais novos, a galera que está começando agora, a Geração 2000, 15, 16 aninhos”. Já ali pra cima, ele [apontou novamente] “ficava galera que passa os bagulhos (maconha, pó, loló e bala)”.

Manuelle muito interessada em falar tomou a palavra e me informou que acreditava que “eles (os mais novos) saíam para conhecer gente, pra ir na pizzaria, pra ir em um bistrô”, mas também lembrou que havia “o bar do Juca que é mais parecido com os alternativos” e um bom espaço para “iniciantes” (jovens interessados em um público mais alternativo e LGBT).

Alex a olhou de soslaio e pontuou que eles [o seu grupo] estavam ali “o tempo todo fumando maconha e os mais novos não ficavam muito por perto, eles ficavam mais pra cima, até pelo rolê dos pais e tal”. Segundo ele, os “novinhos” tinham medo de ser pegos em flagrante e temiam as represálias paternas e maternas.

Quando retornamos ao tema das diferenciações por classe e raça Alex e 154 [rapaz que se juntou ao diálogo] me disseram que os frequentadores daquele espaço onde estávamos eram “bem diversos”. Ali os frequentadores integravam uma parcela da “população mais pobre” e uma “galera mais quebrada [‘sem grana mesmo’, disse outro jovem]”.

Todos riram bastante então indaguei se as pessoas habituadas a frequentar esse lado da praça também circulavam por outros espaços. Alex me lembrou que Alisson “mesmo era um desses”. Ele “vai em todos os setores”. Alex e sua namorada enfatizaram que eles “também davam um rolezinho assim, mas não eram muito fãs de ficar andando não, saca?”.

Segundo os dois “o pessoal que passa as coisas também fica rodando em todos os rolezinhos porque todo mundo compra né e tal... ai eles tem a galera que fica rodando...”. 154

ainda me chamou a atenção e disse “olha para lá!”. Atendendo ao seu chamamento eu me virei para ver e observei que haviam três jovens compartilhando alguns embrulhos enquanto nós conversávamos. Eles pareciam querer manter certo sigilo, deste modo se comunicavam por meio de gesticulações e balbucios. Nesse instante 154 verbalizou o nome de um deles e destacou que ele sempre trazia o “bagulhozinho” para alguns policiais “mais chegados”.

Alex interrompeu o diálogo que mantinha com 154 e acrescentou que se tratava da “galera que fica rodando e passando né...”. Observei por mais algum tempo toda aquela dinâmica relacionada à circulação de entorpecentes e tentando compreender a informação que me fora oferecida de que integrantes das forças de segurança, também, participavam daquela economia de drogas muito comum ali na praça. Lembrei nesse momento que em outra ocasião havia encontrado Alisson na portaria de uma festa realizada na Casa do Artesão e que nesse dia ele estava acompanhado por dois policiais que, segundo ele, eram “muito gente boa”, “tranquilões” e “que curtiam um bagulho”, pois “queriam ficar na paz”. Realmente independente de ser ou não policial o consumo de maconha, principalmente, era bastante grande em Goiás e não era um segredo que parcela considerável dos frequentadores da praça faziam uso esporádico desse entorpecente.

Mas o que não fechava uma compreensão em minha cabeça era por quais razões policiais que publicamente consumiam a maconha pactuavam com a coação e as abordagens violentas dos policiais em dias de batida ali na praça. Os garotos que comiam conversavam chamavam isso de “hipocrisia dos PL, o que tem nessa cidade é hipócrita”. Nenhum dos garotos quis entrar no mérito desta inquietação, só comentaram que eles “estavam fazendo o seu trabalho” e Alex acrescentou que “eles são os cachorros do governo”.

Os olhei por algum tempo e fiz algumas anotações em meu caderninho. Na sequência lhes perguntei quais seriam as drogas mais consumidas ali na praça. Todos falaram em coro que era o “loló e a maconha”, mas 154 acrescentou que o “papel e a bala” também tinham a sua “entrada ali na praça”. Ele sabia bem de todo o processo, já havia trabalhado no tráfico segundo me relatou, deste modo conhecia os bastidores dessa atividade econômica em Goiás.

Como já havia visto vários grupos utilizarem a cocaína em diferentes lugares do Centro Histórico questionei-os se o pó era comum. Alex disse que “as vezes, mas não era tão constante”. Segundo ele o pó “é mais um luxo, pó é mais um luxo”. Já a “maconha é de sempre, cachaça é de sempre, loló é de sempre”. Manuelle me cutucou e disse que o “loló é quando a praça tá mais cheia, lotada...”.

Na tentativa de silenciar Manuelle, Alex segurou em meu braço e disparou em voz mais ressonante – como se quisesse calá-la – a seguinte consideração: “Ou quando vai ter alguma festa, tipo hoje era o dia da galera colar aqui e vender um loló, saca!? Só que como não juntou ninguém aqui antes de ir pra festa eles devem ter ido embora. Porque geralmente quando tem alguma festa, algum evento na cidade a galera costuma passar aqui primeiro pra... se juntar com a galera, chapar uns, fumar uns *beks* depois...”.

Manuelle lhe devolveu uma encarada e com ênfase me disse que “a festa começa aqui e termina aqui”. Na tentativa de maiores esclarecimento sobre toda a dinâmica em que o Coreto era colocado como central questioneei o que acontecia quando a festa era iniciada na Praça de Eventos, ali nas imediações da Casa do Artesão. Todos os presentes na roda me disseram que logo concluído o show ou a festa nesta praça, isto pelas 03 horas e 40 minutos da madrugada, “a galera cola aqui”. Poderia ocorrer também de “colar aqui e depois vai pra lá ou então, como a festa é no *Lions* hoje, [eles botavam] fé que era pra galera ter juntado aqui pra depois subir para o *Lions Clube*”. E no fim desta invadir as avenidas ao lado do Postão.

Como o Postão se localizava do outro lado da avenida aproveitei para lhes perguntar se as pessoas também iam para este ponto. 154 me disse que o “Postão é ressaca”. Manuelle acrescentou que “era final de rolê (deu várias risadas)” e Alex concluiu que o “Postão é o último rolê”. Todos confirmaram que o “Postão [se tratava de] a ressaca do frevo”. Era o momento em que os jovens “compravam um salgado, um suco, um negócio assim” pra matar a fome ou pra tomar uma dose, porque as bebidas dentro da festa no *Lions* eram muito caras.

Alex me informou que “agorinha a gente vai subir pra lá pra ver o que... tipo lá pro *Lions né*”. Ele queria “ver o que que pega, tipo, ver se a gente consegue fazer uma malandragem lá e entrar de graça (todos riram)”. Perguntei sobre as festas que aconteceriam na próxima semana, ele confirmou e acrescentou que “agora como está rolando o negócio da Calourada... Ontem inclusive teve uma na Carioca, só que a gente tava muito chapado aí acabamos não indo”. Alex me contou que “tipo, antes dessa semana que teve Calourada e a partir de agora vai ser Calourada sempre, então a gente sempre vai ter um rolê pra ir sabe”.

Segundo ele a partir daquele momento sempre “vai ter um rolê pra ir a partir de agora, até porque a galera que tá nova na cidade, tá querendo fazer amizade, conhecer a galera e tal...”. Nesse instante mais três jovens se aproximaram de nós, todos se cumprimentaram muito calorosamente e Manuelle lhes indagou: “achei que vocês estava lá na Festa do Branco!”

Alex comentou ao mesmo tempo em que coçou a cabeça: “aí a festa, acho que é festa de usar branco”. Eu perguntei se era para “usar roupa branca?” Quando me falaram quem

estavam organizando a festa logo percebi que a proposta vinha de uma perspectiva racializada que visava sanear o público que frequentaria a festa.



Desenho 59 – “O bicho pega aqui de noite”. Bocas, línguas e os rolês do sexo. Fonte: Diários de campo de 2018 até 2019.

Festas temáticas em Goiás tinham o intuito de selecionar o público. Sempre que se determinava o tipo de roupa ou faziam-se festas a fantasia os interesses, nos bastidores da organização, eram restringir os frequentadores. Enquanto anotava isto no meu bloco de notas Alex comentou que “diz que é festa do branco, mas eu perguntei ontem... tá aí um dos rolês de Goiás: fazer festa temática que ninguém usa o tema. Festa a fantasia que ninguém vai fantasiado. Festa do branco, ninguém vai de branco”.

Ele se levantou para cumprimentar os recém chegados e ficaram conversando por algum tempo juntamente com Manuelle. Eu permaneci sentado os aguardando. Enquanto Manuelle estava quieta aproveitei para lhe perguntar sobre a “parada das tampinhas” que ela havia comentado quando nos encontramos, dias atrás, na Carioca e que ela ia acumulando em sua bolsa. A chamei e questionei: Manuelle, no último dia em que nos encontramos na Carioca você me falou de tampinhas que ia acumulando em sua bolsa durante seus rolês, como seria isso e quais as razões para fazer isto?

Manuelle me respondeu que no decorrer dos rolês achava “muita coisa”. Segundo ela tinha uma “mania de andar olhando muito pro chão [e nisso acabava achando] carteira de cigarro, isqueiro, dinheiro, cachaça...” e por conta disso começou “a juntar as tampinhas aleatoriamente, sabe?!”, todavia me lembrou que “na

verdade queria fazer um negócio pra faculdade, uma arte sabe?!”, e aí começou a juntar [ela estudava artes visuais no IFG]. Na cata das tampinhas “teve um dia que [ela achou] ... eu achei assim uma garrafa fechada, eu falei: nossaaaaaaa! Eu fiquei tão feliz”.

Segundo Manuelle nesse dia ela estava com muitas “tampinhas na bolsa, muitas mesmo e guardou esta tampinha dessa garrafa”. No “outro dia, a gente tem mania de... quando a gente não tem dinheiro a gente tem mania de sair na praça e cada um fala: Aoooo me dá um real aí pra gente comprar uma pinga e tal. Aí eu dei uma volta, eu consegui vinte real véi, numa volta só entendeu. Ai assim a gente bebeu!”.

Perguntei se ela acreditava que isto se deu por conta das tampinhas e ela me disse que “era sim! É uma questão de fé”. Manuelle ainda comentou que era preciso botar fé e esperar que rolasse uma energia. Para ela havia “um negócio de intenção também. É a intenção que conta em tudo. Guardar uma tampinha, acender uma vela, falar: hoje não vai chover, porque eu quero sair (risadas)”.

Nesse momento fomos interrompidos por Alex e outra jovem garota que se juntou a nós para comentar – ao mesmo tempo em que ria – que estava “doente né, aí falou pra todo mundo: a gente eu não sei se eu vou sair e tal. Aí deu cinco horas da manhã e eu ainda estava na rua”. Manuelle perguntou-lhe onde estavam e a garota respondeu: “a gente foi pra Casa do Artesão, os meninos pulou e eu entrei por lá...” Nesse momento Alex me chamou a atenção para o rolê da “galera que cola nova na cidade tomando as pingas caras (Todos caíram em risadas)”.

Alex disse que a “galera chega na *City*, aí tem uma graninha, aí rola uns rolês de fazer amizade e tal, aí compra vinho, Gin, Whisky... aí o que que acontece? O rolê aqui, por mais que seja uma cidade parada, é todo dia”. Por conta disso “quase todo dia a gente tá num rolezinho com a galera e tal, tocando violão, tomando alguma coisa”. Mas quando a “grana vai acabando, acabando, aí quando a pessoa vê tá com pouco grana, aí tá bebendo 29 com suco, 29 com refri e aí vai, só desanda. É aí que a loucura começa”.

Manuelle acrescentou que tinha a galera que “chega fumando Carlton e de repente ta fumando Euro, Poker...” o “Carlton é um cigarro mais caro e o Euro é tipo aquele gostinho de morte (risadas)”. 171 [outro rapaz que se juntara na roda] completou que “tipo assim o Carlton custo oito, nove reais e o Euro vale três reais”. Manuelle corrigiu dizendo que era “três reais e cinquenta”. Os dois ainda compararam os preços de cigarros entre diferentes estados e foram interrompidos por Alex que apontou: “quinze reais eu ainda compro duas catuabas de 5 reais e ainda sobra o dinheiro do cigarro”. Segundo os três qualquer quantia em dinheiro era por eles convertida em bebida: “qualquer quantia de dinheiro que os outros falam, a gente fala: Nossa isto dá tantas garrafas e tantos cigarros (Manuelle deu grandes gargalhadas)”.

Alex apontou que “a gente converte qualquer dinheiro que a pessoa fala pra gente em álcool”. Segundo ele era “tipo assim”: “mano essa camisa é doida hein paguei trinta conta na

feira. Nossa com trinta conto eu comprava seis catuaba [todos riram]”. Drica (outra atora naquela noite de rolês) lembrou que “quando chegou em Goiás fumava “um palheiro e agora fuma um cigarro porque é mais barato. Universitário não tem dinheiro”.

Como todos falaram muito em bebidas lhes perguntei quais eram as que mais gostavam de consumir. Depois de me lembrar que tudo dependia da quantidade de grana cada um foi lembrando que consumia “Catuabaaaaa!” (Manuelle e Alex), Rustoff (Alex), Corote azul e coloridos (Manuelle e Alex) e 29 (Drica). Alex destacou que a 29 é pra quando “a gente está neste estágio aí deprimente (risadas)” e Manuelle o lembrou que “o ruim do 29 é que no outro dia você morre né”. Alex justificou o consumo de 29 em razão de ela ser “barata”.

Enquanto falávamos das bebidas e drogas mais consumidas um grupinho se formou ao nosso lado e começaram a observar o movimento da polícia. Um deles destacou que “agorinha a polícia invade a praça pra criar B.O.” vendo-os observar o movimento policial perguntei a Alex e o grupo de jovens de que forma funcionava a rede de cooperação e informações entre os frequentadores da praça já que me haviam destacado a sua existência em outra ocasião.

Alex me disse que a coisa funcionava “pelo rolê, por exemplo eles estão ali (apontou para o lado do Coreto que dá para o Museu de Arte Sacra) a polícia vem descendo de lá e eles vasam aqui pra baixo, nisso os play boy já fraga os carros ligados e desligam os carros, ou é o contrário. Os caras estão ouvindo o som, aí vê a polícia, eles desligam o som, aí os traficantes fraga que a polícia tá vindo, aí já levanta, dá uma olhada ao redor e vaza”.

Segundo Alex o “Coreto ali serve de ponto base pra galera da fuga porque a polícia tá vindo ali (apontou para o largo do Museu de Arte Sacra) eles escondem ali (apontou para o lado do Coreto correspondente a rua Doutor Tasso), à medida que eles (polícia) vão descendo, eles (traficantes) vão contornando (risadas). Quando é fé tem quinze contornando o Coreto e a polícia do outro lado, [cassando-os] tudo, mas não acha ninguém”. Alex ainda lembrou que a polícia não conseguia pegar ninguém porque “eles não vão parar pra descer, é tudo morgado. Se parar pra descer até eles contornar, os caras...”.

171 também deu suas considerações, ele enfatizou que “olha pra você ver quantas ruas têm, cada um pega uma rua a acabou...” e Alex acrescentou que “ali tem aquele bequinho ali que carro não passa... Aqui de trás da Igreja aqui carro também não passa (apontou para o beco atrás da Igreja), aqui também não passa (apontou para o beco do mijo).”

Dito isto Alex me avisou que em “dia do frevo não ficasse passando muito aqui não filho (apontou para trás da igreja) porque é tipo um motel da galera, tá ligado? Motel, banheiro... Haaa é, ali atrás da igreja tem o rolê do... Tipo, ali é o rolezinho das mãos bobas, dos orausinhos

ligeiros... Atrás da igreja”. E quando “é tipo, galera mais nova saindo do colégio, principalmente aqui no Lyceu cada cantinho desse aqui (apontou para as entrâncias da Igreja) vira tipo um casalzinho se pegando, saca. Mas isto é de dia, agora, se isto acontece de dia?! Pensa no que não acontece a noite (Risos)”. Um dos garotos da roda disse: “de tudo!”

Alex me informou que haviam os pontos estratégicos e 171 me cutucou para dizer “que no bloco do sujo, à noite, naquele bequinho ali... (apontou para o beco da igreja) tinha tanta gente transando ali que não tinha lugar pra mijar”. Segundo Alex “a galera quando não tem um lugar pra ficar assim, sempre acha um lugar. Ficar atrás da igreja é mais raro porque é muito movimentado, mas acontece, descendo o bequinho aqui (apontou para o beco do mijo) tem uma casinha que é só uma areazinha, aquela casinha lá é muito bem frequentada. (Risadas)”.

E tem os rolês mais íntimos né”. Manuelle e Alex lembraram dos banheiros: “tem os banheiros ali (perto da Cruz do Anhanguera). Tem os banheiros do Laticínio (Praça de Eventos), se eu falar que o Laticínio é um Motel gigante, você acredita?!”. Além disso havia gente que “vai mais longe. Tem a Santa Bárbara, Carioca, Chafariz...”. Manuelle apontou que “na Carioca, de noite não tem ninguém, aí naquele bar, lá tem um padrão que... é o padrão de luz da Carioca inteira se você vai lá e desce o pagode (chute), acabou.

Alex disse que “cada padrão lida com um lado da Carioca e aí se você desligar o lado certo” ficava tudo muito escuro. Perguntados se haviam transado nesses lugares todos disseram: “Ixi!” seguidos por muitas risadas. Segundo eles era “difícil ter um banco aqui (na praça) que não usaram”, que o Chafariz” já havia sido cenário algumas vezes. Dentro, na calda e naquele espaçozinho onde a galera joga capoeira (Risadas)”, atrás “dessa igreja aí já, rapazzzzzz se é doido” e nos “bequinhos ali pra cima, subindo ali, uns bequinhos que não passa carro, é ótimo também. Porque as casas fazem sombra, então a qualquer hora do dia pode rolar”.

Ainda permanecemos conversando mais um pouco sobre as suas aventuras sexuais ali pelo Centro Histórico, mas como todos haviam combinado de subir para a Festa do Branco concluímos nossa conversa. Porém, me disseram que eu poderia acompanhá-los em seu rolê. Informei que iria sim e junto deles subi para o Postão e *Lions*. Ali ficamos encostados na grade do *Lions* até que Alex conseguiu entrar na festa. Desse momento em diante não o vi mais. Só percebi que aos poucos todos os outros foram dando um jeitinho de entrar na Festa do Branco para continuar, lá dentro, os seus rolês. Eu achei melhor ir para casa, já era bem tarde.

6.1 – “O rolê não têm hora pra acabar”: festa, andanças, mesas de bar e o lazer

Na altura em que me encontro nesse registro etnográfico feito entre jovens e estudantes



Desenho 60 – “Tá todo mundo doido pra fazer a mesma coisa”. Rolês da pegação e o de boca em boca. Fonte: Diário de campo de 2019.

universitários em rolês e festas na cidade de Goiás eu contei um pouco de minhas andanças por diferentes lugares, o contato com dezenas de pessoas, a escuta, visualização e o testemunho de hábitos muito diferentes daqueles até então atribuídos a Goiás e sua gente.

Ressalto que sair de minha casa e aceitar mover meu olhar de nativo para outras perspectivas foi fundamental para que pudesse narrar uma outra versão da cidade de Goiás que quase ninguém conhecia. Claro que sempre se falou muito das pegações e do sexo em público praticado em becos e ruas escuras de Goiás. Até Cora Coralina relatou isto em poesia, porém dando ênfase a um conteúdo hiper sexualizado e estritamente praticado por negros escravizados, conforme se observa no fragmento abaixo:

“Vultos negros no escuro se buscando, se agarrando, na sombra dos muros e tapumes, atracados num cio vigoroso e animal. De noite, subia das senzalas e dos quadrados um fartum de sexo e de sêmen. Nasciam crioulinhos e as senzalas eram o celeiro e a garantia da sobrevivência dos escravos que se arrebetavam no serviço bruto dos senhores” (Cora CORALINA, 2006, p. 10).

Todavia agora sabemos, pela força da fofoca, das denúncias protocoladas em delegacias de Goiás ao longo de décadas e dessa etnografia que, diferentes pessoas, com diferentes marcas sociais, utilizavam sim a rua para engajamentos afetivos e sexuais. Vejam bem, se se tomava banho nu em diferentes pontos do rio Vermelho, até em pontos onde se haviam moradias familiares, a que supor que dos encontros entre tantos corpos nus caminhando despreocupadamente pelas águas do rio acabasse resultando o envolvimento sexual.

Nos caminhos que tentei fazer através da memória, história e de meu presente etnográfico tomei como lugar antropológico a Praça do Coreto e o Centro Histórico de Goiás (aquele tombado pelo IPHAN) e ai vi pessoas se divertirem, beberem, “se pegarem”, trocar olhares, fumar um beck, dançar, transar, articular “beijaços triplos”, dar uma esticado até o



Desenho 61 –
Noite de festa é
tudo de bom. Fonte:
Diários de campo
de 2018.

Morro do Macaco Molhado para dançar um forró, amanhecer na feira ou no Postão para aquele lanche antes de ir para casa ou organizar grupos de amigos para ir em alguma festa universitária e Calourada na eminência de algum feriado da cidade.

Os rolês eram múltiplos e nessa narrativa tentei contar alguns fragmentos do lazer em Goiás, algumas situações problemáticas e alguns usos da cidade por mim presenciados. Claro que houveram recortes. Eu precisei selecionar momentos específicos, cenas que entrariam nessa narrativa e qual as lentes epistemológicas eu utilizaria para ler tudo que vi. O gênero e a sexualidade foram meus parceiros nessa longa caminhada. Estes recortes, evidentemente, me restringiram um pouco. Algumas problemáticas foram pinceladas, tais como as intersecções de classe e raça – que merecem mais reflexões – mas acredito que este meu esforço narrativo devo inspirar outras etnografias, com novos recortes e lentes de análises específicas.

O importante é que finalmente os rolês foram removidos do mutismo em que se encontravam, a cidade de Goiás das festas, os atores jovens, as juventudes e os novos usos de espaço de Goiás executados por grupos diversos que se localizavam na cidade no tempo em que desenvolvia a investigação foram evidenciados. Nesse momento caminho em direção à “saideira”, mas antes trago mais algumas interlocuções para que se observe de que modo os engajamentos afetivos entre diferentes pessoas eram articulados e de que modo os rolês começavam e quase sempre não tinham um final pré-determinado.

No interior dos rolês eu tinha a impressão de que as vezes era possível ver o início, mas o seu fim nem sempre era tão facilmente detectado. Às vezes eu estava exausto e só queria a minha cama depois de um lanche, mas as minhas companhias não tinham horário para ir para casa. Restava a mim ficar, tentar me divertir e acompanhá-los/as.

Em uma noite de sexta-feira de 2018 saí com vários jovens para uma festa. Esta noite rendeu muitos registros interessantes para mim, uma noite acordado e os dedos dos pés inchados por conta dos tropeços. O Lugar estava muito escuro e eu não conseguir ver os pedregulhos.

Era uma noite de sexta feira. No dia anterior havíamos comemorado a República e todos curtiam o feriado prolongado. Dias antes um grupo de jovens haviam combinado comigo de ir



Desenho 62 – “A gente faz pela cidade o que dá”. Reinvenções de Goiás e de seu patrimônio. Fonte: Diários de campo de 2017 até 2019.

a uma festa promovida por vários estudantes universitários. O evento se resumia a uma Chopada em que todos deveriam trajar pijamas. Em resumo resolveram chamar a festa de “Chopjama”. Aceitei o convite e me encarreguei de providenciar o meu pijama.

Adquiri um samba-canção rosa, toda ilustrada com frutas, comprei também algumas camisas brancas e outras rosas. Dentre todas essas camisas escolhi usar uma na cor rosa clara e que trazia em caixa alta, bem na região do peito, os escritos: “Champanhe, tapa na cara e gritaria”. Por alguma razão achei que essa camisa entreteria meus interlocutores. E de fato. Todo mundo que conseguia ler o que estava escrita caía em risadas.

Alguns instantes antes de me encontrar com Alana e demais garotos, eu me arrumei. Tomei um banho, passei perfume, vesti o samba-canção e por cima um short de jeans, organizei meu bloco de anotações dentro de uma mochila me dirigi para a praça do Coreto. Desci rápido, eu já estava um pouco atrasado e Alana já tinha me ligado umas três vezes.

Ela estava ansiosa para a festa e me dizia que mais ainda para “beijar muito na boca”.

A esta altura outra garota, Joice, que também me chamara já desistirá. Segundo ela estava toda atrapalhada com o trabalho e o namoro. E principalmente por conta do namoro não se sentiu “muito à vontade para sair andando de pijama pelas ruas de Goiás”, pelo menos foi o que me disse posteriormente. Já na altura do Coreto Alana ligou novamente. Indagou onde eu estava: “onde você tá véi?”. Informei que estava chegando no Coreto e ela me disse para descer direto para a Casa do Artesão, já estava “todo mundo lá, esperando para entrar”.

Assim que alcancei as imediações da Casa do Artesão Alana veio ao meu encontro. Ela estava na companhia de alguns amigos com os quais estudava. No decorrer da noite esses amigos se juntaram a tantos outros e, todos nós, formamos uma roda no meio da festa.

Antes de entrarmos na festa ainda aguardamos mais algumas pessoas que se juntariam a nós. Ainda faltava a Franciele e Jonas. Enquanto a aguardávamos fiquei observando os desfiles de pijamas. Aquela era uma oportunidade única para a realização de algumas fantasias por parte dos jovens. Quando novamente teriam a oportunidade de andar pela cidade e/ou espaços de festa com apenas uma toalha amarrada à cintura? Em que momento camisolas minúsculas e sensuais conseguiram sair dos quartos e tomar a rua?

No desfile de pijamas havia de tudo um pouco. Calções e camisolas, alguns muito insinuantes, outros menos. Tudo as vezes parecia bastante cômico. E dependendo da pessoa, de seu pijama e de seu comportamento usando-o em público aquilo poderia render boas risadas. Se as pessoas que estavam ao meu lado conhecessem o dono do pijama esquisito, a risada era inevitável. Eu mesmo em algumas situações não aguentei e disfarçadamente soltei algumas gargalhadas. Na verdade, tudo ali parecia um Carnaval fora de época, uma festa em que algumas convenções sociais haviam sido distendidas, relaxadas.

As meninas usavam pequenos shortinhos cheios de rendas com blusinhas de alças muito pequenas. Os meninos vestiam shorts e camisa, sambas-canções semelhantes à minha, uma toalha e ainda houveram aqueles que apareceram trajando apenas uma cueca. Os rapazes mais esbeltos e as meninas mais magrinhas faziam questão de evidenciar o corpo magro e malhado, talvez o fizessem na expectativa de angariar alguns “biscoitos”, conquistar “aquele *crush*” no decorrer da noite ou satisfazer as expectativas criadas em momentos anteriores à festa.

Enquanto conversava com Alana fui agarrado por Kênia que, por trás me puxou para um abraço. Ela estava simplesmente linda. Usava uma insinuante lingerie rendada de cor vermelha sangue, meias rendadas, um batom vermelho e um perfil adocicado. Esta roupa demarcava bem seu corpo jovem, esguio e alvo. Conversamos por uns minutos e ela me contou que aquela noite ia transar com um cara ali mesmo na festa. A olhei e perguntei onde. Ela me disse: “Uai Paulo vai ser onde der, já transei até nesse banheiro ai!” Ela me encarou, chupou o pirulito que trazia e entrou na festa já aos pulos do ritmo do funk que tocava.

Retornei para perto de Alana e finalmente entramos na festa, mas antes de entrar eu tirei o short que cobria minha samba-canção e guardei na mochila. Uma vez dentro do espaço da festa nos dirigimos ao bar que ficava no canto direito, bem próximo da entrada. O lugar estava abarrotado de gente que também desejava comprar suas bebidas ou o *mé* gratuito que haviam prometido no anúncio da festa. Ficamos na fila por um tempo e enquanto cumprimentava pessoas passei uma revista no bar.

Ali haviam pelo menos oito pessoas atendendo a multidão de gente. Três freezers com bebidas e um quarto freezer com garrafas de água. Pelo chão do bar ainda estavam dezenas de latinhas de cerveja embaladas, sob o balcão colocaram três recipientes enormes contendo o *mé*. E mais ao fundo havia garrafas com bebidas que seriam vendidas na forma de doses.

Cada um de nós pegou o seu copo com o *mé* e nos dirigimos para as imediações da tenda onde estava instalado o DJ que conduzia os ritmos da festa e dos corpos. Alana, os garotos e eu estávamos bastante animados, porém ela ainda temia represálias de uma jovem com a qual teve um desentendimento provocado por questões de relacionamento e ciúmes. Por esta razão sempre que saía com Alana tentava mantê-la no raio de minha visão e os outros que sabiam da situação também faziam o mesmo. Aos poucos formamos ao redor dela uma rede de proteção.

O *mé* (que estava bastante forte) ajudou na descontração. Todos caíram no ritmo do funk que era tocado naquele momento, inclusive eu. Bastante animada Alana saiu à procura de “N”, este era o garoto com o qual desejava ficar esta noite. Virei um instante para procurá-la e foi quando vi que diante de “N” (um rapaz alto e forte vestido apenas com uma samba-canção) Alana o indagava se ele a beijaria ou não. Ele disse que sim, mas saiu sem maiores explicações. Frustrada e brava Alana voltou para nossa roda bastante desanimada.

Conversamos por um tempo sobre as suas expectativas e as de “N”, expliquei que ela poderia ficar com quem desejasse e que ele não era o único menino bonito ali na festa. Ela concordou e voltamos a dançar e tomar nosso *mé*. Fiquei observando como a tomada de iniciativa de Alana incomodou e desconcertou “N”.

“N” não esperava que ela o abordasse e nem que aquela garota magrinha tomasse as rédeas de seus desejos, expectativas e emoções. A situação de desconcerto de “N” diante da autonomia de Alana ficou mais evidente no momento em que dançávamos e ele se aproximou de Alana. “N” chegou por trás de Alana, a abraçou e meio sem jeito deu-lhe uma lambida no rosto, feito isto mais que depressa saiu com seus amigos.

Alana ficou furiosa. Ela ficou tão irritada que apenas me disse: “Paulo, liguei o foda-se. Agora eu vou beijar todo mundo”. Voltamos para a roda e bebemos mais um pouco de *mé*. Nesse meio tempo vimos como o amigo de “N”, “Y” estava encarando Alana. Comentei com ela. Mas nem foi necessário alertá-la, Alana já havia percebido e mais que depressa sinalizou para o rapaz que queria beijá-lo. “Y” veio em sua direção e a agarrou. Eles deram um longo beijo de língua, alguns amassos e ficaram conversando um pouco.

Observei quando “N” balançou a cabeça e saiu com ódio de seu amigo e também de Alana. Depois do beijo ela voltou para a roda e me disse, aos gritos, que havia ligado “o foda-

se” para “N” e que “nem se ele quisesse, ela ficaria mais com ele”. Nesse momento todos da roda estavam bem animados e bêbados. Franciele vez ou outra vinha até nós e ficava dançando algo esquisito. Ela fazia movimentos circulares que não eram coerentes com a música e ninguém entendia. Me disseram que Franciele tinha usado duas balas e baforado loló três vezes. Só aí entendi por que razões ela estava tão estranha. Ela mascava um canudo de pirulito.

O consumo de bala, maconha e loló entre o público dessas festas universitárias era relativamente grande. Um conhecido que por mim passou sequer me reconheceu. Precisei puxá-lo. Segundo ele estava muito “brizado” por conta da maconha e do loló, mas me disse que aquela noite ainda ia usar uma metade de bala. Ele sumiu meio da multidão. Enquanto acompanhava a dança de Franciele observei quando “Y” beijou Alana novamente.

Depois disso Alana ficou eufórica. O beijo e o *mé* que tomava contribuíram para deixá-la a vontade o suficiente para dançar, balançar a cabeça e gritar sobre o quanto “gostava de homem”. Enquanto Alana dançava, os seus dois amigos saíram para beijar outros caras e fumar um palheiro, maconha e usar o que mais conseguissem encontrar.

Um de seus amigos que já havia ficado com vários rapazes perto de nós e não se intimidou quando outro rapaz passou mais que depressa o agarrou e bem na nossa frente deram aquele beijão cinematográfico. Mas o que mais chamou a atenção de todos foi que ao retornar para a roda ele agarrou Alana e lhe deu um beijo de língua bem demorado. A esta hora cada um dos meninos já havia se engajado em seus “dates” e a roda começou a minguar.

O amigo de Alana me pediu uma camisinha emprestada para transar com um dos rapazes que havia beijado e as duas amigas de Alana haviam sumido de nosso ponto de visão. Só as encontramos ao final da festa. Ali pelas 04 quatro da manhã, quando a festa já caminhava para o fim e o DJ avisou e soltou a “saideira”. Assim que tocou mais duas músicas de MC Kekel a festa terminou. Ao seu fim era visível a quantidade de casais que se formaram. Alguns saíram abraços e prontos para transar nas imediações da Casa do Artesão. Outros seguiram para suas casas ou algum Motel. E ainda houve aqueles que me disseram ir terminar a noite em um *after*.

Como o lugar já começara a ser desocupado e precisávamos aguardar os amigos de Alana que haviam sumido fomos terminar a noite no Mercado Municipal. Ali sentamos em um dos bancos e ficamos conversando sobre tudo que rolou durante a festa até que todos foram reunidos. Todavia foi tolice minha achar que o rolê havia terminado. Alana se juntou com os amigos e mais outros garotos – que não conhecia – e foram para o Postão. Segundo o grupo a “noite era uma criança” e eles “queriam aproveitar o rolê no 220”. Me despedi e fui para casa.

Em meados de 2019 tive outro rolê que não consegui ver o final. Já na véspera de eu fechar meus registros de campo, considerando que o volume de material era enorme, me convidaram para um chá de berço. Ela havia engravidado no decorrer da pesquisa, a gravidez apresentou complicações e ela precisou se retirar dos rolês. Por ser de uma de minhas interlocutoras, eu não podia deixar de visita-la e por isso aceitei o convite mais que depressa.

Despretensiosamente fui ao evento e ali encontrei outros de meus interlocutores. Nesse dia um deles me disse que o rolê não tinha hora pra começar e nem acabar e aí me chamou para acompanhá-lo. Nessa noite saí para ver outros sentidos do lazer em Goiás e junto desse jovem rapaz percorremos bares, becos, festas e terminamos no Postão depois de irmos em uma festa realizada no meio do Cerrado. Esse registro foi um dos últimos que realizei para esta pesquisa e me impactou bastante em razão de cruzar em um mesmo espaço várias trajetórias.

Dias antes da noite em que se comemoraria o chá de berço Leona me procurou no *Instagram* e me convidou para a festinha que sua família havia organizado. Muito animada ela me disse que o neném viria, mas que ainda não sabia quem era o pai. Meio constrangido, fiquei um período sem digitar e depois de pensar um pouco lhe parabeneizei e confirmei presença.

No dia da comemoração eu comprei fraudas e algumas lembrancinhas para Leona e fui. Nesse dia eu não iria fazer registro de campo. Achava que se tratava de algo muito intimista e não queria sair vestido de antropólogo. Fui de Paulo. Todavia, por força dos encontros de trajetórias e por conta do peso de minha representação de pesquisador, fui chamado, ali no chá de berço, a registrar mais algumas cenas que derivaram deste evento e foram parar no Coreto.

Coincidentemente a casa de Leona era muito próxima do lugar onde tempos atrás houve uma festa em que ela foi surpreendida transando com um rapaz dentro do banheiro. Eu estava na festa e acompanhei toda a situação. Leona costumava dizer que “não tinha limites” e tentava a todo momento deixar isso registrado. Enfim, a chegada em sua casa despertou em mim uma memória topográfica que os rolês haviam criado.

Quando finalmente cheguei ao endereço descobri que além do chá de berço também seria comemorado o aniversário da mãe de Leona. À medida em que fui entrando na casa e que me sentei em uma das mesas que foram organizadas na área da casa identifiquei as pessoas que estavam no evento. Coincidentemente Breno estava ali com sua família e mais que depressa se sentou do meu lado. Ele queria me contar algumas coisas sobre os seus últimos rolês.

Leona se sentou um tempo conosco, me contou algumas coisas sobre seu último “peguete”, mas como precisa dar atenção para os outros convidados não se demorou muito. Ela

se levantou, mas antes disse para Breno que cuidasse de mim. Ele me olhou e lhe respondeu: “desse aqui eu sei como cuidar”. Deu uma longa risada e cutucou Leona.

O ambiente era todo de festa. Os primos de Leona tocavam instrumentos e cantavam. Muita gente conversava do nosso lado e a cerveja não parava de descer do freezer. Algumas crianças pulavam de um lado para o outro enquanto a mãe, tias e avó de Leona a chamavam para aquele monte de fotografias. Enquanto ia acompanhando todo esse movimento Breno foi me atualizando o que havia feito nas últimas festas em que fora. Me contou dos “rolos” em que um “gay louco” o envolvera, dos caras que pegara e daquele que queria pegar.

De forma muito espontâneo ele me buscou para dizer que iria sair com Leona para a praça do Coreto assim que o aniversário e chá de berço terminassem. Me chamou para acompanhá-los. Lhe disse que iria sim, mas que gostaria de registrar tudo o que me contara e a nossa que passaria ao lado deles. Como não havia trazido meu diário pedi que me aguardasse até que eu voltasse em casa para pegá-lo e também um capacete para o carregar na moto.

Assim que retornei Breno foi me encontrar na porta. Ele parecia ansioso para me encontrar. Enquanto caminhávamos ele me disse, pelo três vezes, que tinha muita coisa para me contar. “– Nossa Paulo eu tenho tanta coisa pra te contar... sobre o Carnaval, foi só putaria”. Assim que nos sentamos, bem ao lado de sua família, Breno me olhou e disse: “No Carnaval eu me meti numa suruba ali perto da Casa do Artesão”. Segundo Breno havia para esta localidade na intenção de se “pegar com outros caras”. Enquanto estava ali com dois caras outros foram se achegando e se juntaram na “pegação”. “Quando vi já tinham uns seis caras se pegando e outros três olhando e batendo uma pra gente”.

Breno lamentou o fato de um “traficante” ter aparecido para ver a pegação e por alguma razão ele se irritou ao ponto de ameaçar todo o grupo que ali estava engajado na pegação com um pedaço de garrafa quebrada. “Isto miou com a nossa pegação, fiquei puto”. Ainda no período do Carnaval Breno me disse que estava conversando com um garoto “crente” (um evangélico) e que este havia contado umas “paradas muito pesadas” para ele. Não se aguentando diante de fazer informações circularem de boca em boca ele me narrou a história e mostrou as conversas que vinha tendo com o garoto no *WhatsApp*.

Veza ou outra Leona retornava até a nossa mesa para ver se estava tudo bem e para ouvir partes das fofocas que Breno estava me contando. Durante os testemunhos de Breno eu me pegava pensando em como os rolês aparentemente me perseguiram onde eu ia. Até em um Chá de Berço eu terminei produzindo registros de campo!

Curiosamente sociabilidades tecidas com pessoas na Praça do Coreto me encontravam por todos os lugares da cidade e fora dela também. Considerei que isto se dava em razão de as experiências sociais e os sentidos de lugar estarem em trânsito, isto tudo estava contido nas pessoas, em seus agenciamentos e trajetórias. Trajetórias estas em constante cruzamento umas com as outras e também com a minha trajetória. E o Breno era uma dessas pessoas. Nossas trajetórias haviam se cruzado de tal forma que sempre nos encontrávamos. Breno ainda me contou sobre outros caras com os quais havia saído, os identificou com fotografias, falou do vídeo dele chupando um cara na Carioca que fora postado no *Twitter* e questionou a credibilidade de alguns de meus interlocutores.

Confesso que esta interrogação de Breno me deixou um tanto chocado. Eu não havia dito ou mostrado absolutamente nada para ele sobre meus outros interlocutores. Nem ele sabia que Leona participava desta pesquisa. Todavia, ele sabia de vários garotos com as quais eu conversava e me mostrava evidências de meu relacionamento com estes garotos. No processo de nosso diálogo compreendi que ele mantinha diálogo com alguns de meus interlocutores e que ao falar com esses acabou descobrindo que eles também contribuíam com a investigação. Realmente a rede de informações entre meus interlocutores sobre mim ficou evidenciada ali, em pleno Chá de Berço. Breno ainda me mostrou as conversas deles sobre a minha pessoa. Eles falavam sobre tudo e se questionavam sobre diferentes aspectos de mim.

Perto das 23 horas, quando a festa já alcançava o fim, resolvemos descer para o Coreto. Breno e eu descemos em minha moto. Leona e mais quatro amigos desceram em um carro. Combinamos de nos encontrar em frente à Celg. A esta hora a praça estava cheia de pessoas. Muitos dançavam funk, bebiam e andavam de um lado para o outro. A polícia, nesta noite, parecia ter dado uma trégua. Não apareceu momento algum e isto explicava a tranquilidade dos traficantes e garotos dos corres. Estes circulavam tranquilamente pela praça. Tomei conhecimento disso porque Breno e os outros foram enumerando cada um desses.

Enquanto tentava registrar tanta informação alguns garotos e garotas conhecidos passaram por mim e me chamaram para me falar de suas últimas experiências afetivas em becos imediatos à praça. Kênia me disse que havia transado em um carro ali perto da rua professor Ferreira e que havia usado cocaína com dois amigos na rua Treze de Maio. Me chamou para sair com ela em outra ocasião e disse que gostaria que eu a acompanhasse mais vezes. Respondi positivamente e ela saiu para falar com um menino que me disse querer “pegar”.

Nesse meio tempo Breno me buscou para irmos ao banheiro. Fomos até o banheiro e no retorno ele se juntou a Leona e seus amigos para irem na distribuidora comprar corotes.

Enquanto eles foram eu aproveitei para anotar algumas coisas no diário, principalmente aquilo que Breno me contara quando ainda estávamos na festa de Leona. Passados uns vinte minutos eles retornaram com os corotes, me juntei a eles e ficamos bebendo corote, conversando e vendo Leona e outro rapaz conversarem. Me aproximei e perguntei se estavam saindo. O rapaz me olhou e disse que queria muito. Na tentativa de ajudar lhe disse: “Uai então a convide para a sair!” Olhei para Leona que consentiu com um sorriso e uma piscadela. Os deixei sozinhos novamente e depois Leona me confessou que a minha intervenção havia dado certo. Eles iriam sair no próximo fim de semana. Ela me abraçou e voltou a conversar com sua amiga.

Ali pelas quatro da manhã decidimos dar uma volta pela cidade. Já começava uma briga na praça e temendo maiores perigos ir em um bar abrimos perto da Casa do Artesão. O lugar era uma tenda e no momento em que aí chegamos encontrava-se fechado, porém lotado. Breno e eu chegamos até a porta e não suportamos o cheiro ruim que saía de dentro do lugar. Ele disse aos outros que ali “não entrava nem que o pagassem, está fedendo cecê”. Decidimos subir para o Postão. Subimos na moto e tomamos a frente. Estacionamos na avenida em frente ao bar desse posto de gasolina e ficamos ali por um tempo. Acredito que já era umas cinco horas da manhã.

O Postão estava lotado de gente bebendo, cantando sertanejo e se divertindo. Ficamos sentados na calçada, Breno continuou bebendo o corote e eu me sentei do seu lado. Ali pelas 5 horas e 40 minutos um grupo de pessoas passou por nós e disse que estava tendo um rolê em um terreno baldio localizado da república universitária, próxima da estação de energia da Celg. Breno me perguntou se queria ir. Disse que iria e então subimos na moto e até lá fomos. Nesta hora Leona e os demais garotos já haviam ido para casa.

Quando finalmente chegamos no lugar ainda estava bem escuro. A localidade realmente era um ponto ermo da cidade, para não dizer extremo. Era uma estrada de chão que terminava em um buraco. Literalmente era um buraco. Nesse espaço haviam dezenas de motos e carros de som. As pessoas dançavam e gritavam enlouquecidas. Breno pediu que iluminasse com o farol da moto para ver se reconhecia alguém, mas não encontrou qualquer pessoa conhecida. Eu olhei para aquele lamaçal, terra vermelha e gritaria com muita surpresa. Cocei a cabeça e informei ao Breno que não desceria ali. Ele também não se animou muito. Consentimos que era melhor voltar para o Postão e terminarmos nossa noite ali. Na proximidade das 7 horas perguntei se Breno gostaria que o levasse para casa, eu já estava exausto. O rolê ainda não tinha terminado, mas meu corpo já dava sinais de desgaste. Levei Breno e fui para casa. Nesta noite eu ainda tinha outro rolê para ir, todavia este extrapolava as fronteiras dessa etnografia e por isto lhes falarei dele em outra ocasião. Afinal o “rolê não tem hora pra acabar!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

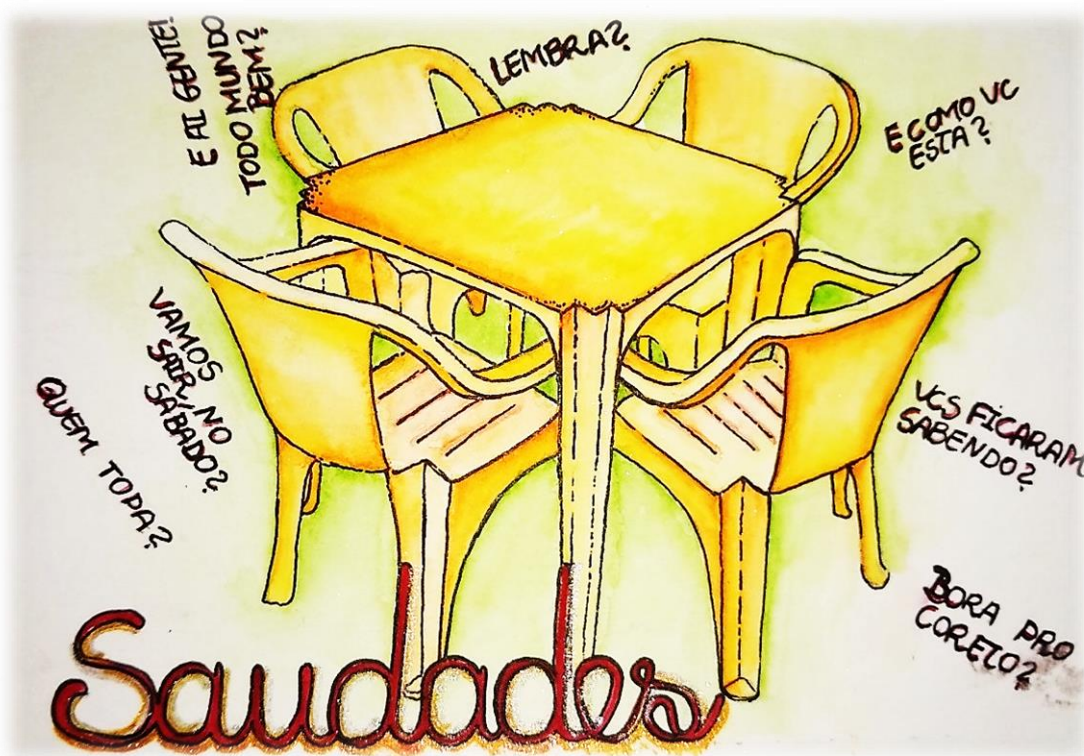
SERÁ QUE O ROLÊ TERMINOU MESMO?

PARTIU 2 – MC Kekel

Minha mulher esticou pro rolê
Na mente dela eu nem ia saber
Dez pra meia noite, eu liguei pra ela
 Todo nervoso, cadê você?
Ela falou que um dia eu saí
 Todo estressado, que até sumi
E de novo voltou a discussão
Ela bateu na tese que vai ser assim
(Ela bateu na tese que vai ser assim)
Minha mulher veio descontar
 Mas tem a lei do retorno
 Fui, partiu
Vou pro Mandela de novo
 Fui, partiu
Vou pro Mandela de novo
Minha mulher veio descontar
 Mas tem a lei do retorno
 Fui, partiu
Vou pro Mandela de novo
 Fui, partiu
Vou pro Mandela de novo
 (Fui, partiu)
(Vou pro Mandela de novo)
Minha mulher esticou pro rolê
Na mente dela eu nem ia saber
Dez pra meia noite, eu liguei pra ela
 Todo nervoso, cadê você?
Ela falou que um dia eu saí
 Todo estressado, que até sumi
E de novo voltou a discussão
Ela bateu na tese que vai ser assim
(Ela bateu na tese que vai ser assim)
Minha mulher veio descontar
 Mas tem a lei do retorno
 Fui, partiu
Vou pro Mandela de novo
 Fui, partiu
Vou pro Mandela de novo
Minha mulher veio descontar
 Mas tem a lei do retorno
 Fui, partiu
Vou pro Mandela de novo
 Fui, partiu
Vou pro Mandela de novo
 (Fui, partiu)

Nunca foi tão difícil e doloroso produzir as considerações finais de uma narrativa de pesquisa por mim desenvolvida. Eu ainda escuto, lá de minha memória sonora, MC Kekel cantar “Vou pro Mandela de novo (Fui, partiu)” ou MC Kevin o Chris interpretando “Ela é do tipo que gosta muito de conversar/ Nós não fica de papapa/ Vai se despindo deitando na minha cama/ Prontamente conversando, ela tira a minha roupa/ Essa menina mete muito gostoso”.

Enquanto escrevo estas últimas palavras ainda me vejo flexionando os braços e rebolando na companhia de meus interlocutores, em uma tentativa tímida de acompanhá-los na coreografia de “Hoje eu vou parar na gaiola”, de MC Livinho. As imagens dos rolês que minha memória projeta, como um filme, ainda são muito presentes e atizam as minhas emoções. E a



Desenho 63 – Das saudades e memórias que os rolês deixaram em mim e em meus interlocutores. Fonte: Diários de campo de 2017 até 2019 e minha comunicação informal com interlocutores entre 2020 e 2021.

memória olfativa? Os olhares? As coreografias? Os relatos? Os abraços e as fofocas? Sinto saudades de tudo, inclusive dos PTs e das “saías justas” em que me metia cotidianamente.

Eu já desenvolvi pesquisas sobre temas maravilhosos! Porém, os rolês e as experiências juvenis que etnografei me deixaram arrepiado, triste por ter que finalizar e empolgado por imaginar que outras pesquisas podem derivar desta que aqui lhes apresentei. Acreditem em meu

sentimento de saudades, é algo muito sincero. Como já adiantei, em minha trajetória eu fiz pesquisas simplesmente empolgantes e pelas quais sou profundamente apaixonado.

Estudei jovens estudantes nos anos 1960 enfrentando os estilhaços da ditadura em Goiás, mulheres e mães de jovens presos resistindo à ditadura e aos seus reflexos – muito amargos – em Goiás. Percorri a luta de mulheres feministas na Goiás da virada do século XIX para o XX, defendendo de forma bastante incisiva o seu direito ao voto. E acompanhei algumas trajetórias de mulheres negras, trabalhadoras e pobres na Goiás dos anos 1930 e 1950. Todas estas pesquisas são muito importantes para mim. Ainda os rolês dos jovens em Goiás... Aaaaa os rolês têm me deixado saudades e uma confusão de sentimentos que por vezes só consigo apascentar com os diários e as aquarelas. Estes materiais – que também são âncoras de memórias e fragmentos de meus interlocutores – são o que tenho de mais palpável de tantas experiências sociais por mim etnografadas, das pessoas que conheci e de suas particularidades.

Preciso concordar com meu orientador, Prof.º Dr.º Camilo Braz, de que a leitura desse trabalho lhe despertou sentimentos de saudades. Estes mesmos sentimentos tem me pegado de jeito enquanto produzo estas palavras finais. À medida em que vou escrevendo estas últimas palavras os meus olhos vão se enchendo de água e, uma saudade dos rolês e das pessoas me faz arrepiar dos pés à cabeça. Sinto saudades porque esta pesquisa foi intensa demais. Meus interlocutores se tornaram amigos. Alguns até confidentes. Passei três anos conhecendo pessoas, acompanhando seus cotidianos de muito perto, entrando em sua intimidade – sempre que era autorizado para tal – e compartilhando da minha intimidade. Sinto saudades porque ainda escuto, enquanto escrevo estas palavras, os funks de MC Livinho, Kekel, Kevin, Zaquin, Don Juan, Ludmyla, MC Loma e as Gêmeas Lacração, dentre tantos e tantas outras. Estes funks são os mesmos que me foram apresentados entre 2017 e 2019 pelas pessoas com as quais convivi durante o espaço de tempo dessa pesquisa. Às vezes, em um exercício de memória, fecho os meus olhos e imagino aquela multidão de jovens dançando “Ô moça”, de MC Zaquin:

Ai, ai, ai/ É, é, é, é/ É, ser bonzinho não tá prestando mais não/ Só meto a cara com as que não tem coração (tem coração)/ Sentimento tá calejado de tanta decepção/ Eu vacilei (eu vacilei)/ Em acreditar nesse maldito falso amor/ E com belas palavras me encantou/ (Com belas palavras me encantou)/ Agora, aguenta/ Tem várias cedendo o que você negou/ Ô moça, xô colocar bem devagarinho/ Garota, bate a bunda forte no Zaquin/ Ô moça, xô colocar bem devagarinho/ Garota, bate a bunda forte no Zaquin/ Ô moça, xô colocar bem devagarinho/ Garota, bate a bunda forte no Zaquin/ Ô moça, xô colocar bem devagarinho/ Garota, bate a bunda forte no Zaquin/ Bate a bunda forte no-/ Bate a bunda forte no-/ Bate a bunda forte (no Zaquin)/ Bate a bunda forte no-/ Bate

a bunda forte no-/ Bate a bunda forte no-/ Bate a bunda forte no-/ Bate a bunda forte no-/ Bate a bunda forte no Zaquin/ Toma, toma.

Os sentimentos de saudades ficam ainda maiores quando comparo as temporalidades e os presentes etnográficos dos idos de 2017 até 2019 (espaço de tempo em que desenvolvi esta pesquisa) com os anos de 2020 e 2021 que foi o espaço de tempo em que finalizei esta tese. As músicas que escutava nos idos de 2017 já não são escutadas mais. Hoje aqueles funks já são considerados “velhos” demais, ultrapassados e de suas coreografias nem se fala mais.

Meus interlocutores envelheceram, ou pelo menos acreditam estar velhos demais para frequentar os rolês que frequentavam em 2017, 2018 ou 2019. Agora a juventude que antes ostentavam com muito orgulho é insistentemente convocada como um valor que precisa ser renovado cotidianamente e/ou controlado, em razão de acreditarem ter envelhecido, ou por acharem ser preciso envelhecer e adentrar o universo emburrado dos adultos.

Sinto muita saudade, também, porque grande parcela dos meus interlocutores, ou se mudaram para outras cidades em função da necessidade de buscar por trabalho – situação bastante complicada em Goiás –, ou se engajaram em relacionamentos afetivos que transformaram suas vidas estruturalmente, impedindo ou dificultando os seus rolês na Praça do Coreto, em festas, no Postão ou em becos do Centro Histórico de Goiás.

Nesse ambiente de saudades – mas também de muitas possibilidades – em que me encontro localizado enquanto escrevo estas últimas palavras – e repenso muitas ações, métodos e teorias –, considero que Nilma Lino Gomes (2019) tem total razão ao dizer que:

Quando tentamos “concluir” uma pesquisa, vemos o quanto o campo se abre para novas investigações e nos deparamos com novos textos, autores e reflexões que poderiam enriquecer ainda mais o que foi analisado. Isso nos causa certo sentimento de ansiedade ou de insegurança, mas, por outro lado, atesta o dinamismo do trabalho de campo e o nosso próprio amadurecimento intelectual ao rever a nossa própria escrita e reconhecer pontos que poderiam ser aprimorados e reflexões que deveriam ser incorporadas. Contudo, é necessário colocar um “ponto final”, não no trabalho de pesquisa – pois este nunca acaba –, mas nessa etapa da pesquisa (2019, p. 351).

Nilma Lino está correta em destacar tantos sentimentos que nos tomam de assalto no momento em que caminhamos para o fim de uma trajetória de pesquisa. Desde o primeiro momento em que adentrei os rolês em Goiás, ainda nos idos de 2017, eu me mantive preocupado com as relações de gênero e com as sexualidades. Sempre foi meu grande interesse entender a artesanaria do gênero em festas e rolês. Sempre foi uma grande inquietação observar, de forma

muito aproximada, a tecitura da sexualidade entre diferentes pessoas que frequentavam o Centro Histórico de Goiás. Estas sempre foram as grandes questões desta tese. Porém, na altura destas considerações finais, percebo como minha inicial fixação por gênero e sexualidade me limitou um pouco na análise do universo de coisas que vi em Goiás. Aos poucos, talvez por amadurecimento intelectual, tenho percebido que poderia ter feito algo diferente, mas que só agora, quando caminho para o fim, começo a perceber com maior refinamento e zelo.

De fato, eu consegui ver, ouvir e narrar diferentes expressões de gênero e de sexualidade nos rolês de jovens em Goiás. Durante noites circulando por festas entre dezenas de pessoas vi gênero e sexualidade virarem de ponta a cabeça e fazerem minha cabeça rodar em trezentos e sessenta graus. Quem se julgava hétero era surpreendido em engajamentos homoafetivos, quem se julgava homossexual se engajava em relacionamentos heterossexuais e quem se julgava “quietinho/a”, “sério/a”, “macho”, “muito menininha” de repente caia “na língua do povo” e se envolvia em escândalos sexuais que faziam o cotidiano da cidade de Goiás estremecer. As redes sociais literalmente “bombavam”, fotografias circulavam de um telefone a outro e as figurinhas ditavam o alcance da fofoca. Fofocas que alcançavam públicos em outras cidades.

Nesses três anos de investigação eu testemunhei muita coisa. Acompanhei escândalos, fofocas, desentendimentos, sociabilidades novas para mim e formas pouco conhecidas de se usar a cidade de Goiás. A grande maioria das coisas que vi entraram no texto final.

Entraram na forma de narrativas escritas, mas também na forma de narrativas visuais. Sim! Eu fiz desenhos, fotografias e tentei trazer tudo que manuseei como esforço etnográfico para esta tese. É claro que muita coisa ficou de fora.

Algumas situações, narrativas e relatos foram omitidos. Muitos registros de campo não foram aqui utilizados em razão de oferecerem algum risco à anonimidade de meus interlocutores e outros foram suprimidos em função do tamanho em que já se encontrava este esforço etnográfico que chamei “Estar dentro do rolê”.

Todavia, na mesma medida em que tirei muita coisa ou recortei melhor meu tema de estudo, outras situações se tornaram tão presentes no desenvolvimento do campo e nos relatos por mim recolhidos que não pude ignorar, nem mesmo omitir. São estas situações e sociabilidades que informo não ter explorado com a profundidade que mereciam.

Junto das relações de gênero e de sexualidades, as relações étnico-raciais, os processos de diferenciação social e os marcadores sociais de diferença pesaram imensamente em meu campo. Enquanto fazia os registros dos rolês, processos de diferenciação, a cor da pele como

pressuposto de classificação racial (semelhante à pigmentocracia), o desprezo pela aparência de alguns jovens negros denunciou o racismo sobrevivendo na Praça do Coreto e em Goiás.

Alguns jovens brancos chegaram a insinuar que pessoas negras não eram bem vindas em seus grupos de rolês ali no Coreto. Outros jovens referenciavam um passado em que fronteiras físicas separavam “pretos” de “brancos” em Goiás e na Praça do Coreto. Isto me chocou um pouco, pois não esperava que qualquer frequentador desse espaço, em meu presente etnográfico, soubesse que a praça fora cercada no passado com esse objetivo.

Ainda houveram alguns jovens que reconheciam o peso da escravidão de séculos anteriores influenciando no racismo contemporâneo, porém, sempre que meus interlocutores negros se aproximavam desses jovens, eles eram rapidamente afastados, ou colocados para fora dos rolês no Coreto. O racismo e outros fenômenos que influenciavam a produção de significados ali no Centro Histórico vinham de algum lugar no tempo, eram presenças de passados, sobrevivências, residualidades e faziam de Goiás, dos rolês e da juventude palimpsestos que exigiam uma leitura mais refinada, que aproximasse tempo de espaço.

Sem, todavia, tirar o foco das relações de gênero, sexualidade e geração tentei evidenciar o racismo e os efeitos do processo de racialização em Goiás operando na trajetória e nas experiências sociais de alguns de meus interlocutores que traziam em seus corpos marcas sociais entendidas por outros frequentadores dos rolês como desprestigiadas ou justificadoras para a manutenção desses jovens em uma situação permanente de distanciamento social.

À medida em que percebi o peso do racismo como um reflexo do passado de escravidão e do acionamento feito por muitos de meus interlocutores de certos passados para referenciar seus comportamento presentes em Goiás e na praça eu propus um debate de fronteira entre a história e a antropologia para ver em um exercício muito próximo ao de Néstor Perlonger (1987) – quando em *Negócio de Michê* pontuou, antes mesmo dos debates em torno dos marcadores sociais da diferença, a intersecção de opressões, percebidas por ele entre diferentes michês na São Paulo da década de 1980 – a dura situação de distanciamento social em que eram mantidos jovens negros, pobres e gays ali na Praça do Coreto durante os espaços de tempo em que decorriam os rolês, as festas ou os combinados para ir ao Postão e Morro do Macaco Molhado.

Na tentativa de apontar este processo distanciamento por raça, classe, gênero e sexualidade, foram Nilma Lino Gomes (2019) e Giovana Xavier (2021) grandes parceiras de diálogo e que me chamaram a atenção para uma “associação entre beleza e dor” (Nilma Lino GOMES, 2019, p. 352) e uma ressignificação bastante original (Giovana XAVIER, 2021) da estética do racismo nos espaços de festa e de rolês em Goiás por parte de meus interlocutores

negros, gays e pobres. Por fim considerei que tal questão merecia uma investigação específica e ampliada, como já fizera Carlos Rodrigues Brandão na década de 1970, porém em companhia dos debates atuais sobre interseccionalidades, racismo estrutural, corpo, beleza, gênero e sexualidade. Espero que alguém se enverede pela questão étnico-racial interseccionada a gênero e faça o que não consegui realizar aqui, dada a minha já recortada proposta de pesquisa.

Nas páginas que antecedem estas últimas palavras eu considero ter conseguido circunscrever juventudes, o gênero e as sexualidades entre jovens que frequentavam os rolês na Praça do Coreto, em Goiás. As perguntas que me propus responder aparentemente foram tangenciadas e o trabalho de campo conseguiu aquarelar uma imagem bastante clara dos rolês.

Ainda que vestido de pesquisador eu “entrei nos rolês”, dancei, me diverti e estudei. Acompanhei processos de envelhecimento e permiti momentos de estranhamento todas as vezes em que meus interlocutores de vinte e poucos anos reclamavam de sua velhice.

Eu escutava estas reclamações e lhes respondia: “se vocês estão velhos eu devo ser uma múmia né gente”. As risadas se seguiam e alguns diziam: “Ai Paulo você sempre tem uma carta manga para desconstruir nossas convicções”. Como não sentir saudades de tudo isto?

É impossível não evidenciar emoções, até porque me propus fazer uma etnografia do particular quando fui ver, desenhar e escrever sobre o sexo, os rolês, as diversões e a corporeidade influenciando na produção de espacialidades ali no Coreto. É por esta e outras razões que considerei os rolês como espaços de reinvenção de si e o sexo em locais públicos – uma das várias expressões dos rolês – como uma matéria fundamental para a reinvenção das intimidades e dos prazeres de meus interlocutores em Goiás.

Esta pesquisa e tese foram produzidos em tempos muito duros, amargos e muito marcados pela escalada do conservadorismo. Como se isto tudo já não fosse o suficiente meus interlocutores e eu precisamos enfrentar uma pandemia. E evidentemente tudo isto refletiu nos rolês, na vida e na experiência social das pessoas com as quais mantive diálogo.

Tudo isto interferiu nos sentidos sobre Goiás, principalmente entre os jovens que acompanhei nesses anos. Todavia nada fez com que os rolês desaparecessem. Os rolês até se deixaram adormecer no começo da pandemia, mas seguiram vivos na memória, nas expectativas e nos desejos expressos por meus interlocutores a cada vez que me buscavam nas redes sociais para falar de suas saudades, sempre que postavam fotos nos grupos de WhatsApp, nos comentários sobre o que fariam quando tudo passar e do quanto se divertiriam.

O rolê não acabou e nem terminou!!

Como argumentei anteriormente os rolês e as pessoas em Goiás foram profundamente transformados pela crise sanitária do novo coronavírus iniciada em 2020. Nesse momento eu trabalhava no texto final dessa tese. A pandemia de Covid-19 impôs o distanciamento social a todos os jovens que antes eu encontrava em festas e rolês muito frequentemente.

Houve a proibição de grandes reuniões de pessoas, o desligamento das caixas de som, o fechamento dos bares e das distribuidoras de bebidas. Toques de recolher foram decretados e a casa se tornou o único espaço autorizado. O consumo da maconha, do pó, do loló e da bala foram dificultados. Tantas coisas que, segundo meus interlocutores, eram comuns nas noites de fim de semana ali no Coreto se tornaram raras, difíceis de acontecer e objetos de desejos.

Entretanto, os jovens, por vezes condenados pela mídia e culpados por “espalhar o vírus mortal entre seus parentes mais velhos”, pelo menos em Goiás, se mantiveram, por um bom tempo em isolamento social. É claro que um ou outro saía para encontrar seus amigos mais próximos, mesmo assim, a maioria respeitou as ações de combate à disseminação do vírus.

Mas sabe-se que existe paciência para tudo e passado um ano de isolamento social – diante péssimos exemplos de quem se esperava partir um comportamento exemplar – falo aqui dos velhos, adultos e políticos – a necessidade de sair, viver a vida, buscar meios de subsistência e sobreviver estimularam uma saída em massa de jovens do seio de suas casas e família.

Foi nesse instante em que recebi notícias renovadas dos rolês. Mas as notícias que recebi haviam movido os rolês da Praça do Coreto para o Largo do Chafariz. O Coreto encontrava-se fechado, cercado pela polícia e vigiado pelo serviço de vigilância sanitária. O jeito foi criar outras especialidades para os rolês, porém, ainda mantidos nas circunscrições do Centro Histórico. Ao passo em que as regras sanitárias foram sendo relaxadas os jovens deram início à apropriação de outros espaços do Centro Histórico. Alguns se aglomeravam em um culto executado no beco, do lado esquerdo da Catedral, por uma igreja protestante neopentecostal e depois do culto subiam para o Largo do Chafariz. Outros se reunião no Chafariz para beber algo e ainda haviam aqueles que se aventuravam em rolês em fazendas próximas.

O que importava para esse momento era dar uma resposta à pergunta: Será que o rolê terminou mesmo? Meus interlocutores foram enfáticos em dizer: “não!”. O rolê seguiu vivo em experiências lembradas, conforme já destaquei, e foram revisitados nas noites de rolês no Chafariz quando a sua calda era invadida por centenas de pessoas que ali iam para conversar, beber, fl ou simplesmente sair de casa.

No ritmo de funks ou sertanejos universitários legiões de amigos se abraçavam e cantavam, outros lembravam dos tempos anteriores à pandemia quando muitos jovens

gostavam de cantar em coro “eu não vou embora, eu não vou embora” todas as vezes que os shows na Praça de Eventos terminavam e uma multidão saía em procissão para o Coreto.

Por todo o espaço de tempo da pesquisa observei de que modo a cidade e suas instituições sociais encaravam a reunião de tanta gente no Centro Histórico de Goiás. Durante a reabertura, assim que a situação de pandemia se arrefeceu também acompanhei discursos, narrativas e representações em torno da juventude.

Em certa medida o que vi antes – entre 2017 e 2019 – e depois de 2020 me ofereceu material suficiente para compreender a juventude como “uma condição variável no interior de uma dada sociedade [muito] restrita a determinados grupos desta” (Helena Wendel ABRAMO, p. 06, 1994). Em Goiás a lógica no relacionamento entre as gerações seguia um padrão adultocêntrico. Os “talentos e potencialidades da juventude não [eram] aproveitados socialmente; os jovens [permaneciam] aliados de poder, de decisão e mesmo de criação social” (Helena Wendel ABRAMO, p. 12, 1994). Além disso sofriam com estigmas sociais.

Isto ficou expresso nas ações policiais durante quase todos os fins de semana em que os rolês invadiam a Praça do Coreto e coloriam com suas roupas, músicas, bebidas, corporeidade, gênero e sexualidade todo o Centro Histórico. Os processos de estigmatização e conflitos de gerações também ficou patente nas publicações da Prefeitura de Goiás culpando os jovens por destruir o patrimônio edificado, após uma noite de rolês ali na Praça do Chafariz, em 2021.

Na tecitura dessas páginas eu percorri muita coisa, vi e ouvi muitas experiências sociais. A pesquisa que lhes apresentei foi interrompida em 2019, mas meus interlocutores e eu continuamos vivendo os rolês. Eles não terminaram, mesmo na pandemia. Foram reinventados. Alguns foram para o ambientes *on-line*, em reuniões para assistir *lives*. Outras se deram em encontros ao ar livre, de máscaras, sem abraços e regados a álcool em gel. A ainda houveram aqueles encontros que ocorreram na ilegalidade. O importante era matar as saudades, estar minimamente perto e questionar as lógicas disciplinares, moralistas ou arbitrárias de uma sociedade que segue de olhos vendados para as potencialidades das juventudes.

Os jovens e seus rolês são inspirações de que é possível viver de outras formas, reinventar-se e escapar da lógica adultocêntrica e rígida. Os rolês são esses espaços de reinvenção de si e se queremos aprender a ser outros deveríamos olhar para os jovens com outros olhos. Foi com eles que aprendi a ser outros. Foi com eles que aprendi a ver gênero e sexualidade de ponta a cabeça, por fim considerei que eles estavam no caminho correto: o da liberdade, do mundo das possibilidades. Agradeço e espero encontra-los em outros rolês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa. *Mediações*. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina (UEL), v. 03, n. 01, 1998.
- AMARAL, Rita de Cássia. Cidade em festa: o povo de santo (e outros povos) comemora em São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.
- AMARAL, Rita. O tempo da festa. *Travessia*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios (CEM), n. 15, 1993.
- ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 08, n. 01, 2000.
- ARANTES, Antonio Augusto. A guerra dos lugares. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Revista do Patrimônio História e Artístico, n° 23 – Cidade*. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 1994.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera*. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), v. 02, n. 02, 2016.
- AZEVEDO, Paulo Ormino de. O caso Pelourinho. In: ARANTES, Antonio Augusto. *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. *Antropolítica*. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), n. 19, 2005.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BERMAN, Marshall. “Rukia riu de si mesma”: intelectuais e modernidade. In: REIS, Daniel Aarão [et. Al.]. (Org.). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (Org.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeos nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRAGA, Emanuel Oliveira. Gentrificação. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).
- BRAH, Avtar. “Diferença, diversidade, diferenciação”. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 26, 2006.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. *Cadernos de antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), n. 18, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. *Ruris*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), v. 01, n. 01, 2007.
- BRAZ, Camilo. *À meia-luz...: uma etnografia em clubes de sexo masculino*. Goiânia: Editora UFG, 2012.
- BURKE, Peter. Bricolagem de tradições. *Folha de São Paulo*. São Paulo, domingo, 18 de março de 2001.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. “Críticamente subversiva”. In: JIMÉNEZ, Rafael. *Sexualidades transgressoras*. Barcelona: Icaria, 2002.
- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, n. 11, 1998.
- CÁCERES, Luz Stella Rodríguez. Naturezas monumentalizadas, cotidianos politizados: a construção discursiva do lugar no caso do Quilombo Sacopã. *Sociedade e cultura*. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás (UFG), v. 16, n. 01, 2013.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CARONE, Edgard. *A República Velha*. Instituições e Classes sociais. Rio de Janeiro: Difel/MEC, 1976.
- CARRARA, Sérgio; Júlio Assis Simões. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, n. 28, 2007.
- CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. In: IPHAN. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: História e patrimônio*. Brasília, DF: IPHAN, n.º 34, 2012.
- COELHO, Maria Cláudia Pereira. *A experiência da fama*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- COELHO, Maria Cláudia. As emoções e o trabalho intelectual. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ano 25, n. 54, 2019.
- CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. “Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito”. *Estudos Feministas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, n. 21, v. 1, 2013.
- CORRÊA, Mariza. *Antropólogas e antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CORRÊA, Mariza. O sexo da dominação. *Novos Estudos*. São Paulo: Centro Brasileiro de Pesquisa e Planejamento (CEBRAP), n. 54, 1999.
- CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, n. 06-07, 1996.
- COSTA, Benhur Pinós da. Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui. *Revista Latino-americana de geografia e gênero*. Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), v. 03, n.º 02, 2012.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color”. *Stanford Law Review*. Stanford: Stanford University, n. 43, v. 6, 1991.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspás e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Cosac Naif, 2009.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*, 1985.

- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar *et. Al.* (Org). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: Unesco, MEC, Anped, 2007.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: 2009.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 16, n. 34, 2010.
- DE LAURETIS. “Teoria Queer: sexualidades lesbiana y gay”. In: REYES, Mauricio; LÓPEZ, Alberto. *Florilegio de deseos*. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2010.
- DEL PRIORE, Mary Lucy M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*, vol. 01. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DIDI-HUBERMAN, George. Quando as imagens tocam o real. *Pós*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), v. 02, n.º 04, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, George. *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DIAS, Luciana de Oliveira. Quase da família: corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo. *Revista Humanidades e Inovação*. Palmas: Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), v. 6, n. 16, 2019.
- DOTE, Alice. Pulsa o coração da cidade: errâncias, afectos e potências no dia e na noite da Praça do Ferreira. *Proa*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 07, v. 02, 2017.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília: CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1986.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- DUMONT, Louis. *Ensayos sobre el individualismo*. Madrid: Alianza Universidad, 1987.
- DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- EVANS-PRITCHARD, Evans E. *Ensayos de antropologia social*. Madrid: Siglo Vientiuno Editores, 1990.
- FABIAN, Johannes. Memórias da memória: uma história antropológica. In: REIS, Daniel Aarão [et. Al.]. (Org.). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- FASANO, Patricia. *De boca en boca: el chisme de la trama social de la pobreza*. Buenos Aires: Antropofagia, 2006.
- FERNANDES, Camila. Figuras do constrangimento: as instituições de Estado e as políticas de acusação sexual. *Mana*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), v. 02, n. 25, 2019.
- FERNANDES, Estevão Rafael. Ser índio e ser gay: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil. *Etnográfica*. Lisboa, PT: Centro em rede de investigação em antropologia (CRIA), n. 21, v. 03, 2017.

FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas*. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), n. 11, 2014.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANCH, Mónica. Amigas, colegas e “falsas amigas”. Amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares. *Sexualidad, salud y sociedad*. Rio de Janeiro: Centro Latinoamericano em sexualidad y derechos humanos (CLAM/IMS/UERJ), n. 04, 2010.

FRANCH, Mónica. Juventudes coloridas: sociabilidade, consumo e subjetividade entre jovens LGBT em João Pessoa. *Latitude*. Maceió, AL: Universidade Federal do Alagoas (UFAL), v. 06, n. 01, 2012.

FRANCH, Mónica. De tempos em tempos: reflexões sobre a categoria tempo nos estudos sobre juventude. *Tomos*. São Cristóvão, SE: Universidade Federal do Sergipe (UFS), n. 32, 2018.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. “Antropologia e Feminismo”. In: FRANCHETTO, Bruna; et. All. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GAVIRIA, Luz Gabriela Arango e VIGOYA, Mara Viveros. *El género. Una categoria útil para las ciencias sociales*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso: 2011.

GOMES, Nilma Lino. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. *Perseu*. São Paulo: Centro Sérgio Buarque de Holanda da Fundação Perseu Abramo, n.º 17, ano 12, 2019.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo com símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntico Editora, 2019.

GONÇALVES, Renato. A artesanaria do gênero: o legado da Bauhaus para as questões de gênero e sexualidade hoje. *Cult*. São Paulo: Distribuidora Nacional de Publicações, n.º 247, ano 22, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- GROPPO, Luís Antônio. *Juventudes: sociologia, cultura e movimentos*. Joinville/SC: Clube de Escritores, 2016.
- GROPPO, Luís Antônio. Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. *Revista de Políticas Públicas*. São Luis: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), v. 20, n. 01, 2016.
- GROPPO, Luís Antônio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. *Em tese*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), v. 12, n. 01, 2015.
- GROSSI, Miriam. “Masculinidade: uma revisão teórica”. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, n. 1, 1995.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Sociologia e natureza: classes, raças e sexos. *Travail, care et politiques sociales*. Paris: Universite Paris Descartes, n. 18, 2014.
- GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio Augusto. *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- HALBERSTAM, Judith Jack. Repensando o sexo e o gênero. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume, 2012.
- HALPERIN, David M. *San Foucault: para una hagiografía gay*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2007.
- HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista. *Cadernos Pagu*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, n. 22, 2004.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna, Et. All. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- HENNING, Carlos Eduardo. “Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença”. *Mediações*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL), v. 20, n. 02, 2015.
- HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- HILL COLLINS, Patricia. *Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Nova Iorque: Routledge, 2000.
- HIRANO, Luis Felipe Kojima. Marcadores sociais da diferença: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. In: HIRANO, Luis Felipe Kojima et. Al. (Org.). *Marcadores sociais da diferença: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019.
- HOBASBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HOOKS, Bell. *Yearning – race, gender, and cultural politics*. Boston: South End Press, 1990.

- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. *Líneas*. Uma breve historia. Barcelona, Espanha: Editorial Gedisa, 2015.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- KELLER, Evelyn Fox. Qual o impacto do feminismo na ciência. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 27, 2006.
- KUPER, Adam. *Antropólogos e antropologia*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.
- LACARRIEU, Mónica. Entre el “lugar antropológico” y el “lugar disputado”: hacia una “antropologia do lugar”. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás (UFG), v. 16, n. 03, 2017.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira e ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro de. A antropologia e o patrimônio cultural no Brasil. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira, BELTRÃO, Jane Felipe, et all. *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- LINS, Daniel. Por uma leitura rizomática. *História Revista*. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás, v. 15, n. 01, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1957.
- LOUIS, Marie-Victoire. Diga-me: o que significa gênero? *Sociedade e Estado*. Brasília, DF: Universidade de Brasília (UnB), v. 21, n. 03, 2006.
- MACHADO, Lia Zanotta. Estudos de gênero: para além do jogo entre intelectuais e feministas. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- MACHADO, Lia Zanotta. Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 42, 2014.
- MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raisa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, SC: Ednisc, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia social*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor. TORRES, Lilian de Lucca (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Santana de Parnaíba: memória e cotidiano. In: ABREU, Regina Et. All. *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). *Karl Mannheim: Sociologia*, São Paulo, Ática, 1982.
- MARQUES, Roberto. *Cariri eletrônico: paisagens sonoras no Nordeste*. São Paulo: Intermeios, 2015.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2012.

- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos. *In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso (Org.). Marcel Mauss: antropologia*. São Paulo: Ática, 1979.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MEAD, Margareth. A adolescência em Samoa. *In: BENEDICT, Ruth et. Al. (Org.). Cultura e personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades”. *Estudos Feministas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 16, n. 3, 2008.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 28, 2017.
- MOORE, Henrietta. *Antropología y Feminismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1991.
- MOORE, Henrietta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 14, 2000.
- MOORE, Henrietta L. Understanding sex and gender. *In: INGOLD, Tim (Org.). Companion encyclopedia of anthropology*. London: Routledge, 1994.
- MORAES, Maria Lygia Quartim. O feminismo e a vitória do neoliberalismo. *In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- NOLETO, Rafael da Silva. Babados, xotes e xaxados: notas sobre festa, ritual e marcadores sociais da diferença na quadra junina de Belém. *Amazônica*. Belém, PA: Universidade Federal do Pará (UFPA), n. 08, v. 01, 2016.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2000.
- OLIVEIRA, Thiago. *Sobre o desejo nômade: pessoa, corpo, cidade e diferença no universo da pegação*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.
- ORTNER, Sherry. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”. *In: ROSALDO, M. E Lamphere, Louise. A Mulher, A Cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PASSAMANI, Guilherme R. Farras, fervos e shows: um kairós de protagonismos e infortúnios no Pantanal-MS. *Bagoas*. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), n. 13, 2015.
- PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Kairós e carnaval: curso da vida, regimes de visibilidade e condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás (UFG), v. 19, n. 02, 2016.
- PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e voz, 2011.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEIRAVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. *In: FÁVERO, Osmar et. Al. (Org.). Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: Unesco, MEC, Anped, 2007.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Manizales, Caldas, Colômbia: Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud del Cinde y la Universidad de Manizales, v. 14, n. 1, 2016.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política. *Revista Pensata*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), v. 03, n. 02, 2014.
- PEREIRA, Pedro Paulo G. *De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos*. São Paulo: Annablume, 2014.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

- PISCITELLI, Adriana. “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. *Sociedade e Cultura*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), v.11, n.2, 2008.
- PISCITELLI, Adriana. “Pioneiros”: masculinidades em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros. In: SCHPUN, Mônica Raisa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, SC: Ednisc, 2004.
- PRADO, Rosane Manhães. Tensão no paraíso: aspectos da intensificação do turismo no Ilha Grande. *Caderno virtual de turismo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), v. 03, n. 01, 2003.
- PRADO, Rosane Manhães. Cidade pequena: paraíso e inferno da personalidade. *Cadernos de antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), n. 01, 1995.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.
- RAGO, Margareth. Feminizar é preciso. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 3, 2001.
- REIS, Daniel Aarão [et. Al.]. (Org.). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- RICH, Adrienne. “Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica”. *Revista Bagoas*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, n. 10, 2010.
- RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e modernidade: Marshall Berman e seu público brasileiro. In: RIOS, Flavia; RATTIS, Alex. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALOUB, Sidney (Org.). *Pensadoras Negras: Brasil, século XIX e XX*. Cruz das Almas; Belo Horizonte: EDUFRB; Fino Traço, 2016.
- RODMAN, Margareth C. Empowering place: multilocality and mulvocality. *American Anthropologist*. Virginia, Estados Unidos: American Anthropologist Association, v. 94, n.º 03, 1992.
- RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu, 2019.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANT’ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- SANTOS, Daniel Kerry dos; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Cartografias do armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. *Bagoas*. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), n. 11, 2014.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países desenvolvidos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.
- SANSI, Roger. A vida oculta das pedras: historicidade e materialidade dos objetos no candomblé. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos [et. Al.]. (Org.). *A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.
- SARTI, Cynthia Andersen. A sedução da igualdade: trabalho, gênero e classe. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- SCOTT, Joan Wallach. *Gênero e história*. México: FCE, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.
- SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.º 16, 1998.

- SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo Editorial; Senac São Paulo, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz K. História e antropologia: embates em região de fronteira. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz K. e GOMES, Nilma Lino. *Antropologia e história: debates em região de fronteira*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz K. *Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história*. Novos Estudos. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), n.72, 2005.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1970-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. “A epistemologia do armário”. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 28, 2008.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. “A (queer) y ahora”. In: JIMÉNEZ, Rafael. *Sexualidades transgressoras*. Barcelona: Icaria, 2002.
- SEEGER, Anthony. *Os índios e nós*. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. As esquinas sagradas: o candomblé e o uso religioso da cidade. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.
- SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. “Eu sou a filha da chiquita bacana...”: notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará. *Gênero na Amazônia*. Belém: Universidade Federal do Pará (UFPA), n. 06, 2014.
- SIMÕES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 42, 2014.
- SHIRLEY, Robert W. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA JUNIOR, João Batista da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, salud y sociedad*. Rio de Janeiro: Centro Latinoamericano em sexualidad y derechos humanos (CLAM/IMS/UERJ), n. 17, 2014.
- SOUZA, Márcio Ferreira de. “As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)”. *Mediações*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL), v. 14, n. 2, 2009.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Espacialidade, cotidiano e poder. *Geosul*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), v. 07, n. 14, 2014.
- STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- TASSINARI, Antonella. Concepções indígenas de infância no Brasil. *Tellus*. Campo Grande, MS, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), ano 7, n. 13, 2007.
- TORRES, Lilian de Lucca. Programa de paulista: lazer no Bexiga e na avenida Paulista com a rua da Consolação. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Dos geografismos às geografizações: pensando a região e o regional a partir das “geografias do sul”. *Confins*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), n. 44, 2020.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: Huya, 2016.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

VANCE, Carole. *Placer y peligro. Explorando la sexualidade feminina*. Madrid: Talasa Ediciones, 1989.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J (Org). *História Geral da África: Metodologia e pré-história da África*. Tomo I, São Paulo, UNESCO, 1982.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1989.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Pode a “traficada” falar? *Sexualidad, salud y sociedad*. Rio de Janeiro: Centro Latinoamericano em sexualidad y derechos humanos (CLAM/IMS/UERJ), n. 16, 2014.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Tráfico de pessoas: uma história do conceito. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), v. 33, n. 65, 2013.

VIANNA, Adriana; LOWENKRON, Laura. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), n. 51, 2017.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis selvagens, 2018.

VIGOYA, Mara Viveros; ZAMBRANO, Marta. La diferencia: um concepto problemático para la antropologia e el feminismo. In: GAVIRIA, Luz Gabriela Arango e VIGOYA, Mara Viveros. *El género. Una categoría útil para las ciencias sociales*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011.

XAVIER, Giovana. *História social da beleza negra*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021.

ZUKIN, Sharon. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, Antonio Augusto. *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2000.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, Antonio Augusto. *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2000.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel. (Org.). WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 2004. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

WEEKS, Jeffrey. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, SC: Ednisc, 2004.

WESTON, Kath. “Estudios lésbicos y gays en el ámbito de la antropología”. In: NIETO, José. *Antropología de la sexualidade y diversidad cultural*. Madrid: Talasa, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WILLEMS, Emilio. *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. São Paulo: Secretaria da Agricultura/Diretoria de publicidade agrícola, 1947.

WOLF, Eric R. *A Europa e os povos sem história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

Bibliografia sobre Goiás

- ARAÚJO, Rogério. *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: Cãnone Editorial; Editora UCG, 2006.
- BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central: eco história do Distrito Federal*. Brasília: Editora da UnB, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Editora UFG, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, O Santo e A Senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás*. Goiás: Editora Universidade de Brasília, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BRITTO, Clovis Carvalho. As mulheres ou os silêncios da procissão do Fogaréu. *OP SIS*. Catalão, GO: Universidade Federal de Catalão, v. 11, n. 01, 2011.
- BRITTO, Clovis Carvalho. A terceira margem do patrimônio: o rio Vermelho e a configuração do *habitus* vilaboense. *Diálogos*. Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá (UEM), v. 16, n. 13, 2014.
- BRITTO, Clovis Carvalho; RODRIGUES, Manuela Nogueira. Visitando corpos: o trade turístico e a economia simbólica do “turismo sexual” na cidade de Goiás (2011-2014). *Revista Interação Interdisciplinar*. Mineiros, GO: Centro Universitários de Mineiros (Unifimes), v. 01, n. 01, 2017.
- CAMPOS, Francisco Itami. A política tradicional: 1930 a 1960. In: SOUZA, Dalva Borges (Org.). *Goiás: sociedade e estado*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.
- CAMPOS, Francisco Itami. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1987.
- COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. *Arraial e coronel: dois estudos de história social*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- FONSECA, Maria Lúcia. Coronelismo e cotidiano – Morrinhos (1889-1930). In: Nasr Fayad Chaul (Org.). *Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Goiânia: Ed. Kelps, 1998.
- GOMIDE, Cristina Helou. Cidade de Goiás: da ideia de preservação à valorização do patrimônio – a construção da imagem de cidade histórica (1930-1978). In: CHAUL, Nars Fayad; SILVA, Luis Sérgio Duarte da (Org.). *As cidades dos sonhos*. Goiânia: Ed. da UFG, 2005.
- MAGALHÃES, Sônia Maria de. *Males do sertão: alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2014.
- MORAES, Maria Augusta Sant’Anna. *História de uma oligarquia: os Bulhões*. Goiânia: Editora Oriente, 1974.
- NASCIMENTO, Silvana de Souza. Homem com homem, mulher com mulher: paródias sertanejas no interior de Goiás. *Pagu*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, n. 39, 2012.
- PALACIN, Luiz. *Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de minas*. Goiânia: Oriente, 1976.
- PEREIRA, Eliane M. C. Manso. Goiânia, filha mais moça e bonita do Brasil. In: *Goiânia: cidade pensada*. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.
- RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral. Memória, família e poder: história de uma permanência política – os Caiado em Goiás. In: Nasr Fayad Chaul (Org.). *Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Goiânia: Ed. Kelps, 1998.
- SILVA, Ana Lúcia da. *A revolução de 30 em Goiás*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2005.

SOUZA, Dalva Borges de. *Violência, poder e autoridade em Goiás*. Goiânia: Editora UFG, 2006.

TEDESCO, Gislaíne Valério de Lima. *Do lado de lá e do lado de cá de Vila Boa de Goiás: fronteiras culturais e espaciais entre negros e brancos no século XIX. Escravidão e liberdade no Brasil meridional*. Grupo de pesquisa do CNPq. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, 2012.

Teses e dissertações

AMARAL, Rita de Cássia. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1998.

BENITEZ, Maria Elvira Diaz. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2009.

BRITTO, Clovis Carvalho. *Economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina Cesar*. Tese (Doutorado em Sociologia). Brasília, DF: Universidade de Brasília (UnB), 2011.

DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Tese (Doutorado em História). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2003.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2010.

HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP), 2014.

LOPES, Adriana Carvalho. *“Funk-se quem quiser”*: no batidão negro da cidade carioca. Tese (Doutorado em Linguística) Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2010.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. *Faculdades femininas e saberes rurais*. Uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Goiás. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2008.

NEIVA, Giórgia de Aquino. *Nas redes dos alternativos: mercado, sexualidades e produção de diferenças na cidade de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2014.

NOLETO, Rafael da Silva. *Brilham estrelas de São João: gênero, raça, e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém – PA*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo, SP: Universidade de São Paulo (USP), 2016.

NOVAIS, Kaito Campos de. *Gestos de amor, gestações de luta: uma etnografia desenhada sobre o movimento Mães pela Diversidade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2018.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *“A maior zoeira”*: experiências juvenis na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2010.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2005.

PERILO, Marcelo de Paula Pereira. *Eles botam o bloco na rua! Uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2012.

PERILO, Marcelo de Paula Pereira. “Rolês”, “Closes” e “Xaxos”: uma etnografia sobre juventude, (homo)sexualidades e cidades. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP), 2017.

PRADO, Paulo Brito do. *Aventuras feministas nos sertões de Goiás: as mulheres e as suas lutas nos guardados de Consuelo Ramos Caiado (1899-1931)*. Tese (Doutorado em História Social). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ), 2019.

PRADO, Paulo Brito do. “Goiás que a história guardou”: mulheres, ditadura e cultura nos anos 1960. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2014.

ROGERS, Paulo. *Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Brasília, DF: Universidade de Brasília (UnB), 2006.

TAMASO, Izabela. *Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Brasília, DF: Universidade de Brasília (UnB), 2007.

Fontes

ARTIAGA, Zoroastro. “Elos da mesma corrente” (resenha). *Jornal de Notícias*, ano IV, n. 542, Goiânia, 18 de julho de 1959, p. 04. Consultado na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, em janeiro de 2018.

BELÉM, José; AMÉRICO, Rubens. Vila Boa de Goiás: herança dos bandeirantes. *O Cruzeiro*, ano XXXVI, n.º 27, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1964, p. 24-35. Consultado na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, em janeiro de 2018.

BELÉM, José. Vila Boa de Goiás: capital artística do Brasil Central. *O Cruzeiro*, ano XXXVI, n.º 27, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1964, p. 26 e 35. Consultado na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, em janeiro de 2018.

BRANDÃO, Antonio José da Costa. *Almanach da província de Goyaz; para o ano de 1886*. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1978.

BURIGATO, Thiago. Veja fotos: pluralidade e criatividade no carnaval da cidade de Goiás. In: O Popular, Goiânia, 09 (sexta-feira) de fevereiro de 2018, s/p. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

IPHAN/Minc. 1999. *Dossiê – Proposição de inscrição da cidade de Goiás na lista do patrimônio mundial*. 1999. (CD ROM).

CASAI, José. *Um turista en el Brasil*. Rio de Janeiro: Franz Timon, 1940.

CASTRO, Hecival Alves de. O tempo reencontrado. In: BRITTO, Clovis Carvalho (Organizador). *Luzes & Trevas: estudos sobre a Procissão do Fogaréu da cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.

CORALINA, Cora. Cronica de Goiaz. In: SANTANA, Moizes (Director). *Sul de Goiaz*. Estado de Goiaz Catalão, 16 de abril de 1908, n.º 41, p. 01.

COUTO, Goiandira Ayres do. O tecido do tempo. In: BRITTO, Clovis Carvalho (Organizador). *Luzes & Trevas: estudos sobre a Procissão do Fogaréu da cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.

COUTO, Goiás do. *Memória e belezas da cidade de Goiás: conferência pronunciada na Assembleia Legislativa do estado de Goiás, em 01 de agosto de 1956*. São Paulo: Tipografia Edanee S. A., 1958.

CIDADE DE GOIÁS. *Cora Coralina*. Goiás, 22 de julho de 1956, ano XIX, número 640, p. 01. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

CINCO DE MARÇO. Gente. Goiânia, ano XVII, 12 a 18 de julho de 1976, n. 807. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Goiás: patrimônio do mundo*. Goiânia, 24 de março de 2002, s/p. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

DOCUMENTOS POLICIAIS (Diversos), ano de 1895. Consultados na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” e Museu das Bandeiras, em janeiro de 2018.

ESTADO DE GOYAZ. Varias notícias. *Goyaz*, n. 72, anno I, em 05 de novembro de 1911, p. 03. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

JORNAL OPÇÃO. Romance quase acaba em tragédia. Cora e Martins Ramos: o desenlace que sacudiu, a tranquilidade de Vila Boa. Goiânia, 11 de novembro de 1981.

LACERDA, Regina. *Cidade de Goiás, berço da cultura goiana*: conferência pronunciada por Regina Lacerda na solenidade de reabertura do Gabinete Literário Goiano. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1968.

LACERDA, Regina. *Vila Boa: folclore*. São Paulo: Gráfica da Revista dos Tribunais, 1957.

LACERDA, Regina. *Vila Boa: história e folclore*. Goiânia: Oriente, 1977.

LEONARDO, Aline. Sinos das igrejas tocam para comemorar título. *In: O Popular*, Goiânia, 14 (sexta-feira) de dezembro de 2001, s/p. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

MAGALHÃES, Agenor Couto de. *Encantos do Oeste: um pedaço do Brasil onde o homem se identifica com a natureza*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. *Chorographia histórica da província de Goyaz*. Goiânia: Gráfica Editora Líder, 1978.

OLIVEIRA, Haroldo Cândido de. *Índios e sertanejos do Araguaia: diário de viagem*. São Paulo: Edição Melhoramentos, 1947.

O POPULAR. Folia à moda goiana. *In: O Popular*, Goiânia, ano 78, n. 23045, 05 (domingo) de fevereiro, 2017, p m4-m5.

O POPULAR. *Goiás sob os olhos do mundo*. Goiânia, 14 de dezembro de 2001, s/p. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

O POPULAR. *Goiás: Vila Boa do mundo*. Goiânia, ano LXIII, n. 17349, 28 (quinta-feira) de junho de 2001, s/p. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

PASSOS, Elder Camargo de. Arquivo de fotografias antigas da cidade de Goiás. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos, 2017.

PASSOS, Elder Camargo de. O futuro de Goiás é o passado. *In: BRITTO, Clovis Carvalho (Organizador). Luzes & Trevas: estudos sobre a Procissão do Fogaréu da cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.

PRADO, Paulo Brito. Diários de campo dos anos de 2017 até 2019. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado, 2019.

PRADO, Paulo Brito. Arquivo de fotografias dos anos de 2015 até 2019. Arquivo particular de Paulo Brito do Prado, 2019.

RIBEIRO, Lázaro. Arquivo de fotografias dos anos de 2015. Arquivo particular de Lázaro Ribeiro.

ZACARIOTTI, Marluce. Projeção mundial para o patrimônio goiano. *In: O Popular*, Goiânia, 31 (sábado) de janeiro de 1998, s/p. Documento consultado na Fundação Educacional da Cidade de Goiás “Casa Frei Simão Dorvi” em janeiro de 2018.

Literatura

CORALINA, Cora. *Estórias da casa velha da ponte*. São Paulo: Global, 2006.

- CORALINA, Cora. *Poema dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global Editora, 1985.
- CORALINA, Cora. *O tesouro da casa velha*. São Paulo: Global, 1989.
- CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel: poemas e crônicas*. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1976.
- CORALINA, Cora. *Villa Boa de Goyaz*. São Paulo: Global, 2001.
- CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1984.
- CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. São Paulo: Global, 2007.
- FLEURY, Rosarita. *Elos da mesma corrente*. Aparecida de Goiânia: Mundial gráfica e editora, 2011.
- LACERDA, Regina. *Pitanga: poesias*. Goiânia: Editora da autora, 1954.
- MARQUES, Octo. *Casos e lendas de Vila Boa*. Goiânia: Oficina Gráfica O popular, 1977.
- MARQUES, Octo. *Cidade mãe (casos e lendas)*. Goiás: Gráfica de Goiás – CERNE; Fundação Legionárias de Bem-estar social, 1985.
- MARQUES, Octo. *Colcha de retalhos: casos e crônicas*. Goiânia: Editora da UFG, 1994.
- PACHÁ, Andréa. *A vida não é justa*. Rio de Janeiro: Agir, 2021.